

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FELIPE SALGADO MACHADO MELO

**A VEGETOTERAPIA DE WILHELM REICH NA CONTEMPORANEIDADE
CLÍNICA, POLÍTICA E SEXUALIDADE**

NITERÓI – RJ

2022

FELIPE SALGADO MACHADO MELO

**A VEGETOTERAPIA DE WILHELM REICH NA CONTEMPORANEIDADE
CLÍNICA, POLÍTICA E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Clínica e Subjetividade.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CRISTINA MAIR BARROS RAUTER

NITERÓI – RJ

2022

Dedicatória

Para Heitor e Aurora,
minhas crianças do futuro.

Agradecimentos

Toda a produção de conhecimento é um processo que envolve muitas pessoas. Seria leviano da minha parte não considerar todas as pessoas que direta e indiretamente fizeram parte da construção dessa dissertação. Minha função nesse processo foi o de costurar as ideias e tentar estabelecer novas pontes entre distintos conhecimentos.

Dessa maneira, considero todo o conhecimento que a humanidade produziu como sendo consequência de saberes anteriores, de pessoas que vieram antes e que puderam colocar mais uma camada nesse processo vivo de construção.

Desconsiderar essa coconstrução implica o risco de cairmos em uma concepção mecânica dos saberes. O pensamento mecânico, para Reich, é aquele que se torna excessivamente rígido e destituído do elemento vivo. Uma de suas expressões é a metodologia científica clássica, que considera que o observador está dissociado de seu experimento, funcionando de forma independente dele. Assim como Passos e Barros (2009), não concebemos desse modo nossa metodologia.

Então, tendo clareza de que não serei capaz de nomear todas as pessoas que participaram da produção desse trabalho, gostaria de registrar que este é fruto de muitas cabeças e corações.

Ainda assim, algumas pessoas podem ser citadas por terem participado diretamente do processo de construção desse trabalho – elas sabendo disso ou não – com conversas, indicações de leitura, apresentações de palestras ou livros.

Começo, então, com “as pessoas” de São Paulo. Ao professor Paulo Albertini, ao Cláudio Melo Wagner e à Sara Quenzer Matthiesen. Todos eles foram muito gentis e disponíveis para as demandas desse mestrado que, após ler seus livros, pensou na possibilidade de ligar para eles e conversar – e deu certo!

À Taiana, minha amiga querida da época de ensino médio, companheira de tantas experiências divertidas da juventude que, nesse momento de mestrado e pandemia, se propôs a ser uma luz nos momentos de escuridão. Lá de Portugal, ocupada com seus próprios desafios de fazer um doutorado em uma terra estrangeira, conversava horas comigo, sendo fundamental para me ajudar a encontrar meu caminho.

A todas as pessoas presentes no nosso querido Grupo de Vegeto, por se constituírem como um coletivo de estudos e práticas em Vegetoterapia, que foi fundamental para funcionar como a base afetiva para a produção dessa dissertação. Além de todas as discussões teóricas, foram essas conversas, sugestões e experiências que me permitiram passar pelos períodos mais solitários e isolados da pandemia com algum grau de sanidade e organização para seguir escrevendo. Essa, para mim, é uma prova concreta de que as relações são a base constituidora da saúde, da felicidade e da possibilidade de produção de um conhecimento vivo.

Ao Vicente e ao Gabriel, amigos de pesquisa e de orientação, para além das conversas e companhia nos poucos dias que tivemos de convívio presencial antes da pandemia, pela generosidade em compartilharem comigo suas dissertações da época de seus mestrados. Cada um, ao seu jeito, me serviu de referência de reichiano que já havia trilhado esse caminho.

Ao meu grupo de orientação da UFF, coordenado pela Cristina Rauter, por todos os encontros potentes que me ajudaram a me manter vinculado, dado o isolamento da pandemia, e que no último encontro pode funcionar no máximo de sua potência coletiva e cooperativa, como bem afirma Espinosa sobre a potência do coletivo. Assim, após algumas inferências sobre meu trabalho e questionamentos que determinaram a direção para a conclusão do mesmo, meu amigo Pedro fez a pergunta que me serviu de *fio vermelho* para a organização de todo o presente trabalho: “Você está afirmando que Reich foi assassinado. Não só a pessoa, mas também seus livros e ideias. Eu entendo e concordo com o que você diz. A minha pergunta, entretanto, é a seguinte: quando mataram Reich, o que queriam matar com isso?”.

Obrigado, meu amigo.

No capítulo 4, sobre os assassinatos a Reich, o material mais utilizado foi o livro *Nos Caminhos de Reich*, de David Boadella, psicoterapeuta corporal reconhecido mundialmente, fundador de uma das maiores escolas de psicoterapia corporal neorreichiana, a Biossíntese, e uma das últimas pessoas vivas que teve contato com Reich e aprendeu com ele. Enquanto estava escrevendo esse capítulo, no dia 21 de novembro de 2021, recebemos a mensagem do seu falecimento. Morreu velhinho e cercado das pessoas que amava. Para todos os reichianos, essa foi mais uma grande perda. Deixo aqui registrada a minha tristeza por essa perda e meu agradecimento a este grande profissional.

Fica aqui também assinalado, na figura de Boadella, meu profundo agradecimento a todos os autores, terapeutas, pesquisadores, sociólogos, biólogos, médicos, fisioterapeutas e mais um sem-fim de pessoas que, pela produção de seus conhecimentos, artigos, pesquisas, livros, palestras etc., foram fundamentais para que eu tivesse acesso a um vasto conteúdo de conhecimento reichiano, fundamental para a organização da minha vida e produção da presente dissertação.

Ao Guga e ao Fernando, como representantes de todos aqueles que, no Centro AMV, participaram desse processo, seja com conversas, sugestão de leituras, dicas ou incentivos. Aos dois, em especial, por se disponibilizarem a conversar comigo nos momentos em que o foco do trabalho havia se perdido.

Por fim, e certamente a pessoa mais importante, à minha esposa Hellen, pela companhia, suporte, colo, conversas, afeto e mais um monte de coisas que foram fundamentais para que eu pudesse ter tempo, saúde e organização durante essa caminhada.

Epígrafe

“A impotência orgástica tem estado sempre na vanguarda da pesquisa econômico-sexual e os seus pormenores todos ainda não são conhecidos. O seu papel na economia sexual é semelhante ao papel do complexo de Édipo na Psicanálise. Quem não tiver disso uma compreensão precisa, não poderá ser considerado um economista sexual. Jamais perceberá realmente suas implicações. Não entenderá a diferença entre saúde e doença, nem compreenderá a ânsia humana de prazer, ou a natureza do conflito entre pais e filhos e a miséria do casamento. É até mesmo possível que procure realizar reformas sexuais, mas não atingirá jamais o cerne da miséria sexual. Pode admirar as experiências com os *bions*, imitá-las até, mas não efetuará jamais uma pesquisa real no campo da economia sexual. Não compreenderá jamais o êxtase religioso, nem terá a menor intuição do irracionalismo fascista. Porque lhe faltam os princípios mais importantes, aderirá necessariamente à antítese entre natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização. Não será capaz de resolver realmente um só problema pedagógico. Não entenderá jamais a identidade entre processo sexual e processo de vida. Nem, conseqüentemente, será capaz de perceber a teoria econômico-sexual do câncer. Confundirá doença com saúde e saúde com doença. Acabará interpretando mal o medo do homem à felicidade. Em suma, poderá ser qualquer coisa, mas não será jamais um economista sexual – que sabe que o homem é a única espécie biológica que destruiu sua própria função sexual natural e está doente em consequência disso.”

(Wilhelm Reich, *A função do orgasmo*, p. 93-94)

Resumo

Essa dissertação tem como objetivo realizar uma *pesquisa teórica* a respeito da teoria desenvolvida por Wilhelm Reich chamada *economia sexual*. Partindo do conhecimento da sexualidade da época, das grandes descobertas da Psicanálise e de Freud em torno da libido e do inconsciente, Reich aprofundou suas pesquisas na compreensão das manifestações somáticas dos distúrbios psíquicos. Assim, pôde compreender a insatisfação das massas e a impotência orgástica – que está na base do funcionamento neurótico.

Ciente de que trabalhar com esse assunto geraria muitas reações negativas, desenvolveu inúmeras pesquisas e experimentos em grandes laboratórios científicos à época, a fim de encontrar as bases orgânicas para os sintomas que encontrava nos pacientes. Mesmo mantendo um rigor científico no desenvolvimento da sua teoria e da técnica terapêutica – *Vegetoterapia* –, Reich passou a ser perseguido e atacado por meio de calúnias e difamações. Curiosamente, sua teoria nunca foi atacada ou refutada: o alvo dos ataques era sempre a vida pessoal e a própria pessoa de Reich.

Após sua morte, grande parte de sua pesquisa e de escritos foram destruídos. Muitos dos que estavam com ele seguiram desenvolvendo suas próprias teorias e técnicas de trabalho. E quase cem anos depois dos primeiros escritos reichianos sobre a economia sexual, após tantas transformações na sociedade, como essa teoria e técnica seguem sendo válidas e potentes? Como uma prática clínica pode ser também uma prática política? Como compreender o trabalho reichiano no contexto do Brasil de 2020?

Palavras-chave: Vegetoterapia; economia sexual; Wilhelm Reich; terapia reichiana; sexualidade; clínica; Peste Emocional.

Abstract

This dissertation aims to carry out research on the theory developed by Wilhelm Reich called sexual economy. Starting from the knowledge of sexuality at the time, the great discoveries of psychoanalysis made by Freud regarding the libido and the unconscious, Reich deepened his research in the understanding of the somatic manifestations of psychic disorders. Thus, he can understand the dissatisfaction of the masses and the orgasmic impotence – which is at the basis of neurotic functioning.

Aware that working with this subject would generate many negative reactions, he carried out numerous researches and experiments in large scientific laboratories at the time in order to find the organic bases for the symptoms he found in patients. Even maintaining scientific rigor in the development of his theory and therapeutic technique – Vegetotherapy –, Reich began to be persecuted and attacked by slander and defamation. Interestingly, his theory was never attacked or refuted: the target of the attacks was always Reich's personal life and person.

After his death, much of his research and writings were destroyed. Many of those who were with him continued to develop their own theories and working techniques. Almost a hundred years after the first reichian writings on the sex economy, after so many changes in society, how is this theory and technique still valid and potent? How can a clinical practice also be a political practice? How to understand reichian work in the context of Brazil in 2020?

Keywords: Vegetotherapy; sexual economy; Wilhelm Reich; reichian therapy; sexuality; clinic; Emotional Plague.

Sumário

Introdução	p. 11
Capítulo 1 Contexto histórico e social e a Psicanálise dos anos 1920	p. 18
1.1 O contexto histórico e social e o início da Psicanálise	p. 18
1.2 Reich e a descoberta da Psicanálise	p. 24
Capítulo 2 A Vegetoterapia clínica de Wilhelm Reich	p. 26
2.1 O processo de desenvolvimento da técnica e seus conceitos principais	p. 26
2.2 O conceito de couraça muscular	p. 50
Capítulo 3 Édipo, patriarcado e capitalismo – a organização social como origem das neuroses	p. 57
3.1 O mito	p. 57
3.2 Édipo na Psicanálise	p. 59
3.3 Édipo em Reich	p. 61
3.4 Não universalidade do Édipo	p. 65
3.5 Os trobriandeses	p. 66
3.6 O papalagi	p. 68
3.7 Os povos originários do Brasil	p. 70
3.8 A origem da moral sexual repressora	p. 74
3.9 URSS – 1922, o período revolucionário	p. 79
3.10 A função social da repressão sexual	p. 85
3.11 Discussão	p. 87
Capítulo 4 Wilhelm Reich, a Peste Emocional	p. 90
4.1 A Peste Emocional	p. 90
4.2 Wilhelm Reich e os seus assassinatos	p. 97
4.2.1 Viena: a Psicanálise	p. 100
4.2.2 Berlim: o nacional-socialismo e o comunismo	p. 105
4.2.3 Escandinávia: a polícia, os jornais e os médicos	p. 111
4.2.4 Estados Unidos: os jornais, o FBI e a FDA	p. 118
4.3 As abordagens neorreichianas e a segunda morte de Reich	p. 126
Capítulo 5 A Vegetoterapia no Brasil	p. 128
5.1 A chegada da Vegetoterapia no Brasil	p. 128
5.2 A Vegetoterapia na década de 2020 – Rio de Janeiro e São Paulo	p. 134
5.3 Novas pesquisas e desenvolvimentos	p. 140
5.4 Wilhelm Reich e a Peste Emocional contemporânea tupiniquim	p. 141
5.5 Alguns possíveis caminhos de desenvolvimento para a Vegetoterapia caracterológica nos dias de hoje	p. 146

Conclusão	p. 156
Anexos	p. 163
Referências bibliográficas	p. 193

Introdução

Para compreendermos a motivação para a produção dessa dissertação, penso ser de grande ajuda descrever minha trajetória nesses dois importantes espaços: a terapia reichiana e a Universidade Federal Fluminense, UFF.

Por volta dos meus quinze anos, a estrutura da minha família estava ruindo. Separações, problemas financeiros e emocionais. Nesse contexto, minha mãe iniciou um processo terapêutico com um profissional reichiano. Na época, estive com ele por umas duas vezes, como parte da terapia de minha mãe. Lembro-me do primeiro encontro e da sensação de que, finalmente, estava diante de alguém que realmente compreendia minhas angústias e o que eu estava se passando. Além disso, todo o processo de reorganização da estrutura familiar que se deu a partir desse período me levou a viver uma experiência bastante concreta do potencial transformador dessa clínica.

A partir desse processo, decidi que queria trabalhar com “aquilo”. Na época, não sabia bem o que era necessário para isso. Descobri, então, que eu deveria fazer uma faculdade de psicologia e uma especialização na linha da terapia reichiana. Olhando para aquela época, vejo que foi uma escolha acertada, mas eu ainda tinha pouca clareza do que estava fazendo. Era mais uma *intuição* que me movia nessa direção.

Como natural de Niterói, sempre tive grande admiração pela UFF e uma espécie de orgulho dessa universidade. Ainda que tivesse concorrido ao vestibular de outras universidades, meu desejo sempre foi o de frequentar a UFF. Muito me entusiasmava a possibilidade de estudar perto de casa (depois de passar o ensino médio estudando no centro do Rio, no Colégio Pedro II, e morando em um bairro afastado de Niterói, era comum eu passar mais de três horas por dia nesse deslocamento), um campus na orla da baía, com um grande gramado e muitas árvores... Todo esse cenário era bastante atrativo para o jovem Felipe de dezoito anos. Novamente, eu não sabia o que encontraria na graduação em psicologia da UFF: meu desejo me movia.

Ingressei na graduação em 2004 e, durante o curso, passei algum tempo brigando com as concepções psicanalíticas que eram apresentadas nas disciplinas, pois se mostravam muito contrárias às concepções reichianas que eu estudava (em 2005, iniciei minha formação em terapia reichiana). Na época, brigava com aquelas teorias que estavam sendo apresentadas sem compreender qual era a causa do meu incômodo. Hoje entendo que uma

concepção estruturalista e muito fechada era um dos elementos que me gerava aquele incômodo. Porém, já no segundo período, em uma disciplina com o professor Eduardo Passos, esse fenômeno não se repetiu. Mais que isso, tive com ele a mesma sensação que havia tido com o terapeuta da minha mãe: era alguém que me compreendia e falava coisas que faziam *sentido* para mim. “O aspecto arquipelágico da psicologia”, “a psicologia como um campo de dispersão do saber” eram coisas ditas na época e, ainda que eu não tivesse a dimensão política dessas afirmações, foi, novamente, minha intuição que me levou a pensar: “Eu quero fazer o meu estágio com *esse* professor”.

A partir daí, tive outros bons encontros com professores durante o curso. Uma disciplina de linguagem com a professora Silvia Tedesco; uma matéria optativa sobre Reich e a função do orgasmo com a professora Cristina Rauter e a disciplina de metodologia de pesquisa com o professor André do Eirado foram alguns deles. Mesmo sem ter a dimensão do que se passava, me sentia bem nesses espaços e com essas pessoas.

Foi somente próximo ao final da graduação, principalmente a partir do início do estágio no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) – realizado no grupo do professor Eduardo Passos –, que compreendi que existia uma organização teórica, ou uma espécie de lógica, que era comum à maioria desses professores com quem havia me identificado. Hoje está claro que essa organização é chamada de *transdisciplinaridade*, mas, na época, essa era uma concepção muito mais prática do que teórica.

Concluída a graduação concomitantemente à formação em terapia reichiana, passei a atuar como clínico reichiano. Essa tem sido uma das bases da minha vida desde então. Além de clínico, ofereci cursos e palestras sobre o trabalho de Reich, e me tornei professor da Formação em Psicoterapia Corporal do Centro AMV.

Desde que concluí minha graduação, tive o desejo de ingressar no mestrado para escrever sobre o trabalho de Reich. Dez anos depois, com alguma bagagem prática, teórica e política – além de ter passado todos esses anos convivendo com muitos reichianos –, cheguei a uma conclusão que é bastante conhecida e discutida nos meios reichianos: “reichiano não escreve”. A própria Cecília Coimbra, em seu livro *Guardiães da ordem*, faz menção a essa tradição de transmissão oral do conhecimento, descrevendo essa característica como revolucionária por parte dos reichianos. Ao mesmo tempo, essa particularidade faz com que o alcance do trabalho de Reich fique limitado à transmissão oral, restringindo-se a círculos muito pequenos.

Dentro desse contexto, emerge minha proposta de dissertação: escrever sobre Reich dentro da academia. A questão que ainda surgia era: onde e com quem? O trabalho de Reich é extremamente plural e atravessa muitos campos do saber. Ele iniciou seu processo como médico e logo se tornou psicanalista. Sem abandonar os estudos da psiquiatria, aprofundou sua compreensão em fisiologia e anatomia, pois queria entender *organicamente* como se davam as questões sexuais que se apresentavam naquela época. A sexualidade o levou a estudar física, para ter uma compreensão maior do funcionamento bioelétrico no organismo (que antes era apenas uma hipótese postulada por Freud), que constituía a base da compreensão para as neuroses.

A partir daí, olhou para os indivíduos adoecidos e percebeu que faziam parte de uma sociedade – que também estava doente. Em seguida, passou a estudar sociologia, antropologia e filosofia. Filiou-se ao Partido Comunista Alemão e visitou a Rússia, a fim de compreender o processo de revolução que estava acontecendo por lá. Discutiu o fascismo, foi perseguido e teve que fugir. Fez grandes descobertas nas áreas biológicas e se correspondeu com os maiores cientistas da época para entender o funcionamento da energia orgone que havia recém-descoberto. Mais tarde, já nos Estados Unidos, trabalhou com projetos de prevenção da neurose, aplicação da energia orgone como tratamento para biopatias, estudou astronomia, astrofísica, fenômenos climáticos e atmosféricos...

Poderia passar mais algumas páginas descrevendo os trabalhos que Reich desenvolveu em áreas distintas e certamente ainda estaria esquecendo de alguma outra. Em razão de Reich possuir essa trajetória tão extensa, em domínios do conhecimento tão diversos, isso me gerava um problema: qual pós-graduação poderia aceitar a discussão de um trabalho como esse?

A psicologia seria a opção mais lógica, por ter me graduado como psicólogo, mas existiam muitos aspectos biológicos dentro do trabalho e considerei procurar um mestrado na área biomédica. Mas, dessa forma, os aspectos emocionais seriam desconsiderados, o que inviabilizaria um trabalho que visa estabelecer a compreensão entre os aspectos psíquicos e somáticos do funcionamento humano. Neurociências, então!, essa nova área, plural e tão interdisciplinar. Mas também era preciso considerar todos os elementos políticos e sociais que atravessavam transversalmente o trabalho de Reich, e uma linha de pesquisa *puramente* científica e laboratorial não me possibilitaria uma discussão como essa.

Foi então que pude me reaproximar da professora Cristina Rauter – depois de muitos encontros e desencontros –, e compreender que o trabalho de Reich contém uma dimensão *transdisciplinar*. Por esse motivo, decidi conversar com ela e me inscrever em uma linha de pesquisa sobre clínica e política, que tem como base a concepção da *transdisciplinaridade*.

Além disso, existia um objetivo mais ousado para a produção dessa dissertação e que só seria possível dentro do contexto descrito acima. Reich foi perseguido em todos os lugares por onde passou. Foi condenado, preso e assassinado na prisão. Após sua morte, todo o seu trabalho foi proibido nos EUA; seus livros foram confiscados e incinerados; seus ex-alunos e colaboradores se afastaram de seu nome e dos conceitos usados em seu trabalho e seguiram desenvolvendo o trabalho de Reich sem darem o devido crédito a ele.

Atualmente, o trabalho de Reich encontra-se majoritariamente circunscrito a pequenos grupos de reichianos que seguem estudando sua obra e trabalhando clinicamente. Não estou considerando aqui os grupos que se apropriaram das ideias de Reich para todo o tipo de distorção – desde a venda de pedrinhas esotéricas que prometem boas energias até o uso do trabalho de Reich para justificar posicionamentos pessoais com relação à sexualidade, afirmando coisas que Reich nunca disse ou escreveu.

Do meu ponto de vista, esse processo de “ilhamento” que ocorreu com o trabalho de Reich se deveu à série de ataques e campanhas de difamação ocorridas durante toda a sua vida, na ocasião de sua condenação e mesmo após a sua morte. Reich ainda hoje é muito perseguido de forma geral. Isso fez com que muitas de suas ideias não pudessem “dialogar” com outros pensadores contemporâneos que, eventualmente, desenvolvem trabalhos semelhantes sem nem terem ideia do legado deixado por Reich.

Por outro lado, é importante deixar claro que não existe uma percepção ingênua com relação ao trabalho de Reich, em que suas ideias são aceitas de maneira absoluta e isenta de críticas. Uma teoria concebida na Europa, no início do século XX, *necessariamente* precisa ser revista e repensada para o contexto do Brasil de 2022. Atualmente, vivemos características de organização social que eram impossíveis na Viena de 1920. Isso se torna ainda mais explícito quando pensamos nas questões da sexualidade – um dos pilares do trabalho da economia sexual.

Ao mesmo tempo, em razão de todas as calúnias e difamações que Reich e sua obra sofreram ao longo desses últimos cem anos, é necessário, primeiramente,

compreendermos “o que é de Reich” e o que não é, para podermos fazer as críticas de maneira adequada e honrando sua obra. Como afirma Cláudio Mello Wagner, reichiano com muitos anos de prática e estudos nessa área, doutor e autor de livros sobre a terapia reichiana:

Reich não foi a primeira nem a única vítima de distorções e reduções, por vezes mal-intencionadas. Em inúmeras ocasiões, Freud teve que se defender contra ataques à sua “teoria pansexualista”. A teoria reichiana (como qualquer teoria) não deve ficar isenta e acima de questionamentos e críticas. Mas, **para refutar as ideias de Reich, é mister primeiro compreendê-las.** (WAGNER, 1996, p. 29). (Grifos nossos).

Sara Quenzer Matthiensen, graduada em Educação Física e com uma formação plural, docente do Departamento de Educação Física da Unesp, Rio Claro, tem uma série de publicações de livros e trabalhos sobre aspectos do trabalho de Reich e corrobora nossa posição quando afirma que:

Em termos de difusão, sabe-se que, para além do campo clínico, seus textos em grande parte são praticamente desconhecidos da maioria dos pesquisadores e do público em geral. Mas por que será que isso acontece?

Certamente, são várias as justificativas capazes de explicar esse desconhecimento por parte de muitos. Ou seja: além das dificuldades da própria vida de Reich, outras foram se avolumando ao longo dos anos, contribuindo negativamente para a difusão de sua obra. Assim, não há dúvidas de que ser judeu, psicanalista e comunista interferiram na difusão de sua obra, e contribuíram para as *perseguições por ele sofridas* sobretudo na Alemanha dos anos 1920 e 1930. (MATTHIENSEN, 2007, p. 20-21).

Assim, meu objetivo “ousado” é escrever sobre o trabalho de Reich, focando no que ele chamou de *Vegetoterapia*, mas sem desconsiderar os aspectos indissociáveis desse conhecimento, que passam pelo conhecimento psíquico – *Análise do Caráter* – e das questões políticas e sociais. A ideia é favorecer a compreensão do trabalho reichiano, estabelecendo de maneira clara suas ideias e técnicas, com a função de minimizar a confusão em torno do seu trabalho e possibilitar novos questionamentos e críticas que sejam coerentes com o mesmo – e que não tenham como base apenas os boatos e as calúnias criadas por pessoas mal-intencionadas.

Além disso, minha ideia é contribuir para o reestabelecimento e a reconstrução de pontes com outros saberes, processos que foram dinamitados ao longo de quase um século de

intrigas e campanhas difamatórias; é mostrar o que existe de “reichiano” em outros autores e, com isso, favorecer que esse conhecimento, que quase se extinguiu, possa voltar ao mundo contemporâneo e auxiliar nos processos de redução do sofrimento dos indivíduos.

Dessa forma, o presente trabalho está organizado a partir de uma cronologia, de modo que seja possível compreendermos, por uma perspectiva transversal, como os eventos políticos e sociais desse período de mais de um século atravessaram – e ainda atravessam – a construção do conhecimento da Psicanálise e do trabalho reichiano.

Partindo do início do século XX, começamos por um breve panorama da Viena de 1900, com sua sociedade vitoriana, conservadora e machista, mas que, ao mesmo tempo, vivia um período de novas descobertas no campo das ciências e da medicina. É nesse contexto que o jovem Freud está mergulhado e estudando com os grandes nomes da psiquiatria, neurologia e fisiologia – áreas que estarão presentes na base da construção da nova ciência que está sendo criada nessa época para o tratamento das neuroses: a Psicanálise.

Menos de vinte anos depois, temos a entrada em cena do jovem Reich. Estudante de medicina e eterno curioso, ávido pelos estudos e pelo conhecimento da vida, ele conhece Freud no contexto de sua busca por compreender a sexualidade humana de uma forma que não fosse “não natural” e tão diferente do que havia observado na sua infância. Desse encontro potente, se deram quinze anos de parceria e muitas descobertas. Uma das mais importantes foi a organização da economia sexual como um campo de pesquisa e prática no tratamento das patologias psíquicas – e, posteriormente, somáticas. Até que, por fim, Freud e Reich seguiram por caminhos distintos, em função de suas concepções pessoais e teóricas.

Voltando no tempo para a Grécia Antiga, partimos do mito do Édipo para discutirmos os aspectos sociais e políticos que constituem uma das bases de todo o trabalho reichiano, e que é indissociável da compreensão do funcionamento orgânico e neurovegetativo. Passamos também por ricos relatos de culturas e épocas distintas onde o ser humano foi capaz de estabelecer a cooperação, a igualdade de gêneros e uma compreensão afirmativa com relação à sexualidade como as bases para a organização social.

A partir desse momento, o trabalho retorna em sua cronologia por um motivo importante: a Peste Emocional. Entendendo que as perseguições que Reich sofreu atravessam até hoje a maneira como sua obra é compreendida e tratada, precisamos, além de definirmos com

clareza o conceito, demonstrar como grande parte de sua vida foi atravessada por ataques caluniosos de pessoas acometidas de peste. Para isso, retornamos para o início de sua vida profissional, desde a chegada de Reich à Psicanálise até o fim de sua vida nos EUA.

Concluindo nosso trabalho e a linha do tempo, chegamos ao século XXI, em como a terapia reichiana seguiu existindo no mundo após a morte de Reich e como foi a sua vinda ao Brasil no final dos anos 1970. Por fim, trazemos um panorama da terapia reichiana no eixo Rio-São Paulo nesses últimos cinquenta anos e apontamos os caminhos para onde ela parece estar seguindo.

Capítulo 1 – Contexto histórico e social e a Psicanálise dos anos 1920

1.1 O contexto histórico e social e o início da Psicanálise

Ao final do século XIX, a medicina na Europa se deparava com um problema para o qual até então não se encontrava solução, e a respeito do qual pouco se compreendia. A questão da histeria não era exatamente uma novidade, dado que, desde a Grécia antiga, já havia relatos dessa disfunção e algum grau de compreensão e prognóstico sobre a mesma. Naquela época, o fenômeno era compreendido como um deslocamento anormal do fluxo sanguíneo, da região do útero para o cérebro. Essa seria supostamente a causa de todos os sintomas histéricos – mal que acometia exclusivamente as mulheres – e a solução era simples: casamento e maternidade. Para os gregos, tratava-se de uma patologia que acometia mulheres jovens, virgens e carentes de vida sexual.

Em Viena, no início do século XX, pouco se havia desenvolvido na compreensão e no tratamento da histeria dentro do campo da medicina. Com isso, a orientação em tais casos se mantinha, basicamente, da mesma forma há muitos séculos. Entretanto, com os resultados se mostrando cada vez menos eficazes, fez-se necessária uma reformulação nos estudos e no entendimento dessa disfunção.

Preocupado com essa questão, o jovem Reich vai escrever, em 1924, sobre algumas novas ideias que estavam surgindo a partir da recém-criada Psicanálise:

Muitas vezes se ouve falar de neurologistas que recomendam o casamento às jovens mulheres histéricas. Quando se trata de perturbações neuróticas atuais menores e de ligeiros estados de ansiedade, por vezes o casamento pode ajudar, mas de modo algum quando houver a repressão, particularmente da libido genital. Em tais casos, o casamento pode ser desastroso. O mesmo é verdadeiro para o conselho de começar um relacionamento que muitas vezes os neurologistas dão aos homens neuróticos abstinentes. (REICH, 1975, p. 166).

Seguindo essa compreensão histórica, os médicos europeus mantiveram o viés da base sexual como forma de compreender essa patologia que não era derivada de uma lesão estrutural, nem tampouco de consequência de infecção por agente externo. Daí iniciou-se o conceito de doença funcional, uma vez que, do ponto de vista orgânico estrutural, não havia nenhum problema e este se manifestava apenas do ponto de vista da função.

Para compreender o papel desempenhado por esse ensino [o Positivismo] no itinerário de Freud, em especial em sua elaboração de uma nova dinâmica *materialista* da psique, convém lembrar que no fim do século XIX a fisiologia dominava os estudos médicos. Partindo do método anatomoclínico, segundo o qual a doença é expressão de uma lesão orgânica, a abordagem fisiológica concebia esta como consecutiva a uma modificação funcional de um órgão. (ROUDINESCO, 2014, p. 40).

Desde a sua juventude, Freud tratava a filosofia especulativa como um mal que deveria ser evitado. Toda a sua concepção médica a respeito do ser humano seguiu uma lógica materialista, segundo a qual o organismo e seu funcionamento seriam derivados de reações químicas e físicas. Essas concepções tinham a função de estabelecer um distanciamento com relação ao antigo modelo romântico de medicina.

Quando iniciou seus estudos na fisiologia, esta tinha como um dos expoentes e representantes Ernst Willhelm von Brücke, “médico e fisiologista de origem berlinense, oriundo da grande corrente positivista e antivitalista”. (Ibidem, p. 40). Essa escolha o levou diretamente para o campo das ciências experimentais e, entre outros médicos fisiologistas de destaque da época, Freud conheceu, no laboratório de von Brücke, o Dr. Josef Breuer. Este “se interessava, de um lado, pelas doenças da alma e, portanto, pelas doenças mentais, tratadas pela psiquiatria e, de outro, pelas doenças nervosas, da alçada da neurologia”. (Ibidem, p. 42). Dessa relação, irá surgir o início da Psicanálise.

Freud, em sua trajetória durante a faculdade de medicina, teve contato direto e intenso com os campos da anatomia, biologia e fisiologia. De acordo com Roudinesco, ele “estava em vias de se tornar um dos melhores pesquisadores de sua geração” nessas áreas. (Ibidem, p. 43).

Em 1881, Freud defendeu sua tese de doutorado e decidiu iniciar sua carreira como médico. Durante muitos anos, teve contato com pacientes psiquiátricos e neurológicos. Naquela época, o pensamento científico se estabelecia em detrimento das concepções religiosas, metafísicas e transcendentais – principalmente no que se referia aos distúrbios mentais, como era o caso da histeria.

Foi exatamente seu interesse pelo tratamento das doenças mentais que o levou a passar um período em Paris para aprender com Jean-Martin Charcot, na ocasião considerado o maior especialista na questão da histeria. Esse encontro foi um importante divisor de águas para a futura escolha profissional de Freud.

O encontro com Charcot fora decisivo. Não só porque sua concepção da histeria lhe abriu novas perspectivas sobre a vida psíquica e a realidade da sexualidade humana, como porque esse mestre pertencia, muito mais que Brücke, a uma linhagem de cientistas cujo renome ultrapassava amplamente o âmbito universitário. Mundialmente conhecido, Charcot era, acima de tudo, um “visionário” [...]. Não chegara a murmurar [...] **que as verdadeiras causas desse mal convulsivo eram genitais?** Não dissera um dia [...] **que a teoria, mesmo a mais pertinente, permanecia impotente face a uma realidade que a contradizia?** (ROUDINESCO, 2014, p. 66). (Grifos nossos).

Em 1892, Freud estava desenvolvendo uma pesquisa com o Dr. Josef Breuer junto às pacientes que possuíam sintomas histéricos. Descobriram que, caso as lembranças infantis pudessem ser recordadas e, de forma concomitante, ocorresse uma descarga emocional, os sintomas desapareciam. Daí a hipótese de Freud de que os sintomas (histeria, angústia, obsessão e neurastenia) seriam uma manifestação de uma “quantidade de carga emocional” ou “excitação” que, quando não expressa diretamente, seria deslocada de forma inadequada e manifestada como sintoma. Naquela época, ele afirmava que os sintomas (neuróticos) representavam uma forma anormal de descarga para determinadas quantidades de excitação que não haviam sido descarregadas de outro modo. (FREUD, 2016).

Sobre esse período, David Boadella, em seu livro no qual relata o desenvolvimento da obra de Reich, diz o seguinte:

Nos anos iniciais da Psicanálise, Freud ficou bastante absorvido com o conceito de **energia física**. Sua formação biológica implantou nele a aspiração de traduzir em termos fisiológicos sua compreensão do funcionamento psíquico. Interessou-se pelas ideias de Johannes Muller, Brücke¹ e Helmholtz, que havia aplicado o princípio da conservação de energia à fisiologia. Esta experiência, sem dúvida, influenciou o uso de Freud do termo “quantidade de excitação” para descrever a energia aparente das emoções e sintomas dos pacientes. Por volta de 1894, chegou a visualizar essa excitação “como sendo capaz de aumentar, diminuir, se deslocar e descarregar, e que se estende através de traços de memória de uma ideia como uma carga elétrica na superfície do corpo. Podemos aplicar esta hipótese no mesmo sentido que o físico se utiliza da concepção de uma corrente elétrica”. (FREUD, 1924 apud BOADELLA, 1985).

¹ “Grande mestre da escola austríaca de fisiologia, Brücke tinha conseguido unir num mesmo ensino a tradição alemã da medicina de laboratório e o olhar clínico oriundo da prática hospitalar vienense.” (ROUDINESCO, 2014, p. 41).

Dai tem-se o início da Psicanálise, que compreendia que a questão da histeria estava relacionada com uma disfunção da quantidade de excitação no organismo. Sendo essa excitação uma quantidade de carga, quando a mesma não podia ser descarregada pelos meios naturais e mais saudáveis – vida sexual, relacionamento, expressão emocional – isso levava o organismo a ficar “inundado” dessa energia e a manifestar os sintomas (histéricos). Esses sintomas (como a cegueira, paralisia de membro, conversão) eram formas de o organismo dar vazão a essa energia, ou seja, descarregá-la. Em resumo, “já nos primórdios da Psicanálise foi descoberta essa compreensão fundamental da relação entre a doença física e a energia emocional. Se a energia pudesse ser descarregada, a doença física não ocorreria”. (BOADELLA, 1985, p. 18).

Freud seguiu trabalhando e estudando as características das neuroses conhecidas da época. Voltou-se para as neuroses de angústia, uma vez que apresentavam uma relação clara e direta entre a frustração da excitação sexual e os sintomas físicos. A neurose de angústia se manifestava sempre que havia um problema com relação à vida sexual da pessoa no presente – abstinência, coito interrompido, impotência etc. – e os sintomas tendiam a desaparecer quando a vida sexual era retomada com satisfação. Em 1895, ele afirmou sobre esse assunto o seguinte:

Tanto quanto posso perceber, também a neurose de angústia tem uma origem sexual, mas não se prende a representações extraídas da vida sexual; para dizê-lo com propriedade, não tem qualquer mecanismo psíquico. Sua causa específica é a acumulação de tensão sexual produzida pela abstinência ou pela excitação sexual não consumada (usando o termo como fórmula geral para os efeitos do coitus reservatus, da impotência relativa do marido, da excitação não satisfeita dos noivos, da abstinência forçada etc.). (FREUD, 1994, p. 46).

Durante algum tempo, a compreensão dos sintomas neuróticos era de que havia uma distinção entre as neuroses de angústia e as psiconeuroses (como a histeria). A primeira seria consequência de uma disfunção da vida sexual presente, enquanto a última seria derivada de um funcionamento inadequado da libido, que teria suas origens no período infantil. Muitos anos depois, quando Reich se debruçou sobre essas questões e a partir da análise de casos clínicos, ele chegou à conclusão de que toda psiconeurose tem um cerne neurótico atual e, ao mesmo tempo, toda neurose atual tem uma base estrutural psiconeurótica. (REICH, 1995, p. 85).

A afirmação de Freud em 1894 de que a excitação poderia se propagar como uma carga elétrica sobre a superfície do corpo e não apenas nos

órgãos foi confirmada pela descoberta de que a excitação sexual – libido como Freud a chamou – poderia se concentrar em partes não genitais do corpo, nas zonas erógenas. (BOADELLA, 1985, p. 19).

Assim, no início do desenvolvimento de seu trabalho, Freud considerava que a base do problema era de cunho sexual e orgânico. Dizia que os sintomas representavam uma forma anormal de descarga para determinadas quantidades de excitação que não haviam sido descarregadas de outro modo. (FREUD, 1994) Mesmo não sabendo ao certo como isso ocorria, ele passou muitos anos pesquisando e aprimorando suas teorias. Em um determinado momento, chegou a postular que a libido era uma energia física.

Essa confirmação viria algumas décadas depois, quando Reich, em Oslo, foi capaz de demonstrar, a partir de seus experimentos bioelétricos, que realmente havia uma quantidade de carga elétrica que circulava pelo organismo e variava de quantidade dependendo da qualidade da experiência.² Esse tópico será mais bem desenvolvido no capítulo 2 do presente trabalho.

A “libido” de Freud não é, e não pode ser, senão a energia do instinto sexual. É possível que algum dia possamos chegar a medi-la. Foi inteiramente sem premeditação consciente que empreguei o símil da eletricidade e da sua energia. Eu não tinha ideia de que dezesseis anos mais tarde teria a rara felicidade de demonstrar a identidade existente entre a energia bioelétrica e a energia sexual. O pensamento coerente e científico-natural de Freud, em termos de energia, cativara-me. Era objetivo e lúcido. (REICH, 1995, p. 35).

Em outubro de 1952, o psicanalista Kurt Eissler foi entrevistar Reich para os arquivos de Sigmund Freud. Nesse encontro, Reich afirmou que:

A descoberta essencial de Freud [...] foi o princípio da economia energética do aparelho psíquico. A energética freudiana, que marca os primórdios da Psicanálise [...] tem as limitações das concepções científicas da época – fim do século XIX – em que foi elaborada. (REICH apud DADOUN, 1991, p. 227-228).

Nossa intenção em trazer o contexto inicial da Psicanálise e os primeiros escritos de Freud é a de demonstrar como o trabalho posteriormente desenvolvido por Reich pode ser visto numa continuidade das concepções da Psicanálise da época. As ideias de uma libido como uma energia física que se deslocava pelo corpo, da etiologia sexual das neuroses e de uma

² Esse trabalho foi integralmente publicado com o nome de *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* (sem tradução para o português) e descreve os experimentos e pesquisas desenvolvidos entre os anos de 1934 a 1938, no laboratório de fisiologia da Universidade de Oslo, Noruega.

dinâmica da economia energética estavam presentes no “jovem Freud”.³ Foi esse jovem Freud que Reich conheceu nos seminários de sexologia da faculdade, com quem passou quase dez anos trabalhando e estudando e de que vai falar, em 1952, destacando seu brilhantismo e intuição aguçada por ter deduzido a lógica do funcionamento psíquico no organismo.

Em seu livro *A Função do Orgasmo*, em 1942, Reich relata seu primeiro encontro com Freud da seguinte maneira:

Freud era diferente. [...] Não se dava ares de importante. Falou comigo como uma pessoa absolutamente comum. Tinha um olhar vivo e inteligente, que não procurava penetrar o olhar do interlocutor com qualquer espécie de pose, mas olhando simplesmente o mundo de uma forma honesta e franca. Perguntou a respeito do nosso trabalho no seminário e achou-o muito sensato. Estávamos certos, disse. Era lamentável que as pessoas não demonstrassem interesse, ou somente um interesse fingido pela sexualidade. Ele se sentiria simplesmente muito feliz em conseguir-nos uma bibliografia. Ajoelhou-se junto da estante e escolheu alguns livros e folhetos. Eram edições especiais de *The Vicissitudes of Instincts*, *The Unconscious*, uma cópia de *The Interpretation of Dreams*, uma cópia de *The Psychopathology of Everyday Life* etc. [...] Eu estava apreensivo antes de ir à sua casa, e agora saía alegre e feliz. A partir desse dia, gastei catorze anos de trabalho intenso *na e para a* Psicanálise. (REICH, 1995, p. 39).

E mais à frente, novamente, nossa posição é corroborada pelo próprio Reich, que, na entrevista já citada a Eissler, faz a afirmação: “posso assegurar-lhe, apoiando-me nas discussões que mantive com Freud, que nunca abandonei a teoria sexual, a teoria da libido. Nunca!”. (REICH apud DADOUN, 1991, p. 228).

Dessa forma, entendemos que o desenvolvimento da economia sexual e da Vegetoterapia são continuções do trabalho psicanalítico proposto pelo próprio Freud, e presente na origem da Psicanálise. Além da percepção de Reich de que seu trabalho se deu como “uma continuidade lógica da teoria da libido” (REICH, 2004), outros autores corroboram essa posição, a exemplo de Boadella (1985) e Matthiesen (2007). Além deles, Cláudio Mello Wagner defende que:

Nesse percurso que venho realizando até hoje, tanto no campo teórico quanto na prática clínica, tenho constatado mais e mais que a

³ Cláudio Mello Wagner vai definir o período da juventude de Freud como o momento inicial de desenvolvimento da Psicanálise. Segundo ele: “o Freud das ideias rebeldes e revolucionárias, presentes tanto nos primeiros quanto em seus últimos escritos. Revolucionárias porque questionaram e alteraram os principais pontos de apoio das ciências humanas e da cultura ocidental em geral. Rebeldes porque (enquanto) se bateram contra soluções adaptativas e conformistas”. (WAGNER, 1996, p. 56).

metodologia clínica criada por Reich, e por ele designada *Vegetoterapia carátero-analítica*, tem profundos enlances com a Psicanálise de Freud, de onde se origina e para a qual procura trazer aportes importantes. (WAGNER, 1996, p. 18).

1.2 Reich e a descoberta da Psicanálise

Enquanto estava cursando medicina, em Viena, Reich e os demais estudantes criticavam a negligência da universidade com a questão da sexualidade. Assim, os próprios alunos se reuniram e organizaram uma série de seminários sobre o tema. Foi nesse contexto que Reich tomou conhecimento pela primeira vez da Psicanálise e dos textos de Freud.

Reich passou algum tempo participando das reuniões com os colegas estudantes de medicina, sem, entretanto, integrar as discussões. Segundo ele, sentia-se “estranho” com a forma pouco espontânea com que o tema era tratado.

Foi somente uns dez anos mais tarde que descobri a razão. Eu tinha experimentado a sexualidade de maneira diferente da que se discutia naquele curso. Havia algo de esquisito e de estranho quanto à sexualidade daquelas primeiras conferências. A sexualidade natural não parecia absolutamente existir. (REICH, 1995, p. 28).

Seguindo com seus estudos de sexologia, Reich aprofundou seus conhecimentos a respeito de ciência natural e filosofia natural, e também sua compreensão nas áreas de anatomia, fisiologia e psiquiatria. Chegando a Freud, sua sensação foi de muita felicidade, por encontrar alguém que tratasse da sexualidade de maneira tão cara a ele e tivesse uma percepção mais próxima à sua.

É preciso estar familiarizado com essa atmosfera nos campos da sexologia e da psiquiatria antes de Freud para entender o entusiasmo e o alívio que senti quando o encontrei. Freud havia aberto uma estrada para a compreensão clínica da sexualidade. Mostrou que a sexualidade adulta procede de estágios do desenvolvimento sexual na infância. Foi claro imediatamente: sexualidade e procriação não são a mesma coisa. As palavras “sexual” e “genital” não podiam ser usadas uma pela outra. A experiência sexual inclui um campo muito maior que a experiência genital. (REICH, 1995, p. 34).

A partir daí, Reich passou a levar algumas das ideias de Freud para a discussão entre seus colegas dos seminários. No verão de 1919, Reich fez a última apresentação do seminário com seu trabalho *O Conceito de Libido, de Forel a Jung*.⁴ Nesse texto, ele faz uma revisão

⁴ Texto sem publicação em português, pode ser encontrado no livro *Early Writings* (MATTHIESEN, 2007).

do conceito de libido, desde os autores pré-freudianos até Freud, mostrando que, antes dele, o termo era utilizado como definição de um desejo sexual consciente. Apenas a partir de Freud e sua concepção topográfica do aparelho psíquico que o termo *libido* passou a ter uma conotação de um desejo inconsciente.

Para exemplificar, Reich fez uma analogia com a eletricidade, que também não pode ser vista, mas que conseguimos reconhecer por meio de suas manifestações, como a luz, o calor ou choque. Da mesma forma, reconhecemos a libido por suas manifestações, como a excitação ou os sintomas, mas nunca diretamente.

A apresentação de Reich sobre o tema foi tão elogiada que ele foi eleito presidente do seminário no período seguinte. A partir daí, os seminários se tornaram mais organizados e os estudantes incluíram em seus estudos “endocrinologia e teoria geral dos hormônios, biologia do sexo, fisiologia e psicologia sexual e, acima de tudo, Psicanálise”. (REICH, 1995, p. 35).

Com isso, em 1920, com apenas vinte e três anos e antes de concluir a sua graduação, foi aceito como membro da sociedade psicanalítica de Viena, com seu texto *Conflito da libido e formação delirante em Peer Gynt de Ibsen*.⁵

⁵ Ibidem.

Capítulo 2 – A Vegetoterapia de Wilhelm Reich

2.1 O processo de desenvolvimento da técnica e seus conceitos principais

Pretendo apresentar nesse capítulo o percurso do trabalho de Wilhelm Reich, conhecido atualmente como economia sexual e Vegetoterapia carátero-analítica. Ainda que esse seja o capítulo dedicado aos aspectos teóricos e científicos, não me furtarei em apresentar os elementos históricos, sociais e políticos do momento em que a construção desse conhecimento foi acontecendo, assim como, eventualmente e quando considerar pertinente, as experiências pessoais – objetivas e subjetivas – das pessoas envolvidas nessa construção.

Como afirmam Passos e Barros em seu texto *A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade* (2009), não é possível que nos mantenhamos em uma lógica científica-aristotélica aceitando uma suposta neutralidade do sujeito. A função de aceitarmos que existe uma implicação do sujeito em sua pesquisa/produção do conhecimento é a de podermos compreender quais são essas implicações e trabalhar a partir disso (análise das implicações). Partindo das concepções lewinianas, os autores dizem que:

O pesquisador está colhido em seu campo de pesquisa. Aí é a questão da objetividade do pesquisador que é destacada como não mais podendo se colocar “fora” do campo investigado. O campo incluía tanto o pesquisador quanto o objeto pesquisado. (PASSOS E BARROS, 2009, p. 72).

Pesquisadores de áreas distintas (MATURANA e VARELA, 2001; WAGNER, 1996) discutem a partir de seus campos de saber as relações entre o conhecimento produzido, os indivíduos que realizaram essa produção e o contexto em que isso se deu. Para nós, esse entrecruzamento será de relevância fundamental para contribuirmos na reconstrução das pontes entre o conhecimento produzido por Reich, outros autores e a contemporaneidade. Essa lógica irá nos possibilitar olhar para o trabalho de Reich através de uma perspectiva crítica e considerando seu contexto de produção original. Consequentemente, poderemos “atualizar” esse saber de maneira adequada para o atual contexto do Brasil, nas primeiras décadas do século XXI.

Desde seus primeiros escritos (REICH, 1975), no início da década de 1920, já era possível encontrar algumas discussões sobre a dinâmica do funcionamento econômico-libidinal

das neuroses. Essa lógica de pensamento está na base do trabalho que se tornaria, alguns anos mais tarde, a economia sexual e a *Vegetoterapia*. Segundo ele mesmo afirmou (REICH, 1998), uma série de questionamentos norteavam seu trabalho e sua pesquisa, mas se tivesse tido clareza acerca desses pensamentos na época, teria sido impossível seguir seu trabalho dentro da Psicanálise e juntamente com Freud. Essas ideias estavam relacionadas à organização da teoria e da técnica psicanalítica. Reich observava o quão (in)completa estava a teoria da etiologia da neurose, o que levava, inicialmente, à necessidade da repressão, e também se interrogava sobre a possibilidade de desenvolver uma teoria da técnica para a Psicanálise. Nesse período, ele afirma que:

É só a título de retrospecto que posso fazer essas perguntas esclarecedoras. Naquele tempo, a consciente formulação de qualquer delas poderia ter-me afastado prematuramente de qualquer tipo de pesquisa. Sinto-me grato por não ter tido nenhuma ideia concreta dessas questões naqueles tempos iniciais. (REICH, 1998, p. 83).

Um dos primeiros textos escritos de Reich se chamava *A genitalidade do ponto de vista do prognóstico e da terapia psicanalítica*, publicado em 1924. Nele o autor discutiu a hipótese de que os adultos neuróticos que, durante seu desenvolvimento psicosexual, puderam alcançar a fase genital – mesmo que precariamente – possuíam um prognóstico mais favorável do ponto de vista da redução dos sintomas e de um funcionamento psíquico e sexual saudável sem sintomas neuróticos.

Reich seguiu discutindo a relação entre a genitalidade e a neurose de transferência. Afirmou ficar surpreso, à época, de encontrar em cem por cento dos pacientes que atendeu, com queixas de sintomas neuróticos, relatos de experiência de disfunções sexuais, como impotência eretiva, ejaculação precoce e frigidez. A função da terapia psicanalítica naquele momento era a de ajudar “o paciente a se transpor do princípio do prazer ao princípio da realidade, coisa que não conseguiu fazer em sua infância” (REICH, 1975, p. 159), o que necessariamente implicaria uma mudança dos aspectos biológicos desse paciente. “Consequentemente, a análise profunda de uma neurose grave envolve basicamente um processo *biológico* onde vamos considerar os fatores biológicos do paciente”. (REICH, 1975, p. 159).

Com a apresentação dos casos clínicos, Reich observa uma clara relação entre os pacientes que tiveram remissão dos sintomas, quando, em sua vida adulta, foram capazes de estabelecer uma vida sexual satisfatória e prazerosa. Essa experiência tinha como base

a possibilidade da experiência do orgasmo. Por outro lado, os pacientes que durante a infância não vivenciaram suas experiências genitais, ou seja, indivíduos cujo desenvolvimento psicosssexual foi impedido, não eram capazes, quando adultos, de ter uma experiência orgástica e tampouco de viver uma satisfação sexual genital.

Acredito que podemos isolar um elemento importante. O prognóstico para as neuroses de longa duração é mais favorável quando um desenvolvimento genital menos perturbado consegue florescer na infância. Se a repressão da libido genital ocorre cedo ou tarde não é relevante para o prognóstico. O importante é se ela existe. Quando liberada da repressão, torna-se uma ferramenta poderosa nas mãos do analista. Produz atividade, inibe os efeitos dos sentimentos de culpa, neutraliza todas as tendências passivas e é a mais adequada para tornar impotentes outras exigências pulsionais mais fortes. (REICH, 1975, p. 173-174).

Vale reforçar aqui um ponto: essa concepção que relacionava a experiência do orgasmo a uma remissão dos sintomas estava sendo considerada a partir de observações empíricas e, ao mesmo tempo, tentando se apoiar teoricamente nas ideias já descritas por Freud e outros psicanalistas a respeito dos estágios de desenvolvimento da libido.

O postulado [...] baseava-se na observação de fatos empíricos, tendo ainda muito pouca fundamentação teórica. Além disso, nosso objetivo não era apenas esclarecer o conceito da função psicogenital normal, mas também, e isso era ainda mais difícil, estabelecer os critérios para a intensidade da primazia genital infantil e aprender a discriminá-la de outras organizações libidinais. Para isso, apoiei-me nas concepções analíticas correntes que se referem aos estágios de desenvolvimento da libido, particularmente as de Freud e Abraham. (REICH, 1975, p. 199-200).

Uma das críticas feitas ao trabalho de Reich atualmente é de que ele tenta normatizar a sexualidade quando discute a existência de uma sexualidade natural ou aponta para a descarga genital como sendo a mais eficiente do ponto de vista do restabelecimento da autorregulação do sistema vegetativo. Entendo que isso se dá por alguns motivos: Reich sempre foi muito enfático em suas posições, chegando a ser claramente enfrentador e, por vezes, belicoso. Essa característica, em conjunto com o conteúdo dos elementos de seu trabalho, provoca, não obstante, reações intensas de seus opositores. Além disso, existe uma ignorância com relação a esse tema – inclusive por parte de muitos reichianos – por se aprofundarem pouco no trabalho de Reich e ficarem restritos às conclusões de suas pesquisas. Todos esses elementos, somados a uma forma de pensar potencialmente encorajada (Reich, 2003), podem gerar uma compreensão inadequada das ideias de

Reich, ainda que ele escreva de forma clara e direta que sua posição não é absoluta nem visa “normatizar” a sexualidade: “o conceito de uma primazia genital ‘pura’ é relativo e entraria em contradição com a experiência analítica ao admitir que o abandono de uma posição libidinal não influencia o estabelecimento de posições libidinais posteriores”. (REICH, 1975, p. 200).

Lowen reforça a visão de Reich de que a potência orgástica é uma *expressão* de saúde, não um passaporte para ela, e fornece a resposta mais completa possível àqueles que interpretam mal as conclusões de Reich como um advogado do orgasmo como uma espécie de panaceia. (BOADELLA, 1985, p. 36).

Em seu texto seguinte, “Observações complementares sobre o significado terapêutico da libido genital”, Reich continuou a investigar a relação entre a experiência do orgasmo e a remissão dos sintomas. Essa relação econômica tinha como hipótese básica a concepção de que o orgasmo funcionava como uma forma de descarga da libido excedente do organismo, que era a geradora dos sintomas neuróticos. Para ele, “em geral, a gravidade das perturbações neuróticas é diretamente proporcional às perturbações psicogenitais”. (REICH, 1975, p. 202).

Ainda assim, podemos observar como a libido genital, uma vez liberada da repressão, se coloca a serviço das tendências à recuperação [...], e como outros impulsos pulsionais rígidos se tornam mais flexíveis e adaptáveis na luta da transferência ou em conflitos recentes, e finalmente cedem ao principal impulso genital ou alcançam a sublimação por outros meios. O pré-requisito para essa solução favorável é um certo grau de atividade, que é uma das características principais do erotismo genital, mas que não pode ser definido mais claramente. (REICH, 1975, p. 170).

Para isso, Reich partiu de uma pesquisa estatística com todos os pacientes da Clínica Psicanalítica de Viena, entre 1923 e 1924, além de seus próprios pacientes analisados anteriormente a esse período, no sentido de investigar o funcionamento desses indivíduos no que dizia respeito às experiências sexuais e à satisfação na relação sexual. Inicialmente, ficou surpreso em perceber o quão difícil era para eles poderem falar livremente sobre o assunto. Além disso, despertava-lhe curiosidade o fato de as pessoas não terem uma percepção clara das suas sensações e do seu funcionamento durante o ato sexual. Como dito anteriormente, eram quase absolutos os casos em que o homem ou a mulher apresentava algum tipo de sintoma ou manifestação *fisiológica* de impotência sexual, como anestesia (total ou parcial), ejaculação precoce, vaginismo, entre outros.

Com isso, Reich aprofundava sua compreensão sobre todos os elementos que compunham o funcionamento da *impotência orgástica*. Mas a dúvida permanecia: qual, então, seria o funcionamento sexual “saudável”, ou seja, qual seria a forma de relação sexual que poderia ser considerada *potente*? Ela existia? Ou seja, se a teoria psicanalítica da época estava correta, assim como a conclusão de suas pesquisas – a saber, o fato de os sintomas neuróticos serem gerados por uma experiência sexual insatisfatória e orgasticamente impotente –, a cura passaria por compreender como funcionaria a satisfação sexual e a *potência orgástica*.

Nesse momento, considero oportuno responder a outra questão que, muitas vezes, é utilizada como forma de difamar o trabalho de Reich e toda a sua teoria. Por muitas vezes em vida – e mesmo atualmente –, o trabalho reichiano é “acusado” de dar um foco excessivo às questões da sexualidade de forma desnecessária. Sabemos que uma forma eficiente de desacreditar o trabalho de uma pessoa, quando não há provas que o refutem, passa por atacarmos a própria pessoa (WAGNER, 1996). Galileu, Copérnico, Espinoza e muitos outros foram atacados violentamente pelas instituições de poder de suas épocas por desenvolverem trabalhos revolucionários e que implicariam mudanças das relações de poder dessas instituições sobre a população. Cabe, então, citar rapidamente um ponto de seu texto, escrito quando ainda era psicanalista e diretor do seminário técnico de Viena. A partir dos resultados de sua pesquisa com relação aos sintomas de impotência e disfunção sexual dos pacientes, Reich afirma que:

Tão surpreendente quanto possam ser à primeira vista, essas constatações são evidentes se considerarmos as primeiras formulações, ainda não refutadas, de Freud sobre a etiologia das neuroses: *Não há neurose sem conflito sexual*. Aqui ele interpretou “sexual” no sentido amplo e “genital” no sentido estrito. Baseado no meu levantamento e, também sobre a teoria psicanalítica da neurose, podemos formular o enunciado acima de maneira ainda mais explícita: praticamente não existe neurose sem perturbação da função genital. (REICH, 1975, p. 203).

Dessa forma, fica bastante evidente que todo o “interesse” de Reich pelas questões da sexualidade é, na prática, uma continuação do desenvolvimento teórico da Psicanálise e das concepções iniciais de Freud a partir dos seus estudos e pesquisas. Dito isso, podemos seguir.

Do ponto de vista orgânico, o elemento a que Reich chegou como sendo central na questão da etiologia da neurose foi o orgasmo. Para isso, ele precisou distinguir o que era o orgasmo, diferenciando-o das outras expressões puramente fisiológicas. A potência

sexual era caracterizada pela capacidade de ereção e ejaculação, nos homens, e pela possibilidade de experimentar “algum nível” de prazer, nas mulheres. Essa definição da época, assentada nos valores sociais de uma sociedade patriarcal, autoritária e extremamente repressora da sexualidade, estava em desacordo com as concepções que Freud havia encontrado nos seus mais de vinte anos de prática clínica e desenvolvimento da Psicanálise.

Enquanto a Psicanálise ia se afastando cada vez mais dessa etiologia sexual das neuroses, por não poder solucionar esse conflito teórico, Reich se aprofundou cada vez mais nas suas pesquisas, partindo do princípio de que as concepções iniciais de Freud estavam corretas. Foi dessa forma que ele chegou à questão do orgasmo, compreendendo que essa experiência era muito mais ampla e complexa do ponto de vista da vivência do indivíduo – tanto do ponto de vista psíquico quanto do ponto de vista orgânico – e trazia a confirmação da hipótese original de Freud de que não era possível haver neurose sem um conflito sexual. Sobre isso, Reich diz: “o relaxamento que normalmente se segue ao orgasmo, que, de acordo com a teoria da libido, pode ser compreendido como uma redução do nível de tensão libidinal, está ligado ao orgasmo e não à ejaculação”. (REICH, 1975, p. 205). E, mais à frente, complementa:

As estases da libido que se manifestam em estados neuróticos atuais só desaparecem quando a potência orgástica é restabelecida. Isso reafirma o fato de que somente o orgasmo, e não a ejaculação do sêmen, tem um efeito de descarga sobre a libido. (REICH, 1975, p. 206).

Assim, ele chega ao conceito da *potência orgástica* como sendo a experiência do indivíduo capaz de possibilitar um orgasmo, descrito por ele da seguinte forma:

O orgasmo, antes de tudo, é a expressão de um abandono de si sem inibição, claramente dirigido para um parceiro. A libido do corpo inteiro escorre pelos órgãos genitais. **O orgasmo só pode ser considerado como inteiramente bem-sucedido se é sentido nos órgãos genitais**; os movimentos convulsivos de toda a musculatura e uma ligeira turvação da consciência são seus atributos normais e uma indicação de que o organismo participou por inteiro”. (REICH, 1975, p. 122). (**Grifos nossos**).

Esse é um dos exemplos de como a forma como se dá a interpretação do texto de Reich faz muita diferença. Algumas pessoas podem entender que ele está dizendo que “o orgasmo só pode ser considerado como inteiramente bem-sucedido se é sentido [*exclusivamente*] nos órgãos genitais”. A forma como nós compreendemos é a seguinte:

“o orgasmo só pode ser considerado como inteiramente bem-sucedido se é sentido *[também e inclusive]* nos órgãos genitais”. Essa é a linha através da qual faremos a leitura do trabalho reichiano: uma maneira plural e inclusiva e não um viés excludente e limitador.

Ainda em 1924, Reich era um psicanalista respeitado e um dos colaboradores mais influentes da terceira geração de analistas, além de pertencer ao círculo de pessoas íntimas de Freud. Dentro desse contexto, ele distingue a terapia analítica das demais terapias por esta se focar nas causas das neuroses, afirmando que: “ela [a Psicanálise] não se concentra sobre os sintomas, mas sobre a personalidade neurótica considerada como uma totalidade, de onde os sintomas individuais emergem como os picos de um maciço montanhoso”. (REICH, 1975, p. 117). E, considerando a importância da potência orgástica para que esse processo seja bem-sucedido, mais à frente ele complementa:

A meta tem uma validade geral porque envolve uma função biológica para a qual não há exceções. Irei até mais longe afirmando que nenhuma análise pode ser considerada consumada enquanto a potência orgástica genital não estiver garantida. Independentemente do fato de que em muitos casos devemos nos contentar em elevar o nível de bem-estar geral, eliminando os sintomas mais torturantes, ou restabelecendo a capacidade de trabalho etc., estes resultados estão muito longe do nosso objetivo no plano terapêutico e devemos nos esforçar continuamente para estabelecer uma primazia genital inequívoca sancionada pelo ego. (REICH, 1974, p. 119).

Todas essas formulações foram alcançadas na década de 1920 por um Reich ainda jovem e com o aval constante de Freud. Ainda que a Psicanálise já estivesse tomando um caminho que a levaria cada vez mais para uma psicologia das ideias e se afastando dos aspectos médicos e orgânicos, muito ainda se investigava com relação aos fatores somáticos como uma das etiologias da neurose. Mesmo sem ter muita clareza disso, estava em andamento a transformação que fez com que Reich ficasse conhecido como “aquele que irá carregar sozinho a pesada carga da Psicanálise” (BOADELLA, 1985, p. 76). Isso se devia ao fato de ele ser um dos poucos que seguia defendendo a importância dos aspectos biológicos e sexuais como elementos necessários para o tratamento das neuroses e de fazer duras críticas à sociedade.

A partir de 1924, com a criação do seminário técnico de Viena e o desenvolvimento da técnica de análise das resistências – que mais tarde seria chamada de Análise do Caráter –, Reich chegou inevitavelmente aos elementos orgânicos que constituíam a base

somática da estrutura de caráter. A técnica de Análise do Caráter é constituída, basicamente, por uma forma sistemática e constante de análise das resistências. Resistências essas que impedem o paciente de entrar em análise, ou seja, de associar livremente. Dessa forma, todo o processo de o material inconsciente chegar à consciência carregado do afeto correspondente não acontece. Tampouco gera a descarga (*ab-reação*) que leva à diminuição dos sintomas e, em último caso, à cura da neurose. A grande diferença nesse momento foi que Reich começou a perceber que o indivíduo resistia ao tratamento como um todo, ou seja, a sua estrutura de caráter funcionava também como uma defesa contra a análise. “O mundo total da experiência passada incorpora-se ao presente sob a forma de atitudes de caráter. O caráter de uma pessoa é a soma total funcional de todas as experiências passadas.” (REICH, 1998, p. 129).

Na prática, o que se passou foi que Reich começou a perceber que não só os elementos psíquicos compunham essa estrutura de caráter. Para além dos silêncios, chistes e atos falhos, a estrutura de caráter do paciente se manifestava *somaticamente* na forma como o indivíduo gesticulava, em seu tom de voz, no tensionamento (ou relaxamento) crônico de seu corpo etc. Havia uma grande quantidade de expressões do organismo do indivíduo que emergiam durante as sessões e que eram elementos involuntários, ou seja, manifestações que ocorriam independentemente da vontade consciente do paciente.

Nesse ponto, cabe uma informação importante: antes de Reich, outros autores já haviam associado alguns traços neuróticos com determinadas estruturas corporais. Psicanalistas como Rank e Alexander já haviam relacionado atitudes como a compulsão e a avareza a elementos anais (orgânicos), como a constipação. Além disso, termos como “caráter” e “traços” já eram usados dentro do contexto da Psicanálise. Porém, foi Reich o primeiro a organizar todos esses elementos e a considerar uma *estrutura de caráter* como o somatório dos traços de caráter organizados em torno de um eixo principal e a compreender a importância dessa estrutura dentro do processo da análise das resistências.

O caráter consiste em uma mudança *crônica* do ego que se poderia descrever como um *enrijecimento*. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se tornou crônica, merece a designação de “encouraçamento”, pois constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo. (REICH, 2004, p. 151).

Seguindo com o seu trabalho clínico e as discussões dos casos no seminário técnico, ficava cada vez mais claro que a principal diferença entre os casos em que o paciente vivia e não vivia a remissão completa dos sintomas estava na possibilidade de satisfação sexual genital com outra pessoa. Diferentemente de Freud, que, nessa época, afirmava ser a sublimação uma forma saudável e efetiva para a descarga da libido, Reich apontava cada vez mais para a necessidade de uma vida sexual satisfatória a partir da análise dos casos clínicos.

A teoria do orgasmo pôs-me frente a frente com a seguinte pergunta: o que se deveria fazer com a energia sexual liberada da repressão no processo de cura? O mundo dizia *não* a tudo o que a higiene sexual exigia. Os instintos naturais são fatos biológicos. Não podem ser abolidos e não podem ser fundamentalmente modificados. Como todos os seres vivos, o homem precisa, primeiro e acima de tudo, matar a fome e satisfazer os seus desejos sexuais. A sociedade moderna torna difícil a primeira satisfação e frustra a última. (REICH, 1995, p. 214).

Em maio de 1926, Reich apresentou a Freud e demais psicanalistas o manuscrito do seu trabalho, à época intitulado *A função do orgasmo*.⁶ Este era o resultado dos anos de pesquisas com os pacientes a respeito da função da genitalidade como elemento que possibilitava a cura, em que discutia outras relações entre a sexualidade, sua inibição e a geração de sintomas.

Porém, ao mesmo tempo em que Reich seguia desenvolvendo as bases da economia sexual, Freud estava começando a deixar de lado a teoria da libido, por não compreender de que maneira a libido reprimida se transformava em angústia. O contraste entre o trabalho de Reich e o de Freud, nesse momento, fica ainda mais explícito quando, no mesmo ano de 1926, Freud publica seu livro chamado *Inibições, sintomas e angústia*, no qual fazia profundas revisões na teoria psicanalítica e passava a afirmar que a angústia não era mais gerada pela libido reprimida, mas por uma “constituição biológica inata da criança”. (BOADELLA, 1985, p. 25). A partir desse momento, cada vez mais, a questão da natureza da angústia foi diminuindo de interesse para a Psicanálise. Mais tarde, a angústia será considerada por Freud como uma das expressões da pulsão de morte, que, por sua vez, foi considerada apenas como uma mitologia psicanalítica.

⁶ Esse livro foi deixado de lado durante muitos anos e foi reeditado com o título de *Genitality in the theory and therapy of neurosis*. No Brasil, recebeu o título de *A psicopatologia e sociologia da vida sexual*. Em 1942, já nos Estados Unidos, Reich vai publicar um diário do desenvolvimento do seu trabalho da economia sexual em que usa o mesmo nome do manuscrito de 26 – *A função do orgasmo*. (MATTHIESEN, 2007).

Freud recebeu com frieza o manuscrito apresentado por Reich. Essa não era uma maneira habitual com que Freud lidava com os textos apresentados a ele. Isso deixou Reich profundamente desapontado e, como consequência, decidiu que precisava de mais pesquisas e investigações nesse campo para que pudesse embasar sua teoria da economia sexual.

Seu interesse pelas bases orgânicas da Psicanálise ficou latente durante os anos seguintes. Nesse período, seguiu desenvolvendo seu trabalho de análise das resistências e aprofundou sua compreensão e estudos na área da sociologia, como forma de compreender o efeito da cultura e da sociedade nas estruturas de caráter dos indivíduos.

Em 1932, quando vai para a Escandinávia, fugindo da ascensão nazista na Alemanha, retoma sua pesquisa do funcionamento vegetativo e das bases orgânicas da angústia e da sexualidade. Para isso, ele inicia uma série de experimentos eletrofisiológicos na universidade de Oslo, Noruega, e passa a ser capaz de medir os movimentos bioelétricos no organismo dos pacientes. Dessa forma, encontra uma relação de antítese funcional entre a angústia e o prazer, comprovando a hipótese original de Freud de que a angústia era derivada da repressão da libido (prazer).

Ainda que parte desses resultados tenha sido publicada já em 1934, a conclusão final dos experimentos somente foi editada como livro em 1945, com o título de *The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety* (sem tradução para o português e sem publicação no Brasil), já nos Estados Unidos.

Em 1934, no XIII Congresso Internacional de Psicanálise em Lucerna, Reich apresentou um trabalho que, posteriormente, se tornaria o texto chamado *Contato psíquico e corrente vegetativa*⁷ (1935). Nesse texto, ele apresenta o desenvolvimento do seu trabalho da economia sexual e segue aprofundando a sua compreensão sobre a relação entre os aspectos psíquicos e somáticos no indivíduo; segundo ele, “ainda de forma inconclusiva”. Já na apresentação do texto, ele sublinha que o orgasmo segue sendo negligenciado dentro das pesquisas médicas e psicanalíticas como elemento importante na compreensão das neuroses e do sofrimento humano. Uma das consequências lógicas disso é a confusão com relação ao projeto terapêutico proposto por Reich:

A teoria do orgasmo é muito mal compreendida, mesmo por aqueles que a adotam. Ainda há muita ignorância no que diz respeito à

⁷ Reich, 2004.

espontaneidade desinibida da entrega orgástica, que, em geral, é confundida com a excitação pré-orgástica.⁸ Não obstante, é certo que, sem haver segurança na questão do orgasmo, só por acaso se concluirá com sucesso o tratamento analítico do caráter. (REICH, 2004, p. 268).

Foi justamente nesse congresso onde se encerrou a relação oficial de Reich com a Associação Psicanalítica Internacional. Segundo ele, “seus líderes já não queriam se identificar com meus pontos de vista”. (REICH, 2004, p. 268). Do ponto de vista teórico, Reich está se referindo ao desenvolvimento da economia sexual e da função do orgasmo como elementos centrais do tratamento das neuroses e seus sintomas. Porém, é sabido que também os aspectos políticos levaram Reich a ser expulso da Associação Psicanalítica de Viena (WAGNER, 1996), o que será discutido em outro capítulo. Voltemos agora aos aspectos técnicos que foram apresentados por Reich nesse texto.

Para Reich, ficou clara a impossibilidade de discutir as questões das estruturas neuróticas de caráter puramente pelo viés psicológico. Segundo ele, havia condições e exigências sociais e econômicas que levavam a sociedade como um todo a exigir a renúncia da satisfação das pulsões e à necessidade de repressão dos impulsos do id. E foi mais além:

Sabemos que a tarefa do ego é servir de mediador entre essas influências sociais – que mais tarde se tornam internalizadas como moralidade ou inibição interna da pulsão – e as necessidades biológicas. Se seguirmos as manifestações psíquicas destas últimas, isto é, os fenômenos do id, longe o bastante, atingiremos um ponto em que nossos métodos psicológicos de investigação deixarão de ser adequados, pois teremos entrado no campo da fisiologia e da biologia. (REICH, 2004, p. 270).

Com isso, fica bastante claro que a Vegetoterapia não pode ser dissociada de todo o trabalho de Reich, e mesmo de outras áreas do conhecimento que não são estritamente biológicas. Ainda que o foco dessa pesquisa sejam os aspectos orgânicos do trabalho terapêutico desenvolvido por Reich, seria impossível discutir os elementos básicos da economia sexual sem incluir (ainda que minimamente) a intercessão com a Análise do Caráter (aspectos mais psicológicos), com a Sociologia Orgonômica (que discute os elementos sociais) e com a Orgonomia (que vai compreender os aspectos dinâmicos e

⁸ Dentro da obra reichiana, o conceito da excitação pré-orgástica está relacionado com a excitação nas zonas erógenas pré-genitais. Essas áreas são carregadas de excitação durante a experiência de potência orgástica juntamente com a região genital. A discussão nesse trecho diz respeito a uma tendência na época de se confundir a excitação nessas áreas com a existente nos genitais. “Não se deve esquecer que os sistemas pré-genitais sempre acompanham a primazia genital em vários graus de intensidade (Freud). Eles se intrometem e, se não ficarem satisfeitos, pressionam pela satisfação exclusiva como perversões.” (REICH, 1980, p. 151).

energéticos do organismo, além de toda a metodologia usada desde o início da vida profissional de Reich, chamada de funcionalismo).

Nesse ponto, considero oportuno apontar para uma das características básicas que atravessa o trabalho de Reich – assim como a prática da terapia reichiana –, que é o conceito de transdisciplinaridade (PASSOS e BARROS, 2000). Os autores vão dizer que a construção de uma clínica transdisciplinar deve se afastar de qualquer identificação com uma nova técnica ou um novo modismo, uma vez que essa clínica deve ser pensada pela/na sua potência de criar e recriar a cada instante.

Assim, considerando o campo como dinâmico, em que sujeito e objeto são implicados na experiência, não podemos mais considerar uma pretensa “neutralidade” do sujeito observador, uma vez que ele é composto de atravessamentos que serão definidores da experiência em si.

A Análise Institucional se caracteriza por um processo de desnaturalização permanente das instituições, inclusive a da análise. O pesquisador/sujeito/analista será atravessado por aspectos afetivos e libidinais que serão considerados para uma análise do sistema como um todo. Uma vez que sempre se está implicado, faz-se necessária, também, uma análise das implicações. Sujeito e objeto se constituem de forma simultânea e no mesmo processo.

Consideram-se os movimentos e os processos como expressão singular. Sujeito e objeto, como elementos estáticos e delimitados a priori, dão espaço aos processos de subjetivação e objetivação que se produzem por efeito das práticas e acontecem em um campo dinâmico.

Com isso, a noção de identidade/unidade é abalada, inclusive quando pensamos as delimitações estritas das disciplinas e especialismos, gerando uma desestabilização no eixo de sustentação dos campos epistemológicos. Trata-se de tornar as fronteiras de cada disciplina instáveis, de caotizar os campos, desestabilizando-os a ponto de fazer deles planos de criação de outros sujeitos-objetos. O que interessa são os modos de subjetivação e a possibilidade de traçar as circunstâncias em que elas se compuseram, quais forças estão em jogo e quais os efeitos que se dão. Assim, a clínica transdisciplinar se forma como um sistema aberto em que o analista não apenas cria os intercessores, mas no qual ele próprio é um.

Barros (2009) afirma que a intercessão está sempre a favor dos movimentos de criação e de problematização. Criar problemas implica diferenciação, poder rejeitar um modo de subjetivação dado e criar outros. Criar é se diferenciar. Essa é a via política, uma vez que põe a funcionar os modos de expressão da subjetividade e opera processos de desindividualização.

Deleuze e Foucault mostram como as relações de teoria e prática são parciais e fragmentárias, sendo necessário um revezamento entre ambas para que possam se desenvolver. Já o poder opera totalizações; ele é exercido para manter a exploração capitalista. Onde há o poder, ele se exerce. Não se sabe ao certo quem o detém, mas se sabe quem não o possui. Logo, o papel do intelectual é o de lutar contra as formas de poder totalizantes.

Reich (2004) aponta como as neuroses são o resultado de uma educação familiar patriarcal e repressora da sexualidade e como certas estruturas humanas médias são inerentes a determinadas organizações sociais. Ou seja, cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir. Para ele, a clínica possui uma tarefa claramente definida, que é a de traçar os caminhos e mecanismos pelos quais a existência social dos homens se transforma em estrutura psíquica e, conseqüentemente, em ideologia.

Por fim, fica evidente o quanto os movimentos de criação de subjetivação e de desnaturalização na clínica, pensada a partir dos seus atravessamentos, será também uma ferramenta política de oposição às instituições de poder capitalistas, totalizantes e homogeneizadoras do indivíduo. Por isso, seguimos discutindo os elementos psíquicos com os quais Reich se deparava no período psicanalítico, momento em que já podemos perceber algumas sementes do que se tornaria a Vegetoterapia e sua indissociabilidade das questões políticas.

Como foi dito anteriormente, a questão da resistência se apresentava como um problema para o desenvolvimento da análise dos pacientes e para a Psicanálise como uma teoria científica. E foi a partir desse ponto que Reich começou a esbarrar nos limites da psicologia para poder solucionar o problema. Então, diferentemente da Psicanálise, que

tinha como foco aspectos topográficos⁹ e dinâmicos¹⁰ como forma de manejar a técnica analítica, Reich priorizou os pontos de vista estrutural¹¹ e econômico¹² a fim de resolver o problema das resistências (REICH, 2004, p. 51). Segundo ele:

O material que surge no decurso de uma sessão analítica é variado; deriva de diversas camadas psíquicas, e também de diversas fases históricas de desenvolvimento. Em termos terapêuticos e dinâmicos, portanto, não tem o mesmo valor. A economia sexual impõe-nos um caminho rigorosamente determinado, que começa com a análise das atitudes negativas e pré-genitais do paciente e termina com a concentração, no aparelho genital, de toda a energia psíquica liberada. *O estabelecimento da potência orgástica – isso decorre logicamente da teoria do orgasmo – é o objetivo terapêutico mais importante.*

[...] A Análise do Caráter, portanto, é uma operação psíquica que procede de acordo com um plano definido, desenvolvido a partir da estrutura peculiar do paciente. (REICH, 2004, p. 273).

Dessa forma, a questão do orgasmo volta a aparecer como sendo o elemento fundamental para se compreender a relação entre os aspectos psíquicos e somáticos *de forma simultânea*.

O orgasmo não é um fenômeno psíquico. Pelo contrário, é um fenômeno produzido unicamente pela redução de toda a atividade psíquica à função vegetativa primordial, isto é, precisamente pela suspensão de fantasias psíquicas e da atividade imaginativa. No entanto, é o problema central da economia psíquica. Sua inclusão na psicologia não apenas permite um tratamento concreto do fator quantitativo na vida psíquica e o estabelecimento da ligação entre fator psíquico e fator fisiológico (isto é, vegetativo), mas, acima de tudo, leva necessariamente a uma mudança significativa na visão psicanalítica do processo neurótico. Anteriormente, o complexo de Édipo era

⁹ A topografia do aparelho psíquico proposta por Freud descrevia instâncias distintas que se relacionavam entre si. Nesse momento, trata-se da primeira tópica, descrita inicialmente em seu texto *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900). O que Reich quer dizer com esse aspecto é que: “o ponto de vista *topográfico* determina o princípio de técnica no sentido de que o inconsciente tem de ser tornado consciente”. (REICH, 2004, p. 51).

¹⁰ “Qualificação de um ponto de vista que considera os fenômenos psíquicos como resultantes do conflito e da composição de forças que exercem uma certa pressão, sendo essas forças, em última análise, de origem pulsional.” (LAPLANCHE, 2011, p. 119). Reich vai dizer que: “o ponto de vista *dinâmico* estabelece que esse tornar consciente o inconsciente não deve ser realizado diretamente, mas mediante a análise da resistência” (REICH, 2004, p. 51).

¹¹ O aspecto estrutural ao qual Reich se refere diz respeito às diferentes estruturas de caráter. A partir daí, “cada caso individual requer um plano definido, que deve ser deduzido a partir do próprio caso”. (REICH, 2004, p. 51).

¹² “Qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências.” Esse é um dos aspectos mais importantes na compreensão do funcionamento do indivíduo na obra de Reich. “*Economicamente*, o caráter na vida diária e a resistência de caráter na análise servem como meio de evitar o que é desagradável [...], de consumir quantidades recalçadas de energia pulsional e/ou quantidades que escaparam à repressão.” (REICH, 2004, p. 60).

considerado como uma explicação para a doença neurótica. Hoje compreendemos que o complexo de Édipo pode conduzir ou não à neurose, dependendo de outros fatores: o conflito filho-pais só se torna patogênico quando há também uma perturbação na economia sexual da criança; essa perturbação precoce estabelece o alicerce do mau funcionamento subsequente da economia da libido no adulto; tira sua energia precisamente daquilo que contribuiu para seu aparecimento, isto é, da estase da energia sexual-genital. Desta maneira, a ênfase era deslocada do conteúdo da experiência para a economia da energia vegetativa. (REICH, 2004, p. 274).

Existe toda uma discussão a respeito do conceito do complexo de Édipo dentro e fora da Psicanálise. Esse tema será discutido amplamente no próximo capítulo, uma vez que não é possível dissociar a clínica da política e dos aspectos sociais.

Foi a partir dos estudos e das pesquisas com a experiência do orgasmo que Reich chegou ao conceito de *unidade funcional* para o problema da relação entre o corpo e a mente. Ele dizia que “a solução dos problemas da psicologia está fora da esfera psicologia”. (REICH, 2004, p. 278).

Aqui começa a ficar mais claro quais são os elementos teóricos que levarão Reich e a Psicanálise a se afastarem. A partir do momento em que a economia sexual concebe o conceito de unidade funcional composta pelos pares antitéticos corpo e mente, se estabelece um antagonismo entre as duas teorias. Vale lembrar que, em 1915, nos seus *Ensaio de metapsicologia*, Freud vai afirmar com relação às pulsões o seguinte:

Voltando-nos agora para a consideração da vida psíquica do ângulo da biologia, o “instinto” (pulsão)¹³ nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo. (FREUD, 2010, p. 57).

Além disso, quando ele descreve os elementos que compõem o instinto – impulso, meta, objetivo e fonte –, afirma que a fonte é de origem orgânica, não havendo certeza se de natureza química ou motora, o que não era uma questão relevante, já que essa fonte poderia ser reconhecida no psiquismo através de suas metas.

¹³ O conceito de instinto será posteriormente substituído pelo conceito de pulsão na obra de Freud. De acordo com o dicionário de Psicanálise La Planché, trata-se do “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”.

Por *fonte* do instinto se compreende o processo somático num órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo. Não se sabe se tal processo é normalmente de natureza química ou se pode corresponder também à liberação de outras forças, mecânicas, por exemplo. O estudo das fontes de instintos **já não pertence à psicologia**; embora a procedência a partir da fonte somática seja o mais decisivo para o instinto, na psique nós o conhecemos tão só através de suas metas. Um conhecimento mais exato das fontes instintuais não é estritamente necessário para fins de investigação psicológica. Às vezes podemos inferir com segurança as fontes do instinto, a partir de suas metas. (FREUD, 2010, p. 59-60). (**Grifos nossos**).

Estes são apenas alguns dos pontos desenvolvidos por Freud que entendemos serem suficientemente expressivos para compreendermos as diferenças que ele e Reich tinham com relação ao entendimento do indivíduo e da temática corpo-mente.

Foi a partir da prática constante e sistemática da técnica da Análise do Caráter que Reich pôde chegar, nos tratamentos de seus pacientes, às bases orgânicas da neurose. Ao trabalhar diretamente com as resistências de caráter, não só as atitudes psíquicas do paciente iam se modificando, mas também a sua organização somática – ancorada, majoritariamente, de acordo com as investigações da época, no sistema nervoso autônomo ou, *sistema vegetativo*.

Primeiramente, no entanto, vamos dar um passo atrás para tentar explicar de forma simples e direta como Reich chegou a essas conclusões, para além da sua experiência e prática clínicas.

Retomando a citação anterior, na qual Reich afirma que a neurose retira sua energia da estase sexual-genital, observamos que esse ponto marca a mudança do foco da técnica terapêutica do conteúdo das experiências para a economia da energia vegetativa. Em outras palavras, na prática clínica, deixa-se de dar prioridade à história do paciente, ou seja, ao *conteúdo* do que era dito e passa-se à observação da *forma* como essas histórias eram contadas, ou seja, à quantidade de excitação ancorada em cada uma daquelas experiências (aspecto econômico). Uma vez que a compreensão da doença estava na estagnação da energia – e não mais nos sintomas neuróticos –, o tratamento se deslocava para a compreensão de *como* essa carga ficava estagnada, servindo, assim, de base para o surgimento dos sintomas.

Nesse ponto, a compreensão da natureza e da função econômico-sexuais do orgasmo se provam ser a base para a solução do problema. Principalmente porque é na experiência do orgasmo em que essa descarga do excedente energético (excitação) pode acontecer,

levando a uma modulação do sistema vegetativo e a um conseqüente equilíbrio dinâmico entre o funcionamento simpático e parassimpático do organismo. Novamente, Reich compreende que nada disso seria possível sem o trabalho de Análise do Caráter: “nada teria vindo à superfície sem a aplicação de uma técnica definida [Análise do Caráter]. Isto é especialmente válido para as verdadeiras sensações orgásticas, que aparecem pela primeira vez durante a contração automática da musculatura genital”. (REICH, 2004, p. 275).

Gostaria de pedir desculpas ao leitor por uma certa repetição de informações e uma atitude excessivamente didática na exposição dos fatos. Isso se deve à complexidade do tema e, além disso, à mudança enorme de paradigma acerca de elementos profundamente enraizados em nossa sociedade, nas instituições e em nós mesmos. Reich também tinha clareza com relação a esse aspecto e, sobre isso, escreveu no prefácio de seu livro *A genitalidade na teoria e terapia da neurose* o seguinte:

Publico este trabalho com a consciência de que se trata de um “material muito explosivo” e que, portanto, devo estar preparado para objeções de base **emocional**. Não é fácil discutir impessoalmente e sem emoção o orgasmo e seu papel na vida do indivíduo e na sociedade. O assunto é parte demais da experiência de todos e, conseqüentemente, sempre há o perigo de distorção ou coloração ideológica do julgamento factual. (REICH, 1981, p. 08). (**Grifos nossos**).

Compreender o orgasmo dentro desse trabalho implica *necessariamente* retirarmos o fenômeno de uma concepção moralista, em que o vemos como algo pecaminoso, sujo, pervertido, subversivo, feio etc., e passarmos a tratá-lo como uma manifestação fisiológica do organismo vivo. Reich estava ciente dessa dificuldade e tinha clareza da necessidade de ser o mais simples e direto possível com relação a isso. Mesmo assim, isso não o impediu de ser mal compreendido e difamado por suas pesquisas e seu trabalho. Ele mesmo diz que:

A inclusão da estrutura psíquica e da economia da libido do paciente no trabalho analítico mudou e complicou consideravelmente o quadro, o modo de proceder e, na verdade, a perspectiva básica da técnica. O trabalho da análise tornou-se muito mais difícil, o que, certamente, não é um retrocesso, porque oferece, em compensação, mais segurança e resultados mais duradouros e abrangentes. (REICH, 2004, p. 275-276).

A partir dessa concepção, Reich encontrou a solução para outro problema que havia na teoria – e, conseqüentemente, na prática – psicanalítica sobre a compreensão das pulsões.

Para isso, retornaremos às concepções psicanalíticas das pulsões, de onde Reich partiu. Sobre isso, Reich traz uma memória da década de 1920:

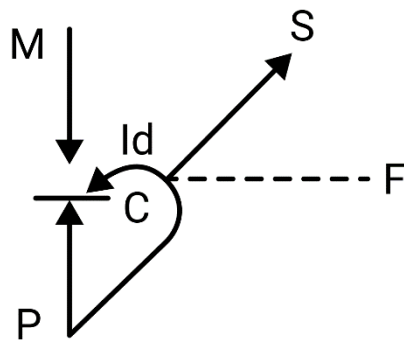
Todos lembramos como ficamos impressionados quando Freud nos disse que, até então, só havíamos estudado e compreendido o que está recalcado. Sabemos muito pouco sobre a origem do recalque e sobre a estrutura da defesa do ego. Era estranho que se soubesse tão menos sobre o ego, que fosse tão mais difícil chegar a uma compreensão dele do que daquilo que está recalcado. Porém, não pode haver dúvidas de que era assim, e que isso também deve ter suas razões, as quais deverão ser encontradas não apenas nas dificuldades de compreensão *psicológica*. (REICH, 2004, p. 278).

A pulsão do ego era um conceito pouco compreendido e confuso para muitos. Durante o desenvolvimento da Psicanálise, a natureza dessa pulsão transitou por vários lugares distintos. Inicialmente, era dito que a fome seria uma pulsão do ego (pulsão de autopreservação) e que esta estaria em oposição à sexualidade. Como a pulsão é um aumento da excitação corporal, isso se provou ser incorreto, uma vez que a fome não é uma manifestação do aumento de excitação no organismo – como a sexualidade –, mas uma expressão da diminuição dessa carga.

Alguns outros analistas tentavam compreender essa explicação, até que Freud, em 1922, introduziu o conceito de pulsão de morte. Esta seria antagônica à pulsão de vida (para a qual foram deslocadas as pulsões sexuais e de autopreservação) e se manifestaria por uma necessidade de punição e desejos inconscientes de culpa. Porém, o problema seguiu existindo, uma vez que ambas seriam manifestações antagônicas do próprio id.¹⁴ Assim, a dúvida se mantinha: “o que é a pulsão do ego?”.

A partir, então, dos extensos trabalhos de Análise do Caráter, foi possível para Reich e os outros analistas que trabalharam nesse projeto estabelecer a dinâmica energética das pulsões. O ponto de partida foi a compreensão da defesa do ego.

¹⁴ A partir de 1923, com a publicação do texto *O ego e o id*, Freud introduz uma nova concepção da topografia do aparelho psíquico – ou a segunda tópica. Com isso, a ideia antiga de que o psiquismo funcionava a partir do *consciente, pré-consciente e inconsciente* se modificou, passando a ser entendido através de outras três novas instâncias. São elas *o ego* (ou eu), *o superego* (ou supereu) e *o id*. (LAPLANCHE, 2001).



De acordo com o diagrama acima, observamos que a pulsão inicial (P), que busca satisfação no mundo externo, é impedida de seguir adiante, em razão das limitações e frustrações da realidade (M). Conseqüentemente, a pulsão que não pode ser satisfeita se dissocia em sua base e passa a ter duas direções distintas: uma pulsão (P) que segue buscando satisfação no mundo externo e um contrainvestimento (Id), que utiliza as proibições do mundo externo como contorno ou forma, mas que, em seu conteúdo, é carregado da própria energia pulsional que não pôde ser satisfeita originalmente.

Com isso, desenvolve-se:

[...] uma *antítese dentro da pessoa; uma dissociação ou cisão de um empenho unitário* faz uma pulsão voltar-se contra outra pulsão, ou então a mesma pulsão se dividir em duas direções: uma que continua procurando o mundo e outra que se volta contra a própria pessoa. (REICH, 2004, p. 280).

Dessa forma, fica explicada a fonte da energia das defesas do ego. Estas provêm das próprias pulsões que foram frustradas e que, mudando de função, deixam de buscar satisfação no mundo e passam a atuar contra a própria exigência pulsional.

A investigação minuciosa desse fato peculiar e de outros casos, analisados na mesma época ou anteriormente, demonstrou que essa mesma *transformação*, ou antes, essa *mudança de função* em uma exigência pulsional, que esse funcionamento *simultâneo* a serviço do id e da defesa do ego, é um fenômeno geral. [...] O coquetismo sexual encontrado na histeria também mostra essa dualidade na função. O flerte é a expressão de desejos genitais recalcados, isto é, dirigidos para o mundo. Ao mesmo tempo, é uma defesa contra a genitalidade, a expressão de uma “sondagem” ansiosa do objeto, para determinar, por assim dizer, de onde vem o perigo genital. [...] O mesmo acontece com o comportamento sádico da mulher neurótica compulsiva que, ao

agredir o objeto amado, simultaneamente satisfaz sua relação sádica com o objeto e evita seus próprios desejos vaginais de relação sexual. (REICH, 2004, p. 282).

Novamente, peço ao leitor que respire e entenda ter sido necessária toda essa discussão detalhada sobre os debates psicanalíticos que havia na década de 1920, pois essa foi a base e o início de toda a compreensão que levou Reich a trabalhar diretamente com o sistema vegetativo dos pacientes. A lógica básica da Vegetoterapia de trabalhar com as defesas, ou *courças musculares*,¹⁵ está presente na ideia de que a técnica adequada para se trabalhar o paciente, do ponto de vista do aparelho psíquico, deve ser a de remover as resistências. À época, com a Análise do Caráter, isso era definido como sendo a análise das resistências – em oposição à técnica tradicional de análise do conteúdo recalado. Entendo que Reich, por ele mesmo, seja a melhor maneira de tornar clara a inclusão desse ponto para seguirmos na compreensão da técnica da Vegetoterapia, que estava por ser germinada no seio da Psicanálise:

Antes de mais nada, há a consequência *teórica*: se a concepção que desenvolvemos da estrutura do ego e da função de defesa está correta, então os sistemas “ego” e “id” aparecem apenas como funções diferentes do aparelho psíquico, e não como esferas separadas da psique. Já, antes disso, uma questão semelhante pedia uma resposta: como se preserva *no presente* a experiência histórica, infantil? Os dados clínicos revelaram que essa experiência não ficava como um tipo de depósito no inconsciente e, sim, era absorvida no caráter e se expressava essencialmente como modos formais de comportamento. E destes modos de comportamento é possível extrair o conteúdo de experiências passadas, da mesma maneira que, por exemplo, se pode extrair sódio do cloreto de sódio. [...] Aquilo que está recalado e aquilo que defende não constituem duas esferas ou forças individuais topicamente separadas; embora antitéticos, eles constituem uma unidade funcional. Assim, o conceito topográfico do aparelho psíquico é apenas um recurso útil, e Freud tinha razão em se recusar a relegar o inconsciente a uma camada mais profunda do sistema nervoso. Por exemplo, a percepção que o ego realiza é uma função do sistema vegetativo, do mesmo modo que uma pulsão também o é.

A consequência *técnica* é a seguinte: [...] se começamos destruindo por completo a função de defesa da *mesma* pulsão [...] as fontes vegetativas da personalidade começam a fluir de novo. Em resumo, não eliminamos o recalque – está é a conclusão inevitável – quando trabalhamos com interpretações do id. Mesmo agora, só é possível chegar a esses recalques com uma legitimidade indiscutível se extraímos a pulsão

¹⁵ Desde janeiro de 2020, temos um grupo de estudos e práticas em Vegetoterapia. Trata-se de um grupo plural e transdisciplinar composto por profissionais de áreas distintas. A partir das novas descobertas no campo da fisioterapia (STECCO, 2015) e da maior compreensão do funcionamento do sistema fascial, temos entendido que o conceito que Reich tratava como sendo a *courça muscular* provavelmente está ancorado no sistema miofascial e não somente na musculatura.

recalcada da formação de defesa do caráter, não como algo recalcado, mas, em primeiro lugar, como algo *recalcador*.

Em outras palavras, temos como resposta à pergunta feita anteriormente que as pulsões do ego vão ser o somatório das exigências vegetativas funcionando como defesa, ou seja, é a pulsão do id dirigida contra si mesma ou contra outra pulsão. A maior prova dessa afirmação está no fato relatado tantas vezes em casos clínicos em que, após uma análise sistemática da função de defesa da pulsão, emergem estados de tensão e excitação *vegetativa* que eram desconhecidas pelo paciente. Sensações como ondas de calor, tensão muscular, prazer sexual, frio e tantas outras, são indicativas de uma modulação do sistema vegetativo do indivíduo.

Considerando o princípio da unidade funcional mente-corpo, a mesma lógica de trabalho utilizada para a análise das resistências na instância psíquica (Análise do Caráter) é utilizada para o trabalho da Vegetoterapia, no sentido de flexibilizar as resistências somáticas – couraças. Assim, o trabalho de análise passa do *conteúdo* para a *forma*. Não mais o conteúdo que está reprimido que será analisado, mas a forma como ele está reprimido. E, da mesma forma que as resistências psíquicas são inconscientes, também as defesas somáticas o são.

No começo, a resistência é dirigida somente contra o que está recalcado, mas o paciente não sabe nada a respeito, nem que carrega dentro de si algo proibido, nem que está se defendendo disso. Como Freud demonstrou, as próprias resistências são inconscientes. Mas a resistência é uma manifestação emocional que corresponde a um consumo maior de energia e por isso não pode permanecer encoberta. (REICH, 2004, p. 44).

Seguindo por esse viés, temos o intelecto como expressão de mais uma função vegetativa no nosso organismo. Entendemos não ser simples a compreensão dessa proposição acima. Durante mais de quatro séculos, o mundo – e principalmente o pensamento científico – ocidental têm se organizado a partir da concepção cartesiana da separação entre corpo e mente (DAMÁSIO, 2016, p. 216). Uma separação que coloca os aspectos mentais como superiores e mais importantes para a definição do indivíduo que as funções do corpo, como as emoções. *Cogito ergo sum*¹⁶ explicita bem as ideias que Descartes estava a desenvolver no início do século XVII e que seriam apresentadas ao mundo na forma de sua obra *O discurso do método*. À época, entretanto, esse movimento de tentativa de se

¹⁶ Penso, logo existo.

estabelecer o primado da intelectualidade e do racionalismo fazia parte de um contexto bastante específico: o movimento europeu do Iluminismo, que buscava romper com o poder exercido pela instituição da Igreja católica e, em grande medida, com o pensamento religioso e supersticioso.

Três séculos depois de Descartes escrever suas ideias sobre a razão e os pensamentos, Reich iria questionar esse paradigma. Continuando com suas observações clínicas e o desenvolvimento da economia sexual, Reich vai demonstrar como o intelecto, além de ser uma expressão vegetativa, cumpre também uma função defensiva dentro do organismo, como forma de afastar o indivíduo da percepção, em vez de aproximá-lo da mesma:

Acredita-se, em geral, que o intelecto humano tem uma função meramente objetiva e que é dirigido para o mundo; a ética e a filosofia, em particular, concebem a razão e o intelecto exclusivamente no sentido de uma atividade absolutamente não emocional, capaz de compreender a realidade de forma “incorruptível”. Este tipo de concepção não leva em conta duas coisas: 1) a própria função intelectual é uma atividade vegetativa; e 2) a função intelectual pode ter uma carga afetiva cuja intensidade não é menor do que a de qualquer impulso puramente afetivo. [...] A atividade intelectual pode ser estruturada e dirigida de maneira a parecer um hábil aparelho, cujo fim é precisamente evitar a *cognição*, isto é, assemelha-se a uma atividade que nos *afasta* da realidade. [...] [O aparelho psíquico] pode funcionar, corretamente, em uníssono com o afeto mais vivo, mas pode também assumir uma posição crítica em relação ao afeto. Não há relação mecânica, absolutamente antagônica, entre o intelecto e o afeto, e sim uma relação funcional. (REICH, 2004, p. 285).

Da mesma forma, Espinosa, alguns séculos antes, havia confrontado os paradigmas da Igreja católica – o que gerou sua excomunicação –, quando afirmava, entre outras coisas, que “Deus” era a Natureza e, que além disso, os nossos afetos não poderiam ser reduzidos a um impulso com uma finalidade. Sobre isso, Laurent Bove, em sua conferência acerca dos afetos em Espinosa (BOVE, 2010), vai dizer que:

Espinosa situa este problema [os afetos] a partir de alguns princípios fundamentais. O primeiro é que a realidade dos afetos só pode ser percebida se começarmos por expulsar do seu conceito a ideia de *finalidade*. Aqui ele segue o modelo, recente na época, da revolução galileana e busca oferecer dos afetos uma leitura estritamente racional. *Racional* significa aqui absolutamente *causal*: busca-se a causa dos afetos, considerada como se desenvolvendo dentro de um campo natural. Obviamente, isso exclui o sobrenatural; além disso, a natureza em questão é vista como *imane*nte. (BOVE, 2010, p. 26).

É sabido que Reich teve bastante contato com os textos do filósofo Henri Bergson – a ponto de ser reconhecido na época da faculdade de medicina como “o bergsoniano maluco”. Bergson, por sua vez, foi um grande estudioso da obra de Espinosa. Muito do seu pensamento foi atravessado pelas concepções espinosistas, assim como também é possível encontrarmos muito do pensamento de Espinosa na obra de Reich.¹⁷ Um dos elementos comuns ao pensamento desses dois autores é a compreensão da unidade entre corpo e mente. Reich vai chamar de *unidade funcional* o mesmo princípio que Espinosa tratava como *unidade do real*.

Para Espinosa, existe uma unidade do real, que faz com que qualquer acontecimento no plano do espírito seja simultaneamente um acontecimento no plano do corpo. Seria absurdo imaginar uma “psicossomática espinosana”, porque na verdade não existe causalidade do corpo sobre o espírito, nem inversamente: há causalidades nos corpos e nos espíritos, que podem ser pensadas em conjunto. Falando em termos absolutos, trata-se da *mesma* causalidade. Assim, quando estudamos os afetos, estudamos simultaneamente o ponto de vista do corpo e o ponto de vista do espírito ou da alma. (BOVE, 2010, p. 29).

Da mesma forma, as ideias e os afetos são considerados como aspectos distintos de um mesmo indivíduo. Ainda que possam ser experimentados de formas diferentes, são indissociáveis “como dois aspectos de algo idêntico, que é fundamentalmente de ordem corporal”. (BOVE, 2010, p. 29).

Além dos elementos descritos acima, há muitos outros que poderiam ser detalhados, como a impossibilidade da existência de uma pulsão de morte, uma vez que seria impossível existir em si mesmo um princípio da própria destruição. Assim como a compreensão de que os afetos são uma quantidade de energia e que, no corpo, “aumentam, diminuem, ajudam ou contrariam a potência de agir desse corpo”. (BOVE, 2010, p. 29).

Não entraremos nos pormenores de cada um desses conceitos em Espinosa, para não desviarmos o foco do presente trabalho. A função de mencionarmos é ressaltar que muito do que está presente no trabalho de Reich foi derivado de outras ideias anteriores a ele e a seu trabalho, dando-se como um processo contínuo de expansão e desenvolvimento do conhecimento.¹⁸

¹⁷ O livro *Para conhecer, escute seu corpo: Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza* (2021), de José Vicente Carneiro, nos traz de forma extensa e clara o quanto o pensamento de Reich foi influenciado pelas ideias que vinham sendo discutidas desde Espinosa.

¹⁸ A esse processo, Reich chamava de *Lei do desenvolvimento orgânico*, em que um conhecimento vai sendo expandido e reorganizado por muitas pessoas ao longo da história. (REICH, 2001).

Voltando à questão da Vegetoterapia, acreditamos que esteja bastante clara a necessidade de uma técnica terapêutica para trabalhar com as defesas do paciente em que se esteja ciente de como estas se manifestam psíquica e somaticamente. Daí a concepção da unidade funcional, que pode ser exemplificada por meio de um sintoma existente com frequência nos pacientes: o medo. Mais especificamente, o *medo do contato orgástico*, que, de acordo com Reich, é o medo que está na base de todo o processo de encorajamento do organismo, impedindo o indivíduo como um todo (psíquico e somático) de viver a experiência da potência orgástica.

Esse período da análise acontece quando a maior parte das fixações infantis do paciente já foram trabalhadas e ele está podendo funcionar no mundo de uma maneira mais consciente e madura, ou seja, orientado para a realidade e coerente com a idade que tem. O medo do contato orgástico, ou *angústia orgástica*, surge nesse momento e pode ser percebido tanto nos aspectos psíquicos quanto nos somáticos.

Na relação com o terapeuta, se manifestarão características como superficialidade, sonhos e fantasias de queda, atitude de reticência, anulação das realizações terapêuticas anteriores etc. Fisicamente, vai impedir o aparecimento do movimento ondulatório vegetativo (involuntário) que precede o orgasmo com contrações voluntárias do assoalho pélvico durante a relação sexual (ou masturbação), movimentos curtos e rápidos da pelve, impedindo o movimento espontâneo da pelve de ir para frente (movimento de balança), entre outras coisas.

Todas essas expressões têm a função de impedir o aumento da excitação, que o conduziria ao orgasmo (potência orgástica), permitindo, assim, uma descarga satisfatória do excedente energético. O que Reich diz sobre esse processo é o seguinte:

Quando há o medo do contato orgástico e da falta de contato psíquico relacionada a ele, o impulso vegetativo para produzir a fricção está sempre ausente. Porém, quando o contato pré-orgástico é completo, esse impulso atua automaticamente. No primeiro caso, o que acontece é que, para superar a falta de contato e obter o alívio apesar do medo, muitas vezes uma fricção forçada, impetuosa e produzida conscientemente toma o lugar do ritmo suave, autorregulado, governado pelas emoções. Não se pode descobrir e eliminar o medo do contato genital até que essa forma de fricção tenha sido analisada como uma evitação de sensações e como um constrangimento do desejo do alívio. Os pacientes geralmente oferecem forte resistência a desistirem dessa forma de fricção e a se abrirem a um tipo vegetativo de movimento. Não querem ser apanhados de surpresa pela convulsão orgástica. (REICH, 2004, p. 300).

Com isso, o sucesso do processo terapêutico deverá estar atento a três elementos principais: 1) A flexibilização da couraça, ou seja, das defesas de caráter – psíquicas e somáticas, estruturadas cronicamente –, que impedem o livre fluxo da excitação no organismo; 2) O surgimento completo do medo do contato orgástico, considerando todas as atitudes de caráter e todas as inibições vegetativas que são acionadas para se impedir a experiência de entrega durante o orgasmo; e 3) O fim da inibição orgástica e o restabelecimento dos movimentos espontâneos e involuntários (inconscientes) durante o momento do clímax na relação sexual.

2.2 O conceito de couraça muscular

A couraça muscular pode ser compreendida como um padrão de funcionamento da musculatura que é crônico. Esse padrão tem a função de proteção da periferia do organismo com esse “enrijecimento”; por isso, muitas vezes é considerado uma armadura caracterial (NAVARRO, 1996). A periferia do organismo é a camada que estabelece relação com o mundo externo, seja de um ponto de vista biológico, seja de um ponto de vista psíquico.¹⁹

Pode-se dizer que, fisiologicamente, a couraça muscular cumpre a mesma função que a falta de contato e a superficialidade cumprem psicologicamente. A economia sexual não concebe a relação original entre o aparelho fisiológico e o psíquico como de dependência mútua, mas como de identidade funcional com antítese simultânea, isto é, concebe a relação de modo *dialético*. (REICH, 2004, p. 324).

A origem do encouraçamento está na infância e cumpre uma função de defesa contra as frustrações do mundo externo. Essa “armadura” começa a se estabelecer a partir das excessivas experiências de frustração das necessidades orgânicas de um indivíduo jovem e ainda muito dependente das relações com seus pais/cuidadores. É constituída como um *sistema* de proteção ao sofrimento excessivo – tanto psíquico, quando somático – e, por isso, forma a base da estrutura de caráter.

Dinamicamente, as couraças se organizam segundo a mesma lógica encontrada no mecanismo psíquico das defesas (figura da página 42), ou seja, o impulso que originalmente é direcionado ao mundo (carga bioelétrica), quando frustrado sucessivas

¹⁹ Uma melhor descrição da organização do aparelho biopsíquico proposto por Reich está presente no capítulo 4, quando desenvolvemos o conceito de Peste Emocional.

vezes, passa por um processo de dissociação na direção, e função, do impulso. A parte que foi dividida retorna contra o próprio impulso com a função de *contenção* desse impulso. Daí temos o início das contrações e tensionamentos crônicos da musculatura e do tecido fascial.

Alguns exemplos podem ajudar na compreensão dessa dinâmica: um impulso de raiva que se manifesta como um desejo de dar um soco em uma pessoa, quando não pode ser vivido, gera uma inibição do movimento na sua origem, ou seja, na musculatura das costas, na altura das escápulas. Quando essa é uma circunstância de conflito crônica e intensa, a carga gerada vai ser utilizada como contenção do próprio movimento, a exemplo de um filho que tem raiva do pai agressivo e, ao mesmo tempo em que sente raiva, tem medo de expressar essa raiva, seja por temor de ser destruído ou de perda do amor.

Organicamente, toda essa musculatura²⁰ ao redor das escápulas se tornará cronicamente tensionada e irá conter a emoção da raiva nos dois sentidos: no de contenção/inibição e de estar contida/presente. Outro exemplo é a inibição da expressão da tristeza pelo choro. A expressão natural da tristeza acontece com um movimento orgânico de chorar. Para isso, mobilizamos a musculatura do diafragma, tórax, pescoço (platísmo e esternocleidomastóideo), do interior da garganta e os músculos da face (mímicos).

Uma criança que cresce em um ambiente no qual essa expressão não é aceita e, conseqüentemente, é reprimida (“engole esse choro!”, “homem não chora”), precisa aprender a conter esse impulso. Para isso, vai começar tensionando todas essas musculaturas, como forma de impedir que o choro apareça. Com o passar do tempo e dependendo da quantidade e intensidade das vezes que precisou inibir essa expressão, o organismo vai *automaticamente* se manter contraído. Por fim, quando adulto, será incapaz de expressar sua tristeza – chorar – e manifestará uma série de sintomas físicos e emocionais derivados desse tensionamento crônico do organismo.

Um elemento que fica claro com esses exemplos é que não é um músculo que se tensiona, tampouco uma cadeia anatômica que se organiza como defesa, mas sim *um grupo muscular que cumpre uma função de expressão emocional*. Caso contrário, teríamos uma

²⁰ Lembremos que os estudos contemporâneos apontam para uma cronificação somática da musculatura e da fáscia, conforme descrito anteriormente. (SCHLEIP, 2020).

contração apenas nos músculos orbiculares dos olhos como forma de inibição do choro e não é isso o que acontece.

Esse conceito [couraça de caráter] foi criado para dar uma compreensão dinâmica e econômica acerca da função básica do caráter. De acordo com o ponto de vista econômico-sexual, o ego assume uma forma definida a partir do conflito entre a pulsão (essencialmente necessidade libidinal) e o medo de castigo. Para conseguir realizar a restrição das pulsões exigida pelo mundo moderno e ser capaz de lidar com a estase da energia que resulta dessa inibição, o ego tem de passar por uma alteração. O processo a que nos referimos, embora falemos dele em termos absolutos, é definitivamente de natureza causal. O ego, isto é, a parte do indivíduo exposta ao perigo, torna-se rígido quando está continuamente sujeito ao mesmo conflito, ou a conflitos semelhantes, entre a necessidade e o mundo externo gerador de medo. Nesse processo, adquire um modo de reação crônico, que funciona automaticamente, ou seja, seu “caráter”. É como se a personalidade afetiva se encouraçasse, como se a concha dura que ela desenvolve fosse destinada a desviar e a enfraquecer os golpes do mundo externo, bem como os clamores das necessidades internas. Esse encouraçamento torna a pessoa menos sensível ao *desprazer*, mas também restringe sua motilidade agressiva e libidinal, reduzindo assim a capacidade de realização e de prazer. Dizemos que o ego ficou menos flexível e mais rígido; e que a capacidade de regular a economia de energia depende da extensão do encouraçamento. Consideramos a potência orgástica como um meio de medir essa capacidade, dado que ela é uma expressão direta da motilidade vegetativa. O encouraçamento do caráter requer energia porque é sustentado pelo consumo contínuo de forças libidinais ou vegetativas que, de outro modo (no caso de sua inibição motora), produziriam angústia. É assim que a couraça do caráter cumpre sua função de absorver e consumir energia vegetativa. (REICH, 2004, p. 314).

Para aprofundar ainda mais a compreensão da dinâmica de funcionamento da couraça, precisamos discutir a relação entre prazer, angústia e raiva.

A compreensão da relação funcional entre esses três impulsos básicos Reich encontrou a partir de seus estudos bioelétricos, já citados anteriormente. Ele percebeu, ao medir o potencial bioelétrico da pele de uma pessoa, que com um estímulo prazeroso na pele esse potencial aumentava, e a percepção subjetiva era a de se estar tendo uma sensação agradável. Ao mesmo tempo, quando se tratava de um estímulo de dor, a medição do potencial bioelétrico na pele diminuía e a experiência era descrita como desprazerosa.²¹

²¹ Há uma discussão dentro dos círculos reichianos a respeito do nome utilizado por Reich, na época, para definir a experiência oposta ao prazer. O termo utilizado originalmente em alemão é *angst*. Esse termo pode ser traduzido para o português como angústia, ansiedade ou medo. Por vezes na obra de Reich, esse termo é traduzido como angústia e, outras vezes, como ansiedade. Compreendemos que esse ponto merece ser revisto, uma vez que são experiências distintas do organismo humano, ainda que todas expressem uma

Seguindo a compreensão da física a respeito das leis da eletricidade, da mesma forma que Freud havia feito algumas décadas antes, pelo princípio da conservação da energia Reich compreendeu que essa diferença de potencial bioelétrico na pele era uma expressão do movimento da energia pelo corpo.²² Assim, esta se movia em direção à periferia do corpo – movimento energético de expansão, para o mundo – nas circunstâncias de experiência de prazer. Por outro lado, ela seguia em direção ao centro do organismo (víceras) nas experiências de desprazer e angústia – movimento energético de contração, para longe do mundo.

Inicialmente, Reich buscou compreender a relação entre prazer e angústia; porém, a raiva também aparece como uma das emoções básicas do organismo. Segundo ele, todas as outras emoções e afetos – mesmo os mais complexos – podem ser depurados na combinação dessas três emoções. Quando a raiva (ou agressividade) pode ser expressa pelo indivíduo, a quantidade de angústia diminui; por outro lado, quando essa agressividade é inibida, a quantidade de angústia sentida pelo indivíduo aumenta. Temos, então, uma relação entre a expressão da raiva e a sensação de angústia.

Além disso, nas experiências clínicas vemos que quando há a inibição da agressividade no paciente, existe também um aumento do tônus muscular. Essa mudança do tônus vai ser proporcional à quantidade de raiva contida e a quão crônico é esse estado. O paciente pode apresentar desde uma contração temporária do grupo muscular específico envolvido na expressão daquela raiva, como dito anteriormente, até uma rigidez generalizada da pessoa, como vemos em caracteres compulsivos, nos quais o organismo apresenta um grau muito pequeno de flexibilidade e espontaneidade. Para Reich, “trata-se [...] de uma unidade funcional entre couraça do caráter e hipertonia ou rigidez muscular. *Todo aumento de tônus muscular e enrijecimento é uma indicação de que uma excitação vegetativa, angústia ou sensação sexual foi bloqueada e ligada*”. (REICH, 2004, p. 315).

Dentro do processo terapêutico, observamos um relaxamento dessas tensões quando existe um afrouxamento de material recalçado. Desde os primórdios da Psicanálise, Freud descrevia o processo de alívio psíquico a partir da rememoração de ideias recalçadas com uma proporcional descarga afetiva (ab-reação), mas esse processo sempre foi

experiência de desprazer. No presente trabalho, para fins didáticos e de continuidade da discussão da Psicanálise, utilizaremos a tradução para angústia ou desprazer.

²² O Princípio de Conservação da Energia é uma lei da Física que estabelece que a quantidade de energia em um sistema isolado permanece constante, ou seja, a energia pode ser transferida, deslocada ou transformada, mas nunca destruída ou criada.

compreendido de forma limitada; além disso, a relação entre alívio psíquico e diminuição das tensões somáticas nunca foi inteiramente explicada. A simples transposição de um conceito biofísico – tensão e relaxamento – para a esfera psíquica não pode ser aceita se consideramos a unidade funcional psíquica e somática.

Concebemos o impulso libidinal como um fluxo de excitação e fluidos corporais em direção à *periferia*, e a angústia como um fluxo de excitação e fluidos corporais em direção ao *centro*. A excitação agressiva também corresponde a uma excitação dirigida para a *periferia*, mas relacionada *apenas* com a musculatura das extremidades. Se o fluxo de excitação, em todas as *três* direções, pode ser liberado da rigidez muscular, do tônus muscular crônico aumentado, então podemos concluir que a *hipertonía muscular crónica representa uma inibição do fluxo de toda forma de excitação (prazer, angústia, raiva) ou, pelo menos, uma redução significativa da corrente vegetativa.* (REICH, 2004, p. 319).

Foram necessários quase quinze anos de pesquisas e discussões para que Reich chegasse à compreensão de que:

A rigidez muscular pode tomar o lugar da reação de angústia vegetativa. Em outras palavras, a mesma excitação que, na paralisia de terror, foge para dentro, na rigidez de terror utiliza a musculatura para formar uma couraça periférica do organismo. [...] Assim, a tensão muscular que está presente e não se resolve numa descarga motora consome a excitação que poderia surgir como angústia; desse modo, evita-se a angústia. Nesse processo, reconhecemos o protótipo da ligação da angústia pela agressão, que, quando também é inibida, leva a um bloqueio afetivo. (REICH, 2004, p. 319).

Fica claro, então, que a importância da couraça está na sua função ou *dinâmica*. Sendo o resultado neurótico de um mau funcionamento da excitação biológica no organismo, a couraça – que se manifesta pelo tensionamento crônico da musculatura e do psiquismo – tende a afrouxar a partir do trabalho bem-sucedido de eliminação dos bloqueios caracteriais e do restabelecimento da motilidade vegetativa do indivíduo. Isso resolve a discussão a respeito da existência de couraça no indivíduo tido como “caráter genital”.

O caráter genital é a estrutura de funcionamento descrita por Reich como sendo saudável, isto é, sem bloqueios crônicos no organismo, capaz de atuar de forma autorregulada e orientada para a realidade, diferentemente do caráter neurótico, descrito como aquele que, em razão das fixações infantis, vive a realidade como uma repetição das suas experiências históricas (princípio de prazer) e que perdeu a sua capacidade espontânea e de livre fluxo no organismo (derivado do enrijecimento muscular e psíquico). Ambos os caracteres –

tanto o neurótico quanto o genital – possuem couraças; a diferença está na forma como elas são compostas e em como elas funcionam. Enquanto a couraça, na estrutura neurótica, se estabelece de forma rígida e acaba por limitar cronicamente a motilidade do organismo, no indivíduo genital a couraça funciona como uma defesa temporária para uma situação da realidade geradora de sofrimento. Ainda que ela limite a percepção daquela experiência, isso não se mantém por longo tempo. Vale destacar que toda essa discussão será melhor desenvolvida no capítulo 4.

O inconsciente é o reservatório de excitações vegetativas recalçadas, isto é, de excitações que não podem ser descarregadas e fluir livremente. Essas excitações são sentidas de duas formas: 1) excitação sexual e sentimentos de satisfação, como no caso de homens e mulheres saudáveis; ou 2) sentimentos de angústia e constrição, que se tornam cada vez mais desagradáveis, na região do plexo solar, no caso de pessoas que sofrem perturbações da motilidade vegetativa. (REICH, 2004, p. 323).

É importante destacar que o conceito da couraça de caráter está dentro da concepção reichiana de unidade funcional e, por isso, ele é descrito em suas características psíquicas e somáticas. A maioria das teorias e linhas terapêuticas que pretendem trabalhar o indivíduo nas suas dimensões “corpo e mente” assentam essa compreensão em termos de “paralelismo psico-físico” ou “na relação entre o psíquico e o somático”, ou ainda buscam explicar de forma tacanha como as doenças psíquicas “causam” doenças somáticas, lançando mão de explicações supersticiosas e com pouca (ou nenhuma) preocupação de embasamento empírico ou científico.

Muitas dessas teorias têm como base – ou apenas como ponto de partida – os trabalhos de Reich e da Vegetoterapia. Algumas vezes isso é citado abertamente; outras vezes, isso é conhecido apenas por aqueles que se aprofundam na história do desenvolvimento da técnica. Há, entretanto, uma consequência deveras importante nessas formulações “neorreichianas” ou das terapias ditas “corporais”: não compreender o indivíduo como uma unidade biofísica leva a uma superficialização da técnica em si e, conseqüentemente, favorece o surgimento de todo o tipo de “experimentação corporal”. Recebe-se o título de “terapia corporal” sem a devida preocupação com as implicações de se trabalhar um indivíduo nas suas dimensões psíquicas e somáticas.

Após o seu rompimento com a Sociedade Psicanalítica, passou a chamar eventualmente suas novas técnicas de dissolução da couraça muscular pelo nome de *Vegetoterapia*, mas insistia que isso não substituía o trabalho analítico do caráter. Ao contrário, a Vegetoterapia

era “a análise de caráter na área do corpo”. (BOADELLA, 1985, p. 114).

[...] Sua exposição esmerada do trabalho compreende cinquenta páginas e inclui trinta e duas eletrofotos dos resultados do oscilógrafo.²³

Reich concluiu que havia confirmado sua fórmula tensão-carga e que a formulação clínica da antítese econômico-sexual do prazer sexual e angústia, expansão vegetativa e contração, era apoiada pelos experimentos. Considerou que sua pesquisa confirmava o ponto de vista de Kraus de que o organismo funcionava como um sistema eletrotítico e continha um contínuo campo bioelétrico de excitação entre o gânglio vegetativo no centro do corpo (o plexo solar, o plexo cardíaco etc.) e a superfície da pele. (BOADELLA, 1985, p. 130).

²³ *Os experimentos bioelétricos da sexualidade e da ansiedade* (REICH, 1982).

Capítulo 3 - Édipo, patriarcado e capitalismo

Receio não ser adequado nos propormos a seguir a trajetória do desenvolvimento da Vegetoterapia, falarmos tão extensamente da etiologia sexual das neuroses, repressão sexual e educação moralista sem adentrarmos profundamente um tema básico – tanto dentro da Psicanálise como da Terapia Reichiana – que é o *Complexo de Édipo*.

Começaremos, logicamente, pelo seu mito originário, que nos transporta à cultura helênica do século V a.C. O mito de Édipo e sua tragédia é descrito por alguns autores dessa época com algumas variações, as quais compõem a riqueza da mitologia e apresentam o mesmo mito por diferentes vieses. Como afirma Junito de Souza Brandão, “o mito vive em variantes, e nelas se contêm”. (BRANDÃO, 2020, p. 249). Tomaremos como base a peça de Sófocles (496 a.C. a 406 a.C.), por considerar a beleza da versão poética desse personagem, mas tendo a clareza de que, além de ter sido escrito por vários autores do passado, atualmente também é estudado, analisado e interpretado por muitos intelectuais de áreas distintas.

O mito de Édipo tem merecidamente recebido múltiplas interpretações. Desde Sófocles, em que a tragédia “política” *Édipo Rei* visaria “também à condenação do *týrannos* sofista, passando pela versão de Bachofen, em que se chocam o patriarcado agonizante e o vitorioso patriarcado até as “versões mais modernas” do ódio e do amor em Sigmund Freud, da libido primordial em Jung, do mito da origem em Lévi-Strauss, da busca da verdade em Michel Foucault, o fato é que o mito de Édipo tem sempre alguma coisa que ainda não foi dita. [...] Cresce, avoluma-se e cada tradução se transmuta em um novo mito. Se Édipo decifrou o enigma da Esfinge, “o homem” ainda não conseguiu desvendar o enigma de Édipo”. (BRANDÃO, 2020, p. 285).

Temos, assim, além do tema do incesto na relação entre Édipo e sua mãe Jocasta, outros elementos interessantes que serão discutidos nesse capítulo (como o patriarcado e os elementos políticos da nossa sociedade). Esse texto será mais um material que visa contribuir para a tentativa de decifrar o “Édipo-Esfinge”.

3.1 O mito

Em 430 a.C., o dramaturgo Sófocles escreveu a peça chamada *Édipo Rei*, em que conta a história de Laio, rei de Tebas e de sua esposa, Jocasta, a rainha. O rei Laio recebe a

profecia de que não deveria ser pai; caso contrário, seria morto pelo filho e este se casaria com sua esposa.

Não resistindo à beleza da rainha Jocasta, Laio a engravida e, nove meses depois, nasce o filho deles, que se chamaria Édipo. Temeroso à realização da profecia, Laio ordena a um soldado que leve seu filho e o abandone na beira de uma montanha para que morra.

Porém, o bebê é encontrado por uma família de pastores, que o levam até os reis de Corinto – Pólipo e Mérope –, uma vez que estes não tinham filhos. Assim, Édipo cresceu feliz e amado por seus novos pais.

Quando jovem adulto, Édipo ouviu rumores de que não seria filho de seus pais. Com a dúvida, foi fazer uma consulta ao oráculo de Delfos para saber a verdade. Não obteve resposta para a sua pergunta; entretanto, foi-lhe apresentada a sua profecia: de que iria matar seu pai e casar-se com sua mãe.

Assustado com a profecia e não querendo matar seu pai (por achar que a profecia se referia ao seu pai Pólipo), ele não retorna à sua casa em Corinto. No trajeto para Tebas, uma comitiva com um homem importante cruza o seu caminho, exigindo-lhe passagem de forma truculenta. Édipo discute com esse homem, os dois lutam e Édipo o mata, assim como os outros da comitiva. Ele não sabia, mas esse homem era Laio, o rei de Tebas, seu pai biológico.

Ao chegar a Tebas, Édipo precisa decifrar o enigma proposto por uma Esfinge que se encontra nos portões da cidade. Essa Esfinge está há algum tempo amaldiçoando a cidade e devorando todos aqueles que não respondem ao enigma corretamente. Édipo, então, encontra a solução para o enigma, vence a Esfinge e liberta Tebas dessa maldição.

É recebido como herói na cidade e, como o rei Laio havia sido morto e existia uma promessa de que aquele que vencesse a Esfinge receberia a mão da rainha, Édipo é conduzido ao trono como rei de Tebas. Consequentemente, casa-se com a rainha viúva.

Édipo e Jocasta se casaram, tiveram vários filhos e viveram por muitos anos felizes, até Tebas ser assolada por uma praga. Após tentarem vários sacrifícios e rituais para combater a praga, o profeta de Tebas, Tirésias, contou ao rei Édipo sobre sua profecia e apresentou-lhe a verdade: o homem que Édipo havia assassinado na estrada era seu pai Laio e Jocasta, sua esposa, era sua mãe. Além disso, disse que suas atitudes eram a causa da maldição na cidade.

A rainha Jocasta, ao saber que Édipo era seu filho, se suicida. Estupefato com o seu destino, Édipo se cega após o suicídio de Jocasta e, mais tarde, vai embora da cidade para um exílio.

3.2 Édipo na Psicanálise

O mito de Édipo foi apenas um dos muitos mitos da cultura helênica utilizados por Freud como tentativa de compreender o funcionamento emocional do ser humano e suas relações. Porém, a partir da concepção de um “inconsciente”, o mito passa, pela primeira vez, a ter um maior enfoque no elemento incestuoso do filho com a mãe.

Ainda que, para os gregos antigos, o mito de Édipo fale sobre o conflito entre a vontade individual e o destino, foi a partir de Freud que ele tomou outros contornos. Ele faz uma análise do conto grego no que diz respeito aos impulsos sexuais que os indivíduos possuem e que são contrários à moral social estabelecida: “Como o próprio Édipo, vivemos inscientes dos desejos que ferem nossas convicções éticas, aos quais nos sujeita a natureza. Conhecendo-os, preferimos apagar da memória as cenas de nossa infância. (BRANDÃO, 2020, p. 261).

Dentro do arcabouço teórico da Psicanálise, o Complexo de Édipo é considerado um dos conceitos centrais para a definição dessa ciência. Ao lado do “inconsciente”, da “repressão” e da “sexualidade”, o “Édipo” é tido como um dos elementos básicos para a compreensão do funcionamento do indivíduo e a construção de toda a teoria da etiologia sexual das neuroses (MELLO WAGNER, 1996). “Para os psicanalistas, ele [Complexo de Édipo] é o principal eixo de referência da psicopatologia” (LAPLANCHE, 2011, p. 99); é tido como um elemento universal para os seres humanos e fundamental para a organização da cultura civilizada. (LAPLANCHE, 2011; FREUD, 2010; FALBO, 2005).

A concepção do Complexo de Édipo, tão magnificamente apresentada por Freud, tornou-se uma das pedras angulares de seu sistema psicológico. Aí está, segundo ele, a chave de uma autêntica compreensão da história e da evolução da religião e da ética. Assegurava que o *Complexo de Édipo* constitui o mecanismo fundamental do desenvolvimento da criança, e que nele estão a causa do desenvolvimento patológico e o “cerne das neuroses”. (ERICH FROMM apud BRANDÃO, 2020, p. 262).

Para a Psicanálise, o Complexo de Édipo se dá durante a fase fálica do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Depois de passar pelas fases oral e anal, por volta dos três a cinco anos, a criança entra na chamada *fase fálica*. É um período em que a criança estará

descobrir seus genitais e começando a experimentar o prazer derivado dessa região. Nesse momento, seu investimento libidinal se direciona para os pais de maneira ambígua, sob a forma de amor e ódio.

Freud nunca chegou a descrever especificamente o conceito, mas, desde 1910, já o cita em vários de seus escritos (LAPLANCHE, 2011). A concepção dessa dinâmica se deu a partir de sua própria autoanálise:

A descoberta do Complexo de Édipo [...], concretiza-se para Freud no decorrer da sua autoanálise, que o leva a reconhecer em si o amor pela mãe e, em relação ao pai, um ciúme em conflito com a afeição que lhe dedica; a 15 de outubro de 1897, escreve a Fliess: o poder de dominação de Édipo-Rei torna-se inteligível [...]. O mito grego salienta uma compulsão que todos reconhecem por terem percebido em si mesmos marcas da sua existência (LAPLANCHE, 2011, p. 77).

Assim, temos que o Complexo de Édipo, como o próprio mito nos sugere, passa pelo desejo amoroso em relação ao pai de sexo oposto e uma atitude de ódio e hostilidade com relação ao pai de mesmo sexo. Essa seria a forma simples ou positiva dessa dinâmica, que Freud afirma ser uma “simplificação ou esquematização” de algo muito mais complexo da relação entre pais e filhos. De maneira simples e direta, o dicionário de Psicanálise Laplanche vai definir o Complexo de Édipo da seguinte maneira:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. [...] Segundo Freud, o apogeu do Complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O Complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. (LAPLANCHE, 2011, p. 77).

A partir desse desejo do filho pela mãe/filha pelo pai, se dá a necessidade do limite – interdição – do pai desejado, pelo pai do sexo oposto. Esse processo é chamado de castração e marca a saída da criança do conflito edípico. Essa interdição, para a Psicanálise e, principalmente, para Freud era o limite necessário para a constituição de uma cultura civilizada para a humanidade. Caso contrário, viveríamos como animais, guiados puramente por nossas pulsões e desejos (impulsos agressivos e destrutivos, além dos impulsos sexuais isentos de limites, ou seja, sem controle). Em Laplanche, temos que

“essa concepção estrutural do Édipo vai ao encontro da tese do autor [Freud] de *estruturas elementares do parentesco*, que faz da interdição do incesto a lei universal e mínima para que uma “cultura” se diferencie da “natureza”. (LAPLANCHE, 2011, p. 80).

A Psicanálise entende, então, que essa contenção do impulso sexual da criança existe como um *universal*, uma vez que é o elemento fundamental para o estabelecimento da cultura civilizada. Cultura essa que tem na posição do pai (homem) a figura de autoridade e poder, responsável por estabelecer essa interdição dentro da organização familiar da sociedade patriarcal e capitalista. Esse modelo de dinâmica é aplicado a outras formas de organização social, buscando-se estabelecer o triângulo edípico.

A antropologia psicanalítica procura encontrar a estrutura triangular do Complexo de Édipo, afirmando a sua universalidade nas culturas mais diversas, e não apenas naquelas em que predomina a família conjugal. (LAPLANCHE, 2011, p. 77).

Em última instância, a *sublimação* é colocada como a solução pretendida por Freud para a satisfação dos impulsos sexuais. Uma vez que ele afirmava que os impulsos sexuais estavam em oposição à cultura civilizada, essa era a saída encontrada dentro da Psicanálise (RAUTER, 2012). Ao encontro do que estamos descrevendo, Rauter vai afirmar que:

A sublimação é para Freud um mecanismo civilizatório. Ele não para, ao longo de sua obra, de dizer que a “civilização” se faz contra o instinto sexual e que, para construir os valores mais caros desta civilização, é necessário que o sexual seja reprimido ou transformado, pela operação sublimatória, em não sexual. **Mediante essa noção mantém-se, portanto, a separação entre estes mundos: o individual e o coletivo, o sexo e os outros aspectos da vida, a criação, a política, as instituições.**²⁴ (RAUTER, 2012, p. 80). (Grifos nossos).

3.3 Édipo em Reich

Durante as décadas iniciais de desenvolvimento da Psicanálise, Freud escreveu algumas vezes sobre a relação entre a organização social e as questões neuróticas. Dentro dos aspectos sociais, a educação repressora da sexualidade era um dos elementos apontados por ele como sendo o principal causador da neurose e de outras patologias nos indivíduos

²⁴ A discussão a respeito da indissociabilidade entre a clínica e a política será feita ao longo do texto. A ideia aqui é apenas introduzir qual a posição de Freud – e de grande parte da Psicanálise – sobre a relação da sexualidade (e da clínica) com os aspectos políticos e sociais.

adultos. Ora, se a base da neurose está na não satisfação dos impulsos (sexuais, inclusive) por um meio (sociedade) que frustra, seria necessária toda uma reformulação da organização social do mundo “civilizado” com a finalidade de prevenirmos a neurose.

Seguindo essa concepção inicial de Freud, a historiadora Elisabeth Roudinesco, em seu livro sobre a biografia de Freud, vai afirmar que:

Freud sempre pensou que o que ele descobria no inconsciente antecipava o que acontecia com os homens na realidade. Escolhi inverter essa proposição e mostrar que o que Freud julgou descobrir era, no fundo, *simplesmente fruto de uma sociedade, de um meio familiar e de uma situação política*. (ROUDINESCO, 2014, p. 12).

Essa crítica implícita da Psicanálise favoreceu a sua rejeição em muitos dos círculos sociais, quando essa ciência se iniciou. Entretanto, a partir do surgimento de conceitos como a *pulsão de morte*, ancorada em uma necessidade biológica de sofrimento, e do masoquismo primário, a Psicanálise vai abandonando progressivamente o seu viés revolucionário social e crítico e passa a defender a educação sexual repressora como sendo fundamental para a civilização, como contenção dos impulsos destrutivos e sexuais sem controle (BOADELLA, 1985).

Para isso, precisa fazer uma mudança radical na base da compreensão do ser humano, uma vez que a *culpa*, a *angústia* e o *masoquismo* passam a ser compreendidos como características básicas do ser humano e não mais como consequências do recalque. A Psicanálise passa a ser “uma clínica que coloca o negativo na base, como princípio constitutivo do homem, [...] diversa daquela que vê o negativo como consequência do recalque ou da repressão, como derivado de fatores políticos, sociais”. (RAUTER, 2012, p. 70).

No processo de consolidação da Psicanálise como uma ciência, quando o jovem Reich iniciou seus estudos e práticas dentro da Sociedade Psicanalítica de Viena, David Boadella vai dizer que se estava:

Num período em que o pessimismo de Freud face aos resultados analíticos levou-o a postular um “masoquismo primário”, assim também a crítica social inicial implícita na Psicanálise foi absorvida por Reich num momento em que o mundo analítico como um todo estava ansioso por demonstrar a sua respeitabilidade. (BOADELLA, 1995, p. 64).

Em 1919, quando iniciou sua relação com a Psicanálise, Reich também considerava o Complexo de Édipo como um elemento universal e partia desse princípio para desenvolver seus estudos sobre a origem sexual das neuroses. Mas com o desenvolvimento da Análise do Caráter, Reich se deparou com três questões que esbarravam na forma como a sociedade estava estruturada. A primeira se tratava da prevenção das neuroses e da maneira como as crianças eram educadas; a segunda dizia respeito à forma repressora e negadora da sexualidade com que a sociedade era organizada; por fim, a questão da maneira autoritária como se estabeleciam as relações de poder.

Além disso, conforme Reich foi seguindo seus estudos sobre a relação entre pais e filhos, pôde aprofundar seu conhecimento em torno da função social da família. Partindo do estudo da sociologia, principalmente de autores como Marx e Engels, ele se deu conta de que uma das principais bases da sociedade capitalista é o modelo de família patriarcal, que estabelece relações extremamente autoritárias dentro de casa, as quais reproduzem as relações de poder na sociedade:

A família individual moderna foi fundada sobre a escravidão doméstica aberta ou dissimulada da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais. Hoje em dia, na grande maioria dos casos, o homem precisa ser aquele que ganha o sustento da família, o provedor, pelo menos nas classes possuidoras, e isso lhe confere uma posição de dominação que não necessita de nenhum privilégio jurídico adicional. Na família, ele é o burguês e a mulher representa o proletariado. (ANGELS, 2019, p. 75).

Reich, ao retomar as concepções iniciais da Psicanálise, defende que o Complexo de Édipo é o responsável pela origem das neuroses. Complexo este que deriva da organização familiar patriarcal e repressora da sexualidade dentro da sociedade capitalista. Sendo assim, o Édipo começa a ser questionado como um elemento universal. Como afirma Rauter, “[O Complexo de Édipo] é ponto de partida da clínica como problema, mas não pode ser ponto de chegada ou solução de um problema”. (RAUTER, 2012, p. 32).

Ainda nessa época, Reich não foi o único a questionar a universalidade do Complexo de Édipo. Antes dele, em 1912, Jung, em seu livro *A psicologia do inconsciente*, propõe-se a fazer uma revisão do conceito de libido. A partir daí, ele vai dizer que o Édipo é resultado de uma ressignificação psicológica das experiências infantis feitas pelo adulto de forma retroativa.

A humanidade não se conforma, sem renitência, em ser despojada da certeza esperançosa da infância, quando as pessoas vivem como apêndices dos pais, inconsciente e instintivamente, sem a noção consciente do *eu*. O homem também reagiu com profunda animosidade à interrupção brutal da harmonia que caracteriza a existência animal, na qual não vigoram interdições morais de qualquer espécie. E tal interrupção foi marcada, entre outras coisas, pela proibição do incesto e pelas leis do casamento (JUNG apud BRANDÃO, p. 264).

Porém, no início da década de 1930, a Psicanálise estava abandonando o viés orgânico como hipótese básica de sua teoria e se direcionando para um viés metapsicológico de estudo sobre o aparelho psíquico e suas dinâmicas (REICH, 1981). Além disso, com a formulação da segunda tópica por meio do texto *O ego e o id*, e depois com *O mal-estar da civilização* e *Além do princípio do prazer*, Freud passa a postular sobre uma possível pulsão de morte, que seria a base das resistências dos pacientes ao tratamento e à cura dentro do processo psicanalítico (FALBO, 2010).

O que surgiu como uma hipótese rapidamente ganhou *status* de verdade dentro dos círculos psicanalíticos. Dentro desse processo, algumas outras hipóteses, a exemplo de uma certa “naturalização” da cultura ocidental, patriarcal, capitalista e sexualmente repressora, passaram a ser defendidas como necessárias para a existência de uma sociedade civilizada. Sem a repressão, esses impulsos sádicos e destrutivos acabariam com qualquer possibilidade de organização social. Diz Freud, em 1930:

Se eliminamos o direito pessoal aos bens materiais, subsiste o privilégio no âmbito das relações sexuais, que se torna fonte do mais vivo desgosto e da mais violenta inimizade entre seres que, de outro modo, se acham em pé de igualdade. Suprimindo também este, mediante a completa liberação da vida sexual, ou seja, abolindo a família, célula germinal da civilização, fica impossível prever que novos caminhos para a evolução cultural podem encetar, mas uma coisa é lícito esperar: que esse indestrutível traço da natureza humana a acompanhe por onde vá. (FREUD, 2010, p. 80).

Do ponto de vista social e político, a Europa vivia um período turbulento após a primeira grande guerra. A escassez de alimentos, hiperinflação e o aumento do desemprego levaram a população de muitos países a apoiarem políticas de extrema-direita e de ideologia fascista, com o discurso de salvação da pátria e criação de inimigos do povo. Nesse processo, foram perseguidas pessoas e grupos contrários ao governo; entre eles, pensadores, acadêmicos e teóricos que divergiam das concepções totalitárias. Ao mesmo tempo, Freud estava cada vez mais empenhado em consolidar a recém-formada Psicanálise como uma ciência aceita mundialmente. Para isso, evitava entrar em questões

sociais e políticas (BOADELLA, 1995). Logo, seus textos foram se afastando das discussões a respeito do papel da sociedade como causa fundamental das neuroses.

Concomitantemente, Reich estava trabalhando profundamente com as questões sociais nos centros de higiene mental e com os operários. Desses trabalhos, derivou a sua concepção de *profilaxia das neuroses*, assentada em mudanças radicais na organização social, principalmente no que dizia respeito à educação repressora das crianças e adolescentes e ao moralismo sexual. Do outro lado, Freud defendia que a função da sociedade era a de conter os impulsos destrutivos dos indivíduos e que a educação deveria reprimir esses impulsos nas crianças e adolescentes.

A tensão entre esses dois pontos de vista foi crescendo até o momento em que Reich decidiu se mudar para Berlim. Lá havia um grupo grande de psicanalistas marxistas e ele entendeu que seria um ambiente mais amigável e receptivo para as suas ideias.

Reich visitou Freud em sua casa em Grundlsee pela última vez antes de partir para Berlim. O seu livro sobre o casamento e a família²⁵ havia acabado de sair. Na sua discussão com Freud, Reich tentou deixar clara sua distinção entre a moralidade natural e a compulsiva, e entre formas típicas de famílias patriarcais e a família natural baseada no amor, respeito mútuo e ternura sexual. Freud teve uma forte reação de animosidade contra Reich e lhe disse: “sua posição não tem nada a ver sequer com metade do caminho da Psicanálise”. (BOADELLA, 1995, p. 78).

3.4 Não universalidade do Édipo

Seguindo a discussão da questão edípica como uma pedra fundamental indispensável para uma organização cultural civilizada, traremos alguns trabalhos e pesquisas de comunidades de grupos humanos com outras formas de organização, principalmente no que diz respeito à repressão sexual, à organização da família nuclear e, conseqüentemente, ao Complexo de Édipo.

Lévi-Strauss, em seu livro *Tristes trópicos*, apresenta-nos ricos relatos sobre sociedades originárias da América do Sul com elementos sociais que nos ajudam a contrapor a posição psicanalítica, principalmente de Freud e Lacan, de que o Complexo de Édipo seria um elemento universal nas organizações de cultura e civilização. Dessa forma,

²⁵ Acreditamos que o autor esteja se referindo ao texto *Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa* (1930). A segunda edição (1936) foi ampliada e, a partir da terceira (1945), tornou-se a primeira parte do livro *A revolução sexual*. (MATTHIESEN, 2007).

tomaremos emprestados os relatos do antropólogo, assim como os de Malinowski e do chefe Tuiavii, mantendo uma perspectiva não estruturalista, como o pensamento funcional de Reich e a metodologia cartográfica, que apontam para formas mais plurais e inclusivas de construção do saber e de novas perspectivas da experiência em si. Como bem descreve Cristina Rauter em seu livro *Clínica do esquecimento*, trata-se de uma perspectiva transdisciplinar na qual:

Utilizaremos-nos de fragmentos de teorias, faremos empréstimos e estabeleceremos parentescos “não autorizados” entre diferentes campos do saber. Uma certa racionalidade científica, da qual nos afastamos, poderia estabelecer um método para que estes empréstimos se dessem. Ao contrário, preocupa-nos não o estabelecimento de um método ou o grau de coerência interna do discurso, mas os efeitos que estes produzirão no campo das práticas. (RAUTER, 2012, p. 17).

Então, se mantivermos essa consciência, é possível fazer uma espécie de “garimpagem” nos seus relatos, entendendo onde e quando suas descrições possam ser mais funcionais, no sentido de compor com o presente trabalho. Ou, como descrevem Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, realizando uma bricolagem, no sentido de utilizarmos fragmentos de teorias antigas em um novo arranjo, produzindo novos conhecimentos. (RAUTER, 2012). Com isso, podemos ter uma ideia, ainda que pouco precisa, de como esses elementos da sexualidade se manifestavam nos povos e nas comunidades originárias do Brasil e de outras partes do mundo.

3.5 Os trobriandeses

Nessa mesma época, o antropólogo Bronislaw Malinowski estava retornando de um extenso trabalho nas ilhas Trobriand, no Oceano Pacífico, e recém publicara seu livro *A vida sexual dos selvagens*. Nesse texto, ele relata com detalhes o funcionamento social das comunidades trobriandesas, inclusive sua organização com relação à sexualidade.

A base da organização social das ilhas Trobriand era matrilinear e não havia uma educação sexualmente repressora. Pelo contrário, a educação era sexualmente positiva. As crianças podiam viver seus jogos sexuais entre elas e, quando chegavam à adolescência, existia uma organização que lhes possibilitava viver livremente suas experiências sexuais com parceiros, sem uma imposição social de estabelecerem um compromisso rígido. Conforme iam se tornando mais velhos, esses jovens se estabeleciam em uma relação monogâmica e constituíam, assim, um núcleo familiar.

Malinowski rejeitava a ideia de que o conflito criança-pais que conduzia a formações neuróticas do caráter fosse biologicamente dado, e havia sugerido em um livro anterior²⁶ que o Complexo de Édipo era produzido socialmente. [...] No novo livro de Malinowski,²⁷ Reich encontrou provas bem mais minuciosas na vida das Ilhas Trobriandesas de que os neuroticismos da Europa Ocidental não existiam lá, e isso estava associado a uma abordagem não repressiva e positiva da sexualidade infantil. (BOADELLA, 1995, p. 79).

Existia uma rotina diária de tarefas e funções que os habitantes da ilha cumpriam, definidas a partir dos sexos. De forma geral, dentro dessa rotina, cabia às mulheres a função de cozinhar e aos homens a função da caça, pesca e algumas expedições. Ainda assim, não existia uma hierarquia nessas funções. Ambas eram importantes e valorizadas. Não vemos, como nas sociedades patriarcais, as “funções dos homens” como mais valorizadas que as “das mulheres”.

Os trobriandeses formam uma sociedade matrilinear, em que a descendência, o parentesco e todas as relações sociais são fixadas legalmente, tornando-se como referência exclusiva a mãe; as mulheres têm participação considerável na vida da tribo, a ponto de assumirem um papel preponderante nas atividades econômicas, cerimoniais e mágicas – o que influencia profundamente todos os costumes da vida erótica, assim como a instituição do casamento. (MALINOWSKI, 1983, p. 30).

O marido participa plenamente do atendimento aos filhos. Acaricia e carrega o bebê, lava-o e cuida do seu asseio, serve-lhe purê de substâncias vegetais que lhe é dado junto com o leite da mãe quase desde o dia de seu nascimento. Na verdade, carregar um bebê nos braços ou colocá-los sobre os joelhos [...] constitui função e dever especialmente atribuídos ao pai. [...] O pai se desincumbe de seus deveres com um afeto genuíno e natural: é capaz de carregar no colo um bebê horas seguidas, encarando-o com os olhos cheios de um amor e de um orgulho como só raramente se vê no olhar de um pai europeu. Qualquer elogio que se faça da criança atinge diretamente o seu coração, e ele não se cansa de apontar e falar sobre as virtudes e façanhas dos rebentos de sua mulher. (MALINOWSKI, 1983, p. 48).

Normalmente, ao fim da tarde, terminadas essas obrigações, as pessoas das famílias se sentavam na frente de casa para conversarem com os vizinhos sobre amenidades. A respeito disso, Malinowski descreve que:

O que chama imediatamente a atenção de um visitante que saiba observar é a franqueza e o tom amistoso dessas conversas, o sentimento manifesto de igualdade, a solicitude com que o pai ajuda nas tarefas domésticas, especialmente no atendimento dos filhos. A mulher

²⁶ *Sexo e repressão na sociedade selvagem* (MALINOWSKI, 2013).

²⁷ *A vida sexual dos selvagens* (MALINOWSKI, 1983).

intervém livremente nas pilhérias e na conversa; desincumbe-se do seu trabalho com independência, não como se fosse uma escrava ou criada, mas como quem administra o seu departamento com autonomia. Ela dá ordens ao marido, quando precisa de sua ajuda. Uma observação atenta, feita no dia a dia, confirma essa primeira impressão. O típico lar trobriandês se baseia nos princípios da igualdade e na independência de funções. (MALINOWSKI, 1983, p. 44-47).

Algumas características mencionadas nesse estudo, do ponto de vista da sexualidade, apontam que, dentro dessas sociedades, não havia crimes como estupro, assassinato ou suicídio; tais concepções sequer existiam para os trobriandeses. Além disso, os sintomas neuróticos típicos de sociedades capitalistas e patriarcais que a Psicanálise vinha analisando até então também não estavam presentes. As relações entre os casais tendiam a ser organizadas pelo afeto e pela satisfação sexual das pessoas envolvidas.

O sexo não é para o habitante primitivo das ilhas do Pacífico, como para nós tampouco, uma simples questão fisiológica; ele implica o amor e o namoro; torna-se o núcleo de instituições tão veneráveis como o casamento e a família; inspira a arte e constitui a fonte de suas magias e sortilégios. Domina, na verdade, quase todos os aspectos da cultura. A *sexualidade* em seu sentido mais amplo – aquele que ela assume no título desse livro –, é, mais do que a mera relação carnal entre dois indivíduos, uma força sociológica e cultural. O tratamento científico da questão, entretanto, evidentemente comporta também um vivo interesse por seu núcleo biológico. (MALINOWSKI, 1983, p. 21).

3.6 O papalagui

Nesse relato de um chefe nativo de Samoa sobre suas percepções do “homem branco” europeu e sua cultura, Tuiávii descreve com grande exatidão todos os aspectos neuróticos e não saudáveis da civilização europeia do século XX. É compreensível que um homem que tenha crescido em um ambiente muito mais natural seja capaz de enxergar a contradição do “homem civilizado”, que destrói a natureza à sua volta para, depois disso, fazer esculturas e pinturas dessa “natureza” e, assim, poder contemplá-la. Por “natural”, queremos dizer uma sociedade que coexiste com a natureza – plantas, animais, rios, florestas – e com organizações que, para Reich, eram mais adequadas do ponto de vista da saúde física e emocional dos indivíduos. Em oposição aos aspectos excessivamente hierárquicos que existem nas culturas patriarcais e na concepção de propriedade privada presente no capitalismo.

É raro ver um Papalagui que ainda salte, que pule como criança, depois que fica adulto. Pelo contrário, quando anda, arrasta o corpo, como se

alguma coisa entravasse seu movimento. O Papalagi disfarça, nega esta fraqueza, dizendo que correr, pular, saltar não são decentes para um homem importante. Hipocrisia: é que seus ossos estão duros, sem movimento e seus músculos não têm mais animação. (SCHEURMANN, 2003, p. 73).

Elementos como a repressão da sexualidade, a organização não natural das cidades urbanas e o capitalismo são vistos por esse nativo como a causa da infelicidade e da doença do papalagi – nome através do qual denomina o homem branco.

As mulheres, aliás, tal qual os homens, usam muitas esteiras e tangas, enroladas no tronco e nas coxas. Sua pele se mostra sempre coberta de cicatrizes e esfoladuras devido aos cordões. Os seios ficam flácidos, sem leite, por causa da esteira que os aperta e vai do pescoço até o ventre e se amarra na frente e também nas costas; esteira que se enrijece com espinhas de peixe, arame e fios. É por isso que a maior parte das mães dão leite aos filhos num rolo de vidro, fechado em baixo e com uma maminha artificial em cima. Nem é o leite delas mesmas que dão, mas o de animais vermelhos, feios, chifrudos, dos quais o arrancam com violência pelas quatro tetas que têm em baixo.

É porque o corpo das mulheres e moças se cobre tanto que os homens e rapazes desejam ardentemente ver-lhes a carne, o que é natural. Noite e dia, pensam nisso, falam constantemente nas formas do corpo das mulheres e moças, como se fosse grande pecado aquilo que é natural e bonito, só devendo ocorrer na maior escuridão. Se eles deixassem ver a carne à vontade, poderiam pensar em outras coisas; e os olhos não revirariam nem a boca diria palavras impudicas quando encontrassem uma moça.

Mas a carne é pecado, é do aitu (espírito mau, diabo)? Existe ideia mais tola, amados irmãos? A crer no que diz o Branco, deveríamos querer, como ele, que a nossa carne fosse dura como a rocha do vulcão, sem a bela quentura que vem de dentro. No entanto, alegramo-nos porque a nossa carne encontra o sol; as nossas pernas mexem-se como o cavalo selvagem, sem tanga que as amarre, nem pele que as contenha e não nos preocupamos com que coisa alguma caia da nossa cabeça. Alegramo-nos ao ver a virgem que mostra seu corpo bonito ao sol e à lua. Tolo, cego é o Branco, que não sente o prazer verdadeiro, ele que precisa cobrir-se tanto para evitar se envergonhar. (SCHEURMANN, 2003, p. 17-20).

Esses relatos se somam aos já citados, trazidos por Malinowski, sobre os moradores das Ilhas Trobriand e corroboram, mais uma vez, as concepções de Reich a respeito das bases da neurose, essa doença emocional humana tão estudada pela Psicanálise: a família patriarcal, burguesa e repressora da sexualidade.

Da mesma forma que Reich (REICH, 1999)²⁸ e Espinosa (BOVE, 2010),²⁹ compreendemos a natureza como o sendo uma expressão de Deus, ou o grande espírito. Tuiávii fica espantado ao perceber que o papalagi, ou homem branco, “rouba” as coisas de Deus quando define posses. O “meu” e o “seu” é um furto às coisas de Deus e um não reconhecimento d’Ele. Com isso, o papalagi cria as leis para defender os “meus”. Dessa forma, cria as funções das pessoas que vivem exclusivamente para fazerem valer as leis e proteger as propriedades.

Se tudo estiver na mão justa de Deus, não haverá luta, nem miséria. O Papalagi, este astuto, quer-nos convencer de que nada a Deus pertence; pertence a cada um aquilo que consiga segurar na mão. Tapemos os ouvidos a quem diz estas sandices e pratiquemos a boa sabedoria: “A Deus tudo pertence!”.

Nota do autor: Quem sabe que os indígenas de Samoa vivem na mais completa comunidade compreenderá o desprezo com que Tuiávii fala de nossa concepção de propriedade. Não existe em Samoa realmente o conceito de meu e teu no sentido em que adotamos. Em todas as viagens que fiz, os nativos sempre partilhavam comigo, de modo absolutamente natural, o teto, as esteiras, a comida: tudo. Não foram raros os casos em que ouvi de um chefe estas palavras com que logo me saudava: “o que é meu é também teu”. Os insulares não conhecem a noção de furto, roubo, porque tudo pertence a todos; e tudo pertence a Deus. (SCHEURMANN, 2003, p. 59).

3.7 Os povos originários do Brasil

Também nesse período (década de 1930), Lévi-Strauss realizou uma grande expedição ao Brasil com o intuito de conhecer e descrever as comunidades indígenas que ainda existiam na época. Como sua intenção era estudar a cultura e os costumes dos povos originários dessa região, ficou muito frustrado com as primeiras comunidades que visitou. Todo o processo de colonização desde 1500 até aquela época foi marcado pelo genocídio dos nativos e a destruição de culturas e costumes. Isso foi feito, inicialmente, através das

²⁸ “Deus” é Natureza, e Cristo é a realização da lei natural. Deus (Natureza) criou os órgãos genitais em todos os seres vivos. Assim fez para que eles funcionem de acordo com a lei natural, divina. Portanto, atribuir uma vida de amor natural e divino ao mensageiro de Deus na terra não é nenhum sacrilégio, nenhuma blasfêmia. É, ao contrário, o estabelecimento de Deus na profundidade mais limpa do homem. Esta profundidade está presente desde o mais prematuro começo da vida. A procriação só é acrescentada à genitalidade na puberdade. O amor genital divino está presente bem antes da função de procriação; portanto, o abraço genital não foi criado pela Natureza e por Deus apenas com o objetivo de procriação. (REICH, 1999, p. xii).

²⁹ Vocês sabem que Espinosa provocou escândalo com sua ideia fundamental, segundo a qual a própria noção de Deus só tem sentido se a identificarmos com aquilo que é infinitamente infinito, ou seja, a Natureza. Essa Natureza determina a existência de seres e de coisas, como nós e outros, que se caracterizam por diferentes níveis de potência ou de força. (BOVE, 2010, p. 26).

guerras e ocupação de suas terras pelos portugueses (e outros europeus) e, mais tarde, por um processo de políticas de negligência e abandono das comunidades originárias pelo governo brasileiro (políticas essas que existem até hoje, inclusive de genocídio dessa população). Sobre uma dessas aldeias, ele descreve que:

Sentíamo-nos longe do passado nesse miserável lugarejo de onde parecia ter desaparecido até mesmo a lembrança da prosperidade que lá encontrara, quarenta anos antes, o pintor e explorador Guido Boggiani, que ali passou duas temporadas, em 1892 e 1897, e deixou dessas viagens importantes documentos etnográficos. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 184).

Antes de seguir com as descrições a respeito do trabalho de Lévi-Strauss, considero oportuna uma pequena introdução sobre esse autor, conhecido como o pai da antropologia estrutural. Antropólogo reconhecido mundialmente e responsável por uma série de grandes trabalhos e pesquisas, Lévi-Strauss foi um dos mais importantes estruturalistas do seu tempo. Essa lente através da qual enxergava seus trabalhos é clara ao longo de seus textos, seja na forma, seja no conteúdo. Diferentemente de outros antropólogos que nos forneceram relatos de povos originários em distantes e isolados lugares do planeta, ele organizava grandes expedições com características claramente intervencionistas em seu contato com os indígenas. Além disso, grande parte de seus escritos estão atravessados pela concepção do homem branco europeu, uma vez que suas descrições estão repletas de adjetivos de base moral e ética.

Uma das questões mais amplamente discutidas por Viveiros de Castro, em seu texto *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras* (1979) é que, do ponto de vista da Antropologia Social, as sociedades de povos originários sul-americanos apresentam em sua organização aspectos muito diferentes das sociedades ocidentais europeias, africanas ou mesmo da Oceania. Ainda assim, a visão utilizada durante muito tempo para se estudar essas sociedades tinha uma concepção determinada previamente e baseada em outras culturas – como algumas comunidades da África e da Oceania –, tendendo a um processo de normatização do estudo desses arranjos ou acordos sociais. Quando muito, tratavam algumas características dessas sociedades sul-americanas como mais “flexíveis” ou “fluidas” do ponto de vista da norma hegemônica eurocentrada de análises realizadas pelos antropólogos à época. Essa é uma perspectiva limitada e limitadora, inclusive por compreender essa “fluidez” e “flexibilidade” como elementos negativos.

Assim, a discussão passa por como estudar essas comunidades originárias da América do Sul, compreendendo seus valores e relações – entre os indivíduos e com a sociedade –, sem partir de um crivo preconcebido e orientado pelas normas europeias-ocidentais. Sobre isso, ele vai dizer:

Dentro dessas sociedades tribais, a concepção de pessoa – indivíduo – não é tomada por sua individualidade, mas sim por uma noção de coletivo, “como instrumento de uma relação complementar com a realidade social. [...] Resta por desenvolver o aspecto positivo dessa “não normalidade” sul-americana – isto é, elaborar conceitos que deem conta do material sul-americano em seus próprios termos, evitando os modelos africanos, mediterrâneos ou melanésios. (VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p. 04-09).

Dessa forma, seguiremos nos beneficiando dos ricos registros feitos por esse antropólogo, mas sempre cientes de que são recortes de uma realidade vista pelos olhos de um indivíduo, com a sua própria história, cultura e concepções de mundo.

A maioria das comunidades indígenas descritas por Lévi-Strauss possuem uma organização matrilinear, com importantes regras sociais estruturadas na figura da mulher. Os homens bororo, por exemplo, ao se casarem, mudam-se para a casa de sua esposa. Isso se dá dentro de uma dinâmica na qual a aldeia é dividida em duas metades, que são parceiras e colaborativas (ainda que existam as competições), e as pessoas que nascem de um dos lados da aldeia se casam com alguém que vive do outro lado. Com isso, o homem nasce do lado da casa de sua mãe e irmãs, mas após o casamento, muda-se para o lado oposto. Além disso, o parentesco e a ancestralidade são organizados pela descendência materna.

A base das relações de casamento das comunidades analisadas era monogâmica e isso não impedia relações sexuais com outras pessoas. Quando descreve o funcionamento dos mbaiá-guaiacuru, da região do interior do Paraná, Lévi-Strauss diz que:

Nossos índios eram monogâmicos; mas às vezes as adolescentes preferiam seguir os guerreiros em suas aventuras; serviam-lhe de escudeiros, de pajens e de amantes. Quanto às senhoras nobres, mantinham chichibéus que, muitas vezes, eram também seus amantes, sem que os maridos se dignassem manifestar ciúmes, o que os deixaria desmoralizados. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 192).

Quando encontra os nambiquaras, nas remotas áreas do interior do Mato Grosso, o autor descreve uma comunidade mais próxima do funcionamento dos povos originários brasileiros, por terem tido muito menos contato com o colonizador branco europeu.

Tratava-se de uma comunidade nômade que passava grande parte do ano sem poder se estabelecer em uma região, em razão do período das chuvas e cheias dos rios. Porém, será com essa sociedade que teremos as descrições mais efetivas do funcionamento da sexualidade.

Uma das bases do funcionamento da vida adulta desse povo é descrita de forma sucinta como “fazer amor é bom”. Os adultos vivem a sua sexualidade de uma maneira livre e espontânea. Ainda que do ponto de vista da descrição – e concepção – de Lévi-Strauss existisse uma distinção entre o que é “sexual” e o sentimento (ou até os carinhos físicos), vale lembrar que a sexualidade que tratamos nesse texto é derivada da concepção reichiana, ou seja, todas as experiências corporais que envolvam a sensação de prazer. Para ilustrar essa característica entre os nambiquaras, trago o relato do antropólogo, que diz:

Já observei o clima erótico que impregna a vida no dia a dia. Os temas amorosos despertam no mais alto grau o interesse e a curiosidade indígenas. [...] Em geral, as relações sexuais ocorrem à noite, às vezes perto das fogueiras do acampamento; com mais frequência, os parceiros afastam-se uma centena de metros para a selva ao redor. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 303).

Em um outro ponto, estranha ao autor o fato de os casais poderem trocar carícias, por vezes “audaciosas”, sem que isso tenha uma conotação sexual ou que indique um movimento que levaria ao coito. Ora, se essas pessoas estão vivendo sua sexualidade de maneira mais livre, com a possibilidade de estabelecerem relações sexuais – coito – sempre que desejarem, não haverá uma necessidade de descarga constante dos organismos. A ereção peniana no homem é uma expressão da excitação de seu organismo e, conseqüentemente, da sua necessidade de descarga desse excedente energético.

Durante os folgedos amorosos a que os casais se entregam de tão bom grado e tão publicamente, e que volta e meia são audaciosos, jamais notei um início de ereção. O prazer buscado parece mais lúdico e sentimental que de ordem física. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 304).

Além disso, várias outras experiências se dão entre os indivíduos dessa tribo. Dessa forma, as necessidades orgânicas de toque, relação e contato físico vão sendo naturalmente satisfeitas e não levam às necessidades de satisfação secundárias e neuróticas que facilmente encontramos em nossa sociedade.

Quando são contrariadas, as crianças batem na mãe, que não se opõe. As crianças não são castigadas, e nunca vi nenhuma delas apanhando, nem sequer o esboço de um gesto, a não ser de brincadeira. De vez em quando, uma criança chora porque se machucou, brigou ou está com fome, ou porque não quer que lhe catem piolhos. Mas este último caso é raro: catar piolhos parece encantar o paciente, na mesma medida em que diverte o catador; isto também é visto como uma demonstração de interesse ou de afeto. Quando quer que lhe catem piolhos, a criança – ou o marido – repousa a cabeça sobre os joelhos da mulher, apresentando sucessivamente os dois lados da cabeça. A operadora procede dividindo a cabeleira em repartidos ou olhando as mechas contra a claridade. O piolho catado é comido no mesmo instante. A criança que chora é consolada por um membro da família ou por uma criança mais velha (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 300).

3.8 A origem da moral sexual repressora

Esse livro foi escrito como uma maneira de Reich seguir desenvolvendo sua concepção de um funcionamento da sexualidade saudável e pautado pela autorregulação, em oposição a uma sexualidade neurótica, consequência de uma sociedade patriarcal, autoritária e repressora da sexualidade. Seu objetivo com esse trabalho era poder criar uma maneira de tratamento das neuroses nas massas e, com isso, gerar uma mudança que levasse a uma transformação das bases da sociedade – principalmente no que diz respeito a uma sexualidade afirmativa e mais livre.

Porém, antes de aprofundar nessa discussão dos elementos sociais e seguir com a relação entre os relatos antropológicos e o funcionamento sexual, considero válido tornar claro o percurso que Reich seguiu, ou seja, de que forma ele partiu do estudo minucioso do sistema neurovegetativo e chegou à sociedade patriarcal capitalista. Voltemos, então, algumas casas para organizar esse ponto.

Quando Reich conheceu a Psicanálise, ele ficou muito entusiasmado com as ideias de Freud a respeito da origem das neuroses e com a forma através da qual a Psicanálise tratava esse tema. Logo se tornou psicanalista e um dos seus questionamentos na época era como distinguir o funcionamento psíquico de um doente. (REICH, 1932).

A partir de sua própria prática clínica, Reich encontrou uma relação clara entre disfunções da vida sexual dos pacientes e a manifestação de sintomas neuróticos. Consequentemente, como foi extensamente discutido no capítulo anterior, a solução para os sintomas neuróticos passava pela possibilidade de satisfação na vida sexual do indivíduo. Isso ia de encontro aos postulados de Freud e da Psicanálise daquela época, que diziam que as

neuroses surgiam a partir de um mal funcionamento do mecanismo de recalçamento sexual. Assim, a cura para as neuroses passava por um recalque desses impulsos ou pela sublimação deles – ou seja, uma forma indireta de expressão e satisfação dos impulsos sexuais.

A fórmula original de Freud: a neurose é produto de um recalçamento sexual que fracassa, sendo a condição prévia da sua cura, por isso, a anulação do recalçamento trouxe como consequência a seguinte questão: e o que acontece aos instintos libertados? Na literatura psicanalítica havia, *grosso modo* duas respostas a essa questão:

- 1) Os desejos sexuais, tendo-se tornado conscientes, deixam-se dominar ou são atingidos por um juízo condenatório.
- 2) A sublimação dos instintos é uma saída terapêutica importante.

No decurso de vários anos, que muitos nos ensinaram, podia-se verificar que a grande maioria dos doentes não dispunha da capacidade de sublimação necessária para a cura da doença psíquica. O domínio e a condenação das exigências instintivas infantis libertadas mostravam-se então ilusórios se a vida sexual não se ordenasse, ou seja, se o tratamento não desse ao doente a capacidade de retomar relações sexuais satisfatórias regulares. Em breve se via que não só não existia neurose sem perturbações genitais e sem sinais graves de estase sexual, mas ainda que a doença psíquica pela fixação das posições sexuais infantis impedia uma organização genital normal e, por isso, um equilíbrio sexual ordenado; **o restabelecimento de uma completa organização genital e da satisfação genital mostrava-se antes como o fator decisivo e inelutável da cura.** Portanto, só a satisfação genital é capaz – contrariamente aos instintos sexuais não genitais – de anular a estase sexual e, desse modo, de privar os sintomas neuróticos de sua fonte de energia. (REICH, 1932, p. X-XI). (**Grifos nossos**).

Durante quase dez anos, Reich participou e esteve à frete das discussões dos casos clínicos do Seminário Técnico de Viena, tendo a possibilidade de entrar em contato com uma grande quantidade de informação a respeito de muitos pacientes que eram tratados na policlínica de Viena, não só por ele, mas por outros psicanalistas também.

Não foi difícil, com isso, Reich constatar que existia uma característica comum à maior parte dos pacientes: além das disfunções na vida sexual, existia pudor e vergonha dos pacientes para falarem sobre a sua sexualidade. Além disso, era comum trazerem histórias de uma educação moralista e repressora das suas experiências sexuais durante a infância e adolescência.

A economia sexual provou-se adequada do ponto de vista do tratamento das neuroses. Mesmo pacientes considerados graves obtinham melhoras consideráveis a partir do restabelecimento da potência orgástica de uma vida sexual satisfatória. Porém, havia um

ambiente externo que não era favorável ao processo. Concepções sociais extremamente moralistas e negadora da sexualidade – de forma ainda mais cruel e intensa com as mulheres – produziam nas massas uma quantidade infindável de sujeitos neuróticos. Além disso, o processo de cura dos pacientes na clínica era individual e muito mais lento que o de produção de novos sujeitos neuróticos pela organização social vigente.

Por um lado, a castidade de uma jovem solteira de 17 ou 18 anos, proveniente de uma família burguesa, era severamente vigiada; por outro lado, a jovem proletária vivia em condições desastrosas: problema de habitação, problema dos anticoncepcionais, muitas vezes convicções fortemente moralizadoras mesmo entre os pais de meio operário. Em resumo, as barreiras com que a sociedade moderna envolve a vida sexual são tão grandes que o doente que sai penosamente da neurose prefere voltar a mergulhar nela, no seu conforto. (REICH, 1932, p. XI).

Além da repressão da sexualidade e do moralismo vigentes, a organização patriarcal e capitalista compunham esse cenário no sentido de controlar a sexualidade das mulheres e reforçar o machismo e o moralismo. O próprio Reich continua:

Pouca diferença há com o que se passa no caso da mulher infeliz no casamento, que depende economicamente do marido, e que tem que ter em conta o problema dos filhos. Em breve se via também como é difícil para a pessoa neurótica em vias de se curar encontrar um parceiro adequado. [...] Parecia que as mesmas condições sociais que, em seu tempo, na idade infantil, tinham criado a neurose, se opunham agora no adulto à sua cura, se bem que sob outra forma. A isso acrescia a crítica, à primeira vista curiosa, que entre os meus colegas provocava a minha tese: não há cura da neurose sem restabelecimento de uma vida sexual satisfatória. Defendiam-se contra essa ideia; argumentavam com a sublimação ou com a necessidade da renúncia à felicidade sexual enquanto fator essencial; em suma, sentia-se cada vez mais que havia uma barreira social. E podia explicar-se a negligência dessa problemática na literatura especializada, a despeito da pressão dos fatos clínicos, a partir desse mesmo motivo, a saber: *a aplicação consequente da terapia nas neuroses exige na maioria dos casos a superação da moral social em vigor por parte dos pacientes*. E perante isso recuava-se; no entanto, a verificação repetida e prosseguida ao longo dos anos da fórmula terapêutica dava sempre o mesmo resultado: a neurose é produto do recalçamento sexual e da estase da energia sexual, a sua cura pressupõe a anulação do recalçamento e uma vida sexual sã; e tudo aquilo com que se chocava na vida social contradizia a aplicação prática dessa fórmula rigorosa. (REICH, 1932, p. XI-XII).

Após quase dez anos de prática pessoal, em conjunto com a discussão dos casos clínicos dos outros psicanalistas que atendiam na policlínica de Viena e participavam do seminário técnico, Reich havia encontrado uma prática terapêutica bastante eficiente no tratamento das neuroses. Se as neuroses eram um produto da repressão sexual e estavam ancoradas

organicamente no sistema neurovegetativo, levando a uma diminuição da sua capacidade de autorregulação, a prática terapêutica deveria seguir na direção do restabelecimento da motilidade biológica do sistema neurovegetativo, a partir da experiência da potência orgástica, ou seja, da possibilidade de que o paciente mantivesse uma vida sexual que fosse satisfatória. A isso ele chamou de *Vegetoterapia*.

Então, como um desenvolvimento lógico de seu trabalho, Reich compreendeu a importância do meio social como componente fundamental para a estruturação da neurose. Isso o levou a aprofundar seus conhecimentos em torno das bases da sociedade daquela época, a fim de compreender como esse processo se dava de um ponto de vista coletivo. Sobre isso, ele percebeu que:

Chegava-se diretamente a Marx quando se conseguia compreender que as condições de existência sexual do homem são a causa das neuroses na infância e, mais tarde, o fator que compromete a cura. O problema subdividia-se em vários aspectos: Freud tinha reconhecido no conflito da criança com os pais, e mais especificamente nos seus componentes sexuais, no Complexo de Édipo, o elemento fundamental da etiologia das neuroses. Por que agia a família dessa forma? A neurose nascia do conflito entre sexualidade e o meio exterior *privativo*. O recalçamento sexual provém, portanto, da sociedade. A família e toda a sociedade infligem o recalçamento sexual por todos os meios. Por que isso? *Que significado social tem a educação familiar e o recalçamento sexual que ela provoca?* (REICH, 1932, p. XIII).

Mais do que apenas uma relação entre esses elementos – a saber, a repressão da sexualidade, o patriarcado e o capitalismo – Reich compreendeu que compõem a base da sociedade e cumprem uma função de controle das massas. Com isso, a organização das classes sociais se mantém inalterada e as elites seguem dominando a população em geral.

Assim, mais uma vez, Reich estava se opondo às concepções básicas da Psicanálise com relação à necessidade da repressão sexual e do recalque como mecanismos básicos para a constituição de uma civilização. Pelo contrário, o recalque da sexualidade é o que gera os impulsos sádicos e destrutivos que levam os indivíduos a precisarem de contenção.

Freud afirmava que o recalçamento sexual é a condição prévia mais importante da evolução cultural, que a civilização se baseia na sexualidade recalcada. Durante um certo tempo, era possível contentarmo-nos com isso, mas a longo prazo tornava-se impossível não ver que o homem sexualmente doente e o neurótico não chegavam nem de longe, de um ponto de vista cultural, ao ser humano sexualmente livre, saudável e satisfeito. (REICH, 1932, p. XIII).

Para Reich, era fundamental compreender a sociologia e o desenvolvimento da instituição da família em diferentes culturas e períodos históricos. Essa pesquisa tinha duas importantes funções para o trabalho da economia sexual e da Vegetoterapia: a primeira delas era corroborar sua posição acerca da repressão operada pela sociedade como algo secundário e não necessário para uma civilização, em oposição a Freud e à Psicanálise na época. A segunda era fundamentar – mais uma vez, do ponto de vista social nesse caso – as bases da Vegetoterapia, que pressupõe um funcionamento orgânico mais saudável a partir da experiência de uma vida sexual livre de repressões, orgasticamente potente e satisfatória.

Quando Reich, em 1930, escreveu *A origem da moral sexual repressora*, ele parte da análise do já citado livro de Malinowski, e faz uma leitura daquelas sociedades como forma de apontar para a não universalidade de diversas características que vinham sendo defendidas pela Psicanálise como as “únicas formas possíveis” e “primárias na constituição do indivíduo”.

Nesse livro, ele utiliza o trabalho do antropólogo para defender sua concepção de que uma sexualidade natural e uma organização social não repressora permitem aos indivíduos um desenvolvimento mais saudável, livre das neuroses e perversões que encontrava na sociedade europeia da época. Por fim, ele vai afirmar que tanto a neurose quanto os impulsos destrutivos do ser humano são consequência de uma determinada organização social e não características naturais do indivíduo.

Quando Reich tem contato com esse material, já possui o entendimento de que as bases da neurose são também sociais. Sua intenção é, a partir dos relatos feitos por Malinowski depois de anos vivendo nessas ilhas, demonstrar como é possível se estabelecer um funcionamento coletivo mais cooperativo e não neurótico em outros modos de organização social.

A miséria sexual da sociedade patriarcal baseada na economia privada é consequência da negação e da repressão sexuais que provocam, em primeiro lugar, fenômenos de estase sexual em todos os indivíduos a ela sujeitos, e por isso neuroses, perversões e crimes sexuais. Segue-se que uma sociedade que não pratica a repressão não sofre – ou, segundo uma perspectiva histórica, por todo o tempo que ela não a pratica – de miséria sexual. Nós diríamos que os membros de uma tal sociedade vivem em conformidade com a economia sexual, o que não é um juízo de valor, mas a comprovação do fato de que a sua economia sexual é equilibrada. (REICH, 1932, p. 04).

Além disso, o ponto básico de seu trabalho – e uma das consequências que o leva a ser expulso da Psicanálise – é a crítica ao modelo social de cultura e civilização, em que a repressão da sexualidade e o moralismo precisam estar na base da educação das crianças e jovens. Em uma sociedade como a trobriandesa, onde não há perturbação nesse desenvolvimento da sexualidade, os indivíduos podem viver a partir da satisfação de seus impulsos sexuais naturais e não por uma moral imposta socialmente. Ao mesmo tempo, sintomas neuróticos, perversões e crimes sexuais não eram encontrados nesses grupos.

Na sociedade patriarcal (feudal e burguesa), a repressão autoritária da criança serve à criação de uma estrutura adequada do ser submisso, integrado à organização da sociedade, que se reproduz sem cessar nas próprias estruturas infantis. Da mesma maneira que aqui os pais são os órgãos executivos da ordem dominante e que a família fabrica a ideologia dessa ordem, a sociedade matriarcal, na medida em que seja ainda muito marcada, reproduz-se também através da sua ideologia, deixando livre curso à formação psíquica da criança que se impregna, já na comunidade das crianças, das ideologias sociais dessa sociedade. E da mesma maneira que na sociedade fundada sobre a economia privada a repressão sexual se torna a base da inibição psíquica, na sociedade matriarcal comunista a liberdade sexual torna-se o fundamento da liberdade de caráter, que garante precisamente um laço social bem fundado, no plano libidinal, entre os membros da sociedade. Esses fatos provam que é possível obter uma autorregulação da vida sexual comunitária por meio da satisfação do instinto sexual (em vez do regulamento moral). (REICH, 1932, p. 11-12).

3.9 URSS – 1922, o período revolucionário

Gostaria de relembrar ao leitor de minha preocupação com a não idealização do trabalho reichiano, de suas concepções a respeito de uma sexualidade natural e da possibilidade de um funcionamento humano mais saudável e não neurótico nas sociedades.

Para isso, considero fundamental a inclusão de exemplos daquela mesma sociedade, patriarcal, autoritária, repressora da sexualidade e europeia, em um (curto) período histórico no qual as bases sociais puderam arriscar uma mudança significativa na direção de uma sexualidade mais livre, com uma educação menos autoritária e um modelo econômico mais cooperativo e igualitário.

Assim, podemos já refutar eventuais críticas que apontem para a presença de exemplos apenas de povos originários de lugares e tempos distantes. A discussão que se segue parte de uma organização social muito mais próxima das características da sociedade brasileira

contemporânea, assim como de grande parte do mundo ocidental, no que diz respeito aos elementos supracitados.

Como de costume, vamos ao panorama histórico e social da Rússia no contexto pré-revolução. Tomando como base a descrição da historiadora Sheila Fitzpatrick (2017), temos um resumo bastante amplo da realidade russa daquele momento.

No início do século XX, a Rússia era uma das grandes potências da Europa. Mas era uma grande potência vista universalmente como atrasada em comparação com a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França. Em termos econômicos, isso significava que ela havia emergido tardiamente do feudalismo [...] e chegado tardiamente à industrialização. Em termos políticos, significava que, até 1905, não havia partidos políticos legais nem parlamento central eleito, e que a autocracia sobrevivia com poderes ilimitados. As cidades russas não tinham a menor tradição de organização política ou autogoverno, e sua nobreza tampouco conseguira desenvolver um sentido de identidade coletiva forte o bastante para exigir concessões por parte do trono. Legalmente, cidadãos da Rússia ainda pertenciam a “estamentos” (urbano, camponês, clerical e nobre), embora esse sistema estamental não contemplasse novos grupos sociais, como profissionais liberais e trabalhadores urbanos, e somente o clero detivesse algo parecido com as características de uma casta autônoma. (FITZPATRICK, 2017, p. 27).

Após as manifestações que levaram à queda do tsar Nicolau II, juntamente com a execução dele e de sua família, instalou-se um governo provisório para tentar assumir o controle central da Rússia.

Enquanto isso, nas fábricas, os próprios operários começaram a gerenciar a produção e a administração dos funcionários. Esse movimento foi chamado de “controle operário” e tinha a função de manter as fábricas em atividade e os trabalhadores operários produzindo e empregados. Nesses movimentos, é possível identificarmos um esboço do que Reich chamava de democracia natural do trabalho, ou seja, formas de autorregulação das relações de trabalho. Esse conceito vem como um contraponto às formas hierarquizadas e autoritárias de relação nesse meio.

A função original do comitê de fábrica era exercer a vigilância operária sobre a administração da fábrica. O termo usado para essa função era “controle operário” [...], que significava mais supervisão do que controle no sentido gerencial. Na prática, os comitês de fábrica quase sempre iam mais longe e começavam a assumir funções diretivas. [...] Em outros exemplos, os comitês de fábrica assumiam a gestão para salvar os operários do desemprego, quando o proprietário ou diretor abandonava a fábrica ou ameaçava fechá-la em razão de prejuízo. **À medida que esses eventos se tornavam comuns, a definição de**

“controle operário” foi se aproximando de algo como autogestão operária. (FITZPATRICK, 2017, p. 83). **(Grifos nossos).**

Desde o início da revolução, em fevereiro de 1917, até finalmente os bolcheviques assumirem o poder e começarem a governar o que se tornaria a União Soviética, muitos conflitos se deram no campo político e social: protestos e conflitos armados nas cidades, tomada de terras e propriedades no campo. Todo esse contexto desembocou em uma guerra civil, que foi seguida de fome, surtos de doenças e emigração de indivíduos das camadas sociais mais instruídas. Quando, em 1921, os bolcheviques, tendo Lenin como seu líder, implementaram a Nova Política Econômica (NEP), a Rússia vivia graves problemas sociais, econômicos e políticos.

Do ponto de vista das transformações no campo da sexualidade – que é o nosso foco, para além dos aspectos políticos e econômicos da revolução –, quando os bolcheviques assumiram o poder, em 1917, já havia um plano claro no sentido de transformação do lugar da mulher dentro da sociedade. A partir das críticas que *Engels* havia feito em seu livro *A origem do Estado, a propriedade privada e a família*, quatro elementos fundamentais deveriam ser modificados, a fim de se estabelecer uma sociedade mais igualitária com relação a homens e mulheres: a socialização do trabalho doméstico, a plena igualdade de gêneros, a livre união e a desconstrução da concepção tradicional de família. (GOLDMAN, 2017). Sobre isso, Wendy Goldman vai dizer que:

A expectativa era de que o socialismo resolveria o conflito entre o trabalho e o lar – que ainda hoje pesa sobre as mulheres. O trabalho não remunerado que as mulheres realizavam em casa seria socializado, transferido para a economia maior e executado por trabalhadores assalariados. As pessoas teriam acesso a lavanderias, creches, escolas e refeitórios públicos. **O “amor livre” prevaleceria: relações sexuais seriam libertadas das injunções da Igreja e do Estado, e os parceiros seriam livres para unir-se e separar-se unicamente com base em sua inclinação pessoal.** A dependência das mulheres em relação aos homens, tanto no seio da família camponesa patriarcal quanto entre os trabalhadores assalariados, seria abolida. As mulheres se tornariam trabalhadoras assalariadas financeiramente independentes, em igualdade de condições com os homens. [...] Mulheres e homens escolheriam seus parceiros sexuais independentemente de constrangimentos econômicos e laços de dependência, **e a família como unidade econômica de produção e consumo, vinculada à tradição religiosa, à propriedade e ao direito “definharia” gradualmente.** Parceiros poderiam optar por ficar juntos por toda a vida ou por um único dia, mas suas escolhas não seriam restringidas por dependência econômica ou prescrições patriarcais. (GOLDMAN, 2017, p. 63). **(Grifos nossos).**

Além dessas mudanças que foram implementadas com a promulgação do Código do Casamento, da Família e da Tutela, em 1918³⁰, nos anos subsequentes algumas outras alterações na legislação foram feitas, como a descriminalização do aborto, da homossexualidade, da prostituição e alguns outros temas. Essa tinha sido a legislação mais revolucionária, até então, no que se refere à compreensão de uma sexualidade livre e afirmativa. Atualmente, segue sendo considerada uma das leis mais revolucionárias do ponto de vista das questões sexuais e com relação à proteção de direitos iguais entre homens e mulheres. Após mais de cem anos da revolução russa, muitos desses direitos ainda não foram conquistados por grande parte dos países. (GOLDMAN, 2017). Todas essas mudanças tinham como função a coerência com os princípios básicos do socialismo defendidos pela revolução de 1917. Sobre essas mudanças, Reich vai dizer que:

O texto da legislação sexual soviética espantava, pelo contrário, pela sua evidência e simplicidade, pela sua oposição completa à legislação sexual burguesa e pela falta total de respeito para com “as conquistas da cultura e da civilização” mais protegidas e para com a “natureza moral” do homem. Tornar livre o aborto – e mesmo legalizá-lo –, preconizar oficialmente a anticoncepção, a educação sexual da juventude, suprimir a noção de ilegítimo, anular praticamente o casamento, anular a condenação ao incesto, suprimir a prostituição, uma verdadeira emancipação da mulher e muitas outras coisas ainda, tudo isso mostrava claramente que *a moral estava a ponto de mudar em ordem ao reconhecimento da sexualidade*; portanto, à inversão completa de tudo o que até então existia. (REICH, 1932, p. XVII).

A partir dessas mudanças, o que pôde ser observado foram transformações sociais no modo como as pessoas passaram a lidar com sua sexualidade. Conseqüentemente, como esperado a partir das concepções de Reich, os elementos neuróticos nos indivíduos foram diminuindo e dando espaço para formas mais diretas e espontâneas dentro das relações. Além disso, ao contrário do que a Psicanálise de Freud da época propunha, a cultura e a organização social não desmoronaram; pelo contrário. Reich esteve presente por algumas vezes em Moscou na época e relata suas impressões:

Uma visita à União Soviética ensinava à primeira vista que, não apenas não havia naufrágio da cultura, mas que, curiosamente, aí se manifestava uma atmosfera moral que lembrava à primeira impressão o ascetismo. Não se era importunado sexualmente na rua, tudo parecia reservado e sério; contudo, a prostituição estava ainda presente, mas não era notada no interior da cidade; aqui e ali, à noite, pares nos bancos públicos, mas não tantos como em Viena ou Berlim. Nos encontros recreativos, ausência de alusões sexuais e dessas obscenidades que

³⁰ O texto na íntegra encontra-se como anexo I no presente trabalho.

caracterizam os nossos diferentes meios. A esse respeito, algumas anedotas singulares: quando um homem ousa, como entre nós, dar uma palmada no traseiro de uma mulher ou beliscar-lhe a bochecha, se é membro do partido facilmente pode ser levado diante do tribunal do partido; mas pode-se cada vez mais, abertamente e sem disfarce, pedir a alguém que seja nosso parceiro sexual. A comunhão sexual sem rodeios é espontânea, a sexualidade da mulher é aceita. (REICH, 1932, p. XVII).

Foi uma época de grande atividade cultural em várias áreas – cinema, literatura, teatro – e, do ponto de vista social, vários movimentos coletivos e cooperativos emergiram a partir do fim da estrutura czarista. Destaco o movimento das mulheres conhecido como *Jenotdiél*. Tratava-se de um movimento das massas composto exclusivamente por mulheres e visava à defesa e à implementação dos direitos das mulheres no contexto revolucionário. Goldman afirma que foi a primeira organização de massas criada por mulheres com essas características. Diferentemente da Revolução Francesa, em que as mulheres trabalhadoras tinham participado como integrantes da sua classe, na Revolução Russa foram os interesses das mulheres que passaram a fazer parte do programa e das pautas revolucionárias. (GOLDMAN, 2017).

A década de 1920 foi marcada por profundas transformações sociais na recém-criada União Soviética. A legislação sendo reescrita com base em direitos e garantias para todos os trabalhadores, uma maior liberdade sexual – inclusive pelo afastamento da Igreja por parte do Estado – e os movimentos das mulheres possivelmente foram os principais responsáveis pela mudança profunda gerada naquela sociedade e que Reich assim nos descreve:

Uma mulher solteira que conhecemos está grávida de oito meses sem que nunca ninguém lhe tenha perguntado o nome do pai. Uma família alberga um hóspede, falta lugar, então a filha, de dezesseis anos, diz diante dos pais, abertamente: “*Vou dormir na casa de X*” (o seu namorado). Dois komsomols apresentam-se na secretaria de pensões alimentares pedindo que os obriguem a pagar a ambos, pois ambos tinham dormido com determinada jovem e, portanto, ambos podiam ser considerados pais da criança. Nas clínicas de obstetrícia interrompe-se oficialmente a gravidez. Nos parques culturais, de modo totalmente público e acessível a todos os jovens, há quadros ilustrados, estatísticas etc., sobre a gravidez, o nascimento, a anticoncepção e as doenças venéreas. (REICH, 1932, p. XVIII).

Há, por fim, mais um elemento importante da visita de Reich à Rússia: o encontro com a psicanalista russa Vera Schmidt e a visita ao jardim de infância dirigido por ela. Pela

primeira vez, Reich pôde presenciar uma escola com uma proposta de educação infantil baseada nos princípios de autorregulação das crianças.

Havia, basicamente, dois elementos na forma como as crianças eram tratadas pelos educadores que divergiam muito da educação autoritária tradicional. A primeira delas era que as ações das crianças é que eram julgadas como sendo adequadas ou não; não havia um julgamento moral da criança em si, mas apenas dos resultados das suas atitudes. Essa premissa visava excluir do processo de educação os castigos e julgamentos morais às crianças.

O segundo elemento dizia respeito ao desenvolvimento da sexualidade e da fase genital. O treino de higiene (período em que a criança passa do uso de fraldas para o uso do banheiro) se dava de maneira positiva e visava, apenas, à questão da higiene. Com isso, não havia sentimentos de vergonha nas crianças relacionados a esse processo. Além disso, todo o sistema de educação sexual era positivo e afirmativo. Os limites eram dados de forma objetiva e não possuíam um crivo moral.

Em 19 de agosto de 1921, a psicanalista moscovita Vera Schmidt fundava um lar de crianças no qual realizou uma experiência de educação correta do bebê. Os conhecimentos que publicou em 1924, em seu pequeno trabalho *Educação psicanalítica na União Soviética*, provaram que aquilo que a economia sexual ensina hoje, para o desenvolvimento infantil, na época resultou espontaneamente de uma atitude bastante realista do amor e afirmativa do prazer. A direção que Vera Schmidt tomou encaminhava-se inteiramente no sentido da afirmação da sexualidade infantil. (REICH, 1988, p. 282).

Contudo, a União Soviética vivia uma situação extremamente precária. Após as perdas derivadas da Primeira Grande Guerra e do período de guerra civil, o Estado estava falido financeiramente. Havia desemprego e miséria nas cidades, enquanto, no campo, muitas crianças estavam órfãs e morrendo de fome. A partir de 1926, algumas conquistas foram retrocedendo, até que, em 1927, com a morte de Lenin e a tomada do poder por Stalin, a maior parte dos direitos citados anteriormente foram progressivamente sendo revogados. A URSS passou a funcionar como um regime totalitário centrado no Estado e na figura de Stalin, retornando às velhas concepções tradicionais, conservadoras e patriarcais. (GOLDMAN, 2017).

Além dos elementos econômicos, existe outra questão igualmente importante e que parece ter se constituído como um fator determinante para que essas mudanças sociais e

políticas não tivessem se sustentado: *a estrutura caracterial das massas*. Temos nessa experiência da URSS um exemplo da afirmação de Reich de que cada sociedade produz as estruturas de caráter de que necessita para sustentar o modelo vigente. (REICH, 2004). Ainda que a classe operária e muitos movimentos sociais tenham conseguido transformar a legislação moralista em uma das mais progressistas da história da humanidade, a estrutura de caráter das massas, constituída nos anos finais do império, não sustentou essa organização mais coletiva e livre de funcionamento social.

A ascensão de Stalin ao poder, vista a partir dessa lógica, torna-se, portanto, a consequência da incapacidade de as massas se regularem por si mesmas, de funcionarem de maneira livre e responsável, e não a sua causa. Outro exemplo dado por Reich nesse sentido foi a escolha dos alemães, na década de 1930, em direção ao fascismo e à eleição de Hitler. (REICH, 2001). Seria ingênuo de nossa parte acreditar que foram Hitler e Stalin os responsáveis pelos anos de tirania, autoritarismo e movimentos de ódio no mundo, no fim da primeira metade do século XX.

Da mesma forma, seria inadequado da nossa parte afirmar que Jair Bolsonaro é o responsável por todo o movimento de ódio que acontece no Brasil atualmente. Vale lembrar que foi eleito democraticamente pela população que se sentia representada por ele. Importante também, em meio a esse contexto, ressaltar que tal eleição veio após quase quinze anos de governos sociais que modificaram em alguns níveis a organização da sociedade brasileira, em pontos bastante semelhantes aos vistos no exemplo da URSS; a saber: maiores garantias legais para mulheres, negros e homossexuais; discussão a respeito da descriminalização do aborto e erradicação da fome e da miséria no país. No Brasil do século XXI, assim como na Rússia do século XX, a estrutura caracterial das massas não foi capaz de se transformar com a mesma velocidade que as mudanças sociais ocorridas na época. Daí o aumento dos discursos – e práticas – de ódio, destrutividade e o clamor por um presidente autoritário, defensor da tortura, do extermínio do diferente e de um governo ditatorial.

3.10 A função social da repressão sexual

Conforme Reich foi aprofundando sua compreensão a respeito das neuroses e suas bases, ele chegou – da mesma forma que Freud alguns anos antes – à questão social. A organização da família patriarcal dentro das sociedades capitalistas cumpre uma função

de, a partir do modelo de repressão da sexualidade, criar as bases para a neuroses das crianças e adolescentes, fazendo com que, uma vez adultos, tais indivíduos sejam submissos à autoridade.

Desde que a sociedade se dividiu entre aqueles que possuem os meios de produção e os que dispõem da mercadoria força de trabalho, toda a ordem social passou a ser estabelecida pelos primeiros, pelo menos independentemente da vontade e inclinações dos últimos, e, na verdade, quase sempre contra a vontade deles. Entretanto, a partir do momento em que essa ordem social começa a moldar as estruturas psíquicas de todos os membros da sociedade, ela se *reproduz* no povo. E na medida em que isso se dá pela utilização e transformação do aparelho pulsional, que é governado pelas necessidades da libido, também se *ancora* afetivamente nele. O primeiro e mais importante órgão de reprodução da ordem social, desde os primórdios da propriedade privada dos meios de produção, está na família patriarcal, que incute em seus filhos a base caracterológica necessária à ulterior influência da ordem autoritária. Enquanto, de um lado, a família representa o principal órgão de reprodução de estruturas de caráter, o entendimento do papel da educação sexual no sistema educacional como um todo ensina-nos que, antes de mais nada, são energias e interesses *libidinais* empregados na ancoragem da ordem social autoritária. Portanto, as estruturas caracterológicas do povo de uma dada época ou de um determinado sistema social não são apenas um espelho desse sistema. Mais significativamente, representam sua ancoragem. (REICH, 2004, p. 05).

Mais uma vez, vemos claramente a relação entre a clínica e a política. Não só como relação de elementos, mas como partes indissociáveis dentro da obra de Reich. Perspectiva esta corroborada por Rauter, quando descreve que a clínica é política no que “diz respeito às questões que atravessam o capitalismo como modo de produção de subjetividades e de riquezas”. (RAUTER, 2012, p. 19).

Do ponto de vista da sociedade, a crítica de Reich é específica ao modelo de organização social capitalista. Como vimos anteriormente, existem possibilidades de organização coletiva de indivíduos em que a repressão da sexualidade não esteja na base dos acordos de funcionamento sociais, bem como o patriarcado e a posse dos meios de produção.

Por isso, ele foi capaz de afirmar que “a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época”, uma vez que o indivíduo não existe fora do meio em que vive. (REICH, 2004, p. 07).

[...] a ideia da relação direta entre estrutura social e a estrutura do caráter. A sociedade molda o caráter humano. Por sua vez, o caráter humano reproduz, em massa, a ideologia social. Assim, reproduzindo a negação da vida inerente à ideologia social, as pessoas causam sua própria supressão. (REICH, 1995, p. 164).

Por esses motivos, no final de sua vida Reich direcionou suas pesquisas para o trabalho de prevenção das neuroses. Para isso, seria necessário que as crianças e os adolescentes pudessem se desenvolver de maneiras mais livres e menos neuróticas, seguindo o princípio da autorregulação, ou seja, orientados para a realidade. O objetivo era que essas pessoas – *crianças do futuro* – fossem capazes de estabelecer bases mais saudáveis para o funcionamento social.

As neuroses são o resultado de uma educação familiar patriarcal e repressiva no que se refere às questões sexuais; que, além disso, o que interessa de fato é a *profilaxia* das neuroses, objetivo para cuja realização prática, no moderno sistema social, faltam todas as condições prévias; que, em suma, só a mudança radical das instituições e ideologias sociais (mudança que depende do êxito das lutas políticas do nosso século) criará as condições necessárias a uma ampla profilaxia das neuroses. (REICH, 2004, p. 03).

3.11 Discussão

A partir desses novos elementos, considero que seja possível iniciarmos nossa discussão mais aprofundada a respeito da não universalidade do Complexo de Édipo, mesmo na cultura ocidental, patriarcal e capitalista. A função dessa discussão não é meramente teórica, mas cumpre um propósito prático, abrindo novos caminhos para a clínica orientada para a realidade e o presente. Rauter vai afirmar, em seu livro *Clínica do esquecimento*, que:

O surgimento da noção de Complexo de Édipo configura a direção que irá afirmar os universais em detrimento das lutas concretas do desejo. Não negamos a existência de modos de subjetivação edipianos. A questão que levantamos é eminentemente clínica: se erigimos Édipo ao *status* de uma categoria geral, marca fundamental do psiquismo, não podemos, na clínica, sair de Édipo. (RAUTER, 2012, p. 32).

Um elemento que fica bastante claro em todas essas descrições de comunidades nativas e não europeias é a forma positiva como tratam a sexualidade e suas expressões. A relação sexual *stricto sensu* – o coito – e também as relações afetivas, brincadeiras e jogos são experimentados de maneira natural e ocupam um lugar na dinâmica desses povos, nem excessiva, nem reprimida, assim como no exemplo do período inicial da União Soviética, onde a sexualidade passou a ser considerada de maneira mais livre e com igualdade entre os sexos.

Vale sempre ressaltar que a possibilidade de se experimentar a sexualidade de maneira positiva e natural não implica a inexistência de regras ou tabus. Em todas as sociedades descritas anteriormente, existem regras de organização social no que diz respeito às relações sexuais e ao casamento. Regras não precisam ser repressoras, assim como limites não precisam ser autoritários. Um rio que encontra um obstáculo em seu caminho para o mar irá, suavemente, contornar o obstáculo e seguir o seu caminho. O ponto que está sendo levantado é quando um limite se torna um impedimento absoluto. O rio só se torna alagamento quando se constrói uma barragem com o intuito claro de impedir o seu fluxo natural.

Outra característica percebida nesses relatos é que as relações podem se dar de formas mais diretas e espontâneas do ponto de vista das expressões dos impulsos. Não observamos, também, a maioria das atitudes neuróticas dos indivíduos que viveram o processo de castração derivado do Complexo de Édipo.

Lembrando sempre dessa perspectiva indissociável entre clínica e política presente na obra de Reich, a necessidade de aprofundarmos os aspectos sociais e políticos em um trabalho sobre a *Vegetoterapia* e a *economia sexual* passa por compreendermos que não é possível discutir a clínica fora de seu contexto político e social. Principalmente quando essa clínica pretende ter como uma de suas bases um trabalho tão profundo e intenso com as questões da sexualidade. Novamente nos remetemos à Rauter quando diz que:

A concepção de Reich abre espaço para se pensar o campo da sexualidade como um campo político. A ideia de Freud de que a civilização é sempre produtora de mal-estar, além de pessimista, como frequentemente se aponta, possui a limitação de ser uma ideia geral. Porém, seria necessário, para uma inserção do sexo³¹ no campo das lutas políticas, que particularizássemos essa ideia de civilização. De que “civilização” estamos falando quando nos referimos a uma relação de oposição entre sexo e civilização? (RAUTER, 2012, p. 75).

Fica claro, a partir dos vários exemplos descritos de culturas distintas, que a *civilização* a que Freud se refere para defender a oposição à sexualidade era a sua própria cultura, ocidental (eurocêntrica), patriarcal (machista), capitalista e repressora da sexualidade.

Logo, a ideia de uma angústia primária do ser humano, assim como uma concepção universal do recalque e da castração não só deixam de ser válidas como apontam para a

³¹ A concepção adotada no presente trabalho compreende que a autora se refere à sexualidade de forma mais ampla, como já foi discutido anteriormente, e não apenas ao ato do coito em si.

necessidade de profundas mudanças políticas e sociais como forma de diminuição do sofrimento humano.

Capítulo 4 – Peste Emocional e os assassinatos a Reich

4.1 A Peste Emocional

David Boadella foi aluno de Reich e o fundador de uma das maiores escolas de psicoterapia corporal neorreichiana. No livro em que descreve o desenvolvimento da obra e da vida de Reich, ele inicia a introdução com o texto abaixo. Fica evidente que Reich produziu uma quantidade enorme de conhecimento em muitas áreas distintas. E fica evidente, também, que sua vida foi marcada pela perseguição por parte de diferentes grupos e instituições. Há várias justificativas para esse processo, dependendo da época e da composição da instituição: questões políticas, ideológicas, teóricas, científicas, moralistas etc. (WAGNER, 1996).

A figura de Wilhelm Reich apresenta contrastes extraordinários. Embora possua reputação internacional como cientista íntegro, foi difamado publicamente como chantagista e charlatão. Seu trabalho produtivo abrangeu um período de quarenta anos por seis países. Tornou-se alvo de polêmica em cada campo que abordou.

Em Viena, Freud o considerou um clínico brilhante; contudo, foi excluído da Sociedade Psicanalítica quando suas opiniões se tornaram bastante radicais do ponto de vista social. Em Berlim, como marxista, foi um lutador no movimento contra o fascismo; os comunistas, entretanto, destruíram suas obras em virtude de sua psicologia mais profunda. Hitler pôs sua cabeça a prêmio. Em Oslo, fundou uma nova escola de terapia psicossomática, mas a imprensa o acusou de “judeu pornográfico”. Na França, seu trabalho de cunho biológico foi confirmado pela Universidade de Nice e aceito pela Académie de Sciences; contudo, foi forçado a emigrar em consequência da campanha de um jornal maldoso, na Noruega, que afirmou serem os seus resultados tão fantásticos que deveriam ser falsos. Na América [do Norte], descobriu uma radiação na atmosfera. Einstein confirmou duas de suas descobertas e disse que seria uma grande surpresa para a física se as alegações de Reich fossem verdadeiras. Trinta doutores aplicavam a nova forma de tratamento médico criada por ele e que foi declarada por um departamento do governo [norte-] americano como uma farsa, tendo todo o material de pesquisa sido confiscado e destruído por ordem judicial.

Durante os melhores anos de seu trabalho, circulavam rumores de que estivesse louco; porém, no final de sua vida, quando a **perseguição** gerou um desgaste emocional severo, ele foi considerado mentalmente são em termos legais. (BOADELLA, 1985, p.11-12). (**Grifos nossos**).

Porém, quando nos afastamos um pouco das particularidades de cada caso, existe um elemento que costura todas essas experiências que Reich viveu. A maneira como ele foi

perseguido contém elementos específicos de um modo de funcionamento patológico do organismo humano. A calúnia, a difamação, as intrigas são todas expressões de uma atitude que Reich descreveu como *Peste Emocional*.

Trata-se de um conceito pouco estudado e compreendido – mesmo entre os círculos reichianos. Assim, considero adequado iniciarmos a discussão sobre esse processo da vida de Reich partindo de uma organização desse conceito. Dadoun corrobora nossa posição quando diz que “em campanhas caricaturalmente exemplares contra o próprio Reich, conseguiram cristalizar tão bem todos os fermentos da Peste Emocional contra ele que o lançaram na prisão, para que morresse ali”. (DADOUN, 1991, p. 339).

O conceito de Peste Emocional foi descrito pela primeira vez por Reich em 1945, em uma publicação no *International Journal of Sex-Economy and Orgone Research*. (REICH, 2004). Trata-se de uma *biopatia*, ou seja, uma patologia derivada do funcionamento não saudável do organismo humano. Porém, diferentemente do câncer, a Peste é uma biopatia social (REICH, 2004; DADOUN, 1991). Para compreendermos essa definição e suas expressões, vamos partir da descrição do aparelho biopsíquico para Reich.

Para Reich, o aparelho biopsíquico é composto por três camadas sobrepostas, como uma esfera maciça. A camada mais superficial é chamada de *verniz social*. Trata-se de uma espécie de película fina na qual estão organizadas todas as chamadas “atitudes sociais”. Nesse nível, o indivíduo funciona de maneira educada, polida e cordial. Mas, por se tratar de uma camada muito fina, ela só se sustenta em relações superficiais. Essa camada se constitui a partir dos valores morais da sociedade e dos limites que introjetamos da cultura. (REICH, 2004).

A camada logo abaixo é chamada de secundária, onde se encontram todos os impulsos secundários do indivíduo que teve suas necessidades básicas reprimidas e não atendidas em um nível crônico e de maneira sistemática. É nessa camada onde se localizam os impulsos sádicos, destrutivos, egoístas e outros, os quais são impedidos de se manifestarem diretamente no mundo, em razão da camada mais externa – o verniz social. Mas são esses elementos que surgem quando a relação se aprofunda ou derivadas de circunstâncias sociais específicas – como o movimento fascista na Europa da década de 1930 (REICH, 2004; 2001) ou os governos autoritários e autocráticos da América Latina nas décadas de 1960 a 1980. (GALEANO, 2010).

Foi exatamente essa concepção que levou Reich a questionar os conceitos de masoquismo primário e pulsão de morte postulados pela Psicanálise em 1920. Para Freud e muitos psicanalistas, esses elementos seriam primários na constituição do indivíduo, enquanto para Reich, como discutido no capítulo 3, trata-se de impulsos secundários derivados de determinadas organizações sociais repressoras da sexualidade. De acordo com Dadoun, são:

[...] todas as emoções, desejos e sentimentos que foram transformados, sob o efeito da *frustração*, em ressentimentos, ciúmes, inveja, ódio, raiva, elementos todos preferidos na composição da couraça caracterial e que as exigências sociais, os valores culturais e morais e as proibições religiosas e políticas nos obrigam a reprimir, a refrear, a camuflar; sabemos que, para que exploda o ressentimento e se desencadeiem o ódio e a raiva, basta raspar um pouco. (DADOUN, 1991, p. 334).

No centro dessa esfera, a camada mais profunda é chamada de núcleo ou *cerne biológico*. É de onde partem todos os impulsos primários do organismo humano. Nesse nível de funcionamento, o indivíduo é gentil, cooperativo e amoroso. Capaz de agir com raiva quando precisa defender a vida, ou seja, pode funcionar orientado para a realidade. É de onde parte o funcionamento autorregulado do indivíduo e sexualmente livre, integrado com os afetos. Compreendendo essa estrutura, fica mais simples percebermos que os impulsos contidos nessa camada secundária estão pressionados, gerando compressão no aparelho biopsíquico.

As atitudes de Peste Emocional são, assim, uma expressão dos impulsos dessa camada secundária, que, em determinados contextos e relações, são permitidos (ou até estimulados). Trata-se, geralmente, de impulsos que não puderam ser expressos de maneira direta no mundo, que não alcançaram a satisfação ao longo de muitos anos e que se transformaram em frustração e impulsos destrutivos, como ódio e sadismo.

Logo, fica claro que a fonte de energia da Peste Emocional é a estase energética³² do aparelho biopsíquico, ou seja, as frustrações do indivíduo do ponto de vista de suas necessidades vitais, que foram experimentadas de forma crônica, assim como a impossibilidade de expressão dessas frustrações no mundo. Novamente voltamos – sem nunca termos dela saído – para a questão da repressão sexual na cultura ocidental. Com isso, fica mais fácil entendermos por que tantos movimentos de Peste possuem uma

³² Essa concepção é uma ampliação das ideias psicanalíticas de estase da libido como sendo causadora das neuroses. Para Reich, não apenas a repressão das experiências sexuais, mas todo o modelo educacional que restringe a expressão das emoções e as experiências de prazer geram uma disfunção no organismo.

conotação sexual, uma vez que a repressão dessa expressão é uma das bases da organização das sociedades patriarcais e capitalistas do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, a consequência direta dessa compreensão aponta para um cuidado com a satisfação sexual como uma das principais formas de combatermos a Peste Emocional. Segundo Reich, “*a falta de capacidade para a satisfação sexual natural leva ao desenvolvimento de impulsos secundários, especialmente sádicos*”. (REICH, 2004, p. 465).

De tempos em tempos, a humanidade vivencia períodos agudos de explosão de Peste Emocional. Além dos movimentos já citados (período da inquisição católica, durante a idade média, os movimentos fascistas e bélicos do início do século XX, assim como os regimes autoritários na América Latina durante as décadas de 1960 a 1990), da mesma forma podemos compreender que os discursos de ódio, preconceitos, movimentos de extrema direita e tantos outros presentes no Brasil e no mundo na década de 2020 são expressões da Peste Emocional na sociedade contemporânea.

Reich define a Peste Emocional como uma *biopatía crônica do organismo*, ou seja, trata-se de um organismo que passou por um processo crônico de adoecimento, de repressão da satisfação das suas necessidades vitais e se manteve incapaz de expressão direta de suas necessidades e frustrações.³³ Logo, a Peste pode ser compreendida como uma disfunção do organismo e caso este possa recuperar sua capacidade de experimentar as satisfações, o funcionamento empestado deixa de ser necessário e desaparece.

Podemos definir a Peste Emocional como um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é, sociais, e em instituições. (REICH, 2004, p. 464).

Algumas das expressões diretas da Peste Emocional são a fofoca, a insinuação, a difamação, a maledicência. Atualmente temos os ataques virtuais, os linchamentos virtuais e cancelamentos, além, logicamente do movimento das *fake news*.

³³ A expressão “Peste Emocional” não é depreciativa. Não tem uma conotação de má vontade consciente, degeneração moral ou biológica, imoralidade etc. Um organismo cuja mobilidade natural foi continuamente dificultada, desde o berço, desenvolve *formas artificiais de movimento*. Coxeia ou anda de muletas. Do mesmo modo, um homem atravessa a vida com as muletas da Peste Emocional quando as expressões autorreguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento. *A pessoa que sofre de Peste Emocional coxeia caracteriologicamente*. A Peste Emocional é uma biopatía crônica do organismo. (REICH, 2004, p. 461).

Aqueles que atiram as primeiras pedras, aqueles que espalham os boatos mortais e aqueles que lançam a polícia, os juízes, os cães, a multidão e os psiquiatras no **encalço do meliante, do vagabundo, do judeu, do negro, do imigrante e do marginal** e aqueles que lançam, com grandes gritos místicos, suas furiosas “verdades religiosas, políticas, científicas, e todos aqueles inumeráveis que se arrebatam em coro – na igreja, no partido ou na seita – atrás dos *führers*, aglutinam-se e formam multidões para saborear a calúnia, divulgar o boato, inflar as brigadas e aclamações, alimentar as fogueiras, acorrer ao linchamento e assegurar de coração a boa administração dos hospícios, das prisões e dos campos de concentração e a massa imensa e pretensamente silenciosa que se regozija sempre ao atirar as últimas pedras – eis algumas das figuras da pestilência caracterial-social que Reich descreve amplamente sob a denominação “**Peste Emocional**”. (DADOUN, 1991, p. 333). (**Grifos nossos**).³⁴

Diferentemente de outras biopatias, como o câncer ou a esquizofrenia, a Peste Emocional é definida por uma biopatia social, uma vez que, para que possa existir, são necessárias relações sociais, grupos ou instituições. Normalmente, ocorrem em ambientes onde as possibilidades de expressão e satisfação das necessidades vitais dos indivíduos é impedida pelos conceitos morais e repressores da felicidade e do prazer. Ou seja, ambientes onde os indivíduos tenham pouca – ou nenhuma – capacidade orgástica de satisfação,³⁵ não só na vida amorosa e sexual, mas também no campo do trabalho e do conhecimento.

Ainda que, segundo o próprio Reich, não exista uma linha nítida para que possamos distinguir um sujeito acometido de Peste Emocional de um não acometido, é mais simples percebermos as diferenças entre uma pessoa saudável e uma acometida de Peste, uma vez que o funcionamento neurótico estaria “entre” essas outras duas formas opostas de funcionamento. Porém, há alguns elementos que nos ajudam a compreender essa biopatia nos seres humanos.

Uma distinção entre a Peste Emocional e a neurose está assentada no grau de frustração daquele organismo e na intensidade do impedimento das experiências orgásticas em sua vida, ou seja, o quão impotente orgasticamente ele é. A concepção, para Reich, dessa biopatia, está no extremo oposto da saúde e da capacidade de autorregulação. Segundo ele, todas as pessoas são suscetíveis a eventos mais ou menos intensos de Peste Emocional. Para isso, basta que suas necessidades naturais não estejam sendo satisfeitas

³⁴ Esse texto foi publicado em 1975, na França. Ainda assim, as manifestações da Peste Emocional são facilmente reconhecidas no contexto brasileiro da década de 2020.

³⁵ Conceito foi discutido no capítulo 2.

sistematicamente (o que gera um aumento das frustrações e, eventualmente, da pressão na camada secundária, fazendo com que as atitudes de Peste emergjam como uma possibilidade de alívio para o organismo biopsíquico).

Enquanto o neurótico tem a tendência de resignar-se, de sofrer *em seu foro íntimo* as frustrações e a angústia e parece satisfazer-se com o “equilíbrio neurótico” que consegue estabelecer, o caráter empestado não suporta as frustrações nem a angústia, não tolera estar encerrado em sua couraça caracterial neurótica, quer *sair* dela, visa *ao exterior* e se expande como pode no campo social – orientação típica, ressaltada por Reich. (DADOUN, 1991, p. 335).

Dessa maneira, a tendência do indivíduo neurótico é a de se resignar com a sua situação e, eventualmente, buscar compensações para encobrir as frustrações de sua vida. Por outro lado, o indivíduo acometido de Peste Emocional busca um responsável *fora* dele a quem possa direcionar todo o seu ódio irracional, visando destruir o outro. Nesses movimentos, é comum que os motivos apresentados não sejam coerentes com as suas motivações. Então, motivos aparentemente racionais podem ser apresentados para ocultar motivações irracionais.

Um exemplo da atitude de indivíduos acometidos de Peste é quando se afirma o “combate à corrupção”, que é um problema sério para a organização social de qualquer sociedade, apenas como uma forma de encobrir o preconceito contra minorias que podem estar sendo favorecidas por políticas públicas. Nesse caso, se criaria toda uma movimentação popular, com o apoio dos meios de comunicação, com o discurso de “fim da corrupção” apenas como uma maneira de se legitimar movimentos conservadores, preconceituosos e moralistas.

Dessa forma, presidentes e presidentas são depostos não para que a corrupção acabe, mas para que defesas e garantias de determinadas camadas da população possam ser retiradas e os privilégios das classes dominantes não sejam afetados. Dentro desses privilégios, todas as atitudes de ódio se expressam como preconceitos às minorias.

Uma característica básica e essencial da reação da Peste Emocional é que a ação e o motivo da ação nunca coincidem. O motivo real está escondido, e um motivo falso é apresentado como razão da ação. Na reação do indivíduo espontâneo e saudável, o motivo, a ação e o objeto formam uma unidade orgânica. (REICH, 2004, p. 463).

Outra distinção entre a Peste e a neurose é que, diferentemente de um ataque histérico, uma crise aguda de Peste Emocional não é sentida como um sintoma ou alheia ao ego (egodistônico).

Uma vez que Reich define esse funcionamento como uma patologia, ele também vai discutir as maneiras de se tratar essa doença, assim como as formas de prevenção possíveis da mesma.

A *verdade*, a verdade sem reservas, sobre e contra tudo, é a arma privilegiada, indispensável, como sempre afirmaram os pensadores revolucionários, sendo ela própria o critério irrecusável de qualquer atitude e de qualquer enfoque revolucionário. “Nenhum movimento de libertação, afirma Reich, jamais irá impor-se se não combater energeticamente com as armas da **verdade** a Peste Emocional organizada.” (DADOUN, 1991, p. 337). (**Grifos nossos**)

Além de lidar de forma direta com os ataques e as insinuações, Reich propunha que seus colegas e colaboradores, uma vez identificado o funcionamento empestado, se retirassem para uma *quarentena*. Esta deveria ser vivida em isolamento e com o suporte de terapia pessoal, como forma de se identificar a atitude e os impulsos irracionais e poder combatê-los.

Ao mesmo tempo, o cuidado para evitar que “atitudes pragueadas” pudessem se espalhar também foi uma preocupação de Reich. Uma vez que a fonte de energia da Peste Emocional advém das frustrações e dos impulsos reprimidos, presentes na camada secundária, e que a maior parte dos indivíduos passam por esse processo de repressão durante a sua infância e adolescência, estamos todos passíveis de vivermos ataques de Peste Emocional!

O cuidado que cada um pode ter, no intuito de evitar ser contaminado pela Peste, passa diretamente pela atenção às satisfações na sua própria vida, as quais vão sempre variar de acordo com a pessoa, o contexto e a época. Essas satisfações passam diretamente pela expressão das próprias emoções, realização das necessidades materiais básicas para a organização da vida, vínculos e relações interpessoais e das experiências de saciamento do prazer e da sexualidade.

Se temos clareza que o orgasmo – conforme compreendido por Reich e descrito no capítulo 2 –, entre outros aspectos, favorece a descarga do excedente energético do organismo e é, ao mesmo tempo, uma experiência de satisfação, ele passa a ser um

elemento importante no cuidado e na prevenção do indivíduo para minimizar as experiências irracionais dos ataques de Peste.

Entretanto, é necessário delimitar um ponto frequentemente mal compreendido no trabalho reichiano: o orgasmo não é a panaceia reichiana para todos os problemas. Antes disso, é uma das expressões de um organismo capaz de funcionar de maneira mais saudável, autorregulada e orientada para a realidade. O próprio pensamento “higienista” de que “então as pessoas precisam transar para serem felizes” constitui uma grande distorção do pensamento reichiano e uma manifestação de um organismo encorajado – ou pragueado.

Uma pessoa feliz e saudável não deseja impor a ninguém suas concepções de saúde e de felicidade. É irracional determinar que alguém seja saudável e feliz; apenas organismos acometidos pela Peste desejam impor aos outros seus modelos de vida. Sobre isso, Reich diz que:

Em primeiro lugar, essa exigência seria irracional, porque não se pode mandar que uma pessoa seja saudável. Em segundo lugar, o indivíduo saudável não tem nenhum desejo de impor aos outros sua maneira de viver, porque os motivos de sua conduta estão relacionados especificamente com sua própria vida, e não com a de outra pessoa. A pessoa acometida de Peste Emocional distingue-se do indivíduo saudável pelo fato de fazer *suas* exigências de vida não só a si próprio, mas *sobretudo àqueles que o rodeiam*. Em situações em que o indivíduo saudável faz sugestões e ajuda, em que usa suas experiências como exemplo para outros, deixando-lhes a decisão de o seguirem ou não, a pessoa acometida de Peste Emocional impõe *à força* seu modo de vida aos outros. Os indivíduos com Peste Emocional não toleram opiniões que ameacem sua couraça ou desmascarem seus motivos irracionais. [...] A pessoa acometida de Peste Emocional luta contra *outros modos* de vida, mesmo que não a afetem de modo algum. É levada a lutar porque sente a simples existência de outros modos de vida como uma provocação. (REICH, 2004, p. 463-464).

4.2 Wilhelm Reich e os seus assassinatos

Após a morte de Reich, Mary Higgins foi a pessoa responsável por cuidar e proteger os seus materiais, que haviam sido lacrados. Além disso, ela foi a curadora da instituição criada por Reich de proteção às crianças, a Wilhelm Reich Infant Trust Foundation. Mary cumpriu essa tarefa durante toda a sua vida, até 2016, momento em que essa função foi transmitida a James Strick.

Pela morte de Wilhelm Reich, a chaga³⁶ emocional reivindicou o seu mais ferrenho oponente. Através de toda a história, aqueles que foram destruídos pelos efeitos desse mal especificamente humano eram invariavelmente vítimas “inocentes”. Reich, entretanto, não se deixou vitimar inocentemente. Foi o primeiro homem a estudar deliberadamente e a entender de maneira satisfatória a base biopatológica desse suplício decorrente da supressão da vida de amor genital, em grau elevado. Ao longo de toda a sua vida, visou a um método prático de combatê-lo. Nunca deixou de chamar a atenção para o fato de que a chaga emocional era o único inimigo do homem que, a menos que fosse corretamente entendido e efetivamente combatido, tornaria impossível a eliminação da agonia da criança, do adolescente e das multidões dos seres humanos, biofísica e emocionalmente, doentes. Consequentemente, quando também caiu vítima do mesmo mal, o fato não o surpreendeu. Ele compreendia o risco que corria e, com a coragem de um verdadeiro cientista, se expusera aos seus efeitos destruidores, procurando, sem comprometer a verdade científica, encontrar um caminho fora da confusão legal na qual a chaga o tinha envolvido.

Desde a morte de Reich, tem havido uma procura insistente dos seus escritos, o que indica fortemente que a chaga não alcançou o seu objetivo – **o encobrimento da verdade**. As calúnias à sua pessoa, com vistas a desacreditá-lo e assim desviar das suas significativas descobertas a atenção geral, perderam algo – infelizmente não a totalidade – do seu impacto; e agora se pode finalmente voltar a um desapaixonado exame de sua obra.

Que Wilhelm Reich, que foi o instrumento dessa lógica, devesse morrer em uma penitenciária federal é chocante. Que aqueles que se importavam com o fato não pudessem prestar nenhuma ajuda, e que houvesse muitos que o compreendessem, mas não se importassem, é trágico. Já não é possível ficar de lado e dizer “Perdoai-os porque não sabem o que fazem”. **É tempo de todos sabermos o que fazemos – e como o fazemos**. É tempo de encontrarmos um caminho para acabar com essa destruição da vida, e do conhecimento da vida. Esse conhecimento existe e, com a republicação dos trabalhos de Reich, torna-se novamente acessível.

(HIGGINS, 1995, p. 9-10)³⁷ (**Grifos nossos**)

O texto acima foi o prefácio escrito por ela para a versão norte-americana do livro *A função do orgasmo*, mais de uma década após Reich ter morrido na prisão, de ter sido julgado como culpado de charlatanismo e de ter seus materiais – frutos de décadas de pesquisas e experimentos – confiscados e destruídos por ordem judicial derivada do

³⁶ A Peste Emocional (emocional plague) foi traduzida por diferentes nomes que se referem ao mesmo conceito. “Praga emocional” e “Chaga emocional” são exemplos das diferentes traduções do termo original em inglês.

³⁷ Essa passagem faz parte da introdução do livro de Reich, *A Função do Orgasmo*.

processo movido pela FDA (Food and Drug Administration). Não apenas a pessoa de Wilhelm Reich foi morta pelo movimento da Peste Emocional – que, na época, assumiu a forma de campanhas difamatórias e mentirosas contra o trabalho dele –, mas todo o trabalho de uma vida foi declarado como charlatanismo e incinerado por ordem judicial.

Também a barbaridade explícita na queima de seus escritos, tanto na Alemanha *nazista* como na suposta América *livre*, deve ser ressaltada com o devido repúdio, já que afronta qualquer perspectiva de difusão cultural de sua obra. (MATTHIESEN, 2007, p. 36).

Ainda assim, nos anos seguintes, muito do seu trabalho seguiu sendo atacado e as expressões de sua ciência recém-descoberta foram *proibidas*, assim como todo o material que contivesse tais expressões.

Nas décadas seguintes, muitas abordagens terapêuticas surgiram com a denominação de “terapias corporais”. Essas abordagens estavam sendo desenvolvidas pelas pessoas que trabalharam, estudaram, fizeram terapia e supervisão com Reich. Tinham como base os aspectos corporais de seu trabalho, mas eliminaram os elementos mais “controversos” e socialmente mais contestados da obra, ou seja, os aspectos da economia energética (a base orgânica da Vegetoterapia) e os aspectos políticos e sociais (que, como discutido nos capítulos anteriores, são indissociáveis da clínica). Isso possibilitou que essas abordagens ganhassem espaço no mundo e se tornassem internacionalmente conhecidas e respeitadas. Mas e Reich? E os aspectos que estão na base das concepções reichianas da Vegetoterapia? E a função do orgasmo?

Uma das formas mais eficientes de se destruir uma pessoa é através de ataques de Peste Emocional com calúnias e difamações. O dano é sempre mais intenso quando é direcionado para uma das bases da vida da pessoa – “amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida”, já dizia Reich em inúmeros textos e passagens de sua vida. E foi justamente nesses pontos – vida pessoal, trabalho e produção teórica – que Reich foi atacado durante toda a sua história, sua vida e mesmo após sua morte. As consequências desse estrago podem ser vistas até hoje. Mas, antes, gostaríamos de apresentar os eventos vivenciados por ele, para que o leitor possa chegar, por si mesmo, a uma conclusão a respeito do tema – concordando ou não com a posição defendida por nós.

Ainda hoje, várias críticas que lhe são frequentemente endereçadas são cruéis e panfletárias, tentando desmerecer e desqualificar sua teoria ao dar margem para rotulá-lo como louco, charlatão, entre outras

adjetivações pejorativas, sobretudo vinculadas aos estudos realizados por ele em solo norte-americano. (MATTHIENSEN, 2007, p. 21).

Para compreendermos esse processo que chamaremos de *o terceiro assassinato de Reich*, precisamos retornar ao início de sua vida profissional. Assim, podemos analisar o movimento de Peste Emocional durante a vida dele – e como isso se dá nos dias de hoje.

4.2.1 Viena: a Psicanálise

Após ter servido ao exército austro-húngaro por quatro anos, durante a primeira grande guerra, Reich solicitou dispensa para fins de estudo. Ingressou, em 1918, na Faculdade de Direito de Viena, que cursou apenas um semestre. Após um almoço com um amigo da época de escola, ele o lembrou de sua paixão por biologia, sugerindo que cursasse Medicina, em vez de Direito. No período seguinte, Reich ingressaria na Faculdade de Medicina, onde cursaria três períodos por ano, uma vez que ter lutado na guerra lhe dava essa prerrogativa. (MATTHIESEN, 2007).

Estudava de forma ávida e sentia-se contente de voltar aos estudos após os anos de ócio intelectual em que esteve na guerra.

Em 1919, um grupo de estudantes se reuniu para discutir as questões da sexualidade. Segundo eles, a faculdade negligenciava o tema e, por isso, se reuniram para organizar seminários e apresentações sobre sexologia. Reich se interessou pelo movimento e decidiu participar. Foi nesse contexto que teve contato com Freud pela primeira vez. Dirigiu-se à casa do pai da Psicanálise para explicar o movimento dos alunos e pediu algum material que pudesse contribuir com os seminários. Freud ficou bastante entusiasmado com a iniciativa e entregou a Reich alguns de seus escritos da época. (BOADELLA, 1985).

O interesse de Reich pela Psicanálise da época foi imediato. Diferentemente das concepções moralistas de outros autores, os textos psicanalíticos abordavam a questão da sexualidade de maneira direta e simples, além de utilizar uma lógica que agradava a Reich, fazendo relações com as patologias e disfunções dos pacientes.

Assim, rapidamente Reich começou a participar das reuniões na casa de Freud e, mesmo sendo o mais jovem dos integrantes (ele tinha 23 anos na época!) e ainda não tendo concluído a Faculdade de Medicina (que era um pré-requisito na época para o ingresso

na Sociedade Psicanalítica de Viena), foi aceito como membro com a apresentação do texto *Conceitos de pulsão e libido de Forel a Jung*,³⁸ em que fazia uma revisão do conceito de libido.

Durante quase dez anos, Reich esteve engajado na produção científica da teoria e da técnica da Psicanálise, sempre acreditando que estivesse dando prosseguimento às concepções psicanalíticas de Freud.

Dentre seus muitos textos escritos nessa época, o trabalho de *Análise do Caráter* merece destaque, uma vez que foi o resultado dos seis anos em que esteve à frente do Seminário Técnico de Viena, que tinha como função discutir a técnica da Psicanálise.

Além do trabalho de *Análise do Caráter*, Reich desenvolveu outros estudos no campo da educação, da sociologia e da biologia/fisiologia. Porém, foram os seus estudos e textos sobre a política que o levaram a ser expulso da Sociedade Psicanalítica. (WAGNER, 1996).

Em 1930, após algumas visitas à recém-criada URSS, Reich defende a indissociabilidade entre o indivíduo e a sociedade, assim como entre a clínica e a política. Ao mesmo tempo em que a Europa estava em ebulição com os movimentos sociais e políticos, Freud lutava para afastar a Psicanálise de qualquer pauta ideológica, uma vez que pretendia que esta fosse uma nova ciência reconhecida internacionalmente.

Em setembro daquele ano, Reich falou ao grupo de psicanalistas que se reunia na casa de Freud pela última vez. Ele defendia a importância de um projeto de prevenção das neuroses nas massas, já que a clínica individual não era suficiente para a transformação social. Transformação essa que Reich afirmava ser necessária para minimizar os efeitos danosos nos indivíduos e a produção de neurose nas massas.

Essas ideias foram recebidas com frieza por Freud e os demais participantes. Depois disso, Reich se mudou para Berlim. Lá havia grupos de psicanalistas que buscavam fazer relações entre a Psicanálise e o marxismo e Reich acreditava que seria um terreno mais fértil para o desenvolvimento de seu trabalho social.

No momento da discussão entre Reich e alguns psicanalistas sobre conceitos psicanalíticos tais como sexualidade, genitalidade, sublimação, repressão, libido etc. [...], deve-se ter em conta que esses

³⁸ Este texto está publicado no livro *Early Writings* (REICH, 1975).

conceitos não estavam – e nem poderiam deixar de estar – isentos de interpretações com fortes tonalidades ideológicas. [...] Ou se estava à direita ou à esquerda. A posição política de Reich, assim como de outros psicanalista de esquerda, parece clara. Já a posição de Freud e de seu grupo, em Viena, merece uma palavra. Freud desejava, idealmente, e clamava por uma ciência psicanalítica pura, com conceitos isentos de qualquer matiz ideológico. Mas, ao que parece, ao pretender manter-se idealmente neutro, Freud estava na realidade ficando mais à direita, em relação aos acontecimentos políticos e sociais do momento. (WAGNER, 1996, p. 62).

Vale ressaltar que as ideias de uma prevenção das neuroses e das críticas com relação à organização social – principalmente no que diz respeito à repressão da sexualidade e o moralismo – não foram concebidas inicialmente por Reich. Pelo contrário, essas eram ideias defendidas por Freud até cerca de 1920. Nos seus primeiros escritos, ainda em 1989 (*A sexualidade na etiologia das neuroses*), Freud defende exatamente os mesmos pontos com relação à doença social quando diz que:

Em matéria de profilaxia, entretanto, o indivíduo está relativamente desamparado. Toda a comunidade precisa interessar-se pelo assunto e dar seu apoio à criação de regulamentos genericamente aceitáveis. No momento, estamos ainda muito longe dessa situação que prometeria alívio, e é por esse motivo que podemos justificadamente considerar a civilização como também responsável pela difusão da neurastenia. Muitas coisas teriam que ser mudadas. É preciso romper a resistência de toda uma geração de médicos que já não conseguem lembrar-se de sua própria juventude; o orgulho dos pais, que não se dispõem a descer ao nível da humanidade ante os olhos de seus filhos, precisa ser superado; e o puritanismo insensato das mães deve ser combatido – das mães que consideram um golpe incompreensível e imerecido do destino que “justamente os filhos delas sejam os que se tornam neuróticos”. **Mas, acima de tudo, é necessário criar um espaço na opinião pública para a discussão dos problemas da vida sexual. Tem que ser possível falar sobre essas coisas sem que se seja estigmatizado como um arruaceiro ou uma pessoa que tira proveito dos mais baixos instintos.** E também aqui há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos – nos quais nossa civilização terá que aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade. (FREUD, 1994, p. 163). (**Grifos nossos**).

Porém, foi apenas em 1934, no Congresso de Lucerna, onde se deu o primeiro movimento de Peste Emocional contra Reich. Freud havia deixado a cargo de sua filha Anna Freud e de Ernest Jones a função de resolver “o caso Reich”. Ou seja, eles seriam os responsáveis por afastar Reich da Psicanálise e desvincular seus trabalhos do que Freud estava desenvolvendo na época. (BOADELLA, 1985).

Há provas de que, em 1924, este homem [Paul Federn] começou a “tecer insinuações” a meu respeito junto de Freud. Nessa altura eu não o sabia, Freud também não o sabia. Mais tarde é que se tornou evidente. Ele tinha *inveja* do meu sucesso. E o resultado foi aquela confusão em Lucerna. Não sei o que foi depositado nos Arquivos de Freud a meu respeito – que *calúnia* ou *difamação*. Mas sei que se fala nisso. Sei quem estava envolvido nisso. [Ernest] Jones estava. Eu sei disso. E isso é evidente nas cartas que escrevi a Freud e que Freud escreveu a mim. (REICH, 1979, p. 23).

Para isso, criaram uma manobra política em que Reich foi desligado da Sociedade Psicanalítica de Berlim, sob a alegação de que não vivia mais na Alemanha; ao mesmo tempo, não deveria ser aceito no grupo de psicanalistas escandinavos (nessa época, ele vivia na Suécia). Dessa forma, Reich foi “desligado” da Sociedade Psicanalítica.

Segundo o sempre indescritível Ernest Jones: “O Congresso internacional reuniu-se nesse ano [1934] em Lucerna, a 26 de agosto... Foi nessa época que Wilhelm Reich demitiu-se da Associação. Freud tivera dele uma elevada opinião nos primeiros tempos, mas afastou-se de Reich tanto no plano pessoal quanto no científico, por causa do *fanatismo político deste*.” [...] a “demissão” de Reich foi uma daquelas mentiras jonesianas que fez carreira nos círculos psicanalíticos; [...] De fato, suficientes testemunhos e documentos provam que Reich foi *excluído* da Associação Psicanalítica Internacional, após sórdidas manobras em corredores de hotéis e depois de dois anos inteiros, nos quais os dirigentes das sociedades psicanalíticas e da associação internacional pressionaram, ameaçaram, chantagearam e impuseram golpes baixos para arrancar de Reich uma demissão que ele recusou apresentar até o fim. (DADOON, 1991, p. 300).

Ainda que “oficialmente”, para os registros da Psicanálise, Reich que tenha solicitado seu desligamento, atualmente temos abundante material (inclusive as cartas entre Anna Freud e Ernest Jones) que explicitam a manobra feita “por baixo dos panos”, com o intuito de afastar Reich do nome da Psicanálise e dos psicanalistas. (DADOON, 1991).

Ao mesmo tempo, estudiosos do trabalho reichiano, da Psicanálise e o próprio Reich apontam para uma motivação distinta para sua expulsão da Sociedade Psicanalítica: segundo esse viés, havia dois elementos básicos no trabalho de Reich que levava os psicanalistas a quererem se afastar dele.

O primeiro é o tema da sexualidade, da forma como essa é concebida dentro da economia sexual e que foi discutida no capítulo 2. As questões da sexualidade sempre geraram muitos problemas a Freud e à aceitação social da Psicanálise como uma ciência respeitável. Sobre isso, Wagner vai dizer que “a teoria psicanalítica sobre o inconsciente chegava a ser *incômoda*, mas não *ameaçadora*. Aquilo que realmente ameaçava a cultura

era a teoria da sexualidade. (WAGNER, 1996, p. 64). Isso levou, gradualmente, a reformulações na Psicanálise que a levariam a se afastar desse tema. Reich, por outro lado, não só estava mantendo a importância da sexualidade como foi além, quando afirmou que “não existe neurose em um indivíduo orgasticamente potente” ou, dito de outra forma, *todos os indivíduos que sofrem de algum tipo de neurose são orgasticamente impotentes*.

“Mais uma vez, Reich tinha razão”, escreveu Fenichel³⁹ sobre a convicção de Reich de que “o *establishment* psicanalítico havia atenuado a importância da sexualidade”. Fenichel fez essa consideração já em Nova York, após ler os resumos de um congresso de Psicanálise e constatar que “ninguém falava de sexualidade, prova de uma autossублиmação da análise. (WAGNER, 1996, p. 60).

Essa afirmação gerava um incômodo generalizado entre os psicanalistas, não só porque provocava uma necessidade maior de aprofundar as discussões sobre a sexualidade de seus pacientes, como também os implicava, uma vez que a concepção de potência sexual na época era assentada em valores extremamente machistas, derivados de uma sociedade moralista e patriarcal. Seu primeiro estudo sobre “a função do orgasmo” foi apresentado em 1923 e, naquele momento, já recebera muitas objeções por parte dos psicanalistas. (MATTHIESEN, 2007).

O próprio Reich tinha consciência de que abordava um tema incômodo, tanto para os psicanalistas quanto para a Psicanálise. Daí sua preocupação de sempre levar as discussões relativas ao tema da sexualidade para o campo objetivo e racional e afastá-las de debates pessoais e baseados em opiniões. Sobre essa época, mais tarde vai dizer que:

[...] não duvidava da natureza social do meu trabalho, e não queria escondê-lo. Já tinha ouvido as primeiras *calúnias* e a minha *difamação sexual*. Essa era uma reação típica de pessoas sexualmente frustradas à luta de pessoas sãs por uma felicidade sexual. Eu sabia que essa reação era incomparável tanto no ódio quanto na amargura. Não há nada no mundo que seja capaz de causar, de maneira assim silenciosa e cheia de ódio, tanto sofrimento humano. (REICH, 1995, p. 168).

O segundo elemento diz respeito à questão política e social. Reich demonstrou inúmeras vezes a relação entre neurose e sociedade moralista e repressora da sexualidade. Com isso, ele fez críticas diretas e contundentes ao modelo social vigente, à política e à

³⁹ Vale lembrar que Otto Fenichel foi um dos principais responsáveis pela criação de campanha difamatória contra Reich, acusando-o de ser esquizofrênico. (BOADELLA, 1985); (WAGNER, 1996); (REICH, 1979).

educação infantil. Isso se deu em um momento em que, nos países da Europa, concepções autocráticas e fascistas estavam dando uma guinada. Logo, Freud como “pai da Psicanálise” queria se afastar de discussões políticas e sociais, a fim de evitar mais perseguições e críticas à sua ciência.

A proposta de Reich era na verdade complexa e de difícil digestão. Reich queria fazer passar, ao mesmo tempo, tanto sua posição política de combate ao nazismo quanto suas teorias sobre a genitalidade e função do orgasmo. Vinculou e fundiu esses temas, a tal ponto, que só poderiam ser tomados ou rejeitados integralmente. (WAGNER, 1996, p. 53-54).

4.2.2 Berlim: o nacional-socialismo e o comunismo

Em setembro de 1930, Reich se muda em definitivo para Berlim. Nos anos anteriores, ele havia se debruçado intensamente nas questões sociais, por compreender que, se a base da neurose se dá com a repressão da sexualidade e esta é produzida por uma sociedade moralista, negadora do prazer e da felicidade, seria necessária uma transformação nas bases da sociedade para que um combate efetivo das neuroses nas massas ocorresse.⁴⁰

Cada vez mais, Reich percebia que o processo da repressão sexual, que havia sido o ponto de origem das descobertas da Psicanálise, era complementado pelo processo de repressão econômica exposto pelos sociólogos marxistas. O ponto de contato entre eles se encontra na família patriarcal que Engels descreveu tão brilhantemente. (BOADELLA, 1985, p. 65).

Com isso, Reich se dedica ao estudo da sociologia com seu habitual afinco. De todos os autores que conhece na época, as ideias de Marx e de Engels, da origem da família e das bases do Materialismo dialético foram as que mais lhe chamaram a atenção. Reich entendia que as concepções freudianas do indivíduo e do inconsciente eram válidas do ponto de vista individual; por outro lado, as concepções marxistas da sociedade se debruçavam sobre questões coletivas. Uma vez que indivíduo e sociedade compõem uma unidade funcional, ele utilizou como base esses dois autores para poder compreender os movimentos sociais e o comportamento das massas.

⁴⁰ Mais uma vez consideramos válido lembrar que essas ideias haviam sido formuladas pelo próprio Freud alguns anos antes. Por isso, Reich sempre manteve o discurso de estar dando continuidade às ideias psicanalíticas e não concordar com o argumento, utilizado para a sua expulsão, de que suas teorias não tinham relação com a Psicanálise. (BOADELLA, 1985); (REICH, 2004); (WAGNER, 1996); (MATTHIESEN, 2007).

A tarefa de Reich consistiu em demonstrar, primeiro, que a Psicanálise tinha base materialista e, em segundo lugar, que aquilo que a Psicanálise descobriu sobre os processos emocionais e mentais representava um desenvolvimento dialético. (BOADELLA, 1985, p. 68).

Foram escritas, nesse período, suas obras consideradas sociológicas, como *A revolução sexual*, *Psicologia de massas do fascismo*, *A origem da moral sexual repressora*, *Materialismo dialético e Psicanálise*, entre outras.

Partindo da compreensão de que a base das neuroses estava assentada na organização da sociedade, com relação aos seus valores moralistas e repressores, Reich iniciou suas pesquisas na área de Educação. Queria compreender de que maneira se davam os processos neuróticos no desenvolvimento das crianças e se seria possível uma organização educacional (não somente nas escolas, mas com os pais e demais educadores) que não fosse produtora de neurose. Em 1933, ele iria escrever no prefácio à primeira edição de *Análise do Caráter*:

[...] as neuroses são o resultado de uma **educação familiar patriarcal e repressiva** no que se refere a questões sexuais; [...] o que interessa de fato é a *profilaxia* das neuroses, objetivo para cuja realização prática, no moderno sistema social, faltam todas as condições prévias; que, em suma, **só a mudança radical das instituições e ideologias sociais [...] criará as condições necessárias a uma ampla profilaxia das neuroses.** (REICH, 2004, p. 3). (Grifos nossos).

Ele percebeu que a organização familiar dentro das sociedades capitalistas compunha um dos principais mecanismos de reprodução dos padrões neuróticos nos indivíduos. Além de ser a base para a fixação do chamado Complexo de Édipo,⁴¹ era o meio através do qual se desenvolviam todos os padrões de relação neuróticos e disfuncionais, aos quais chamou de *familite*.

Enxergava, então, nessa organização de família, o núcleo, ou a célula através da qual as principais características do modelo capitalista eram introjetadas nos indivíduos, que, mais tarde, quando adultos na sociedade, iriam sustentar e reproduzir os valores das classes dominantes.

O primeiro e mais importante órgão de reprodução da ordem social, desde os primórdios da propriedade privada dos meios de produção, está na **família patriarcal**, que incute em seus filhos a base caracterológica necessária à ulterior influência da ordem autoritária.

⁴¹ Tema amplamente discutido no capítulo 3.

Enquanto, de um lado, a família representa o principal órgão de reprodução de estruturas de caráter, o entendimento do papel da educação sexual no sistema educacional como um todo ensina-nos que, antes de mais nada, são energias e interesses *libidinais* empregados na ancoragem da **ordem social autoritária**. (REICH, 2004, p. 05). (Grifos nossos).

Isso o aproximou do movimento socialista que se dava na época e das concepções de sociedade de Marx e Engels. Reich propunha uma organização social pautada nas necessidades das pessoas, em formas mais coletivas e cooperativas de funcionamento das massas e numa reestruturação da relação entre o trabalhador e o seu trabalho.⁴² Conseqüentemente, isso o levou a fazer duras críticas ao capitalismo e a se aproximar do partido comunista.

Com isso, Reich visitou a recém-formada URSS. Sua visita a Moscou tinha a função de compreender de perto a experiência de uma sociedade organizada de forma diferente da que existia nos países europeus, do ponto de vista da inclusão de liberdades e garantias de grupos minoritários, da reformulação das concepções moralistas com relação à sexualidade e assentada nas necessidades dos trabalhadores e da população como um todo.

Além das reuniões com os psicanalistas russos, psiquiatras e neurologistas e com os integrantes do partido comunista, Reich teve vários encontros com a psicanalista Vera Schmitd, conforme descrito no capítulo anterior. Ela e Sabina Spielrein fundaram um jardim de infância com uma proposta de educação livre, principalmente com relação à sexualidade das crianças. Esse experimento foi muito importante – assim como o material do Malinowski⁴³ – para que Reich desenvolvesse as bases de seu trabalho que defende o ser humano como bom por essência, sendo o sadismo, a crueldade e o masoquismo características produzidas por uma sociedade moralista e repressora da sexualidade.

Reich se filiou ao partido comunista austríaco e compunha o grupo de psicanalistas marxistas, que entendiam, como ele, que essas teorias eram complementares. Ainda hoje, é considerado por muitos como o “fundador da Psicanálise revolucionária”. (BOADELLA, 1985).

⁴² Essas concepções são definidas como “Democracia do trabalho”. Esse conceito foi desenvolvido na terceira parte do seu livro intitulado *Psicologia de massas do fascismo*.

⁴³ Conforme foi também discutido no capítulo 3.

Apesar de Reich ter permanecido ligado ao partido comunista por um período curto de seis anos, tornou-se mais tarde um dos críticos mais inteligentes e ainda um oponente fanático à política comunista. Nunca lamentou sua filiação ao partido, pois este lhe ensinou muito mais sobre a irracionalidade do comportamento político do que algum dia pudesse aprender através do estudo acadêmico. (BOADELLA, 1985, p. 66).

Como o maior grupo dos freudo marxistas estava em Berlim, Reich decidiu se mudar para lá, por compreender que esse seria um ambiente mais favorável ao desenvolvimento de seu trabalho no campo social e da prevenção das neuroses nas massas.

Havia uma consciência sociológica maior em Berlim do que Reich encontrou em Viena. A teoria do orgasmo foi melhor compreendida, muitos analistas o procuraram para aprender as técnicas da Análise do Caráter e ele era muito requisitado para falar sobre as origens sociais da neurose. A Associação de Médicos Socialistas de Berlim [...] convidou Reich para falar sobre *a profilaxia das neuroses* em novembro de 1930, e ele se deparou com uma recepção entusiástica de quase 200 médicos e estudantes. (BOADELLA, 1985, p. 79).

Nessa época, a Alemanha vivia uma grande convulsão social. Saíra humilhada após a derrota na primeira grande guerra e obrigada a assinar o Tratado de Versalhes; o país viveu grandes crises durante essas décadas. Com isso, duas grandes saídas eram apresentadas à população para os graves problemas que viviam: por um lado, Berlim possuía o maior partido comunista da Europa. Havia grupos de pessoas engajadas nessa causa pertencentes a várias áreas distintas – artes, literatura, cinema, sociologia, política, psicologia – e com uma grande produção de conhecimento. Logicamente, eram muito influenciados pela revolução socialista da Rússia e pelas informações que vinham das mudanças geradas na URSS. Esse grupo propunha uma mudança radical – nas bases das ocorridas na Rússia – como forma de resolver o problema que o país vivia.

Por outro lado, os nacionais-socialistas propunham uma saída na direção oposta: um fortalecimento da nação a partir de um grande líder, um *führer*, que liderasse a população em uma cruzada contra os inimigos da pátria – os judeus, os comunistas e os países vitoriosos na guerra –, como forma de se vingarem pelo que estavam sofrendo.

Por diversas vezes, manifestações desses dois grupos se encontravam pelas ruas da cidade, gerando muitos conflitos, brigas e agressões físicas de ambos os lados. Reich esteve presente em alguns desses eventos como expectador e fez diversos relatos dessa experiência. Tinha a intenção de vivenciar na prática como se davam esses movimentos. Isso se deu também em Viena, nos anos anteriores.

A “prática sociológica” para Reich significava comportar-se de uma forma não muito acadêmica. Em 1927, Viena se encontrava em estado de mudança política. Em meados de julho daquele ano, houve um motim socialista inspirado pela absolvição de um grupo de militares que havia atirado a esmo numa concentração popular no início do ano e matado duas pessoas. [...] [nesse motim] o Palácio da Justiça foi incendiado, cerca de cem pessoas foram mortas e perto de mil foram feridas. Reich não apagou esses incidentes de sua mente e nem se refugiou no santuário de seus aposentos profissionais. Pelo contrário, acreditou ser importante familiarizar-se diretamente com o processo de violência política e contraviolência que se sucediam nas ruas. [...] Resolveu aliar-se politicamente àqueles que de forma mais ativa desafiavam o autoritarismo daquele governo, preparado para matar a tiros aqueles que protestavam contra suas ações. (BOADELLA, 1985, p. 65-66).

Nos dois anos seguintes, como é sabido, a população germânica foi se inclinando para a extrema direita, até que nas eleições de 1932 o partido nacional-socialista chegou ao poder. Logo em seguida, Hitler assume o poder como chanceler supremo e inicia o governo nazista e autocrático na Alemanha.

A partir daí, Reich passa a ser perseguido pelos nazistas. Todas as suas obras serão proibidas e seus livros, queimados em praça pública.

[após uma viagem] Reich retornou a Berlim em 28 de fevereiro e naquela mesma noite o edifício *Reichstag* foi incendiado, sendo seguido pela manhã da prisão de 1500 intelectuais e oficiais de esquerda. A situação era caótica ao extremo. Muitos dos amigos de Reich foram ocultados, presos ou baleados. Sua esposa mudou-se com amigos e os dois filhos foram para a casa dos avós em Viena. A pena de morte foi instituída para todos que possuíssem armas ou folhetos. Reich emprestou seu carro a um grupo de amigos para transporte de alguns panfletos e armas, com grande risco pessoal. Sua casa estava sob observação da AS e ele se registrou num hotel de Berlim com nome falso. Mas no dia seguinte, 02 de março, um artigo atacando o *Combate sexual da juventude* foi publicado pela imprensa nazista. A prisão imediata era iminente e Reich teve que escapar disfarçado de turista *en route* para esquiar de férias na Áustria. Seus arquivos e manuscritos foram guardados por seus amigos e escondidos em diferentes partes da Alemanha. E assim, como refugiado político, Wilhelm Reich retornou a Viena. (BOADELLA, 1985, p. 87).

Ao mesmo tempo, após a chegada de Stalin ao poder na URSS, muitos dos progressos que haviam surgido no campo da educação e da sexualidade foram revogados. Enquanto nos anos anteriores muitos médicos russos em Moscou que haviam aprendido a Psicanálise trabalhavam com essa abordagem, no final da década de 1920 o partido comunista passou a ver com maus olhos essa linha teórica. Segundo eles, tratava-se de uma concepção burguesa e era contra os valores da revolução comunista.

A partir desse momento, os psicanalistas foram afastados da direção das clínicas e instituições de saúde públicas. O jardim de infância de Vera Schmidt e Sabina Spielrein foi fechado. E, como seria esperado, Reich passa a ser criticado abertamente pelos membros do partido comunista sob a alegação de que “sua teoria estaria afastando os jovens do movimento revolucionário com essas conversas sobre sexualidade e amor”.

“Sexologia” para os comunistas havia se tornado a “heresia burguesa”, um deslocamento da luta econômica. A “política sexual” para os psicanalistas foi uma fuga comunista, uma falácia bolchevista de Reich. Este tentou chegar a uma síntese entre a base materialista da Psicanálise e o marxismo dialético. Agora ele estava diante de uma oposição conjunta de marxistas ordinários, que renegavam a importância social da sexualidade, e os analistas burgueses, que rejeitavam as implicações políticas. (BOADELLA, 1985, p. 85).

Por fim, além de estar sendo perseguido pelo governo alemão por suas duras críticas ao regime e pela sua associação ao partido comunista, Reich passa a ser atacado tanto pelos comunistas quanto pelos psicanalistas. Vale ressaltar que ambos os grupos não questionavam as ideias e teorias desenvolvidas por Reich – o que configuraria um debate racional de ideias, com uma lógica científica adequada para a produção do conhecimento –, mas atacavam *o próprio* Reich, com calúnias, difamações e distorções.

Era fácil, muito fácil, atacar os pontos de vista de Reich como “bolchevismo” e insinuar, como alguns analistas faziam, que eram ditados por Moscou. Dentro de um espaço de tempo muito curto, Moscou iria, em contrapartida, denunciá-los como atividade contra as reformas em andamento. (BOADELLA, 1985, p. 76).

No início de 1933, temendo pela sua vida, Reich vai embora de Berlim. Naquele ano, ele viverá um grande processo de desterritorialização, sendo expulso de países e instituições. Sobre isso, Sara Quenzer Matthiesen vai dizer que:

Com Hitler no poder; Reich fugindo do nazismo deixa a Alemanha em abril [de 1933] indo para Viena, chegando em maio em Kopnhagen. Nesse mesmo ano, conhecerá Malinowski, será expulso do partido comunista alemão e, dados os ataques fascistas, se vê obrigado a deixar a Dinamarca, indo em direção à Suécia em dezembro, estabelecendo-se em Mälmo. (MATTHIESEN, 2007, p. 67).

4.2.3 Escandinávia: a polícia, os jornais e os médicos.

Em meados de 1933, Reich chega à Dinamarca e se estabelece em Copenhague. Durante os seis meses seguintes, irá desenvolver as bases fisiológicas de todo o seu trabalho de economia sexual e Vegetoterapia.

Nesses seis meses, Reich estabeleceu a base teórica da qual a sua pesquisa psicossomática posterior dependeria. Também nesse período, com sua atenção centrada mais do que nunca nas respostas vegetativas de seus pacientes, essas experiências clínicas estabeleceram o que seria o princípio das técnicas de Vegetoterapia que deveria desenvolver nos anos seguintes. (BOADELLA, 1985, p. 108).

Uma vez que o seu trabalho sociológico de educação para as crianças e toda a parte de crítica às políticas vigentes teve que ser abandonado em razão da perseguição política que estava vivendo, Reich decidiu retomar uma questão que havia sido levantada quase dez anos antes (1924): a antítese básica da vida vegetativa.⁴⁴ Na época, Reich defendeu que a excitação sexual era antitética em relação à experiência de angústia. Ele havia apresentado um trabalho a partir da análise de casos de dois pacientes que sofriam de angústia cardíaca. Ambos tiveram remissão dos sintomas quando puderem experimentar a sensação de excitação nos seus genitais. Porém, por falta de mais elementos que pudessem corroborar sua posição e por seguir desenvolvendo os aspectos sociais dentro da Psicanálise, Reich não prosseguiu com esses estudos.

Ao se estabelecer na Dinamarca, no entanto, Reich retomou esses estudos e encontrou na literatura da época algumas investigações que o auxiliaram na compreensão da organização fisiológica das emoções e sensações. Esses estudos estavam ancorados em modulações químicas, eletrofisiológicas e plasmáticas que apontavam para o sistema nervoso autônomo (vegetativo) como sendo a expressão orgânica das emoções dos e sentimentos.

Reich não reivindicou ter descoberto nenhum fato novo durante esse ano de intenso estudo dos processos biológicos. Julgava ter sido bem-sucedido em sintetizar reações, geralmente conhecidas dentro de uma série de campos não relacionados, em uma formulação biológica válida e fundamental, ou seja, o conceito de “identidade e antítese psicossomática”. (BOADELLA, 1985, p. 108).

⁴⁴ *Sexualidade e ansiedade, a antítese básica da vida vegetativa*. Texto publicado inicialmente em 1934 e que, mais tarde, seria incluído no livro *A investigação bioelétrica da sexualidade e ansiedade*. Esse livro não foi publicado no Brasil, tendo apenas versões em outras línguas. (MATTHIESEN, 2007).

Não demorou muito para que Reich começasse a incomodar os “tradicionais” dinamarqueses. Assim, uma nova campanha difamatória foi criada com a justificativa de cuidado da população daquele país, culminando em uma situação insustentável, que levou Reich a ter que ir embora de Copenhague.

Em 1º de dezembro, Reich teve que deixar Copenhague: O Ministro da Justiça, Zahle, recusou-se a renovar sua autorização de residência. A razão para isso foi que dois psiquiatras, Clemmensen e Schroeder, apresentaram uma queixa à polícia contra Reich. Uma paciente, não aceita por Reich para tratamento, suicida e histérica, foi admitida numa enfermaria do hospital de ambos após uma tentativa posterior de suicídio. Eles alegaram, então, que havia sido consequência do tratamento, visto que foi uma forma de desapontamento frente à inabilidade de Reich em aceitá-la para análise.

As acusações contra Reich foram jubilosamente publicadas no jornal diário e uma **campanha maldosa** foi iniciada na imprensa, cujo alvo principal não foi tanto Reich como psicanalista propriamente dito. Clemmensen e Schroeder justificaram a recomendação de que seu visto não deveria ser renovado, afirmando: “nossos métodos tradicionais de tratamento mental são suficientemente bons”. Um artigo no jornal [...] foi tão longe a ponto de requerer a expulsão de Reich do país, a fim de “evitar que um desses chamados sexologistas alemães enganem nossos jovens, convertendo-os a essa pseudociência perversa da Psicanálise”. (BOADELLA, 1985, p. 108-109). (**Grifos nossos**).

Dentro desse contexto de perseguição política pelos nazistas e de campanhas de difamação organizadas pelos médicos dinamarqueses, Reich se muda para Malmö, na Suécia, para poder dar prosseguimento aos seus estudos sobre a relação entre a fisiologia humana e os aspectos psíquicos. Nesse ínterim, Reich vai a Londres visitar o diretor do instituto de fisiologia da universidade, para perguntar a ele sobre como proceder com as medições das cargas bioelétricas da pele. Teve como resposta que essa era uma ideia maluca e que não era possível realizar tais medições. (BOADELLA, 1985).

Novamente, Reich se torna um emigrante em um período de menos de um ano. Mudando-se para Malmö, ele passou a ficar a uma curta distância de Copenhague, o que gerou uma situação inusitada, uma vez que estudantes e psicanalistas atravessavam o estreito da Dinamarca para a Suécia, de barco, para poderem estudar com Reich. Isso se dava diariamente e, conseqüentemente, foi notado pela polícia de ambos os países.

[...] estudantes dinamarqueses viajavam em dias alternados para supervisão. Os estudantes procediam de Oslo. Era uma situação extraordinária. A polícia de ambos os lados do estreito estava consciente que acontecimentos estranhos estavam ocorrendo. Um agente do serviço secreto foi destacado para observar os arredores da

casa onde Reich e Elsa Linderburg estavam morando. Estudantes eram interceptados durante a viagem e levados para as chefaturas de polícia para interrogatório. Havia coordenação entre os dois psiquiatras de Copenhague e os funcionários da área de saúde da Suécia. As polícias dinamarquesa e sueca sincronizaram seus esforços. No mesmo dia, no mês de abril, a casa de Philipson, em Copenhague, foi revistada enquanto ele se achava fora, estudando com Reich, cujo quarto foi revistado pela polícia de Malmö **sem autorização**. (BOADELLA, 1985, p. 109). (**Grifos nossos**)

Mesmo com toda essa movimentação, não houve nenhum registro de queixa formal feita contra Reich. Por outro lado, seu pedido de residência não foi renovado e ele teve que deixar a Suécia em maio daquele ano.

Durante dois meses, esteve em condição ilegal na Dinamarca, até que, após o congresso de Lucerna, em agosto de 1934, recebeu um convite do professor Schjelderup para se estabelecer em Oslo, na Noruega. O convite incluía instalações no Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo, uma vez que havia no local equipamentos adequados para as medições bioelétricas nos músculos, assim como muitas pessoas interessadas em testar suas teorias.

Reich deixou o congresso entristecido. Era ainda um estranho num país que lhe recusou um visto de permanência. Num espaço de oito meses, havia sido excluído de três países, do Partido Comunista Dinamarquês (ao qual nunca pertenceu) e da Associação Psicanalítica. (BOADELLA, 1985, p. 113).

Nessa época, Reich estava desenvolvendo toda a parte técnica da economia sexual que mais tarde denominou *Vegetoterapia*.⁴⁵ Trabalhou extensamente no laboratório de fisiologia da universidade com os experimentos bioelétricos para compreender como se davam os movimentos energéticos (bioeletricidade) no corpo. Com isso, pôde embasar sua concepção de um movimento antitético entre o prazer e a angústia a partir das medições do potencial bioelétrico e da compreensão fisiológica desses processos.

Após se instalar definitivamente em Oslo, Reich foi buscar ajuda de um assistente do instituto de fisiologia para adquirir os aparelhos adequados à sua pesquisa. A ideia “maluca” de Reich não havia sido concebida “do nada”; pelo contrário, ele vinha pesquisando outros trabalhos que também faziam medições elétricas em partes distintas do corpo.

⁴⁵ Esse trabalho está desenvolvido no capítulo 2 do presente texto.

Basicamente, o que queria fazer era algo semelhante ao trabalho daqueles que partiram para a medida da atividade elétrica do cérebro ou do coração. Havia somente dez anos que Hans Berger tinha projetado o primeiro aparelho de eletroencefalografia para o registro das ondas cerebrais. A ideia era construir um aparelho que pudesse registrar a atividade elétrica da pele. (BOADELLA, 1985, p. 127).

A organização do trabalho da Vegetoterapia se dá nesse contexto, uma vez que Reich pôde estudar com profundidade o funcionamento vegetativo (sistema nervoso autônomo) e compreender as relações funcionais entre as respostas autonômicas do organismo e as funções psíquicas (princípio da unidade funcional mente-corpo).

Por volta de 1933, as conclusões teóricas de Reich sobre a relação entre a sexualidade e a angústia, e o seu trabalho clínico na dissolução das couraças do caráter, levaram-no às **fronteiras do campo psicológico**. Com o conceito de “resposta vasomotora”, desenvolvido em *Die funktion des orgasmus*⁴⁶, ele estava próximo do campo complexo dos fenômenos psicossomáticos que a maior parte dos analistas preferiram deixar de lado. (BOADELLA, 1985, p. 101). (**Grifos nossos**)

Muitos dos que estavam próximos a Reich nessa época seguiram desenvolvendo seu trabalho mesmo após a partida dele para os Estados Unidos. Médicos psiquiatras, fisiologistas, neurologistas, psicanalistas. Havia muita gente interessada no trabalho que Reich estava desenvolvendo com a Vegetoterapia. Vale destacar alguns nomes como Ola Raknes, que posteriormente organizou a metodologia da Vegetoterapia com o italiano Federico Navarro e Elsworth Baker, o qual será, também mais tarde, o responsável pelo treinamento dos novos terapeutas em Nova York.

Na época em que Reich estava desenvolvendo seus conceitos vegetoterapêuticos, ele já era um dissidente do movimento psicanalítico [...]. Foi, entretanto, convidado para dar um curso sobre Análise do Caráter na Universidade de Oslo, em 1935, e a maior parte de seus alunos entusiasmados encontrava-se, nessa época, na Noruega. (BOADELLA, 1985, p. 119).

A despeito do entusiasmo de muitos dos que estudavam com Reich, no entanto, a onda de intrigas e perseguições continuou existindo, mesmo nos círculos mais próximos a ele.

⁴⁶ Esse nome foi dado inicialmente ao trabalho que Reich desenvolveu nessa época. Porém, em razão da forma fria com que esse trabalho foi recebido pelos psicanalistas e por Freud, Reich guardou o material. Mais tarde, em 1942, ele publicaria um novo livro com o mesmo nome, *A função do orgasmo*, que continha muito pouco do material publicado no seu homônimo, em 1933. Só muitos anos após a sua morte, o primeiro livro foi reeditado nos Estados Unidos, com o nome *Genitality*; e no Brasil, foi publicado sob o título *A psicopatologia e a sociologia da vida cotidiana*. (MATTHIESEN, 2007).

Havia, basicamente, duas atitudes que corroboraram a posição de desconsideração do desenvolvimento das pesquisas que Reich vinha desenvolvendo naquele momento.

Um grupo de pessoas que atacava sistematicamente a figura de Reich como forma de descreditar os resultados do seu trabalho. Dentre elas, Otto Fenichel se destaca como uma das que mais propagou Peste Emocional contra a pessoa de Reich:

[...] nessa categoria estavam um ou dois indivíduos que desenvolveram uma **hostilidade pessoal contra Reich, também não sem ciúmes profissionais** ou por incompatibilidade de temperamento. O principal deles era colega de formação de Reich, Otto Fenichel, que também mudou para Oslo, mas começou a entrar cada vez mais em conflito com ele e **iniciou uma campanha contra a admissão de Reich na Associação Psicanalítica Norueguesa**. O notável sucesso terapêutico de Reich com um ou dois pacientes que haviam se tratado por Fenichel, mas com resultados menos satisfatórios, foi um fator que, sem dúvida, muito contribuiu para a hostilidade de Fenichel, que mudou-se para a América do Norte em 1935 e lá **espalhou rumores bastante influentes**, cujo conteúdo se referia ao fato de que Reich seria esquizofrênico.⁴⁷ (BOADELLA, 1985, p. 120). (**Grifos nossos**)

Um outro grupo de pessoas aceitava parcialmente o trabalho de Reich, desenvolvia alguns aspectos, excluía outros e, por fim, retirava a autoria de Reich ou as suas contribuições pelos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos.

O mundo médico e analítico como um todo, entretanto, reagiu a essas novas técnicas ou com silêncio ou com ridicularização. [...] mas muitos preferiam a técnica antiga: o tratamento silencioso. “É como se ele nunca tivesse existido”, escreveu R. D. Laing. “Poucos estudantes de medicina, senão alguns, terão ouvido seu nome apenas mencionado na escola de medicina e muitos nunca entrarão em contato com ele através de seus livros... As proposições de Reich em relação às influências

⁴⁷ Esse é um dos exemplos claros de como funciona um movimento organizado de Peste emocional. A partir da frustração de um indivíduo, ele age com o intuito de destruir o trabalho de uma pessoa, de modo a desacreditá-la. A consequência desse tipo de campanha difamatória aparece em textos como *O anti Édipo*: “Se considerarmos em detalhe a teoria final de Reich, confessamos que **seu caráter ao mesmo tempo esquizofrênico e paranoico** não apresenta inconveniente algum para nós, muito pelo contrário. Confessamos que **toda tentativa** de aproximar a sexualidade de fenômenos cósmicos do tipo “tempestade elétrica”, “bruma azulada e céu azul”, o azul do orgono, “fogo-de-santelmo e manchas solares”, fluidos e fluxos, matérias e partículas, nos parece afinal mais adequada do que a redução da sexualidade ao lamentável pequeno segredo familista.” (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 386). Uma declaração como esta me parece tão adequada do ponto de vista da refutação de uma teoria quanto alguém que diz que “não acredita em vacina porque recebeu um vídeo no *Whatsapp* dizendo que quem se vacina vira jacaré” ou que “o homem nunca esteve na lua e isso é uma invenção comunista”. Ou seja, para se discutir uma teoria científica, é necessário, no mínimo, uma verificação do experimento e a checagem dos resultados. Caso contrário, não podemos tratar como ciência, mas sim como **opinião**. (DESCARTES, 2018). Assim, nos mantemos ao lado de autores contemporâneos que estudam e compreendem o trabalho de Reich com a profundidade necessária para perceber sua potência, como Cláudio Mello Wagner, que faz a seguinte afirmação: “penso que [...] a teoria reichiana não seja delirante, e sua prática não seja inconsequente, como alguns querem fazer crer”. (WAGNER, 1996, p. 29).

sociais sobre as funções do sistema simpático, do parassimpático e do sistema nervoso central e sobre nossa bioquímica são testáveis, mas nunca são verificadas”. (BOADELLA, 1985, p. 122-123).

Durante os próximos cinco anos, Reich iria viver um dos períodos de maior desenvolvimento científico e de descobertas da sua vida. Seguindo suas pesquisas fisiológicas, ele vai se deparar com o descobrimento das partículas que chamou de *bions* e, logo depois, com o descobrimento da energia *orgon*.

A partir de suas pesquisas bioelétricas no organismo humano, Reich buscou compreender se esse movimento de pulsação – contração e expansão – que havia encontrado em diversas instâncias poderia ser verificado em organismos mais simples e unicelulares.

Nesse momento, desenvolvendo suas pesquisas dentro da Universidade de Oslo, Reich, que já havia atravessado tantos campos do conhecimento, adentraria mais um: a ciência experimental. Munido dos microscópios com maior capacidade de resolução da época e fazendo todo o registro dos experimentos com microfilmagem (que não era uma prática comum na época), Reich fez extensos registros das suas observações. Esses experimentos foram registrados na própria Universidade de Oslo, além de replicados pela *Académie des Sciences* de Paris e pelo Laboratório de Fisiologia Geral da Sorbonne. Também no México, a Sociedade Internacional de Plasmogenia replicou os experimentos descritos por Reich e o elegeu como membro honorário pelas suas pesquisas inovadoras. (BOADELLA, 1985).

O trabalho de Roger du Teil [professor da *Académie des Sciences*] na confirmação dos experimentos do bion é absolutamente crucial. Seu comunicado a 7 de março à Sociedade de Filosofia Natural em Nice forneceu uma explicação cuidadosa de sua confirmação das descobertas de Reich. Ele contava com a assistência dos Drs. Ronchese e Saraille, e do Sr. Deel, bacteriologista de Cannes e com as instalações de um laboratório de análises que possuía microscópios binoculares capazes de uma ampliação superior a 3000 x. Observações das preparações de Reich revelaram **“imediatamente e com incontestável exatidão os aspectos descritos na comunicação de Reich”**. (BOADELLA, 1985, p. 142). (Grifos nossos).

Todo esse processo pode ser encontrado em seu livro *The bion experiments on the origins of life* (sem versão em português). Por se tratar de uma pesquisa específica no campo da biologia, não consideramos que seja necessária uma descrição mais extensa sobre os experimentos. Nosso ponto está no fato de que tanto a descoberta dos bions quanto da energia orgon foram resultantes de anos de pesquisas, extensamente registradas por

grandes centros de pesquisa que existiam na época. Não se trata de uma especulação teórica ou uma hipótese metafísica, mas sim observações de eventos obtidos em laboratório e replicados por outros centros de pesquisa.

Mais tarde [Albert Fischer, do laboratório de Copenhague] atacou os experimentos sobre os bions porque eram “incriticáveis” e falou ao Dr. Leunbach das “fantasias” de Reich. Se as observações de Reich sobre os bions eram fantasias, era surpreendente que as mesmas fantasias tivessem ocorrido ao grupo de pesquisadores do laboratório de análises de Du Teil, em Nice, e que os cientistas do Laboratoire Générale de Physiologie da Sorbonne também as compartilhasse. (BOADELLA, 1985, p. 147).

Assim, a forma adequada de refutação desses experimentos precisa ser também dentro do laboratório e utilizando os mesmos protocolos. As acusações de charlatanismo, esquizofrenia ou de serem, essas descobertas, frutos de alucinação de uma mente esotérica só explicitam a ação da Peste Emocional contra Reich e seu trabalho.

Aqueles que tiveram o cuidado e o trabalho de repetir os experimentos *e os controles*, sob condições experimentais adequadas, acabaram por compartilhar as “fantasias” de Reich, isto é, confirmaram seus resultados. Aqueles que as “refutaram”, ficou logo claro, **não haviam realizado nenhum experimento ou espalhafatosamente tiraram conclusões precipitadas e não científicas.** (BOADELLA, 1985, p. 147). (Grifos nossos).

Por ora, cabe sabermos que essas foram suas principais e mais revolucionárias descobertas. E, ainda que tenha se preocupado em registrar com esmero cada etapa do processo, cada experimento e todos os resultados, isso não o impediu de seguir sendo caluniado e difamado.

Após a publicação de seu livro *Die bione*, em 1937, a campanha de difamação se intensificou, tendo adesão de muitos médicos, psicanalistas e jornalistas. Sem conduzirem nenhum tipo de experimento, eles apelavam para acusações nas áreas científica, psicanalítica e sexual. Tal campanha durou mais de um ano e, por fim, gerou uma condição insustentável para que Reich e seus colaboradores seguissem com as pesquisas dos bions na Noruega. Sobre isso, Boadella vai dizer que:

[...] a campanha teve quase uma centena de artigos hostis a Reich. Apenas uns poucos enviados em sua defesa foram publicados; entre esses, uma carta de Malinowski na qual dizia que o Dr. Reich o havia impressionado como um pensador legítimo e original, e que seria a maior perda se ele fosse de qualquer modo impedido de usufruir de

todas as facilidades relativas à realização de suas ideias e descobertas científicas. (BOADELLA, 1985, p. 149).

4.2.4 Estados Unidos: os jornais, o FBI e a FDA

Essa é a parte do trabalho desenvolvido por Reich que contém a maior quantidade de carga de Peste Emocional até hoje. Uma expressão disso é a quantidade de “mitos”, piadas, acusações de charlatanismo, misticismo, loucura etc. que envolvem esses dois termos – os bions e a energia orgon – e todo o campo de trabalho e pesquisa denominado por Reich de *Orgonomia*. Como não é o foco desse trabalho trazer em minúcias toda a pesquisa orgonômica, assim como seus resultados e comprovações, sugerimos àqueles que se interessarem sobre o tema a leitura das seguintes obras: *A função do orgasmo – A descoberta do orgone vol. 1* e *A biopatia do câncer – A descoberta do Orgone vol. 2*, ambos de autoria do próprio Wilhelm Reich. Lá é possível acompanhar todo o desenvolvimento da pesquisa orgonômica, a descrição dos protocolos e experimentos, assim como uma parte dos resultados.⁴⁸

É válido ressaltar que, quando chegou aos Estados Unidos, Reich seguiu desenvolvendo sua pesquisa com os bions, trabalhando em laboratórios de importantes centros de pesquisa e universidades.

Em 1941, Reich teve um encontro com Einstein para discutir com ele suas recentes descobertas, tanto dos bions quanto dos fenômenos registrados da cultura dos bions de areia de praia – *bions Sapa* – como luminescência, mudança de temperatura e outros. Além disso, Reich já havia pesquisado muitas expressões de uma forma desconhecida de energia e estava buscando, com Einstein, uma explicação de seus experimentos e observações.

Einstein confirmou as manifestações luminosas e de aquecimento derivadas de um tipo de energia desconhecido pela física. Porém, quando Reich lhe enviou uma carta com mais de 25 páginas contendo registros detalhados dos seus experimentos com a energia orgon, Einstein não mais lhe respondeu. Anos mais tarde, afirmou estar sem tempo para seguir investigando as descobertas de Reich. Todo esse material, a discussão e as cartas trocadas por ambos foi publicada, após a morte de Einstein, sob o título *The Einstein affair*.

⁴⁸ Como veremos mais adiante, a maior parte do material da pesquisa orgonômica foi destruída na década de 1960, por ordem judicial do governo dos Estado Unidos, assim como foi decretado que nenhum experimento ou pesquisa na área pudesse se desenvolver no período de alguns anos.

Com relação aos seus experimentos tanto das culturas de bions quanto da energia orgon, mesmo estes sendo desenvolvidos segundo critérios científicos e experimentais, largamente registrados e conduzidos dentro de centros de pesquisas sérios e reconhecidos, seguiram sendo atacados por supostamente serem derivados da imaginação de Reich, ou de que Reich havia ficado “maluco”. Sobre esse processo, Boadella vai dizer que:

Esta é a conclusão mais comum dos que leram descrições populares e distorcidas de sua pesquisa, na qual calúnias são levantadas em relação à sua sanidade mental. Qualquer um que leia os relatos ou a correspondência de Reich com Einstein não pode ter dúvidas quanto à sua sanidade. E qualquer um que se dê ao trabalho pode facilmente repetir algumas das experiências mais simples. O fato de Einstein ter confirmado a presença do fenômeno luminoso e a diferença de temperatura deveria demonstrar de forma conclusiva que qualquer que seja a opinião sustentada quanto à interpretação de Reich, as descobertas nas quais se basearam são reais, respeitáveis e acima de controvérsias. (BOADELLA, 1985, p. 175).

São muitos os elementos que apontam para a descoberta de uma nova forma de energia a partir dos estudos de Reich. Descobertas essas que implicariam uma grande mudança de paradigma, não só nos campos científicos da biologia e da física, mas também nas compreensões do funcionamento do organismo nas áreas médicas e da psicologia.

Isso ocorreu quando Copérnico afirmou, a partir da Teoria Heliocêntrica, que a Terra não era o centro do nosso sistema, contrariando frontalmente o paradigma católico e, logo em seguida, com Galileu, que comprovou a teoria de Copérnico, sendo condenado e preso por questionar os dogmas católicos. Ocorreu também quando Darwin, com sua Teoria da Evolução das Espécies, afirmou serem os humanos descendentes dos primatas e não criados diretamente por um deus – à sua imagem e semelhança. Foi assim com Marie Curie, com suas pesquisas sobre a radioatividade e seus efeitos. Também se deu dessa forma com Einstein, que propôs a Teoria da Relatividade e desenvolveu seus trabalhos com energia atômica.

Todas essas pessoas propuseram grandes mudanças de paradigma nas concepções vigentes sobre a compreensão da natureza e das pessoas, sofreram perseguições, foram caluniadas e, anos depois – por vezes apenas após suas mortes –, tiveram seu trabalho reconhecido mundialmente pela “ciência”.

Se, conforme descrito anteriormente, as descobertas de Reich são válidas e ele não foi um “maluco” como afirmam com frequência, o que segue impedindo que seus trabalhos e

descobertas possam transformar o paradigma da humanidade como o fizeram grandes pessoas antes dele? O que se deu durante a vida de Reich e em todo o processo de ataques caluniosos e de difamação que manteve suas pesquisas fora dos grandes centros de pesquisa e instituições de ensino?

De acordo com Lima e Hur (2020), apenas na década de 1990 começaram a surgir trabalhos de mestrado e doutorado nas universidades brasileiras com temas reichianos, como *Análise do Caráter e Vegetoterapia*. Até 2019, eram menos de cem dissertações e teses que tinham como foco do trabalho o desenvolvimento das questões propostas por Reich quase cem anos antes. Do total, menos de 10% tratavam do tema da Orgonomia.

Talvez, o processo de perseguição que Reich viveu nos Estados Unidos possa nos trazer resposta para esses questionamentos. Para isso, precisaremos retornar alguns anos, para 1937 mais especificamente, quando Reich, a partir dos seus experimentos com os bions, ainda na Noruega, passou a testar a reação dessas culturas em ratos. Esse foi o início da sua pesquisa com os bions que o levou diretamente à compreensão do câncer e ao tratamento dessa biopatia.⁴⁹ Esse foi, também, o início do processo que o levou a ser condenado e preso nos Estados Unidos sob a acusação de charlatanismo pela FDA.

A contribuição de Reich para o entendimento do processo do câncer distribui-se por três setores: seus estudos sobre a origem da célula do câncer, baseados em observações microscópicas durante os últimos dois anos na Noruega; relatos clínicos do processo do câncer, baseados em diversos pacientes portadores da doença, aos quais aceitou observar e tratar gratuitamente; o processo de tratamento em si, por ele iniciado, primeiro empregado em camundongos, depois em pacientes humanos. (BOADELLA, 1985, p. 181).

Novamente, Reich se deparou com a mesma dificuldade encontrada em diversos outros momentos da sua trajetória profissional: suas pesquisas e teorias atravessavam diversas áreas do conhecimento. Com isso, poucos profissionais eram capazes de compreender o trabalho de Reich, uma vez que eles próprios não dominavam áreas distintas do conhecimento. Esse foi, mais uma vez, um dos elementos que favoreceu as críticas infundadas ao seu trabalho, a campanha de Peste Emocional, sua condenação e prisão.

No que diz respeito à medicina tradicional, a doença do câncer continua sendo um problema sem solução. Embora os tumores possam ser afetados com raios X, cirurgias,

⁴⁹ Termo utilizado por Reich para denominar as patologias que se desenvolvem a partir do próprio organismo, como as doenças autoimunes e as psicossomáticas.

além de outros procedimentos drásticos, os antecedentes da doença ainda não foram compreendidos. Alguns dos ataques mais amargos que Reich sofreu no caminho de sua vida foram dirigidos ao seu trabalho no campo do câncer. [...] [Seu livro] *A biopatologia do câncer* só pôde ser completamente absorvido pelas pessoas que, além de um bom nível de conhecimento de patologia médica, detiverem informações sobre áreas especializadas de pesquisa nas quais Reich se localizara: a economia sexual do orgasmo; os processos de profundidade do caráter; antíteses entre expansão e contração do sistema nervoso vegetativo; o desenvolvimento de formas plasmáticas móveis oriundas de substâncias em desintegração em soluções. (BOADELLA, 1985, p. 181-182).

Esse pequeno panorama é necessário para que possamos discutir o processo de ataque vivido por Reich nesse momento de sua vida.

Reich havia sido vítima de diversas campanhas. Sobreviveu à maledicência dos analistas vienenses na década de vinte. Suportou o vitupério dos marxistas vulgares quando seu jovem movimento se tornou demasiadamente radical. Passou por uma outra campanha, na Dinamarca, para manchar seu nome. Teve que aguentar as humilhantes interrogações da polícia sueca. Manteve um silêncio digno durante o longo inverno em que a imprensa norueguesa protestava contra a pesquisa do bion. E, nos Estados Unidos, esperava se deparar com alguma espécie de abrigo onde pudesse encontrar a liberdade para desenvolver seu trabalho em paz. Não foi o que aconteceu. Gradualmente, os ataques irracionais foram se amontoando e culminaram na ameaça mais ininterrupta e coordenada que seu trabalho já havia enfrentado. (BOADELLA, 1985, p. 258).

Reich vai para os Estados Unidos, em 1939, rumo a Nova York, como consequência do convite feito pelo professor Theodor Wolfe. Quando partiu de Oslo, estava no último navio que saiu da Noruega antes do início da guerra.

Esse convite foi feito com a intenção de favorecer as pesquisas que Reich vinha fazendo no campo da recém-batizada *biofísica orgonômica*, a partir dos experimentos e das descobertas que havia realizado nos últimos cinco anos na Escandinávia. Além das suas pesquisas no campo da Orgonomia, naquele momento, Reich estava voltado ao trabalho com crianças e mulheres gestantes, uma vez que compreendera que o trabalho clínico não teria a mesma potência de transformação social que o de prevenção das neuroses.

A infância do porvir, na visão reichiana do presente, fortemente pessimista, está demasiado longe para ser o lugar – de fato o não lugar, a utopia – de uma projeção. Ela intervém como mítica *linha de fuga*, supressão do presente, e o deporta, reabsorve, anula e deteriora como *terreno de luta* atual e concreto que implica posições e atos precisos;

[...] O essencial continua sendo que esse “outro sistema pedagógico” anunciado por Reich está ligado por todas as suas fibras às múltiplas dimensões da economia sexual: “*A reestruturação do caráter humano por uma transformação radical de nossa maneira de educar as crianças, em todos os aspectos, [...] diz respeito à Vida como tal*”. (DADOUN, 1991, p. 126).

Sua estadia em Nova York foi curta. Durante uma de suas viagens para o norte do país, conheceu a região dos Grandes Lagos, no estado do Maine. A sensação de estar de volta a uma região selvagem e de natureza – em contraste com a vida na cidade de asfalto e concreto – o deixou tão entusiasmado que, em 1942, mudou-se definitivamente para lá, onde vai viver até o fim de sua vida.

Rangely, Maine. Essa foi a cidade que Reich encontrou para viver. Lá ele comprou uma área próxima ao lago Rangely, a qual denominou *Orgonon*. À época, tratava-se de uma região muito pouco habitada, cercada de florestas, montanhas e lagos⁵⁰.

Durante seu período em Orgonon, Reich produziu incessantemente. Revisou muitos dos seus escritos anteriores, desde o livro *Análise do Caráter*, passando por seus escritos sociológicos e de economia sexual, até a produção de novos materiais, como as publicações *Crianças do futuro*, *A função do orgasmo* e *A biopatia do câncer*.

Seu trabalho clínico ficou restrito a poucos pacientes. Eles eram, em sua maioria, pacientes antigos que seguiam fazendo seus acompanhamentos com Reich; alguns dos colaboradores das pesquisas que vinham sendo desenvolvidas em Orgonon e pessoas que estavam em tratamento de câncer e que participavam dos experimentos com o acumulador de orgon.⁵¹

Além da produção intelectual, Reich esteve imerso em suas pesquisas a respeito da recém-descoberta energia orgon, suas aplicações e funcionalidades. Se, por um lado, foi capaz de fazer muitas descobertas nesse campo; por outro, esse foi o meio que as campanhas de difamação encontraram para atacar sua vida e suas pesquisas. E se insisto que os ataques que Reich viveu foram consequência de calúnias e de movimentos organizados de Peste Emocional, isso se deve a atualmente termos acesso a todo o processo movido pelo FDA

⁵⁰ Quando estive lá, em 2014, a região ainda era muito pouco povoada e, ainda assim, era possível compreender o motivo pelo qual Reich havia decidido, décadas antes, se estabelecer naquele lugar. Há uma tranquilidade e uma sensação agradável de estar na região. Além disso, a possibilidade de respirar ar puro e isento de poluição traz um desejo de estar ali por mais tempo.

⁵¹ Para mais detalhes sobre esse processo, ler o livro *A biopatia do câncer*. Lá existe um registro detalhado dos tratamentos e maiores explicações a respeito do funcionamento do acumulador de orgon.

contra ele,⁵² em que foi acusado de ser comunista e apontava a necessidade de suas atividades serem vigiadas.

Alguns anos após o início do movimento de difamações vivido por Reich nos EUA, amigos e colaboradores fizeram um trabalho para identificar as fontes dos ataques e encontraram três origens principais, que se iniciaram em 1947: a primeira delas veio de publicações de uma jornalista. Tratava-se de artigos que continham ataques hostis, imprecisos e irracionais a Reich, associando seu trabalho a uma espécie de seita que prometia cura a partir de experiências sexuais que seriam conduzidas por ele em seu laboratório. Esses artigos continham poucos elementos do trabalho de Reich e uma quantidade enorme de insinuações, doses de misticismo e, logicamente, ataques à sua ética. A segunda fonte foi localizada em uma das ex-mulheres de Reich. Ela havia ficado em Viena, juntamente com as duas filhas do casal e guardava grandes ressentimentos em relação a ele. A terceira fonte vinha de Otto Fenichel e as razões dos ataques foram discutidas anteriormente.

Sem dúvidas, o ataque mais destrutivo veio das acusações feitas contra Reich pelos jornais. Esses artigos rapidamente foram republicados em outros lugares e instituições médicas profissionais e governamentais, iniciando campanhas de acusação e perseguição a Reich.

No ano seguinte, a Associação Psiquiátrica Norte-Americana (APA) iniciou uma série de movimentos de acusação a Reich, que iam desde ele ter se tornado um esquizofrênico e psicótico até ser um charlatão. Processos foram abertos para investigar as práticas de Reich e médicos ligados a ele foram demitidos do hospital onde trabalhavam sem nenhuma justificativa, exceto por serem “próximos a Reich”.

Vale ressaltar que a Associação Psiquiátrica estava fora da sua alçada. Em momento algum, os acumuladores de orgon foram utilizados para tratar de questões psiquiátricas, mas sim de doenças físicas. Dessa forma, era esperado que a Associação Médica Norte-Americana se pronunciasse e conduzisse uma investigação séria no sentido de replicar os experimentos de Reich, confirmando seus resultados ou refutando-os. Isso nunca foi feito.

Alguns médicos independentes replicaram os experimentos de Reich e concluíram que seu trabalho com o acumulador de orgon era válido. Eles se reuniram e fundaram a

⁵² O documento na íntegra está disponível em: <http://altgov2.org/wp-content/uploads/FBI_reich-wilhelm.pdf>.

Associação Norte-Americana de Orgonomia Médica. Eram todos médicos reconhecidos no meio da medicina e muitos ocupavam cargos de destaques em grandes hospitais e centros de pesquisa.

Em 1947, a *Food and Drug Administration* (FDA)⁵³ iniciou uma investigação formal contra Reich e o seu trabalho com os acumuladores de orgon. Segundo a denúncia que havia sido iniciada pelo artigo do jornal, Reich estaria administrando um negócio escuso que misturava uma “caixa que provocava orgasmos” com “cura do câncer”. Essa investigação durou quase sete anos e culminou em um processo legal contra Reich e seu instituto de pesquisa.

A alegação final era de charlatanismo: acusava-se Reich de estar vendendo acumuladores de orgon com a promessa de cura ao câncer. Ao mesmo tempo, o processo legal continha uma série de insinuações de que Reich seria comunista e de que possuía comportamentos inadequados e de natureza sexual com seus pacientes.

Para muitas pessoas, isso parecia torná-lo "obcecado por sexo". Sempre que alguém tentava atacá-lo por suas descobertas ou por sua busca em outros campos, seu trabalho sobre sexualidade era incluído, fora do contexto, e usado para denegrir Reich de uma forma ou de outra. A obsessão por sexo, por pornografia, estava na cabeça dos críticos. (OLLENDORF, 1979, p. 22).

Por fim, em março de 1954, foi expedido um mandado de segurança contra Reich. Este continha uma série de falhas e detalhes técnicos que explicitavam que o processo, mais do que questionar a validade da Orgonomia, tinha a função de impedir que Reich seguisse trabalhando. Não cabe entrar em pormenores, mas há vasta literatura sobre o assunto atualmente, assim como os próprios arquivos do FBI, atualmente públicos, já citados anteriormente.

Nesse mandado, era determinada a proibição de uso e venda do acumulador de orgon, a imediata destruição e desmontagem de todos os acumuladores em uso, a proibição da venda de dez livros de Reich na época, assim como a destruição de um panfleto explicativo do uso do acumulador de orgon.

Após o mandato de segurança, a própria FDA emitiu uma nota agradecendo à Associação Psiquiátrica Norte-Americana pelo apoio nesse processo. Segundo Boadella, nessa nota

⁵³ Órgão federal norte-americano responsável pela regulação dos alimentos e drogas no país. É o órgão equivalente à Anvisa no Brasil.

“a campanha difamatória por trás do processo da FDA finalmente era admitida abertamente”. (BOADELLA, 1985, p. 267). Essa afirmação é feita pelo fato de o processo de investigação da FDA ter tido como base o artigo calunioso do jornal, que não continha nenhuma prova legal contra o trabalho de Reich. Além disso, durante todo o processo, não foi incluída nenhuma refutação científica, pesquisas ou provas que embasassem a não eficácia de seu trabalho. Em vez disso, insinuações e mentiras eram usadas como forma de desacreditar a pessoa de Reich, sua ética profissional e seus valores.

Quando o juiz Sweeney pronunciou a sentença em 25 de maio de 1956, esta foi, sob todos os aspectos, uma penalidade cruel imposta por ele. A Fundação Wilhelm Reich recebeu ordem de pagar uma multa de 10.000 dólares; [...] o próprio Reich foi condenado a dois anos [de prisão]. (BOADELLA, 1985, p. 301).

Além disso, todos os acumuladores de orgon que estavam em Orgonon foram destruídos, assim como o material usado para fabricação de novos acumuladores (ainda que o mandado definisse que apenas os acumuladores deveriam ser inutilizados). Enquanto isso, em Nova York, todo o estoque de livros e revistas escritos por Reich foram confiscados e levados para o incinerador municipal (novamente, o mandado afirmava que as cópias deveriam ser apreendidas, mas não destruídas). Além de 14 títulos distintos escritos por Reich, uma série de revistas e outros textos também foram destruídos.

A desproporção da ação da FDA foi tão grande que a União Norte-Americana de Liberdades Civis emitiu um comunicado criticando duramente a ação deste órgão. Boadella afirma que não há nenhum paralelo a esse movimento de destruição de material científico nos tempos modernos.

Ainda que Reich tenha podido responder em liberdade, no dia 13 de março de 1957, sua sentença final foi definida e ele foi enviado a uma penitenciária federal. Lá, com autorização do juiz, seguiu escrevendo e produzindo textos que seriam, em algum tempo, apreendidos e destruídos pelas autoridades. No dia 2 de novembro do mesmo ano, Reich amanheceu morto, resultado de uma insuficiência cardíaca.

Seu enterro foi em Orgonon e de seu túmulo é possível ver os lagos abaixo. Em seu testamento, deixou a maior parte de seus bens para a fundação de cuidado e proteção às crianças. Além disso, determinou que todo o seu material e escritos ainda existentes no laboratório deveriam ser lacrados e mantidos fora de alcance do público durante cinquenta

anos. Ele acreditava que uma futura geração poderia ser capaz de compreender melhor suas ideias e dar continuidade ao seu trabalho.

Sobre isso, Baker afirma: “este trabalho deve continuar com os mesmos princípios e integridade que ele mantinha, para que sua morte não tenha sido em vão e o mundo não tenha que sofrer a perda daquilo que ele trouxe” (BAKER apud BOADELLA, 1985, p. 305).

Muito se discute nos meios reichianos contemporâneos sobre o evento da morte de Reich, se ele teria de fato tido uma parada cardíaca ou se teria sido “morto” na prisão. Ainda que sejam apenas especulações de reichianos sem qualquer prova capaz de sustentar tal suspeita, é um fato que o trabalho de Reich, suas ideias e pesquisas foram perseguidas e assassinadas diversas vezes.

O questionamento que fica, seguindo uma sugestão de Baker, é: o que é isso que queriam matar quando atacaram o conhecimento reichiano e o próprio Reich? A que se refere Baker quando fala que “o mundo não tenha que sofrer a perda *daquilo que ele trouxe*”? Qual é a maldição presente nas ideias de Reich que fez com que, em vida – e mesmo depois de morto –, ele fosse perseguido, difamado e banido do meio científico? Porém, antes de chegarmos a essa conclusão, precisamos compreender o que se passou após sua morte e, finalmente, como essa questão se manifesta no contexto contemporâneo do Brasil ou, mais especificamente, no Rio de Janeiro em 2021.

4.3 As abordagens neorreichianas e a segunda morte de Reich

Todo o processo de ataques e difamações que Reich viveu e o processo judicial com as condenações geraram grande desgaste não só para Reich como para muitos dos seus colaboradores. Estes também eram implicados na situação, sendo vítimas de ataques maledicentes e/ou de sentenças judiciais por estarem vinculados a Reich e ao seu trabalho.

Após a morte de Reich e seu desejo explícito de que seu material fosse lacrado por cinquenta anos (MATTHIESEN, 2002),⁵⁴ houve disputas e desconfianças entre aqueles que haviam trabalhado juntamente com ele. Com o tempo, começaram a surgir abordagens psicoterapêuticas que continham alguns elementos da abordagem corporal

⁵⁴ Matthiesen foi responsável por fazer a tradução do documento oficial do testamento de Reich e de seus últimos desejos. O artigo com o texto na íntegra pode ser encontrado na plataforma Scielo.

que Reich havia desenvolvido com o nome de Vegetoterapia; porém, sem as características básicas do trabalho que eram a compreensão da função sexual como reguladora do sistema nervoso autônomo e a compreensão do contexto social e político como um atravessamento desses organismos.

Essas abordagens parecem ter sido uma forma *pasteurizada* do trabalho desenvolvido por Reich. Autores como Cecília Coimbra corroboram nossa posição, ao afirmarem que os aspectos verdadeiramente revolucionários foram retirados de seu trabalho com essas novas abordagens (COIMBRA, 1995). Na prática, o trabalho de Reich, assim como seu nome, foi substituído no mundo contemporâneo pelo nome genérico de “terapia corporal”.

Seria essa a forma contemporânea da morte de Reich e de suas concepções originais? Quando Baker afirma, após a morte de Reich, que seu trabalho deveria continuar com os mesmos princípios e integridade, estava ele antevendo esse movimento de retirada de aspectos polêmicos e uma certa “concessão mercadológica” que é típica do sistema capitalista?

Capítulo 5 – A Vegetoterapia no Brasil

5.1 A chegada da Vegetoterapia no Brasil

O trabalho de Reich pode ser compreendido em fases, de acordo com as suas principais pesquisas da época (MATTHIESEN, 2007; COIMBRA, 1995; LIMA e HUR, 2020). Assim, temos a fase psicanalítica, a fase da Análise do Caráter (por vezes, os autores as tratam como uma mesma fase), a fase da Vegetoterapia e a última fase, que é a Orgonomia.

A maior parte das linhas de psicoterapia neorreichianas e pós-reichianas que se desenvolveram após a morte de Reich são derivadas da fase chamada *Vegetoterapêutica*. Ainda que algumas delas contenham elementos da concepção original de Reich, outras deixaram de lado características importantes. Essas abordagens foram desenvolvidas por alunos, pacientes e colaboradores do próprio Reich que, em algum momento, se afastaram dele para desenvolverem suas próprias formas de terapia.

Se há diferenças [...] entre os enfoques desses discípulos de Reich, há um ponto em comum que em muito irá influenciar os “neorreichianos” brasileiros: relegarem a um segundo plano e, por vezes, ignorarem as contribuições trazidas ao debate freudo-marxista por esse pensador em suas primeiras fases. (COIMBRA, 1995, p. 276).

No início dos anos 1990, nos Estados Unidos, foram catalogadas mais de duzentas e cinquenta técnicas distintas de trabalho corporal (WAGNER, 1996). Essas técnicas vão desde a Vegetoterapia de Reich, passando por algumas abordagens neorreichianas, até práticas como *yoga*, massagem tântrica e medicina *ayurvédica*. Todas essas abordagens têm em comum a busca pela diminuição do sofrimento a partir da intervenção somática. E apenas isso.

Se as semelhanças entre elas se encerram dessa forma, para os leigos, por diversas vezes, a Vegetoterapia de Reich é considerada como uma “prática corporal” da mesma forma que a *yoga* ou a prática de musculação. O risco desse tipo de associação e indefinição do trabalho reichiano foi mais um dos elementos que levou Reich a ser desconsiderado e novamente caluniado: nesse momento, não mais a sua pessoa, mas seu trabalho e sua metodologia. Durante muitos anos, profissionais sem qualquer compreensão do trabalho reichiano utilizavam essa chancela para promover todo o tipo de “experiência” e de “trabalhos corporais”. A consequência, mais uma vez, foi a de reforçar muito do estigma

de que a terapia reichiana não é séria, em razão de maus profissionais, aproveitadores e pessoas com a ética questionável.

Infelizmente, “em nome de Reich”, cometeram e cometem barbaridades. O estereótipo vigente de terapia reichiana, que gratifica diretamente as necessidades imediatas do paciente (e principalmente do terapeuta), que permanece no nível sensorial e não atinge o simbólico, que atua em vez de interpretar as questões transferenciais e contratransferenciais, é reforçado por práticas inconsequentes, de pessoas despreparadas. **Pessoas que se dizem reichianas porque aprenderam algumas técnicas e exercícios corporais, mas que não conhecem nem a teoria nem a metodologia que sustentariam uma prática consequente.** (WAGNER, 1996, p. 26). **(Grifos nossos).**

Em razão dessas mudanças, algumas críticas e questionamentos foram feitos com relação à potência terapêutica, uma vez que, quando se retiram a compreensão da dinâmica da economia sexual ou os questionamentos sociais, há uma grave descaracterização do que Reich definiu como Vegetoterapia.

As práticas corporais difundidas no eixo Rio-São Paulo, na segunda metade dos anos [19]70, levam à “despolitização” do corpo, porque os principais discípulos de Reich, com maior influência na formação dos “corporalistas” brasileiros, produziram-nas exatamente dessa forma, escamoteando ou, mesmo, ignorando as contribuições sociopolíticas do “mestre”? Ou, ao contrário, estes discípulos, apesar de suas próprias proposições pseudoapolíticas e extremamente psicologizadas/psicologizantes, já encontraram em Reich base para a produção de tais práticas? (COIMBRA, 1995, p. 276).

A partir do que foi desenvolvido nos capítulos anteriores, é possível afirmar que tanto a sexualidade quanto as críticas políticas e sociais desenvolvidas por Reich como base para a Vegetoterapia favoreceram sua expulsão de diversas instituições e países. Além disso, esses elementos estão na base de muitas das campanhas de difamação sofridas por Reich. Dessa forma, há um vetor que parece apontar para uma certa “adequação” social ou uma espécie de concepção “mercadológica” que levou esses neorreichianos a omitirem ou “escamotearem” os elementos mais controversos e polêmicos da obra de seu antecessor.

Penso que só um rigoroso respeito à prática clínica e ao pensamento de Reich pode dar os resultados **clínicos-sociais** desejados; caso contrário, volta-se a cair naquele ecletismo e espontaneísmo que o “sistema” aceita de bom grado, para depois recuperar, uma vez mais, a falência de uma proposta de liberação humana por sua benéfica humanização! (NAVARRO, 1996, p. 8). **(Grifos nossos)**

Não podemos, todavia, ser levianos em desconsiderar todo o contexto político-social do Brasil na década de 1970. Vivendo um período de governo autocrático militar, que prendia, torturava e assassinava muitos dos que criticavam o regime,⁵⁵ não haveria de ser simples a entrada de um Reich “comunista” no Brasil.

Cecília Coimbra, em sua obra *Guardiães da ordem*, é uma grande crítica dessas “reformas” feitas no trabalho reichiano por alguns de seus discípulos. Não vemos necessidade de apresentar o peso dessa grande pensadora e de toda a sua contribuição. Traremos, apenas, sua posição com relação aos dois neorreichianos mais conhecidos, David Boadella e Alexander Lowen:

Boadella, ao falar sobre “os caminhos percorridos por Reich”, minimiza sua militância política e “resgata” seus conceitos de forma alienada/alienante, optando por relegar a um segundo plano as suas contribuições explicitamente transformadoras. Prioriza, portanto, o aspecto mais adaptável da obra reichiana à produção de subjetividades capitalísticas.

Lowen [...] vai mais além. O conceito reichiano de “energia vital”, chamado por Lowen de “bioenergia”, em realidade é um prolongamento da libido freudiana, e significa a afirmação e não a negação feita pela Psicanálise das implicações sociais embutidas neste conceito freudiano. Lowen retira-lhe toda e qualquer implicação social, transformando-o unicamente em operador dos processos psíquicos e somáticos. (COIMBRA, 1995, p. 277).

Por fim, a autora vai afirmar que: “a produção político-social do corpo, enfatizada por Reich, é totalmente esquecida por Boadella, Lowen e outros de seus discípulos” (COIMBRA, 1995, p. 278). Com isso, a potência transformadora em um nível social deixa de existir, assim como as bases da concepção de uma clínica política.

Ainda segundo Coimbra, a terapia e teoria reichianas chegaram ao Brasil na década de 1970, em São Paulo. Naquela época, o contexto “psi” era dominado quase que hegemonicamente pela Psicanálise. A partir dos movimentos da contracultura, outras abordagens terapêuticas surgiram como uma “alternativa” à Psicanálise. Dentre essas abordagens, as chamadas “terapias corporais” ocupavam um lugar de destaque. Assim, o trabalho reichiano chega à São Paulo. Psicólogos e psicanalistas que estavam insatisfeitos com os aspectos excessivamente institucionais e ortodoxos da Psicanálise viajavam para

⁵⁵ Comissão Nacional da Verdade (2014).

Londres ou para os Estados Unidos a fim de estudarem e fazerem formação com Lowen, Boadella e outros.

Dentre essas pessoas, está Maria de Mello, que, em 1979, vai para Londres fazer formação com Gerda Boysen. Gerda desenvolveu uma abordagem terapêutica focada na intervenção somática a partir dos seus estudos com Ola Rakness, chamada *Biodinâmica*. Maria de Mello será parte do “grupo dos cinco”: profissionais em São Paulo responsáveis pela formação de terapias corporais do Instituto Sedes Sapientiae e reconhecidos como a primeira geração dos “corporalistas”. Vale ressaltar que, nesse primeiro momento, o que chega ao Brasil não são as ideias de Reich; tampouco a Vegetoterapia, mas as abordagens neorreichianas que estavam sendo desenvolvidas por seus discípulos.

Outro grupo de reichianos importante nesse movimento se constituiu no Rio de Janeiro. Este, porém, surgiu um pouco depois, já no início dos anos 1980 e apresentou características particulares da cultura carioca. Para isso, vamos compreender o contexto da época.

No Rio de Janeiro, desde o final da década de 1970 e com o retorno do exílio político de algumas pessoas que estavam vivendo na Europa, como foi o caso de Fernando Gabeira, algumas regiões da cidade iniciam um movimento de “culto ao corpo”. As pessoas – principalmente os jovens da classe média – passam a ter uma preocupação com uma alimentação mais saudável e a prática de atividade física. Nesse momento, surgem as primeiras academias de musculação na cidade.

Seguindo um processo bastante semelhante ao de São Paulo, os psicólogos e terapeutas cariocas que trouxeram as “práticas corporais” para o Rio, iam para Londres ou para os Estados Unidos fazerem formação com os já citados Gerda Boysen, David Boadella e Alexander Lowen e retornavam ao Brasil. Aos poucos, esses terapeutas foram se reunindo e criando as primeiras escolas de terapia corporal do Rio de Janeiro, além de promoverem simpósios, encontros e revistas que tratavam sobre o tema.

Durante essa época, alguns desses ex-alunos de Reich estiveram no Rio de Janeiro para darem cursos e seminários. Dentre eles, vale ressaltar Eva Reich, primeira filha de Reich, que trabalhou durante anos com prevenção da neurose e educação. Ela esteve na cidade por duas vezes para dar cursos e palestras.

Outra diferença do Rio para São Paulo é que, em solo carioca, as terapias corporais tinham uma presença marcante de elementos reichianos negligenciados no movimento paulista de até então. Além de muitos dos profissionais do Rio terem lido e estudado os textos do próprio Reich e da presença de sua filha Eva, o contexto carioca era propício para a entrada das questões da sexualidade de Reich, assim como os seus questionamentos políticos.

Um exemplo desse movimento no Rio foi a criação da Revista Rádice, por terapeutas corporais e de outras abordagens “alternativas”, que tratava diretamente dos temas políticos e sociais, além de levantar questionamentos a respeito do não posicionamento político e social dos psicólogos e linhas terapêuticas.

Criada em 1976 [...] [a revista Rádice] foi de fundamental importância porque trouxe para o campo “psi” carioca, e mesmo brasileiro, uma série de questionamentos sobre a própria formação “psi”, o elitismo das sociedades “oficiais”, a produção da loucura, a questão da saúde mental e dos hospitais psiquiátricos no Brasil, a tortura a presos políticos etc., ultrapassando em muito os limites do território “psi”. (COIMBRA, 1995, p. 291).

A Revista Rádice – juntamente com seus colaboradores – teve um papel central na organização do movimento das terapias corporais no Rio de Janeiro. Em 1980, promoveu uma série de simpósios com o objetivo de discutir as práticas “alternativas”, as críticas ao modelo político do Brasil naquela época e as questões relativas à sexualidade e ao corpo em um contexto de repressão social.

Em 1982, acontece o I Ciclo Reich, que reúne quase mil pessoas discutindo as práticas reichianas e neorreichianas no contexto do Rio de Janeiro. A cada ano, os encontros se tornavam maiores e com um maior número de participantes. Profissionais vinham de muitas partes do Brasil – e de outros países – para discutirem, entre outros temas, as ideias centrais do trabalho do Reich, como a sexualidade, as questões políticas e sociais, as críticas à ortodoxia da Psicanálise, prevenção das neuroses, educação das crianças e adolescentes, Orgonomia.

Com isso, grupos de pessoas foram se reunindo e se constituíram os primeiros centros e escolas de terapia reichiana. Diferentemente dos paulistas, que se organizaram a partir das práticas corporais das escolas neorreichianas, muitos cariocas organizaram suas escolas e centros a partir do estudo do trabalho do próprio Reich, com os poucos livros

que havia disponíveis em português e fazendo, por eles mesmos, tradução dos exemplares em outras línguas, para seguirem estudando o trabalho original.

Dos grupos organizados, há dois deles de grande importância para esse movimento e que explicitam a diferença entre os “paulistas e cariocas”. São eles, o CIO – Centro de Investigações Orgonômicas Wilhelm Reich e o IOOR – Instituto de Orgonomia Ola Raknes.

O CIO foi fundado por três profissionais com ampla experiência na obra de Reich, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Um deles era Felipe Fernandez, argentino exilado no Brasil em razão da perseguição política que viveu em seu país. Fernandez trabalhava com os conceitos de Reich de educação sexual para as massas e, por isso, foi perseguido politicamente na Argentina.

O CIO tinha como objetivo estudar, desenvolver e divulgar a obra de Reich a partir de suas concepções, que atravessavam várias áreas do conhecimento – muitas delas, inclusive, fora do campo da psicologia, como política, sociologia, biologia, sexologia entre outras.

Um pouco depois da fundação do CIO, o italiano Federico Navarro veio ao Brasil a convite dos coordenadores. Navarro, na Europa, havia desenvolvido uma metodologia de trabalho para a Vegetoterapia. Em conversas com Ola Raknes que havia sido treinado pelo próprio Reich, Navarro recebeu a “missão” de organizar uma técnica para a prática da Vegetoterapia a partir dos elementos centrais que Reich concebeu para essa terapia; a saber, a concepção da dinâmica energética do organismo, a descarga sexual (orgasmo) e os elementos políticos e sociais.

A Vegetoterapia caracterológico-analítica, então, não privilegia somente o momento terapêutico, mas fornece os elementos para a prevenção da psicopatologia, enfatizando o aspecto dialético da vida enfocando na relação homem-sociedade, **o que não é feito por nenhuma das outras terapias ditas psicocorporais** (NAVARRO, 1996, p. 10). (Grifo nosso)

Em 1989, Navarro, juntamente com um grupo de brasileiros, funda o IOOR. Essa escola seguia de maneira “fiel e ortodoxa” os conceitos originais da obra de Reich, principalmente no que dizia respeito aos aspectos corporais da terapia reichiana (Vegetoterapia). Navarro, os membros do IOOR e seus alunos eram considerados “ortodoxos”, principalmente pelos outros corporalistas, que viam nessa metodologia um

excesso de rigor. Por outro lado, Navarro criticava abertamente as práticas corporais que existiam naquela época pela falta de conhecimento teórico e metodologia segura para conduzir experiências intensas.⁵⁶

na atualidade [...] são evidentes os limites ou a mistificação da psicoterapia verbal e o abuso de tantas “psicoterapias corporais”, que prometem felicidade e bem-estar; e nesse âmbito se inserem pseudorreichianos que, de Reich, compreendem bem pouco. (NAVARRO, 1996, p. 8).

Da mesma forma como se deu em São Paulo, algumas escolas de terapias corporais neorreichianas se estabeleceram no Rio de Janeiro, inclusive sob a “chancela” de seus mestres. Lowen, Boadella e Boysen vinham ao Rio para darem cursos e formações e autorizaram a criação de escolas ligadas às suas matrizes nos Estados Unidos e na Europa. Essas instituições funcionavam com uma organização bastante semelhante à Psicanálise, inclusive com elementos institucionais que eram criticados inicialmente. Assim, as escolas de terapia corporal se adequavam à organização mercadológica do capitalismo e se afastavam cada vez mais dos elementos revolucionários e de crítica social propostos originalmente por Reich.

De um modo geral, tanto Lowen quanto Gerda, Boadella e muitos outros “corporalistas” norte-americanos e europeus desde a década de 70 vendem o e supervisionam seu *know-how* corporal para a América Latina bem dentro de características empresariais, aos moldes das mais bem “organizadas” multinacionais. (COIMBRA, 1995, p. 300).

5.2 A Vegetoterapia na década de 2020 – Rio de Janeiro e São Paulo

Nesses últimos cinquenta anos, muitas coisas mudaram no mundo, no Brasil e, conseqüentemente, no contexto das terapias corporais reichianas e neorreichianas.

Com o fim da URSS, a antiga polarização com os EUA se desfez. Muitos dos governos militares e autocráticos na América Latina se encerraram com ou sem a responsabilização dos opressores que haviam ocupado a máquina do Estado, perseguindo, torturando e assassinando seus opositores.

⁵⁶ Uma das principais críticas de Navarro à Bioenergética praticada na época era derivada de uma grande quantidade de casos de pessoas que, após uma experiência intensa de exercícios, viviam processos importantes de desorganização psíquica e emocional, com casos de pessoas que entravam em surtos psicóticos.

No Brasil, vivemos uma frágil transição do governo militar para uma tentativa tímida de democracia. Nesse processo, lidamos com muitas consequências de um governo que reprimia as discordâncias enquanto governava para poucos. O resultado foi um grande período de inflação, no campo da economia, diversos casos de abuso de autoridade das polícias e dificuldade de investigação desses crimes – uma vez que as polícias e o sistema judiciário não foram reformulados após o processo de redemocratização. A tendência social, de forma geral, era a de as pessoas seguirem sendo conservadoras e moralistas, uma vez que o indivíduo adulto em 1985 (ano do fim da ditadura) havia sido educado durante vinte anos em uma sociedade moralista, autoritária e repressora. Como afirmava Reich, uma sociedade produz os indivíduos de que necessita para manter a sua organização social.

Traidor da Constituição é traidor da Pátria. Conhecemos o caminho maldito. Rasgar a Constituição, trancar as portas do Parlamento, garrotear a liberdade, mandar os patriotas para a cadeia, o exílio e o cemitério.

Quando após tantos anos de lutas e sacrifícios promulgamos o Estatuto do Homem da Liberdade e da Democracia bradamos por imposição de sua honra.

Temos ódio à ditadura. Ódio e nojo. (Aplausos)

Amaldiçoamos a tirania aonde quer que ela desgrace homens e nações. Principalmente na América Latina. (ULYSSES GUIMARÃES, 1987).

Foram necessários mais vinte anos para que o Brasil elegeisse um presidente com uma visão um pouco mais social e que fosse oriundo de camadas populares – diferentemente do histórico brasileiro de tender a eleger representantes políticos oriundos das elites e das oligarquias. Durante treze anos, o Brasil cresceu como nação, com investimentos na educação, saúde e inclusão das minorias. Saímos do mapa da fome e da miséria. O Sistema Único de Saúde, SUS, se tornou um dos programas de saúde mais elogiados pelo mundo. As universidades se expandiram e a oferta de novas vagas vieram junto de programas de reconhecimento das diversidades, com a possibilidade de inclusão de estudantes pretos, pardos, indígenas e de camadas sociais mais pobres pelo sistema de cotas.

Com a unificação de muitos programas sociais, o Bolsa Família – também reconhecido e elogiado mundialmente – favoreceu a inclusão de famílias que antes viviam em situação de miséria. Além de possibilitar a satisfação das necessidades básicas e materiais para o

desenvolvimento da vida, favoreceu que muitos jovens pudessem se manter na escola. Não precisando mais trabalhar para ajudar na renda da casa, eles puderam ingressar nas universidades e, pela primeira vez em muitas gerações de famílias pobres e/ou periféricas, conquistaram um título de ensino superior.

Também pela primeira vez na história do Brasil elegemos uma mulher, divorciada, para a Presidência da República, que havia sido perseguida e torturada durante os anos de ditadura. E foi durante o seu governo que se iniciou a Comissão Nacional da Verdade, cujo objetivo era elucidar oficialmente os crimes cometidos pelos agentes de Estado durante os governos militares. Cabe ressaltar que o Brasil foi um dos poucos países onde não houve qualquer julgamento ou punição para os militares que cometeram crimes em nome do Estado durante a ditadura. Com a lei da anistia, foram perdoados os subversivos, mas também os que tinham torturado e cometido crimes bárbaros em nome do Estado. O documento final ficou pronto em 2014 e gerou grande incomodo entre os militares ainda vivos e que fizeram parte dos governos militares.

Pouco se sabe das repercussões diretas da produção desse documento pelo governo da presidenta à época. O que sabemos é que ela foi retirada do cargo antes do fim do seu mandato, por uma série de articulações políticas e manobras jurídicas. Talvez a maior expressão desse retorno dos militares ao governo seja a irônica nomeação de um militar em 2019 para ocupar o cargo de Ministro da Casa Civil.

O campo da terapia reichiana no Brasil também passou por transformações desde a sua chegada, há cinquenta anos. Tanto no Rio quanto em São Paulo, novos grupos de profissionais interessados no trabalho do Reich começaram a surgir. Pessoas se reuniam em grupos e constituíam escolas com o intuito de fazerem palestras, debates e para dar formação a novos profissionais. Dentro dessas escolas, a transmissão do conhecimento seguia tendo, como característica principal, a tradição oral e a prática de vivências corporais – derivadas das técnicas do trabalho de Reich e dos neorreichianos.

Ao mesmo tempo, a partir da década de 1990 (LIMA e HUR, 2020), começaram a surgir os primeiros trabalhos acadêmicos de pós-graduação (mestrado e doutorado) cuja temática girava em torno das ideias de Reich. Essa produção chegou ao seu auge na década de 2000 e apresentou uma ligeira tendência de queda nos anos 2010.

Na área do pensamento reichiano no Brasil, depois de um início, por volta dos anos 60 e 70, mais centrado na vivência emocional terapêutica

e na luta por transformações sociais, os anos 90 vêm se caracterizando por uma preocupação com a organização e a sistematização das ideias e práticas geradas por Wilhelm Reich. (WAGNER, 1996, p. 07).

Além disso, livros começaram a ser publicados com mais frequência no campo da terapia reichiana. Alguns eram derivados das próprias dissertações e teses, enquanto outros se permitiam escrever mais livremente e incluir suas experiências pessoais e suas trajetórias no campo da terapia reichiana.

Dentre esses, vale ressaltar o trabalho de Cláudio Mello Wagner, que publicou sua dissertação a respeito do debate sobre a continuidade do trabalho de Reich em relação à Psicanálise freudiana. Outro destaque é o trabalho, inédito no mundo, sobre a *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich*, produzido pela Sara Quenzer Matthiesen. A partir de vasta pesquisa, ela catalogou todos os textos escritos por Reich durante a sua vida. É uma espécie de índice bibliográfico de toda a obra de Reich que é fundamental para as novas gerações de reichianos poderem pesquisar e desenvolver novos trabalhos no campo reichiano.

Porém, a partir dos anos 2000, com o avanço da tecnologia e do desenvolvimento da ciência nos campos da nanotecnologia e das neurociências, novas abordagens terapêuticas começaram a surgir, com ou sem relação com o trabalho reichiano, mas se utilizando de novas teorias científicas para explicar seu funcionamento e eficácia. Dentro dessas abordagens, as terapias voltadas ao tratamento de traumas emocionais foram as que mais se destacaram no campo das terapias corporais.

Sendo esse o motivo ou não, muitos “reichianos” dos anos 1990 passaram a estudar essas novas abordagens, como a *Experiência Somática* e o *EMDR*, com a justificativa de que isso constituía um “desenvolvimento da terapia corporal” ou que se tratava de abordagens “mais modernas e avançadas do que a terapia reichiana”.

Nos anos de 2010, houve um *boom* nas novas escolas de terapia voltadas para o trabalho com trauma e uma parte dos terapeutas reichianos migrou para essas novas abordagens. Muitas delas começaram como uma técnica específica para tratamento de trauma, mas depois “expandiram” para se tonarem “abordagens terapêuticas” e criarem suas próprias instituições – com todas aquelas características já descritas anteriormente e com um viés claramente mercadológico e neoliberal.

Com isso, grupos de profissionais se desfizeram, antigas escolas de terapia reichiana acabaram e os reichianos foram novamente afastados desse processo, sendo taxados de obsoletos ou “old school”.

Mais de quarenta anos depois de a terapia reichiana ter chegado ao Brasil, uma das características que segue sendo presente entre os grupos e as escolas reichianas é a transmissão oral do conhecimento – tanto teórico quanto técnico. É possível pesquisar na internet por “formação em terapia reichiana” e rapidamente uma lista de instituições e pessoas estão oferecendo esses serviços. Ao mesmo tempo, a produção acadêmica e científica e até de novos livros que tratem sobre o tema, ainda que tenha aumentado nesse período, não segue a mesma curva de crescimento no Brasil.

Quando tratamos especificamente do campo da *economia sexual* e da *Vegetoterapia*, é ainda mais escassa essa bibliografia, uma vez que são pouquíssimos os trabalhos acadêmicos que discutem a temática. Ao consideramos os trabalhos que se referem ao campo reichiano, menos de 10% das pesquisas acadêmicas de pós-graduação tratam do tema da Vegetoterapia. (LIMA e HUR, 2020). Além disso, quando buscamos por livros escritos nos últimos trinta anos, nos deparamos apenas com os livros de Federico Navarro e, mais recentemente, com o livro de Genovino Ferri. Nesse momento, parece ser válido localizar esses autores dentro do contexto brasileiro dos anos 2020 no campo da terapia reichiana.

A partir das primeiras escolas e grupos formados nos anos 1970 e 1980, nesse eixo Rio-São Paulo, temos a Maria de Mello, reconhecida como integrante do “grupo dos cinco”, e que esteve vinculada ao Instituto Sedes Sapientiae durante muitos anos. Este instituto segue existindo até os dias atuais; porém, a área responsável pelas terapias corporais foi encerrada em meados dos anos 2010. Na década de 1990, de Mello compunha o grupo de profissionais que se encontrava com Federico Navarro para aprender com ele e, na ocasião, fundaram em São Paulo a SOVESP – Sociedade de Vegetoterapia de São Paulo. Esta instituição existiu até meados dos anos 2010, promovendo eventos, cursos, formações, terapia individual etc. O grupo tinha como base a terapia reichiana e a prática da Vegetoterapia proposta por Navarro.

Após a morte de Navarro, o grupo docente da SOVESP buscou estabelecer contato com Genovino Ferri, que era aluno de Navarro na Itália e um dos seus discípulos mais próximos. Ferri é diretor da SIAR – Scuola Italiana di Analise Reichiana, em Atri, Itália.

Ele passou a fazer visitas anuais ao Brasil, a convite dos coordenadores da SOVESP, para dar formação e cursos livres dentro da sua metodologia chamada Análise Reichiana. Ferri trabalha com os princípios básicos de Reich de Análise do Caráter e Vegetoterapia e busca fazer, a partir desses conhecimentos, pontes com as novas descobertas das neurociências.

Assim, a SOVESP se tornou IBAR – Instituto Brasileiro de Análise Reichiana, vinculado diretamente à SIAR e tendo, em seu corpo docente, Maria de Mello, que segue desenvolvendo seu trabalho dentro das concepções da terapia reichiana. Vale destacar que atualmente de Mello coordena um grupo de estudos e pesquisas sobre os sonhos a partir da base da Vegetoterapia de Reich.

Já no Rio de Janeiro, o CIO, após disputas internas entre alguns membros, encerra suas atividades em 1996. A partir daí, cada um dos coordenadores segue caminhos distintos. Felipe Fernandez desenvolveu seu trabalho em pesquisa orgonômica e prevenção das neuroses. Juntamente com ele, um pequeno grupo se formou em seu entorno e alguns projetos foram desenvolvidos durante quase uma década. Destacamos seu projeto chamado ELO – Escola Latino-Americana de Orgonomia, em que Fernandez pretendia desenvolver uma instituição voltada ao estudo, ensino e pesquisa do trabalho reichiano. Infelizmente, esse projeto não saiu do papel, uma vez que Fernandez foi assassinado em 1998. Com a sua morte, muito do material que foi produzido por ele, como textos e pesquisas, se perdeu.

Das pessoas que seguiram trabalhando com ele, Luiz Fernando e Silva e Simone Rocha fundaram, em 2004, uma instituição focada no desenvolvimento do trabalho reichiano e assentada sobre os princípios de democracia do trabalho e prevenção das neuroses. Inicialmente a instituição tinha o nome de RPV – Rede de Proteção à Vida e, em 2011, ela passa a se chamar Centro AMV – Centro de Análise do Movimento Vivo. Ao longo desses quase vinte anos, a instituição foi responsável por oferecer formação em terapia reichiana, cursos livres, palestras, simpósios, terapia, supervisão, entre outras atividades.

A instituição seguiu trabalhando a partir das concepções reichianas e buscou fazer relações com as novas descobertas em neurociências. Além disso, desenvolveu uma nova técnica de trabalho chamada Análise do Movimento Vivo. Essa técnica propõe que, ultrapassando as paredes do consultório, as pessoas possam experimentar um processo de terapia reichiana em ambientes de natureza, como florestas, rios e praias, com a função de perceberem as formas estereotipadas de seus corpos e, a partir do processo,

restabelecerem formas mais saudáveis e livres de funcionamento, o movimento vivo chamado por Reich de funcionamento autorregulado.

Por fim, temos a trajetória do próprio Federico Navarro, que passou mais de dez anos como responsável pela IOOR, desenvolvendo muitos trabalhos a partir da relação entre a Vegetoterapia e a compreensão orgânica das doenças. Durante esses anos, a IOOR formou muitos terapeutas – no Rio e em São Paulo – e Navarro funcionava como uma referência reichiana no Brasil. Além da formação, havia também cursos livres, palestras, terapia, supervisão etc. Em 1999, Navarro retornou à Itália e manteve visitas periódicas ao Brasil. Ainda assim, por uma série de motivos, a IOOR não se sustentou, sendo criada, em 2001 a EOFeN – Escola de Orgonomia Federico Navarro, onde Navarro se mantém como diretor por mais alguns anos, até a sua morte.

A partir de 2002, Rudi Reali, que passara muitos anos estudando e trabalhando diretamente com Navarro, assumiu a direção da instituição, que passou a se chamar EFEN – Escola Pós-Reichiana Federico Navarro. A EFEN, até os dias atuais, segue sendo uma instituição basicamente reichiana, na qual os princípios teóricos e técnicos propostos por Reich se mantêm como a base da instituição. Eles oferecem os mesmos serviços que as outras instituições. Ainda hoje – assim como Navarro propunha na década de 1990 – seus membros têm como compromisso o desenvolvimento do trabalho reichiano – nos moldes propostos originalmente por Reich –, integrando-o com novos trabalhos e novas pesquisas em várias áreas do conhecimento.

5.3 Novas pesquisas e desenvolvimentos

Seguindo parâmetros semelhantes a outros levantamentos feitos anteriormente (MATTHIENSE, 2007; LIMA e HUR, 2020), fizemos uma pesquisa no portal da CAPES a fim de verificarmos os trabalhos de pós-graduação – mestrado e doutorado – que tratavam de temas do pensamento reichiano até dezembro de 2021, no Brasil. Os termos utilizados para a busca foram: “Wilhelm Reich”, “reichiano”, “reichiana” e “Vegetoterapia”.

Foram localizados 105 trabalhos de pós-graduação, sendo 69 dissertações de mestrado e 36 teses de doutorado. Esses trabalhos seguem espalhados por diversas áreas do conhecimento, como psicologia, educação, saúde, sociologia, história entre outros. Vale

destacar que nenhum trabalho foi desenvolvido nas áreas de fisiologia, medicina, biologia, física ou química, a despeito de Reich ter feito muitas descobertas nessas áreas. O mesmo se dá na área de oncologia, apesar de Reich ter desenvolvido uma profunda compreensão a respeito do funcionamento do câncer⁵⁷ e perspectivas de tratamento dessa doença. que acomete milhões de pessoas em todo o mundo.⁵⁸

Além disso, podemos verificar uma leve tendência de diminuição dos trabalhos nesses primeiros anos da década de 2020 em relação à década anterior, mas essa é uma informação bastante insipiente, uma vez que temos poucos anos da atual década para afirmarmos esse movimento. Serão necessários mais alguns anos e novas pesquisas para que possamos verificar se tal tendência se confirma ou não.

Novamente, quando tratamos do conceito da Vegetoterapia, não houve publicação de nenhum novo trabalho desde a última pesquisa já citada. (LIMA e HUR, 2020).

Ainda que entre 1940 e 1941 Reich tenha integrado o quadro de professores de uma universidade em Nova York, isto é, da New School for Social Research, sua relação com o âmbito universitário foi, e ainda é, bastante restrita.

Na maioria das vezes, o que ocorre é um descaso em relação à incorporação de suas ideias no âmbito acadêmico, em especial quando se trata de cursos de graduação nas diferentes áreas do conhecimento, mas em especial na Psicologia, que certamente seria um dos espaços em que suas obras deveriam receber maior atenção. (MATTHIENSE, 2007, p. 165).

A nossa posição, de acordo com os fatos descritos anteriormente no presente trabalho – principalmente no capítulo 4 –, é que esse “descaso” não é aleatório. Este nos parece ser uma expressão dos ataques de difamações e calúnias que Reich sofreu em vida – e mesmo após a sua morte.

Além de um vasto processo de desinformação que existe atualmente sobre os conhecimentos produzidos por Wilhelm Reich, seguem existindo pequenos movimentos de ataques de Peste Emocional, que disseminam mentiras sobre Reich e seu trabalho.

⁵⁷ *A biopatía do câncer*, 2009.

⁵⁸ Dados da OMS em 2021.

5.4 Wilhelm Reich e a Peste Emocional contemporânea tupiniquim

Faltando apenas poucas semanas para a conclusão do presente trabalho, recebi uma mensagem em um grupo de terapeutas reichianos de que faço parte dizendo que Reich estava sendo citado em um projeto de lei de um vereador do município do Rio de Janeiro, da extrema direita. Preocupado com (mais) um movimento de Peste Emocional contra Reich, sua obra e contra nós, profissionais reichianos, busquei o projeto de lei.

Trata-se do projeto de lei Nº 796/2021⁵⁹ do município do Rio de Janeiro, de um vereador assumidamente conservador e de extrema direita. Este projeto de lei visa regulamentar o uso de banheiros públicos para pessoas a partir de seu sexo biológico.

Para contextualizar, vale trazermos um pouco do que se passa no Brasil, no campo da política – e mais especificamente na região do estado do Rio de Janeiro –, para que o leitor tenha clareza do problema apresentado. Desde o início dos anos 2000, muito se tem discutido a respeito da discriminação a que determinados grupos são submetidos socialmente: mulheres, negros, pobres, população LGBTQIA+, indígenas e povos originários do Brasil, entre outros.

Com isso, a sociedade, de forma geral, tem podido repensar seus valores e hábitos, a fim de tentar minimizar os prejuízos que as pessoas desses grupos sofrem em razão da discriminação. Tais prejuízos vão desde pequenas ofensas e injúrias até agressões físicas e assassinato. Dessa forma, novas leis têm sido criadas no intuito de proteger essas pessoas e de buscar uma diminuição das desigualdades vividas há séculos, e que geram consequências físicas, emocionais e mesmo de risco de vida.

Dentro dessas discussões, a questão do gênero tem sido um dos assuntos abordados, com o intuito de que a sociedade possa sair de uma posição majoritariamente preconceituosa e hostil às diferenças, compreendendo esse processo vivido por algumas pessoas, e que o Estado possa resguardar as necessidades e os interesses de pessoas que possuem um sexo biológico e se identificam com um gênero sexual diferente.

Uma das reivindicações passa pela existência de banheiros destinados a essas pessoas. Ainda que essa seja uma questão delicada e que implique vários outros problemas, incluir

⁵⁹ O projeto de lei está copiado na íntegra como Anexo III do presente trabalho.

o tema na pauta de discussão é fundamental para que os questionamentos gerem possibilidades e, eventualmente, soluções.

Porém, o projeto de lei citado visa impedir esse tipo de iniciativa, utilizando-se de argumentos claramente moralistas, preconceituosos e irracionais. Em suma, uma clara expressão de um projeto de lei fascista e com elementos da Peste Emocional, como descrito por Reich. O autor da lei, inclusive, utiliza o nome de Reich, definindo-o como:

o insidioso Wilhelm Reich, nascido alemão e fugitivo do nazismo, radicado nos Estados Unidos, que pregou a “revolução sexual” como arma, como instrumento político bem ao estilo daquilo que o gramscismo precisava para abolir costumes e tradições que mantêm a sociedade íntegra (costumes que embarreiram a revolução socialista).

No corpo de justificativa para esse projeto de lei, o vereador alterna entre citações de conceitos reais de autores como Reich e distorções grosseiras das ideias originais com um objetivo claramente panfletário e dotado de uma série de características de moralismo, repressão da sexualidade e ódio à vida, já descritas como expressões da Peste Emocional.

Vemos o quanto as **predicações sexuais endiabradas de Reich pretendiam perverter a estabilidade ocidental** com vistas à consecução da revolução silenciosa dos marxistas/gramscistas: “Após o pacto de Hitler com Stalin e os processos de Moscou, a teoria da repressão sexual de Reich parecia oferecer à esquerda em desencanto uma explicação convincente tanto para o grande número de pessoas que se havia submetido ao fascismo quanto para o fracasso do comunismo como alternativa viável a ele. Reich, capturando o clima desse momento conturbado, apresentou a ex-stalinistas e antigos adeptos de Trotsky culpados um programa alternativo de liberdade sexual para combater aquelas ameaças totalitárias. (PL 796/2021 RJ). **(Grifos nossos)**

A utilização do termo “endiabrado” aponta para uma concepção religiosa e moralista, na qual o Diabo representa o mal, a perversão e a sexualidade (REICH, 2003). Segundo esse viés, de fato o trabalho de Reich colocaria em risco toda a organização moralista e repressora da sexualidade, que constitui a base das sociedades ocidentais. Para ele, conforme discutido nos capítulos 3 e 4 do presente trabalho, o impedimento crônico e sistemático para a satisfação dos impulsos naturais do indivíduo é a principal causa do adoecimento psíquico e orgânico (neurose e biopatias) e o responsável pela formação da camada secundária, onde se encontram os impulsos destrutivos, de ódio, perversões e impulsos assassínios.

Ao criar uma moralidade derivada do prazer, Reich permitiu que os radicais do pós-guerra percebessem sua promiscuidade como

ativismo político e justificassem sua retirada da política tradicional. Reich fez com que se sentissem parte da elite sexual, superior ao consenso corporativo cinzento e ‘congelado’. (PL 796/2021 RJ). **(Grifos nossos)**

Novamente vemos – no Brasil de 2021 –, uma expressão da distorção do trabalho de Reich com a função de depreciação de seu nome e de sua obra. Reich, em nenhum de seus textos, afirma que a promiscuidade é uma forma de ativismo político. Quando Reich fala de relações baseadas no afeto, ele afirma que os casamentos e relações entre duas pessoas deveria ser organizado na experiência de prazer entre aqueles dois indivíduos, e não por uma legislação repressora da felicidade. (REICH, 1932; REICH, 1988)

Essa instrumentalização do sexo como arma política está no cerne do uso das tais “identidades de gênero” como veículo de vitimização individual para realizar a tão sonhada subida esquerdista aos degraus do poder – e da conquista real do poder em si por meio do uso de setores da sociedade influenciados por ideólogos gramscistas nesse sentido, o da vitimização para a captação de votos daqueles que se consideram ressentidos, sem lugar ao sol no seio social – pura balela para arregimentar simpatizantes e votantes. **O sexo, nesse caso, substituiu, mutatis mutandis, os rifles e as pistolas no empreendimento de tomada do poder.** (PL 796/2021 RJ). **(Grifos nossos)**

Nesse trecho, encontramos a forma mais clara de expressão da Peste Emocional em um indivíduo orgasticamente impotente e irracional: só a mente de uma pessoa muito doente e distante da sua capacidade para o funcionamento natural, racional e autorregulado pode conceber “o sexo” como uma arma que visa à tomada de poder. Para Reich, a expressão da sexualidade tem a conotação oposta de uma arma e é quase alienígena relacionar a experiência da sexualidade, como Reich propõe, como instrumento de poder. Exceto, como descreve Reich, quando o indivíduo, incapaz de experimentar a felicidade a partir de sua *impotência orgástica*, utiliza sua sexualidade como maneira compensatória para as suas sensações de inferioridade e insegurança. Ou seja, os únicos contextos em que a sexualidade é concebida como arma com a função de exercer o poder sobre outra pessoa são: o neurótico e, na maioria das vezes, o de indivíduos extremamente pragueados. Reich deu o nome a essas pessoas de “Zé-Ninguém”. Gabriel Serafim, em seu belíssimo trabalho de mestrado, denominou essa forma de funcionamento de “Zé-Povinho”.

Como já discutido anteriormente no capítulo 4, apenas um indivíduo acometido pela Peste Emocional visa impor às pessoas à sua volta a sua forma de funcionamento, uma vez que não tolera o que é vivo fora – nem dentro – dele mesmo. Uma pessoa capaz de funcionar de maneira autorregulada e orientada para a realidade (funcionamento genital) não deseja

que as outras pessoas funcionem como ela mesma. Está satisfeita com as suas escolhas e a sua vida, de forma que as opções das outras pessoas, dentro do limite de não prejudicarem sua própria vida, não serão objeto de questionamentos ou fonte de ameaça.

Na reação do indivíduo espontâneo e saudável, o *motivo*, a *ação* e o *objetivo* formam uma *unidade orgânica*. Essa unidade é evidente. Por exemplo, **para o indivíduo saudável, o único motivo de seus atos sexuais é sua natural necessidade de amar, e o único objetivo, sua satisfação.** O asceta, **o indivíduo acometido pela Peste, por outro lado, usa códigos éticos para justificar sua debilidade sexual.** Essa justificativa nada tem a ver com a maneira como ele vive, *que já estava presente antes de haver a justificativa*. A pessoa saudável não quer impor sua maneira de viver a ninguém, mas cura e ajuda os outros quando lhe pedem e ela é capaz. Nunca um indivíduo saudável irá decretar que todos “têm de ser saudáveis”. Em primeiro lugar, essa exigência seria irracional, porque não se pode mandar que uma pessoa seja saudável. Em segundo lugar, o indivíduo saudável não tem nenhum desejo de impor aos outros sua maneira de viver, porque os motivos de sua conduta estão relacionados especificamente com sua própria vida e não com a de outra pessoa. A pessoa acometida de Peste Emocional distingue-se do indivíduo saudável pelo fato de fazer *suas* exigências de vida não só a si próprio, mas *sobretudo àqueles que o rodeiam*. [...] A pessoa acometida de Peste Emocional luta contra *outros modos* de vida, mesmo que não a afetem de modo algum. É levada a lutar porque sente a simples existência de outros modos de vida como uma provocação. (REICH, 2004, p. 463-464). **(Grifos nossos)**.

Nossa intenção em citar esse projeto de lei é a de exemplificar, no contexto do Brasil, Rio de Janeiro, em plena década de 2020, como as manifestações de Peste Emocional seguem existindo de maneira explícita – e institucionalizada –, da mesma forma como foi descrita por Reich há quase um século.

Além disso, na justificativa desse projeto de lei, é possível perceber o lugar que Reich segue tendo em alguns campos da sociedade, no contexto do Brasil de 2020: se, por um lado, ele é reconhecidamente o sujeito que defendia mudanças sociais importantes a partir de uma nova organização do funcionamento social e com relação à compreensão da sexualidade; por outro, suas ideias são distorcidas de maneira tacanha e irracional (criando mais calúnias e difamações com relação ao seu trabalho), com a função de estimular o medo através do discurso de ódio e do moralismo.

De acordo com a visão corrente da vida, *sexualidade* é um termo ofensivo. É muito tentador negar completamente a sua importância para a vida humana. Será necessário, sem dúvida, o trabalho de muitas gerações antes que a sexualidade seja levada a sério pela ciência oficial e pelos leigos; não o será provavelmente antes que as questões sociais de vida e de morte atirem sobre nós a absoluta necessidade de

compreender e de dominar o processo sexual, livre de repressões sociais.

Uma dessas questões é o câncer; outra é a chaga psíquica⁶⁰ que dá origem às ditaduras. (REICH, 1995, p. 14).

5.5 Alguns possíveis caminhos de desenvolvimento para a Vegetoterapia caracterológica nos dias de hoje

Como já citado anteriormente, muito pouco se tem desenvolvido no campo da economia sexual e da Vegetoterapia desde a morte de Reich. Do ponto de vista acadêmico, foi possível realizarmos uma pesquisa no portal da CAPES, na qual encontramos dissertações e teses sobre o tema. Porém, como uma parte considerável da “cultura” reichiana segue sendo de tradição oral, não foi possível alcançarmos todas as pessoas e instituições que estariam, eventualmente, desenvolvendo novos trabalhos nessa área para listarmos aqui. Será necessário, no futuro, um novo trabalho, focado exclusivamente nesse levantamento, a fim de organizarmos o desenvolvimento da Vegetoterapia no Brasil – e no mundo.

Além disso, pelo fato de essa abordagem atravessar vários campos de conhecimento distintos, tal levantamento implicaria uma vasta pesquisa. A partir de uma compreensão clara e profunda das bases da economia sexual e da Vegetoterapia, poderíamos investigar em campos como o da medicina, da psicologia, da fisioterapia, da fisiologia, entre outros, quais os trabalhos que utilizam os mesmos princípios. Quais, entre eles, poderiam ser considerados desenvolvimentos do trabalho iniciado por Reich, ainda que usando conceitos mais modernos?

Gostaríamos de citar alguns que se encaixam na concepção descrita nos capítulos anteriores da Vegetoterapia e da economia sexual. Mais uma vez, gostaríamos de deixar claro que não se trata da totalidade das pesquisas na área, constituindo apenas alguns exemplos do que consideramos ser o desenvolvimento contemporâneo do trabalho reichiano nas bases estabelecidas pelo próprio Reich.

Além disso, uma vez que esse não é o foco do atual trabalho, vamos nos privar de aprofundar as explicações teóricas das abordagens, assim como, eventualmente, um maior detalhamento dos conceitos utilizados por seus autores. A função aqui será apenas

⁶⁰ Esse é um dos nomes que Reich usa para se referir ao conceito da Peste emocional.

a de ilustrar alguns dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos na contemporaneidade e que podem ser considerados como um desenvolvimento da Vegetoterapia proposta originalmente por Reich. Dessa forma, trataremos as linhas gerais que os definem, assim como os pontos de convergência com as concepções reichianas.

Conversando com alguns reichianos que fazem parte da história do movimento reichiano no Brasil, como Cláudio Mello Wagner e Maria de Mello, o trabalho de Genovino Ferri – ou, como ele costuma ser tratado aqui no Brasil, *Gino* – é frequentemente citado como um dos que visam dar continuidade às investigações reichianas. Gino Ferri faz parte de uma “linhagem direta” do próprio Reich, uma vez que foi aluno e colaborador direto de Federico Navarro.

Em seu trabalho chamado de Análise Reichiana, Gino, que é médico neuropsiquiatra e psicoterapeuta, além de ter sido diretor do hospital psiquiátrico durante muitos anos em Atri, Itália, parte da compreensão da Vegetoterapia e da Análise do Caráter para desenvolver de forma mais intensa – e extensa – alguns conceitos nessa abordagem terapêutica.

O primeiro conceito é a relação. Todo o seu trabalho – tanto teórico quando prático – está assentado na compreensão da relação entre os indivíduos. Ele considera que a relação é o *terceiro elemento* na dinâmica de uma terapia entre o paciente e o terapeuta. Ainda ela tenha sido referida pelo próprio Reich, em *Análise do Caráter*, Gino seguiu desenvolvendo essa concepção e tem um cuidado especial com esse aspecto em seu trabalho.⁶¹

E todavia deve-se admitir que, sob determinadas circunstâncias e condições, *uma* situação analítica definida admite apenas *uma única* possibilidade ótima de solução, e que existe apenas uma intervenção técnica que pode realmente ser correta em um dado caso. Isso é válido tanto para uma situação particular como para a técnica analítica como um todo. Daí se conclui que a tarefa consiste em estabelecer os critérios dessa técnica correta e, sobretudo, como se chega a ela. (REICH, 2004, p. 20).

Um dos conceitos que ele utiliza dentro dessa preocupação com a relação terapêutica é a *Simulação encarnada terapêutica*. Esse conceito desenvolvido por Ferri vai se apoiar nas ideias de Maturana e Varela de mente enativa e mente encarnada. Assim, a Simulação

⁶¹ Além do trabalho do próprio Stephen Porges, que será descrito e com quem o *Gino* tem conversado com frequência, vale citar o outro livro de Cláudio Mello Wagner, *A contratransferência na clínica reichiana*, onde ele vai discutir com profundidade a importância da posição do terapeuta para o trabalho clínico.

encarnada terapêutica é a forma como o terapeuta deverá funcionar com aquele paciente, a partir da profunda compreensão do caso, a fim de favorecer o processo terapêutico.

O segundo elemento que é extensamente discutido dentro da abordagem de Ferri são as intervenções somáticas, que visam à modulação do sistema nervoso autônomo, SNA – ou sistema neurovegetativo, dentro das concepções propostas por Reich –, como forma de restabelecer o fluxo energético do organismo e a sua capacidade de autorregulação.

Enquanto Navarro definia esse conjunto de práticas e movimentos corporais como *actings*, Genovino vai tratá-los como sendo *Ativação encarnada terapêutica*, uma vez que, novamente, a partir de uma profunda compreensão do caso daquele paciente e da relação que é estabelecida entre eles, haverá, naquele determinado momento, uma intervenção somática⁶² que será adequada.

É preciso conhecer e reconhecer os distúrbios com os estados particulares de energia e as ordens específicas que os expressam, tendo em consideração que cada distúrbio tem precisamente codificados a sua densidade de relação objetal primária, os seus campos prevalentes, as suas fases com fixações prevalentes, os seus cérebros prevalentes, as suas reações de alarme à ameaça, à opressão, os seus níveis funcionais precisos e um olhar com *acting* de Vegetoterapia carácter-analítica altamente específica e de estado.

O projeto funcional, como se evidencia, pode aflorar somente depois de um diagnóstico clínico, analítico de traço e corporal dos níveis disfuncionais: e aqui chegamos a um ponto focal, a um quarto diagnóstico: o relacional com a problemática dos traços de carácter do analista na contratransferência “fator determinante durante o tratamento”.

Apenas uma possibilidade de contratransferência, baseada em verdadeiras equações reais, conscientes e sentidas, abre a possibilidade de uma análise reichiana. (FERRI e CIMINI, 2011, p. 204-205).

O terceiro elemento desse tripé proposto por Ferri é a compreensão do funcionamento neuroquímico como um importante modulador do SNA a partir do funcionamento do cérebro. Esse aspecto do trabalho traz algumas particularidades que precisam ser organizadas.

A partir da sua experiência como médico psiquiatra e diretor de um hospital psiquiátrico, Ferri buscou uma compreensão mais integrada do uso dos psicofármacos. Assim, em vez

⁶² Dentro da Análise Reichiana, são utilizados os *actings* propostos por Federico Navarro e algumas variações e movimentos, seguindo os mesmos princípios de modulação do SNA, pensados e desenvolvidos pelo próprio Genovino Ferri.

de prescrever “sertralina para a depressão”, ele tentava compreender quem era aquela pessoa que sofria, as causas e origens do seu sofrimento, sua história e relações. Com isso, ele passou a olhar para a pessoa que sofria e não apenas para um diagnóstico médico de doença mental.

Isso o levou ao estudo das neurociências e a uma compreensão mais integrada dos efeitos dos psicofármacos, a partir da modulação dos neurotransmissores, visando favorecer o reestabelecimento do funcionamento autorregulado daquela pessoa. É uma posição distinta da medicina clássica, que visa medicar o sintoma, muitas vezes desconsiderando a pessoa que sofre. Assim, em sua abordagem, o uso de psicofármacos é considerado dentro da história daquela pessoa e visa favorecer o desenvolvimento de aspectos que tenham sido impedidos em razão do contexto em que a pessoa viveu. Porém, psicofármacos só podem ser prescritos por médicos competentes para esse tipo de tratamento.

Dessa forma, Ferri buscou compreender a relação entre os *actings* e as intervenções somáticas da Vegetoterapia com a modulação desses neurotransmissores acionados com a medicação, derivando daí o nome de *Ativação encarnada terapêutica*. Além da compreensão da modulação do SNA, com esse trabalho Ferri visa também gerar uma modulação da neuroquímica do cérebro.

Ferri possui alguns livros publicados na Itália com tradução para outras línguas. Aqui no Brasil, até o presente momento, temos apenas publicado seu primeiro livro chamado *Psicopatologia e caráter – A Psicanálise no corpo e o corpo na Psicanálise*. Além disso, Gino Ferri segue sendo diretor da SIAR e vem ao Brasil anualmente para dar cursos e formações em São Paulo no IBAR.

Enquanto isso, em Niterói, Rio de Janeiro, uma nova abordagem terapêutica tem sido desenvolvida desde meados da década de 2000 por Luiz Fernando e Silva, coordenador do Centro AMV.

Silva é psicólogo clínico e terapeuta reichiano desde o início do movimento reichiano no Rio de Janeiro, tendo estado presente nos encontros iniciais do Ciclo Reich, no início dos anos 1980, e participado ativamente dos movimentos reichianos no Brasil desde então. Ele e sua esposa, Simone Rocha, fisioterapeuta e terapeuta reichiana, estiveram em contato direto com Felipe Fernandez até o final dos anos 1990, quando ele foi assassinado.

Com a virada do milênio, o casal tomou uma decisão de constituir uma instituição reichiana voltada para a pesquisa e divulgação do trabalho de reichiano, nos moldes propostos originalmente por Reich e seguir desenvolvendo seu trabalho de acordo com as características adequadas para a sociedade brasileira no século XXI.

A partir da experiência pessoal derivada de anos de trabalho e do interesse por esportes de aventura, eles criaram o trabalho de Análise do Movimento Vivo. Essa abordagem parte das concepções reichianas de fluxo e pulsação do organismo e visa diferenciar o movimento vivo do movimento não vivo,⁶³ como forma de flexibilização das couraças e da estrutura cronicamente fixa de caráter.

Eles perceberam que a experiência da atividade física de longa duração em ambientes não urbanos, como florestas, rios, cachoeiras, praias etc., demandava uma quantidade de energia do organismo que levava as pessoas a precisarem funcionar fora de seus padrões crônicos.

Uma vez que a couraça física necessita de uma quantidade de energia para se manter cronicamente tensionada, quando o organismo é demandado a partir de um certo limite, a fonte de energia da couraça desaparece – transitoriamente –, permitindo àquela pessoa a experiência de funcionar de outra maneira do ponto de vista de suas defesas caracteriais e de suas couraças físicas.

A energia que conservava a couraça unida era [...] uma tendência destrutiva inibida. Isso se comprova pelo fato de que a agressão começa a soltar-se imediatamente, quando a couraça era penetrada. [...] Por isso, nas situações da vida em que era necessário ser agressivo, agir, ser decidido, assumir uma posição definida, a pessoa era levada pela piedade, pela polidez, pelas reticências, pela falsa modéstia; em suma, pelas virtudes que são tidas em alta estima. Mas não podia haver dúvidas de que paralisavam toda a reação racional, todo o impulso ativo de vida no indivíduo. (REICH, 1995, p. 131-132).

Podemos considerar que as bases teóricas para essa nova abordagem estão de acordo com as concepções de Reich no que diz respeito ao funcionamento energético do organismo e à fórmula da vida proposta por ele. Uma vez que o indivíduo é capaz de viver uma experiência de descarga (com as atividades esportivas de longa duração na natureza), de forma integrada, o excedente de energia estagnada, que é a fonte das neuroses, couraças

⁶³ O movimento não vivo é definido por Reich como sendo estereotipado e automático e fruto de um organismo encouraçado. São os movimentos feitos para impedir o fluxo e a pulsação natural do organismo e a experiência de autorregulação e do orgasmo.

e da Peste Emocional, é consumido, possibilitando um reequilíbrio do funcionamento neurovegetativo, de sua autorregulação e possibilitando ao indivíduo agir de acordo com a realidade presente.⁶⁴

Como resultado da maneira pela qual se desenvolve a estrutura de caráter do homem moderno, uma “resistência interior” é constantemente interpolada entre o impulso biológico e a sua realização; o homem age “reagindo” e está intimamente voltado contra si mesmo. (REICH, 1995, p. 127).

Como já citado aqui algumas vezes, em razão da tradição majoritariamente oral do meio reichiano ainda nos tempos atuais, não existe nenhum material escrito sobre esse trabalho, bem como acerca de sua organização teórica mais profunda. Os elementos descritos acima fazem parte de observação e vivências pessoais.

Ainda que a experiência de um funcionamento em outro estado já seja descrito por atletas praticantes de esportes de longa duração – *endurance* – e o mesmo esteja sendo pesquisado por campos das neurociências, a Análise do Movimento Vivo propõe que essa seja uma experiência integrada com a capacidade de percepção da pessoa – contato – e que constitua um instrumento de favorecimento das capacidades mais autorreguladas e saudáveis do indivíduo.

No campo da medicina, temos Stephen Porges, médico psiquiatra que trabalha há mais de quarenta anos na área da psicofisiologia, desenvolvendo sua teoria que aponta para uma mudança importante na forma como concebemos o SNA.

No início da década de 1960, a área de estudo da psicofisiologia começou a ser estabelecida nos EUA e, em 1964, foi publicada a primeira edição do jornal da *Society for Psycho-Physiological Research*. Em 1968, Porges ingressou nessa sociedade e é um membro ativo desde então.

Ele partiu de um incômodo pessoal com a forma como os fenômenos humanos eram estudados no campo da medicina, de maneira dissociada entre a fisiologia e os comportamentos. Segundo ele, a teoria polivagal surge como uma solução para uma visão mais integrada do indivíduo.

⁶⁴ Em contraste com um dos princípios da neurose, que é o de funcionar no presente a partir das suas experiências e traumas do passado. Reich vai diferenciar o indivíduo neurótico do indivíduo saudável, estabelecendo o primeiro como aquele que **reage** às experiências do presente como expressões de sua história, e o segundo, de experiência genital, como aquele que **age** no presente a partir da sua experiência atual, não como uma revivência de elementos passados. (REICH, 2004).

As soluções científicas atuais de dualismo não são soluções, mas meramente descrições objetivas de funções paralelas com tecnologias requintadas. Muitos cientistas e disciplinas estão presos na armadilha do dualismo. Novas disciplinas surgiram, tais como a neurociência cognitiva, a neurociência afetiva, a neurociência social, a psicologia da saúde e várias subdisciplinas dentro da saúde pública que usam os métodos que foram desenvolvidos na pesquisa psicofisiológica para fornecer biomarcadores de doenças. [...] A teoria polivagal desafia esse dualismo implícito fornecendo um modelo bidirecional cérebro-corpo que interpreta a regulação cerebral da fisiologia periférica [...] como fornecimento de uma plataforma neural de comportamentos adaptativos sociais e defensivos emergentes. (PORGES, 2012, p. 19).

Porges, então, parte dos estudos da psicofisiologia para conceber a relação entre “mente-corpo” da mesma maneira que Reich (2004) e Spinoza (Ética). Ambos compreenderam que não se trata de um “paralelismo psicofísico”, mas sim de expressões, em domínios distintos, das mesmas manifestações do indivíduo.

A investigação sistemática das relações mente-corpo forma a base científica da ciência da psicofisiologia. Ao contrário da visão correlativa das avaliações mente-corpo que domina a psicologia e a psiquiatria, a psicofisiologia enfatiza uma continuidade entre o processamento neurofisiológico e psicológico. Os psicofisiologistas pressupõem que o sistema nervoso fornece as unidades funcionais para a transdução bidirecional dos processos psicológicos com processos neurofisiológicos e estruturas cerebrais por meio de medições e não apenas teoricamente. (PORGES, 2012, p. 36).

Após quase trinta anos de pesquisas nas áreas de psicofisiologia, transtornos psiquiátricos, neurobiologia, trauma, terapias somáticas e outras, Porges, em 1994, propôs que o SNA não seria organizado apenas com duas formas de funcionamento, opostas e complementares; a saber, o *simpático* e o *parassimpático*⁶⁵ – ou *vago*.

A partir de seus estudos e experimentos, propôs que o sistema vago era subdividido em duas funções, que ele denominou de *Sistema Vento-Vagal* e *Sistema Dorso-Vagal*. Com essa proposição, Porges defende que parte do nosso SNA, parassimpático, ou seja, a responsável pelo relaxamento do organismo, seria organizada em duas respostas distintas.

O sistema dorso vagal seria responsável, como mecanismo natural de defesa, pela resposta de congelamento do organismo em circunstâncias extremas de perigo. É como se o sistema corporal “desligasse” nesses momentos. A função seria a de “se fingir de morto”, como uma resposta extrema de busca de sobrevivência. Um dos exemplos dados

⁶⁵ Essa definição do funcionamento do SNA foi descrita com maiores detalhes no capítulo 2.

é o de uma pessoa que desmaia em uma situação de estresse intenso. Ao mesmo tempo, quando ativado cronicamente, é o responsável pelos sintomas de estresse crônico, gastrite, colite e outros.

Já o sistema ventro vagal seria, a partir do desenvolvimento filogenético dos mamíferos, um mecanismo de busca de segurança a partir das relações com outros seres. Essa seria a base orgânica dos movimentos de engajamento social, busca por relação com outros indivíduos e da sensação de prazer derivada de estar junto de pessoas de que gostamos.⁶⁶

A teoria polivagal descreve três estágios no desenvolvimento do sistema nervoso autônomo dos mamíferos. Cada uma das três principais estratégias comportamentais adaptativas é apoiada por um circuito neural distinto envolvendo o sistema nervoso autônomo. (PORGES, 2012, p. 32).

Como já citadas anteriormente, essas três principais estratégias são a imobilização, a mobilização (luta ou fuga) e o envolvimento social (relações). Lembrando que, em se tratando de respostas ancoradas no SNA, essas são involuntárias, ou seja, não passam pela volição consciente do indivíduo.

Ainda que Porges seja um médico, toda a teoria polivagal é descrita por ele como sendo um estudo a respeito das bases orgânicas que podem ajudar na compreensão da relação entre os indivíduos e ser utilizadas como futuros estudos complementares para embasarmos, de um ponto de vista orgânico, como os processos psicoterapêuticos funcionam. Além disso, ele afirma com frequência em palestras e cursos que a Teoria Polivagal não é uma psicoterapia e não se trata de uma nova abordagem de tratamento emocional. Trata-se, apenas, de um vasto estudo sobre o funcionamento do SNA e de algumas correlações com comportamentos e respostas nos organismos.

Tendo em vista a própria orientação de seu autor, e compreendendo que não se trata de uma abordagem psicoterapêutica, é possível considerarmos a Teoria Polivagal como sendo um desenvolvimento da compreensão das bases orgânicas que Reich propôs quase um século antes, uma vez que a teoria de Porges também se apoia na concepção de uma unidade funcional mente-corpo, no conceito de autorregulação a partir do equilíbrio do SNA e na importância das relações para a organização – psíquica e somática – do indivíduo.

⁶⁶ Seria essa a base orgânica para toda a compreensão de Espinoza a respeito da potência que o indivíduo vive a partir do coletivo? (BOVE, 2010).

Mais pesquisas e experimentos serão necessários para que as articulações entre a Teoria Polivagal de Porges e a Vegetoterapia de Reich sejam estabelecidas seguindo os critérios adequados de uma e de outra concepção. Um dos principais pontos de intercessão dos dois trabalhos está no conceito da autorregulação, uma vez que ambos consideram que a saúde do indivíduo está ancorada, somaticamente, na capacidade do organismo para funcionar orientado para a realidade. Todavia, essa clareza só teremos no futuro; no presente, esse parece ser um caminho válido de desenvolvimento e atualização do trabalho de Reich, que precisará ser desenvolvido em trabalhos posteriores.

Por fim, atravessando mais uma área do conhecimento, temos, na fisioterapia e nas terapias manuais o desenvolvimento de um campo bastante recente no estudo do sistema fascial.

Até recentemente, a importância das funções da fáscia era desconhecida ou era apenas considerada superficialmente. O estudo anatômico dos tecidos do corpo humano passa por uma preparação com formol, com a função de conservação das peças. Porém, o formol deteriora o tecido fascial, dificultando o seu estudo. Além disso, essa parte do tecido fascial – tecido conjuntivo – é retirada das peças como forma de facilitar a visualização e o estudo de outras estruturas orgânicas, como músculos e órgãos.

Com o desenvolvimento da tecnologia, novas formas de investigação do organismo biológico possibilitaram o estudo mais aprofundado desse sistema e a compreensão da função da fáscia no corpo humano. Atualmente tratado como sistema fascial, esse tecido está presente por todo o corpo, mais superficialmente, abaixo da pele e na musculatura e, mais profundamente, recobrimdo todos os órgãos. Ele funciona como uma grande rede de conexão, transmissão de informação e de sustentação para o corpo.

A fáscia certamente conecta. Ela não apenas conecta uma grande variedade de tecidos colagenosos dentro do corpo humano, desde tendões a cápsulas articulares e envelopes musculares, mas também o campo das explorações orientadas à fáscia, que vem crescendo rapidamente, o qual reúne muitas disciplinas, personalidades e perspectivas profissionais diferentes. (SCHLEIP, 2020, p. XI).

É um tecido muito inervado e capaz de transmitir informações até mil vezes mais rápido do que uma sinapse mielinizada. Além disso, a fáscia funciona como organizadora de toda a tensão do organismo. Derivado da física e do estudo dos movimentos, o conceito de tensegridade é definido como sendo o equilíbrio entre tensão e flexibilidade, capaz de

sustentar uma estrutura de forma flexível e, ao mesmo tempo, de distribuir a tensão pelo sistema. Daí, derivou o termo *biotensegridade*, que trata da capacidade da fáscia cumprir essa função de sustentação do nosso organismo, de maneira flexível, distribuindo a tensão pelo sistema e sendo capaz de se adaptar às variações – internas e externas.

Na estrutura de tensegridade, os elementos de compressão (suporte) estão suspensos sem nenhum contato de compressão entre eles, enquanto os elementos tensionais (tiras elásticas e membranas) estão todos conectados uns aos outros em uma teia global de transmissão de tensão. (SCHLEIP, 2020, p. 5).

Esse campo de pesquisa é extremamente recente, uma vez que essas funções do sistema fascial começaram a ser compreendidas no início da década de 2000. Muito desse conhecimento carece de mais pesquisas, mas ele aponta para algumas compreensões bastante interessantes do ponto de vista do trabalho reichiano.

A primeira delas: parece ser através da fáscia que toda a bioeletricidade estudada por Reich circula. Sendo um sistema integrado desde os receptores da pele, passando pela musculatura e indo até órgãos e ossos, podemos deduzir que esse era o sistema que Reich considerava ser responsável por toda a organização e transmissão da bioeletricidade pelo corpo.

O que nos leva diretamente para a segunda hipótese: ocorreria na fáscia, e não apenas na musculatura, a ancoragem fisiológica dos mecanismos da fórmula dos quatro tempos – tensão, carga, descarga e relaxamento. Dentro dessa leitura, a musculatura – tecido miofascial – seria apenas um dos tecidos onde se daria a estagnação da carga de maneira disfuncional e a formação das couraças somáticas. De forma sistêmica, no entanto, esse encorajamento se daria em todo o organismo a partir de um desequilíbrio da relação de tensão-relaxamento, ancorado no sistema fascial.

Em razão dos elementos acima descritos, compreendemos que esse será um campo de pesquisa contemporâneo convergente com as pesquisas feitas por Reich na década de 1930 e capaz de ampliar a nossa compreensão com relação à economia sexual e o trabalho da Vegetoterapia.

Conclusão

Ao retornarmos ao início da nossa trajetória, parece ficar mais simples de compreender que o jovem Freud⁶⁷, estudante de medicina, era bastante diferente do “grande” Freud, pai da Psicanálise e responsável por sustentar toda a instituição que havia criado, que se estendia desde a sustentação política da Psicanálise até uma espécie de responsabilidade para com as centenas de membros filiados. A partir do momento em que a Psicanálise se tornou uma prática clínica estabelecida entre os meios burgueses europeus, isso possibilitou a muitos médicos terem seu sustento material – e o de suas famílias.

Uma vez que o próprio Freud vinha de uma família pouco abastada e precisou ser ajudado financeiramente durante sua vida – por mais de uma vez –, parece-nos justo considerar que ele se viu em uma situação na qual poderia seguir por um caminho já estabelecido, a partir do qual ajudaria muitos pacientes. Além disso, constituiria uma forma de sustento de muitos profissionais e também não precisaria mais se manter como um maldito por brigar com as instituições organizadoras da sociedade.

Freud foi um gênio por intuir toda a organização do aparelho psíquico, descobrir o inconsciente e estabelecer relações diretas entre a sexualidade reprimida por uma sociedade moralista e o surgimento da doença social chamada neurose. Ele também compreendeu de maneira inovadora a relação entre a organização social e os conflitos edípicos, os estudos das funções dos sonhos e o sentimento oceânico das religiões como forma de “sublimação” da libido no organismo.

Talvez sua formulação mais admirável e que expressa claramente uma posição transdisciplinar tenha sido a da aplicação à fisiologia dos conceitos recém-descobertos da eletricidade e do princípio da conservação da energia no organismo humano. Sua hipótese de uma energia sexual – libido – que era capaz de se mover pelo corpo, ser descarregada e que, quando impedida de fluir, gerava sintomas, foi o resultado das observações de um indivíduo vivo, com capacidade de transitar entre campos do conhecimento, ter um olhar curioso e presente para observar seus pacientes e intuir uma lógica que seria comprovada empiricamente algumas décadas depois.

⁶⁷ Seguimos nos utilizando da distinção de Wagner (1996) para compreendermos o trabalho de Freud dividido em duas partes distintas.

Olhamos para esse Freud, questionador, curioso, sagaz como um cientista vivo que foi capaz de grandes descobertas na área do funcionamento humano. E, assim como a ciência é feita de muitas mentes e corações, Reich pôde partir dos valiosos conhecimentos produzidos por Freud para seguir fazendo novas descobertas, corroborando muito do que foi inicialmente colocado como uma hipótese.

[...] é preciso que fique bem claro aqui que a economia sexual nunca se afastou do conteúdo central das conquistas científicas de Freud. Falsas considerações de natureza social, que perderam seu valor em consequência das revoluções sociais dos dez últimos anos, levaram a que o movimento psicanalítico se desvinculasse da economia sexual. A economia sexual não é rival da Psicanálise, tal como a Lei da Gravidade de Newton não é rival da Lei da Harmonia de Kepler. A economia sexual representa a continuação da Psicanálise freudiana e dá-lhe uma base científica natural na esfera da biofísica e da sexologia social. Hoje a economia sexual pode se gabar de ter levado à descoberta da energia biológica, o orgone, que, governada por leis físicas definidas, está na base das funções sexuais humanas, descritas pela primeira vez por Freud. As “biopatias” que a biofísica do orgone conseguiu detectar na esfera orgânica são os correlatos das “psiconeuroses” de Freud na esfera psicológica. (REICH, 2004, p. 10).

Ao mesmo tempo, por uma série de motivos, a partir do momento em que esse Freud não pôde mais funcionar de maneira viva, fluida e criativa; a partir do momento que precisou estabelecer verdades absolutas em vez de fazer questionamentos e se pautar pelas evidências; enfim, a partir do momento em que seu funcionamento se tornou mais rígido e crônico, sua teoria e ideias foram também se afastando do funcionamento vivo e a possibilidade de seguir desenvolvendo um trabalho inovador foi substituída pela concessão às instituições moralistas e repressoras da sexualidade de uma Viena conservadora e machista.

Desse campo fértil, vivo e questionador das instituições vigentes à época é que Reich parte para seguir desenvolvendo a compreensão de um dos aspectos mais “proibidos” da humanidade, que é a *sexualidade*. E tendo a clareza de que estava desenvolvendo as ideias de Freud dentro da Psicanálise, seguiu investigando as bases sexuais das neuroses, indo cada vez mais profundamente na compreensão dos aspectos orgânicos, biológicos e fisiológicos desse processo.

Reich chamava a capacidade de desenvolvimento de uma ciência viva de “lei do desenvolvimento orgânico”:

A lei do desenvolvimento orgânico tem sido claramente manifestada, através dos milênios, em todas as artes técnicas e científicas. A obra de Galileu partiu da crítica ao sistema de Ptolomeu e ampliou a obra de Copérnico. Kepler continuou o trabalho de Galileu, e Newton continuou o de Kepler. E de cada um desses órgãos funcionais dos processos objetivos da natureza vieram muitas gerações de homens e mulheres trabalhadores e pesquisadores. (REICH, 2001, p. 286).

Todo o trabalho da economia sexual vai ser construído, seguindo as hipóteses de Freud no início da Psicanálise, a partir de sólidas bases de investigação, pesquisa e evidências empíricas, além de todos os experimentos bioelétricos conduzidos dentro de importantes e reconhecidos centros de pesquisa da Europa, no início do século passado.

A Vegetoterapia, tendo como base o restabelecimento da autorregulação e da possibilidade de o indivíduo ser capaz de viver a experiência orgástica, é uma terapia extremamente potente no sentido de diminuição do sofrimento humano. Ainda que sua aplicação seja feita individualmente, seu alcance não fica restrito ao indivíduo.

[...] nenhum outro ponto da minha teoria pôs em perigo o meu trabalho e a minha existência tanto quanto a minha afirmação de que a autorregulação é possível, está ao alcance da mão, e é universalmente exequível. (REICH, 1995, p. 162).

Uma vez que o indivíduo e a sociedade formam uma unidade e são indissociáveis, a transformação do paciente não acontece separadamente da que ocorre em seu meio e de suas relações. Além disso, toda a sua capacidade crítica se torna mais consciente e este se torna um agente político na sociedade.

Esse processo se dá a partir da compreensão de como ocorre a repressão da sexualidade e da expressão das suas emoções. A partir do momento em que o indivíduo se torna consciente de suas amarras, pode escolher se libertar dela. Nesse momento, é capaz de olhar para o mundo à sua volta e fazer escolhas que sejam mais saudáveis para si e para aqueles à sua volta.

Não podemos ser ingênuos de pensar que a Vegetoterapia é uma proposta de transformação social das massas. Reich tinha essa clareza e eu também a tenho. Não à toa, no fim de sua vida ele escrevia a respeito da importância de prevenirmos a neurose

cuidando da forma como educamos nossas crianças e adolescentes. Além disso, todo o seu trabalho de SEXPOL⁶⁸ tinha como proposta a transformação social de forma direta.

Desse modo, podemos olhar para as bases da nossa organização social e compreender como elas estão na origem do sofrimento do ser humano. A organização da família – mesmo com as mudanças que vêm surgindo a partir da discussão sobre as questões de gênero – da forma como definida dentro do capitalismo, leva inevitavelmente à experiência do conflito edípico – com todas as variações com relação aos gêneros das pessoas envolvidas – e à necessidade da castração e formação das neuroses e de todos os bloqueios somáticos denominados por Reich de couraças musculares. O capitalismo aparece, assim, como um dos elementos mais nocivos à nossa existência na Terra – e ao próprio planeta em si –, uma vez que estabelece formas de relação baseadas na competição, na individualidade e no poder.

Sexualidade, clínica e política são, dessa forma, indissociáveis para Reich e isso fica presente em todo o seu trabalho. Ainda assim, seu nome, sua obra e suas ideias são desconhecidas pela maior parte das pessoas. Mesmo nos meios “psis” ou das neurociências, Reich é um nome pouco conhecido ou, quando muito, é falado pelas calúnias e pelos ataques maledicentes que viveu durante sua vida – e mesmo depois de sua morte.

Hoje fica bastante evidente que o desenvolvimento do trabalho da economia sexual foi um dos elementos importantes que o levou a se afastar cada vez mais de Freud e da Psicanálise que estava se constituindo naquela época. Ao mesmo tempo, se Reich tivesse clareza desse futuro, talvez não tivesse desenvolvido todo esse trabalho que se tornou a base da Vegetoterapia e que, ainda hoje, norteia novas pesquisas em neurociências.

Por outro lado, discutir de maneira simples, direta e profunda a sexualidade humana o levou a ser perseguido e expulso de muitas instituições e países. Ainda que outros autores apontem para as questões políticas do trabalho reichiano como sendo responsáveis pela perseguição que viveu, para mim fica claro que se trata de uma questão secundária, uma vez que teve problemas com governos de muitas orientações políticas distintas, como o

⁶⁸ A SEXPOL foi um movimento desenvolvido por Reich e outros médicos alemães na década de 1930 que tinha como função levar informação a respeito da sexualidade para jovens e trabalhadores. A ideia era que, combatendo a desinformação, os mitos e preconceitos, essas pessoas poderiam ter uma vida sexual mais saudável.

nazismo da Alemanha de 1930, o comunismo da URSS da mesma época e, mais tarde, com a “democracia paranoica” dos EUA.

Também corrobora minha posição a sentença judicial imposta a Reich pelo juiz norte-americano, assim como todas as acusações das campanhas difamatórias que afirmavam que “Reich coordenava um tipo de negócio escuso que envolvia uma caixa geradora de orgasmos e que ele mantinha relações sexuais com suas assistentes e pacientes”.

É uma grande pena, para o mundo todo, que cada novo cientista que pretenda derrubar as velhas teorias e transformar os conceitos ultrapassados seja recebido com o mesmo tipo de distorção, de falsidade, de perseguição, apenas para ser aplaudido algumas centenas de anos à frente. Reich não será avaliado devidamente por nossa geração e nem pela seguinte, ou ainda talvez nem pelas próximas. (BAKER, 1980, p. 19).

Dessa forma, mais uma vez, a humanidade optou por eliminar aquele que trazia reflexões profundas – que implicaria grandes transformações nas relações humanas, na educação das crianças e adolescentes e na organização social, política e econômica – em vez de proteger a vida e aceitar a única verdade inquestionável que é a impermanência e a transformação.

“Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem!”. Essa frase de Heráclito de Éfeso nos aponta para algumas conclusões. A primeira delas é que a percepção de que a transformação está na base de todas as coisas já era compreendida há mais de dois mil anos pela sociedade ocidental. Se incluirmos os textos budistas que tratam do conceito de impermanência na cultura oriental, teremos mais de cinco mil anos dessa compreensão por grande parte da humanidade.

Se queremos conceber, na prática, uma sociedade mais cooperativa, na qual os indivíduos possam colaborar pela vida – e não pela destruição dela –, faz-se hoje urgente discutir a maneira como seguimos lidando com a sexualidade no século XXI. Se, na época de Freud e de Reich, a sexualidade era reprimida pelas proibições e cerceamentos, esse processo transitou para uma forma na qual a sexualidade é impedida de ser livre pelo seu exagero e pelo excesso, como bem nos aponta Foucault. E, atualmente, vemos um movimento ainda mais intenso nesse sentido: a superficialização das relações e a liquidez da contemporaneidade, conforme defende Bauman.

Muito distante de uma ortodoxia da sexualidade ou uma “ortopedia sexual”, Reich descreve formas através das quais o indivíduo é capaz de funcionar de maneira mais saudável em sua dimensão integral: psíquica e organicamente, mas também do ponto de vista das relações, da política e da sexualidade.

Parece-me claro – e isso foi bastante descrito ao longo do texto – que uma sexualidade saudável ou natural é consequência de todo um funcionamento diferente do ser humano. Ou seja, mais do que um ponto de partida, trata-se de um ponto de chegada. Para isso, porém, precisamos ser sérios, competentes e determinados o suficiente para olharmos para nós e para aqueles que estão à nossa volta, no sentido de compreendermos na prática a forma como lidamos com a sexualidade. Seremos capazes de perceber como um viés autoritário segue existindo na maneira como lidamos com a sexualidade de nossas crianças e jovens. Isso não significa sermos permissivos ou que precisemos viver uma sexualidade “sem limites”.

Retornando à famosa frase de Heráclito, há outra conclusão importante. Ainda que eu tivesse uma ideia clara na minha cabeça a respeito do que iria escrever, não seria possível para mim entrar nesse rio e sair da mesma forma. Durante o processo de pesquisa e escrita do presente trabalho, precisei entrar muitas vezes nos “rios” que eu considerava conhecer há algum tempo e sempre me percebia em um novo rio, compreendendo novos aspectos da vida e do trabalho de Reich e de toda a história reichiana no Brasil – da qual hoje faço parte.

Ao finalizar o texto, já não é mais possível distinguir o que sou eu e o que são as teorias que estudei e aprendi durante esse processo. Também ao longo das pesquisas e escrita, teorias, autores e ideias passavam pela minha frente e faziam muito sentido para mim, conversando com a forma como penso e vivo. São essas as ideias – e por vezes recortes delas – que formam esse trabalho.

Transdisciplinaridade, bricolagem, não separação de pesquisador e objeto, processos de objetificação e subjetificação, campo... Todos esses conceitos estão presentes no meu texto e, ao mesmo tempo, não estão. No momento em que estes foram apreendidos por mim, processados e metabolizados, o resultado que aparece é diferente da simples soma de todos eles. Posso dizer que se trata de um processo orgânico de produção do

conhecimento, no qual autor e texto compõem-se mutuamente, em um movimento negentrópico⁶⁹ de aumento de energia para todo o sistema.

Todo esse processo, torna-se mais intenso a partir do momento em que o objeto central da pesquisa é a sexualidade humana. Logicamente não se trata de um conceito distante e genérico; pelo contrário: trata-se de aprofundar a pesquisa a respeito da minha própria sexualidade, da sua, e das pessoas que nos cercam. Olhar para dentro e para os lados e reconhecer as expressões de funcionamento livre e saudável – ou os funcionamentos expressivos da Peste emocional, do discurso de ódio e da impotência orgástica. Foi nesse rio que entrei mais uma vez. Certamente não sou o mesmo homem que era quando comecei a pesquisa.

Por fim, o presente texto tem a função de ser mais uma ponte entre os futuros reichianos e novas pesquisas a serem desenvolvidas. Além disso, tem também a função de ser mais um trabalho de resistência contra a tentativa de matarem Reich e suas pesquisas. Seja no campo da psicologia, da fisiologia, da sociologia ou qualquer área afim, a intenção de produzir uma dissertação dentro da universidade é para que esta possa servir de base para o desenvolvimento de futuras pesquisas e atualizações a respeito do potente trabalho que Reich nos deixou.

⁶⁹ O conceito da neguentropia é utilizado por Genovino Ferri, na Análise Reichiana. Originalmente, o conceito de entropia vem da física e é usado para estabelecer a forma como um corpo físico perde energia – e se desorganiza - para o meio. A entropia negativa – ou neguentropia – estabeleceria, pelo contrário, a forma como o organismo vivo é capaz de estar mais organizado, mais estruturado e com maior capacidade energética.

Anexos

Anexo I – Constituição da Revolução Proletária de outubro de 1917.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA SOVIÉTICA RUSSA:

CONSTITUIÇÃO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA DE OUTUBRO DE 1917 CONSTITUIÇÃO DE LENIN, SVERDLOV E TROTSKY

10 DE JULHO DE 1918^[1]

A *Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado* – aprovada no III Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia, em janeiro de 1918 -, e a *Constituição da República Soviética*, aprovada no V Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia, constituem uma única *Lei Fundamental da República Socialista Federativa Soviética Russa*.

Essa *Lei Fundamental* entra em vigor com a sua publicação, em forma definitiva, no “*Izvestia (Notícias)*”, órgão do *Comitê Executivo Geral de Toda a Rússia*. Deve ser publicada por todos os órgãos do *Governo Soviético* e enviada a todos os lugares proeminentes de todas as instituições soviéticas.

O V. Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia encarrega o *Comissário do Povo da Educação* a introduzir, sem exceção, em todas as instituições escolares e estabelecimentos educativos da *República Russa*, o ensino, a explicação e a interpretação das disposições fundamentais dessa constituição.

PRIMEIRA PARTE DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO POVO TRABALHADOR E EXPLORADO

CAPÍTULO I

1. A *Rússia* é uma *República de Conselhos (Soviets) de Deputados Trabalhadores, Soldados e Camponeses*. *Todo o poder central e local* pertence a esses conselhos (soviets).

2. A **República Soviética Russa** funda-se sobre o princípio de uma união livre de nações livres, como uma federação de repúblicas nacionais soviéticas.

CAPÍTULO II

3. Além disso, sendo sua tarefa fundamental a **abolição de toda a exploração do homem pelo homem, a completa eliminação da divisão da sociedade em classes, a impiedosa repressão da resistência dos exploradores, o estabelecimento de uma organização socialista** e o **atingimento da vitória do socialismo em todos os países**, o III Congresso de Deputados Trabalhadores, Soldados e Camponeses de Toda a Rússia resolve:

a. Visando à concretização da **socialização da terra**, fica **abolida a propriedade privada da terra**. Todos os imóveis agrícolas são declarados propriedade de todo o povo trabalhador e entregues, sem qualquer indenização, aos trabalhadores, com base no princípio da **utilização igualitária da terra**.

b. Todas as florestas, todos os recursos naturais e todas as águas de significado estatal-geral, assim como todos os bens vivos ou mortos, fazendas de espécies e empresas agrícolas são **declarados propriedade nacional**.

c. Como primeiro passo para a completa passagem das fábricas, empresas, minas, estradas de ferro e demais meios de produção e de transporte à **propriedade da República dos Conselhos (Sovietes) dos Trabalhadores e Camponeses**, ratificam-se as **Leis Soviéticas** sobre o **Controle Operário** e o **Conselho Supremo da Economia**, visando a assegurar o poder dos trabalhadores sobre os exploradores.

Como um primeiro golpe a ser desferido contra o sistema bancário internacional, o **capital financeiro**, o III Congresso dos Conselhos (Sovietes) está deliberando uma **Lei sobre a Anulação (Aniquilação) dos Empréstimos, contraídos pelo Governo Czarista, pelos Proprietários Fundiários e pela Burguesia**, ao mesmo tempo em que expressa a sua confiança em que o **Poder dos Conselhos (Sovietes)** prosseguirá, com firmeza, nessa direção, até à mais plena vitória da insurreição internacional dos trabalhadores contra o jugo do capitalismo.

d. Confirma-se a passagem de todos os bancos à propriedade do **Estado dos Conselhos (Sovietes) dos Trabalhadores e Camponeses**, como uma das condições necessárias à libertação das massas trabalhadoras do jugo do capital.

e. Tendo em vista a aniquilação das classes sociais parasitárias e visando à organização da economia, introduz-se a ***obrigação universal de trabalhar***.

f. No interesse de assegurar toda a plenitude de poder para as massas trabalhadoras e eliminar toda a possibilidade de restauração do poder dos exploradores, decreta-se o armamento dos trabalhadores, a ***formação das Forças Armadas Vermelhas***, compostas por trabalhadores e camponeses, bem como o completo desarmamento das classes possidentes.

CAPÍTULO III

4. Expressando sua inflexível determinação de arrancar a humanidade das garras do ***capital financeiro*** e do ***imperialismo*** que afogaram a terra em sangue nessa guerra mais criminosa entre todas as já existentes, adere o III Congresso do Conselhos (Soviets) da maneira mais plena à política executada pelo Poder dos Conselhos (Soviets) de ***dilaceração de todos os tratados secretos, organização mais extensa de uma confraternização dos trabalhadores e camponeses dos exércitos*** que hoje lutam entre si, e – custe o que custar – atingimento, através de medidas revolucionárias, de uma ***paz democrática pelos trabalhadores, sem anexação e contribuições***, sobre a base da ***livre auto-determinação das nações***.

5. Visando a atingir esse mesmo objetivo, o III Congresso dos Conselhos (Soviets) insiste em romper inteiramente com a bárbara política da civilização burguesa que construiu, ***em poucas nações selecionadas, o bem-estar dos exploradores*** com a subjulgação de centenas de milhões de pessoas do povo trabalhador, na Ásia, nas colônias em geral e nos pequenos países.

6. O III Congresso dos Conselhos (Soviets) saúda a política do Conselho do Comissariado do Povo que proclamou a ***inteira independência da Finlândia***, deu início à ***retirada das Forças Armadas da Pérsia*** e declarou o ***direito de livre autodeterminação da Armênia***.^[2]

CAPÍTULO IV

7. O III Congresso dos Conselhos (Soviets) dos Deputados Trabalhadores, Soldados e Camponeses opina que, presentemente, no momento da luta decisiva do proletariado contra os seus exploradores, não existe espaço para estes, em nenhum dos

órgãos do poder do Estado. *O poder deve pertencer, inteira e exclusivamente, às massas trabalhadoras* e ao seu representante plenipotenciário – os *Conselhos (Sovietes) dos Deputados Trabalhadores, Soldados e Camponeses*.

8. Ao mesmo tempo, aspirando à criação de uma aliança realmente livre e voluntária e, conseqüentemente, tanto mais plena e sólida, selada entre as classes trabalhadoras de todas as nações da Rússia, o III Congresso dos Conselhos (Sovietes) limita-se a constatar os fundamentos da *Federação das Repúblicas dos Conselhos (Sovietes) da Rússia*, permitindo, porém, aos trabalhadores e camponeses de todas as nações adotarem, autonomamente, resoluções em seus próprios congressos plenipotenciários de conselhos (sovietes) sobre se desejam e sobre qual fundamento querem participar do Governo Federal e das demais instituições soviético-federativas.

SEGUNDA PARTE DISPOSIÇÕES GERAIS DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA SOVIÉTICA

CAPÍTULO V

9. A tarefa fundamental da Constituição da República Socialista Federativa Soviética, levantada no presente período de transição, envolve o estabelecimento da *Ditadura Urbana e Rural do Proletariado e do Campesinato Mais Miserável*, na forma de uma *poderosa autoridade soviética* de toda a Rússia, com o propósito de *repressão da burguesia, aniquilação da exploração do homem pelo homem* e de *introdução do socialismo*, no qual *não existirá nem divisão de classes nem poder do Estado*.
10. A República Russa é uma sociedade socialista livre de todo o povo trabalhador da Rússia. Todo o poder, situado no interior da República Socialista Federativa Soviética Russa, pertence a *toda população trabalhadora* da Rússia, *unida em conselhos (sovietes) urbanos e rurais*.
11. Os conselhos (sovietes) das regiões que se diferenciam entre si pela forma especial de existência e pela composição nacional podem-se unir em uniões regionais autônomas, em cujo vértice, tal como no vértice de todas uniões regionais que se formarem, estão situados os *congressos regionais dos conselhos (sovietes) e seus órgãos executivos*. Essas uniões regionais autônomas ingressam, sobre uma base federativa, na República Socialista Federativa Soviética Russa.

12. O poder supremo da República Socialista Federativa Soviética Russa pertence ao ***Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia*** e, nos períodos havidos entre os congressos, ao ***Comitê Executivo Central de Toda a Rússia***.
13. Com o objetivo de assegurar aos trabalhadores ***verdadeira liberdade de consciência***, a ***Igreja deve ser separada do Estado e a escola, da Igreja***, assim como fica reconhecida ***liberdade de propaganda religiosa e anti-religiosa a todos os cidadãos***.
14. Com o objetivo de assegurar aos trabalhadores ***verdadeira liberdade de expressão de suas opiniões***, a República Socialista Federativa Soviética Russa ***elimina a dependência da imprensa em relação ao capital*** e entrega nas mãos da classe trabalhadora e dos pobres do campo todos os meios técnicos e materiais, necessários à publicação de jornais, brochuras, livros e todas as demais produções impressas, garantindo sua livre difusão por todo o país.
15. Com o objetivo de assegurar aos trabalhadores ***verdadeira liberdade de reunião***, a República Socialista Federativa Soviética Russa, reconhecendo o direito dos cidadãos da República Soviética à ***livre organização de reuniões, comícios, assembleias*** etc., coloca à disposição da classe trabalhadora e dos camponeses pobres todos os espaços úteis à realização de reuniões populares, com a respectiva mobília, iluminação e aquecimento.
16. Com o objetivo de assegurar aos trabalhadores ***verdadeira liberdade de associação***, a República Socialista Federativa Soviética Russa, tendo destruído o poder econômico e político das classes possidentes e, desse modo, abolido todos os obstáculos que, até então, haviam impedido aos trabalhadores e camponeses de exercerem, na sociedade burguesa, a sua ***liberdade de organização*** e a sua ***liberdade de ação***, proporciona ***assistência de ordem material e de outros gêneros aos trabalhadores e ao campesinato mais miserável***, em suas ***atividades de unir e de organizar***.
17. Com o objetivo de assegurar aos trabalhadores ***verdadeiro acesso ao conhecimento***, a República Socialista Federativa Soviética Russa coloca a si mesma a tarefa de fornecer ***educação integral, omnilateral e gratuita aos trabalhadores e ao campesinato mais miserável***.

18. A República Socialista Federativa Soviética Russa considera o *trabalho como sendo um dever* de todos os cidadãos da República e proclama como sua consigna : *“Quem não trabalha, não come.”*
19. Com o objetivo de defender, com todas as medidas possíveis, as conquistas da *Grande Revolução dos Trabalhadores e Camponeses*, a República Socialista Federativa Soviética Russa reconhece o dever de todos os cidadãos da República de somarem-se à *defesa da pátria socialista*, introduzindo o *treinamento militar universal*. O *direito à honra de defender a Revolução com armas nas mãos* é concedido *apenas aos trabalhadores*. Os elementos não-trabalhadores ficam encarregados da execução de outros deveres militares.
20. Como decorrência da *solidariedade dos trabalhadores de todas as nações*, a República Socialista Federativa Soviética Russa concede todos os *direitos políticos da cidadania russa aos estrangeiros* que vivem no território da República Russa para exercício de ocupações profissionais e pertencem à classe trabalhadora ou que não se servem de trabalho camponês alheio. A República Socialista Federativa Soviética Russa reconhece, assim, o direito dos conselhos (soviets) locais de outorgar a cidadania russa a tais estrangeiros, sem quaisquer formalidades complicadas.
21. A República Socialista Federativa Soviética Russa concede *direito de asilo* a todos os estrangeiros, sujeitos à perseguição por crimes políticos ou religiosos.
22. Reconhecendo os *direitos iguais de todos os cidadãos, independentemente de seus vínculos raciais e nacionais*, a República Socialista Federativa Soviética Russa proclama como contrários às *Leis Fundamentais da República* a instauração ou a permissão de todos os gêneros de privilégios, motivados por essa causa, bem como toda e qualquer opressão, praticada contra minorias nacionais, ou limitação dos direitos de igualdade destas.
23. Guiada pelos interesses da classe trabalhadora como um todo, a República Socialista Federativa Soviética Russa *despoja todas as pessoas individuais e todos os grupos individuais dos direitos que são por eles utilizados em prejuízo dos interesses da Revolução Socialista*.

TERCEIRA PARTE A CONSTRUÇÃO DO PODER SOVIÉTICO

A. ORGANIZAÇÃO DO PODER CENTRAL

CAPÍTULO VI

SOBRE O CONGRESSO DOS CONSELHOS (SOVIETES) DOS TRABALHADORES, CAMPONESES, COSSACOS E SOLDADOS VERMELHOS DE TODA A RÚSSIA

24. O *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* é o *Poder Supremo* da *República Socialista Federativa Soviética*.

25. O Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia é composto pelos representantes dos *Conselhos (Soviets) Municipais*, na base de um (1) delegado por 25.000 eleitores, e pelos representantes dos *Congressos dos Conselhos (Soviets) das Províncias*, na base de um (1) delegado por 125.000 habitantes.

Nota 1: Caso o Congresso dos Conselhos (Soviets) das Províncias não ocorra antes do Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia, os delegados, eleitos para este, serão diretamente enviados a partir do Congresso dos Conselhos (Soviets) dos Distritos.

Nota 2: Caso o Congresso dos Conselhos (Soviets) das Regiões ocorra antes do Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia, os delegados, eleitos para este, poderão ser enviados a partir do Congresso dos Conselhos (Soviets) Regionais.

26. O *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* é convocado pelo *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*, pelo menos duas (2) vezes ao ano.

27. Um *Congresso Extraordinário dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* é convocado ou por iniciativa própria ou por exigência dos *Conselhos (Soviets) dos Distritos* que representem, pelo menos, um terço (1/3) de toda a população da República.

28. O *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* elege o *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*, composto, no máximo, por duzentas (200) pessoas.

29. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* é inteiramente responsável perante o *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia*.

30. No período havido entre os congressos, o *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* é o *Poder Supremo da República*.

CAPÍTULO VII

SOBRE O COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL DE TODA A RÚSSIA

31. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* é o órgão legislativo, executivo e de controle supremo da República Socialista Federativa Soviética Russa.

32. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* fornece, em geral, direcionamento às atividades do *Governo dos Trabalhadores e Camponeses* e de todos os órgãos do *Poder Soviético* no país, unifica e harmoniza o trabalho legislativo e administrativo, bem como supervisiona a aplicação prática da *Constituição Soviética* e das resoluções dos *Congressos dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* e dos órgãos centrais do *Poder Soviético*.

33. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* examina e ratifica os projetos dos decretos e outras propostas, apresentados pelo *Conselho dos Comissários do Povo* ou pelas diversas autoridades, bem como edita decretos e disposições próprios.

34. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* convoca o *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia*, ao qual presta contas de suas próprias atividades, bem como apresenta relatórios sobre a política geral e questões particulares.

35. O *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* erige um *Conselho dos Comissários do Povo*, ocupado da administração geral dos assuntos da República Socialista Federativa Soviética Russa e de seus departamentos (*Comissariados do Povo*), ocupados da direção dos diversos ramos da administração.

36. Os membros do *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* trabalham em departamentos (*Comissariados do Povo*) ou cumprem ordens especiais do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia.

CAPÍTULO VIII

SOBRE O CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO

37. Compete ao ***Conselho dos Comissários do Povo*** a administração geral dos assuntos da República Socialista Federativa Soviética.

38. No cumprimento dessa tarefa, o ***Conselho dos Comissários do Povo*** edita decretos, ordenamentos, instruções, e adota, em geral, todas as medidas, necessárias ao andamento ágil e regular da vida do Estado.

39. Cumpre ao ***Conselho dos Comissários do Povo*** notificar, imediatamente, o ***Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*** de todas as suas resoluções e decisões.

40. O ***Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*** é competente para revogar ou suspender, por direito, todas as resoluções ou decisões do ***Conselho dos Comissários do Povo***.

41. Todas as resoluções e decisões do ***Conselho dos Comissários do Povo***, dotadas de grande significado político-geral devem ser apresentadas para exame e aprovação do ***Comitê Executivo Central de Toda a Rússia***.

Nota: As medidas que reclamam execução inadiável podem ser implementadas imediatamente pelo ***Conselho dos Comissários do Povo***.

42. Os membros do ***Conselho dos Comissários do Povo*** situam-se no ápice dos diversos ***Comissariados do Povo***.

43. Existem dezoito (18) ***Comissariados do Povo***, encarregados dos seguintes domínios:

- a. Assuntos Estrangeiros;
- b. Assuntos da Guerra;
- c. Assuntos da Marinha;
- d. Assuntos Internos;
- e. Justiça;
- f. Trabalho;
- g. Seguro Social;
- h. Educação Popular;
- i. Correios e Telégrafos;

- j. Assuntos das Nacionalidades;
- k. Finanças;
- l. Meios de Comunicação;
- m. Agricultura;
- n. Comércio e Indústria;
- o. Abastecimento Nacional;
- p. Controle do Estado;
- q. Conselho Supremo da Economia;
- r. Saúde Pública.

44. Junto a cada *Comissário do Povo*, deve ser formado, sob sua presidência, um organismo colegiado, cujos membros devem ser confirmados pelo *Conselho dos Comissários do Povo*.

45. Apenas o *Comissário do Povo* é competente para adotar decisões sobre todas as questões que pertençam à direção do Commissariado do Povo respectivo, devendo destas cientificar o organismo colegiado. Se o organismo colegiado não concordar com essa ou aquela resolução do *Comissário do Povo*, pode, sem suspender a execução da resolução, opor protesto contra esta perante o *Conselho dos Comissários do Povo* ou perante a *Presidência do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*. Esse mesmo *direito de oposição*, possuem-no também os membros individuais do organismo colegiado.

46. O *Conselho dos Comissários do Povo* é inteiramente responsável perante o *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* e perante o *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*.

47. Os *Comissários do Povo* e os organismos colegiados dos *Comissariados do Povo* são inteiramente responsáveis perante o *Conselho dos Comissários do Povo* e perante o *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*.

48. O título oficial de *Comissário do Povo* pertence exclusivamente aos membros do *Conselho dos Comissariados* que dirigem os assuntos gerais da República Socialista Federativa Soviética e não pode ser utilizado por nenhum outro representante do *Poder Soviético*, seja na esfera central, seja na esfera regional.

CAPÍTULO IX

**MATÉRIAS DA COMPETÊNCIA DO CONGRESSO DOS CONSELHOS
(SOVIETES) DE TODA A RÚSSIA E DO COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL
DE TODA A RÚSSIA**

49. Submetem-se à competência do *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* e do *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* todas as *questões de significado geral do Estado*, tais quais:

- a. a ratificação, a alteração e a complementação da Constituição da República Socialista Federativa Soviética;
- b. a direção geral de toda a política externa e interna da República Socialista Federativa Soviética;
- c. a fixação e a alteração das fronteiras, bem como a cessão de partes do território da República Socialista Federativa Soviética ou dos direitos que lhe pertençam;
- d. a fixação das fronteiras e das competências das Uniões de Conselhos (Soviets) das Regiões que ingressem no sistema da República Socialista Federativa Soviética, bem como a decisão dos litígios entre elas;
- e. a admissão de novos membros da República Soviética no sistema da União da República Socialista Federativa Soviética, bem como o reconhecimento da secessão de partes desta;
- f. a divisão administrativa geral do território da República Socialista Federativa Soviética e a ratificação das uniões regionais;
- g. a fixação e a alteração do sistema de pesos, medidas e moeda, válidos no território da República Socialista Federativa Soviética ;
- h. as relações com Estados estrangeiros, a declaração de guerra e a conclusão de paz;
- i. a contração de dívidas, a celebração de contratos aduaneiros e comerciais, bem como de tratados financeiros;

- j. a definição dos fundamentos e do Plano Geral de toda a Economia do país e de seus ramos específicos no território da República Socialista Federativa Soviética;
 - k. a aprovação do orçamento da República Socialista Federativa Soviética;
 - l. a determinação dos impostos e das taxas gerais do Estado;
 - m. a definição dos fundamentos da organização das Forças Armadas da República Socialista Federativa Soviética;
 - n. a legislação geral do Estado, a organização judiciária, o processo judiciário, a legislação de Direito Civil e de Direito Penal etc.;
 - o. a nomeação e a substituição dos membros individuais do Conselho dos Comissários do Povo e desse Conselho em seu conjunto, bem como a aprovação de seu Presidente;
 - p. a edição das disposições gerais sobre a aquisição e a perda do direito de cidadania russa, bem como sobre os direitos dos estrangeiros no território da República
- ;
- q. direito da anistia geral e parcial.

50. Além das questões retro enumeradas, sujeitam-se à competência do ***Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia*** e ***Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*** todas as questões que estes declarem como pertencentes à sua competência.

51. Pertence exclusivamente à competência do ***Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia***:

- a. a definição, a complementação e a alteração dos fundamentos da ***Constituição Soviética***;
- b. a ratificação dos tratados de paz.

52. A decisão das questões, referidas nos pontos c) e h) do art. 49, compete ao *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia* apenas quando a convocação do *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* for impossível.

B. ORGANIZAÇÃO DO PODER LOCAL

CAPÍTULO X

SOBRE OS CONGRESSOS DOS CONSELHOS (SOVIETES)

53. Os *Congressos dos Conselhos (Soviets)* compõem-se da seguinte forma:

a. os *Congressos de Regiões* compõem-se de representantes dos *Conselhos (Soviets) dos Municípios* e representantes dos *Congressos dos Conselhos (Soviets) das Circunscrições*, na base de um (1) deputado por 5.000 eleitores dos municípios e um (1) deputado por 25.000 habitantes das circunscrições, porém não mais do que 500 delegados de toda a região – ou, então, compõem-se de representantes dos *Congressos dos Conselhos (Soviets) das Províncias*, eleitos segundo a mesma regra retro indicada, caso esse congresso reúna-se imediatamente antes do *Congresso dos Conselhos (Soviets) da Região* ;

b. os *Congressos de Províncias* compõem-se de representantes dos *Conselhos (Soviets) dos Municípios* e dos *Congressos dos Conselhos (Soviets) dos Distritos*, na base de um (1) deputado por 2.000 eleitores dos municípios e um (1) deputado por 10.000 habitantes dos distritos, porém não mais do que 300 deputados de toda a província e, caso os *Congressos dos Conselhos (Soviets) das Comarcas* sejam convocados imediatamente antes daqueles das províncias, deverão as eleições serem realizadas em conformidade com a mesma regra retro indicada, não pelos *Congressos dos Conselhos (Soviets) dos Distritos*, mas sim por aqueles das *Circunscrições* ;

c. os *Congressos das Circunscrições* compõem-se de representantes dos *Conselhos (Soviets) dos Vilarejos Rurais*, na base de um (1) delegado por 1.000 habitantes, porém, não mais do que 300 deputados de toda a circunscrição;

d. Os *Congressos dos Distritos* compõem-se de representantes dos *Conselhos (Sovietes) dos Vilarejos Rurais dos Distritos*, na base de um (1) deputado por 10 membros do conselho (soviete);

Nota 1: Os representantes dos *Conselhos (Sovietes) dos Municípios* participam dos *Congressos dos Conselhos (Sovietes) das Circunscrições*, cuja população não supere 10.000 pessoas. Os *Conselhos (Sovietes) dos Vilarejos Rurais* nos distritos que possuam menos de 1.000 habitantes unificam-se, visando à eleição dos deputados do *Congresso do Conselho (Soviete) da Circunscrição*.

Nota 2: Os *Conselhos (Sovietes) dos Vilarejos Rurais* com menos de 10 membros enviam um (1) representante ao *Congresso do Conselho (Soviete) do Distrito*.

54. Os *Congressos dos Conselhos (Sovietes)* são convocados pelos órgãos executivos responsáveis pelo *Poder Soviético* do território, i.e. os *Comitês Executivos*, segundo a conveniência destes ou por exigência dos *Conselhos (Sovietes) dos Distritos* que possuam, no mínimo, um terço (1/3) de toda a população de determinada circunscrição, porém são convocados, de todo modo, não menos do que duas (2) vezes por ano nas regiões, uma (1) vez em três (3) meses nas províncias e circunscrições e uma (1) vez por mês nos distritos.

55. Os *Congressos dos Conselhos (Sovietes)* das regiões, das províncias, das circunscrições e dos distritos elegem os seus respectivos órgãos executivos, i.e. os seus *Comitês Executivos*, cujo número de membros não deve superar: a. para a região e para a província, 25 membros;

b. para a circunscrição, 20 membros;

c. para o distrito, 10 membros.

O *Comitê Executivo* é inteiramente responsável perante o *Congresso do Conselho (Soviete)* que o elegeu.

56. Nos limites de sua competência, os *Congressos dos Conselhos (Sovietes)* das regiões, das províncias, das circunscrições e dos distritos são o *Poder Supremo*, no

âmbito do respectivo território. Nos períodos havidos entre os congressos, o *Comitê Executivo* representa esse Poder.

CAPÍTULO XI

SOBRE OS CONSELHOS (SOVIETES) DOS DEPUTADOS

57. Os *Conselhos (Sovietes) de Deputados* são formados:

- a. nas cidades: na base de um (1) deputado por 1.000 habitantes da população, porém, no total, não menos do que 50 e não mais do que 1.000 membros;
- b. nas comunidades rurais (vilarejos, assentamentos, vilas de cossacos, pequenos distritos, cidades com população inferior a 10.000 pessoas, povoados, sítios etc.): na base de um (1) deputado por 100 habitantes da população, porém, no total, não menos do que 3 e não mais do que 50 deputados de cada uma das comunidades.

A duração do mandato dos deputados corresponde a 3 meses.

Nota: Nos distritos rurais, as questões administrativas são resolvidas, sempre que for possível, imediatamente, pela *Assembleia Geral de Eleitores* de determinada comunidade rural.

58. Para os trabalhos correntes, o *Conselho (Soviete) de Deputados* elege, a partir do seu meio, um órgão executivo, i.e., um *Comitê Executivo*, composto por não mais do que 5 pessoas, nos distritos rurais, e, nas cidades, na base de um (1) por 50 membros dos conselhos (sovietes) das cidades, porém não menos do que três (3) e não mais do que 15 (em Petersburgo e Moscou não mais do que 40). O *Comitê Executivo* é inteiramente responsável perante o Conselho (Soviete) que o elegeu.

59. O *Conselho (Soviete) dos Deputados* é convocado pelo *Comitê Executivo* segundo a conveniência deste ou por exigência de, no mínimo, a metade dos membros do conselho (soviete), porém, ao menos, uma (1) vez por semana, nas cidades, e duas (2) vezes por semana, nos distritos rurais.

60. Nos limites de sua competência e no caso previsto na nota do art. 57, a *Assembleia Geral de Eleitores* é o *Poder Supremo*, no âmbito de seu respectivo território.

CAPÍTULO XII

SOBRE AS MATÉRIAS DE COMPETÊNCIA DOS ÓRGÃOS DO PODER DOS CONSELHOS (SOVIETES) NOS LOCAIS

61. Os órgãos das regiões, das províncias, das circunscrições e dos distritos do *Poder dos Conselhos (Soviets)*, bem como os conselhos (soviets) de deputados possuem como objeto de suas atividades:

- a. a aplicação prática de todas as disposições, emanadas dos respectivos órgãos superiores do *Poder dos Conselhos (Soviets)*;
- b. a adoção de todas as medidas, voltadas à elevação das condições culturais e econômicas, em seu território correspondente;
- c. a decisão de todas as questões que possuam um significado puramente local para o território em questão;
- d. a unificação de todas as atividades de conselho (soviets), no âmbito do território em questão.

62. Aos *Congressos dos Conselhos (Soviets)* e seus *comitês executivos* pertence o direito de controle sobre as atividades dos conselhos locais - i.e. os *Conselhos das Regiões* -, o direito de controle sobre todos os conselhos da respectiva região - i.e. os *Conselhos das Províncias* -, bem como sobre todos os conselhos da respectiva província, excluindo-se os das cidades que não ingressam na composição dos congressos das circunscrições etc. Os *Congressos das Regiões e das Províncias* e seus respectivos *Comitês Executivos* possuem, além disso, o direito de suspender as decisões dos conselhos (soviets) que atuam em seus distritos, disto notificando, em casos de relevante importância, o *Poder Central dos Conselhos (Soviets)*.

63. Visando ao cumprimento das tarefas atribuídas aos *órgãos do Poder Soviético*, devem ser formados, nos conselhos (sovietes) das cidades e do campo, bem como nos comitês executivos das regiões, províncias, circunscrições e distritos, departamentos correspondentes, como respectivos dirigentes em seu ápice.

QUARTA PARTE DIREITO ELEITORAL ATIVO E PASSIVO

CAPÍTULO XIII

64. O direito de eleger e de ser eleito nos *Conselhos (Sovietes)* é exercido, independentemente de convicção religiosa, nacionalidade, domicílio etc., pelos seguintes cidadãos de ambos os sexos da *República Socialista Federativa Soviética* que houverem completado 18 anos, no dia da eleição:

- a. todos aqueles que *obtenham meios de subsistência mediante trabalho produtivo e de interesse geral*, bem como todas as pessoas ocupadas em *trabalho doméstico* que lhes conceda a possibilidade de execução de *trabalho produtivo*, tais quais trabalhadores e empregados de todos os gêneros e categorias, atuantes em empresas industriais, comerciais e agrícolas etc., camponeses, cossacos, ocupados na execução de trabalhos rurais e que *não empregem trabalhadores assalariados, com o objetivo de obtenção de lucro* ;
- b. os *soldados* do Exército e da Frota da República Soviética;
- c. os cidadãos pertencentes às categorias elencadas nas letras a) e b) do presente artigo que, em certa medida, *tenham perdido sua capacidade laboral*.

Nota 1: Possuindo autorização, concedida pelo *Poder Central*, os *Conselhos (Sovietes) Locais* podem reduzir a idade padrão prescrita e mencionada no presente artigo.

Nota 2: Gozam igualmente de direito eleitoral ativo e passivo as pessoas referidas no artigo 20 (Segunda Parte, Capítulo V), as quais não adquiriram a cidadania russa.

65. *Não podem eleger nem serem eleitos*, mesmo que pertencendo a uma das categorias supra elencadas:

- a) as *peçoas que empregam trabalhadores assalariados, com objetivo de obtenção de lucro*;
- b) as *peçoas que não vivam dos rendimentos de seus respectivos trabalhos*, tais quais as que vivem de qualquer tipo de porcentagens pagas sobre capitais, rendimentos de empresas, valores obtidos a partir de patrimônios etc.;
- c) *comerciantes, intermediários comerciais e mercantis, que executam negócios privados*;
- d) *monges e sacerdotes de igrejas e cultos religiosos*;
- e) *empregados e agentes das antigas instituições policiais*, das corporações especiais das *policiais civis* e das *divisões de escolta e guarda*, bem como os *membros da antiga Família Real, governante na Rússia*;
- f) *peçoas declaradas alienadas ou loucas*, em procedimentos judiciários específicos, bem como aquelas sob tutela;
- g) peçoas condenadas por *crimes de cupidez por lucro e delitos de mesquinhez*, para cumprirem penas cominadas em lei ou sentença judiciária.

CAPÍTULO XIV

SOBRE A REALIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES

66. As eleições devem ser realizadas em conformidade com os costumes estabelecidos, nos dias determinados pelos *Conselhos (Soviets) Locais*.

67. As eleições devem ser realizadas em presença de uma *Comissão Eleitoral* e de um *Representante do Conselho (Soviete) Local*.

68. Nos casos em que a presença de um representante do *Poder Soviético* for tecnicamente impossível, haverá de o substituir o *Presidente da Comissão Eleitoral* e, na falta deste, o *Presidente da Assembleia Eleitoral*.

69. Lavrar-se-á uma ata sobre o curso e o resultado das eleições, a ser assinada pelos membros da Comissão Eleitoral e pelo Presidente do Conselho (Soviete).

70. Um procedimento mais detalhado sobre a execução das eleições, bem como sobre a participação nestas das organizações profissionais e outras organizações de trabalhadores, será definido pelos *Conselhos (Sovietes) Locais*, em conformidade com a *Instrução do Comitê Executivo Central dos Conselhos (Sovietes) de Toda a Rússia*.

CAPÍTULO XV

FISCALIZAÇÃO E CANCELAMENTO DAS ELEIÇÕES, REVOGAÇÃO DOS DEPUTADOS

71. Todo o material concernente à realização das eleições deve ser entregue ao *Conselho (Soviete)* responsável.

72. Visando à efetuação da atividade de fiscalização das eleições, o *Conselho (Soviete)* nomeará uma *Comissão de Fiscalização*.

73. A *Comissão de Fiscalização* apresentará um relatório ao *Conselho (Soviete)* sobre o resultado da atividade de fiscalização.

74. O *Conselho (Soviete)* decidirá a questão acerca da confirmação da eleição de candidatos impugnados.

75. Não sendo confirmada a eleição deste ou daquele candidato, deverá o *Conselho (Soviete)* convocar nova eleição.

76. Em caso de invalidez das eleições em seu conjunto, será a questão sobre o cancelamento das eleições decidida pelo órgão de instância superior do *Poder Soviético*.
77. A última instância para a cassação de eleições soviéticas é o *Comitê Executivo Central dos Sovietes (Conselhos) de Toda a Rússia*.
78. Os eleitores que enviarem um deputado ao Conselho (Soviets) possuem o direito de revogar o mandato deste, a todo e qualquer momento, procedendo-se, então, à realização de novas eleições, em conformidade com a disciplina geral da matéria.

QUINTA PARTE O DIREITO ORÇAMENTÁRIO

CAPÍTULO XVI

79. A política financeira da *República Socialista Federativa Soviética Russa*, em seu atual momento de transição da *Ditadura dos Trabalhadores*, fomenta os *objetivos fundamentais de expropriação da burguesia* e de *preparação das condições para o atingimento da igualdade geral dos cidadãos da República*, no domínio da produção e da distribuição de riquezas. Tendo em conta esses objetivos, considera como sua tarefa colocar sob o poder de disposição dos órgãos do *Poder dos Conselhos (Soviets)* todos os meios necessários à satisfação das necessidades locais e gerais do Estado da *República dos Conselhos (Soviets)*, sem se deter em sua atividade de *intervenção no direito de propriedade privada*.

80. As receitas e despesas estatais da *República Socialista Federativa Soviética Russa* são unificadas no quadro de orçamento geral do Estado.

81. O *Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia* ou o *Comitê Executivo Central dos Sovietes (Conselhos) de Toda a Rússia* definem quais espécies de receitas e tributos devem ser considerados partes integrantes do orçamento geral do Estado e quais devem ser colocados à disposição dos *Conselhos (Soviets) Locais*, bem como fixa os limites da tributação.

82. Os *Conselhos (Sovietes)* estabelecem a imposição de impostos e taxas exclusivamente para a satisfação de necessidades da economia local. As necessidades gerais do Estado são atendidas por conta dos meios oriundos do tesouro do Estado.

83. Nenhuma despesa, a ser financiada com meios do tesouro do Estado, pode ser efetuada sem que para ela seja estabelecida um crédito no registro das receitas e despesas estatais ou sem que seja editada uma resolução especial do *Poder Central* sobre a matéria.

84. Para o atendimento das necessidades que possuem significado estatal-geral, os *Comissários do Povo* competentes colocam à disposição dos *Conselhos (Sovietes) Locais* os créditos necessários, provenientes do tesouro do Estado.

85. Todos os créditos colocados à disposição dos *Conselhos (Sovietes)*, oriundos do tesouro do Estado, bem como os créditos confirmados em conformidade com os valores estimativos das necessidades locais, são por eles utilizados para a satisfação direta destas, no quadro das subdivisões das estimativas (parágrafos e artigos), não podendo serem aproveitados na cobertura de outras necessidades, sem que para isto exista resolução especial do *Comitê Executivo Central dos Sovietes (Conselhos) de Toda a Rússia* e do *Conselho dos Comissários do Povo*.

86. Os *Conselhos (Sovietes) Locais* devem elaborar estimativas anuais e semianuais de receitas e despesas para as necessidades locais. As estimativas dos *Conselhos (Sovietes) de Vilarejos, de Distritos e de Municípios* que participam dos *Congressos dos Conselhos (Sovietes) de Circunscrições*, bem como as estimativas dos órgãos de circunscrição do *Poder dos Conselhos (Sovietes)* são confirmados respectivamente pelos *Congressos dos Conselhos (Sovietes) de Províncias e de Regiões* ou por seus *Comitês Executivos*. As estimativas dos órgãos municipais, provinciais e regionais dos *Poder Soviético* são confirmadas pelo *Comitê Executivo Central dos Conselhos (Sovietes)* e pelo *Conselho (Soviete) dos Comissários do Povo*.

87. Para as despesas não previstas em estimativas, bem como no caso de insuficiência de apreciações das estimativas, devem os *Conselhos (Sovietes)* requerer créditos suplementares ao *Comissariado do Povo* competente.

88. Quando os meios locais não bastarem para o atendimento das necessidades locais, indispensáveis à cobertura de despesas inadiáveis, serão concedidos pelo *Comitê Executivo Central dos Conselhos (Sovietes) de Toda a Rússia* e pelo *Conselho (Soviete) dos Comissários do Povo* aos *Conselhos (Sovietes) Locais* alocações ou empréstimos, provenientes do tesouro do Estado.

SEXTA PARTE O BRASÃO E A BANDEIRA DA REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA SOVIÉTICA RUSSA

CAPÍTULO XVII

89. O brasão da *República Socialista Federativa Soviética Russa* é composto pela imagem de uma foice e de um martelo dourados sob os raios do sol, em um fundo vermelho, que, de modo cruzado e com as empunhaduras para baixo, são contornados por uma coroa de trigo e com a inscrição:

a) *República Socialista Federativa Soviética Russa e*

b) *Proletários de Todos os Países, Uni-Vos!*

90. A bandeira do exército, da marinha e do comércio da *República Socialista Federativa Soviética Russa* é formada por uma tela de linho de cor vermelha (cor de púrpura), em cujo ângulo esquerdo do pólo superior são posicionadas, em caracteres impressos dourados, as letras “R.S.F.S.R.” ou a inscrição “*República Socialista Federativa Soviética Russa*.”

Presidente do V Congresso dos Conselhos (Sovietes) de Toda a Rússia e do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia – *Jakob M. Sverdlov*.

Membros da Presidência do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia – *T. I. Teodorovitch, F. A. Rozin, A. P. Rosenholx, A. C. Mitrofanov, K. G. Maximov*.

Secretário do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia: *V. A. Avannessov*.

**EDITORA DA ESCOLA DE AGITADORES E INSTRUTORES
“UNIVERSIDADE COMUNISTA REVOLUCIONÁRIA J. M. SVERDLOV”
PARA A FORMAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO MARXISTA-**

REVOLUCIONÁRIA DO PROLETARIADO E SEUS ALIADOS OPRIMIDOS MOSCOU - SÃO PAULO - MUNIQUE – PARIS

^[1] Cf. **KONSTITUTSIA RSFSR 1918g.** (Constituição da República Socialista Federativa

Soiética Russa, in: **SOBRANIE UZAKONIENY I RASPORIAJENY PRAVITEL'STVA**(Compilação da Legislação e dos Ordenamentos do Governo)(10 de Julho de 1918), in: Dekrety Sovetskoi Vlasti (Decretos do Poder Soviético), Moscou: Gosudarstvennoie Izdatiel'stvo. Politicheskoi Literatury, 1920, pp. 71 e s. A presente Lei Constitucional foi adotada pelo V Congresso dos Conselhos (Soviets) de Toda a Rússia, ocorrido em 10 de julho de 1918.

^[2] Em 6 (19) de dezembro de 1917, a *Assembleia Legislativa Finlandesa* adotou uma declaração sobre a independência finlandesa. De acordo com a política de nacionalidades do *Estado Soviético*, fundado pela *Grande Revolução Proletária Russa de 1917*, o *Conselho dos Comissários do Povo* editou, em 18 (31) de dezembro de 1917, um *Decreto sobre a Independência da Finlândia*. Em uma sessão de governo subsequente, *Lenin* entregou, pessoalmente, o texto do decreto ao *Primeiro Ministro Svinhufvud* que dirigia a delegação governamental finlandesa. Em 22 de dezembro de 1917 (4 de janeiro de 1918), o *Decreto sobre a Independência da Finlândia* foi aprovado pelo *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*. Em 19 de dezembro de 1917 (1º de janeiro de 1918), no quadro do *Tratado de Brest-Litovsky*, concluído entre a Rússia, a Alemanha, a Austro-Hungria, a Turquia e a Bulgária, em 2 (15) de dezembro de 1917, o *Governo Soviético* propôs ao Governo da Pérsia elaborar um plano comum para a retirada das tropas russas deste país. Por fim, em 29 de dezembro de 1917 (11 de janeiro de 1918), o Governo de Lenin editou um *Decreto sobre a Armênia Turcomana* que foi publicado no *Pravda (A Verdade)*, Nr

Anexo II – Projeto de Lei

PROJETO DE LEI Nº 796/2021

EMENTA: DISPÕE SOBRE O USO DOS BANHEIROS PÚBLICOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, NA FORMA QUE MENCIONA

Autor(es): VEREADOR CARLOS BOLSONARO

A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

D E C R E T A:

Art. 1º Os banheiros públicos da Cidade terão o seu uso restrito, de forma invariável, às necessidades de usuários de um mesmo sexo biológico por unidade de banheiro.

§ 1º Incluem-se na restrição estabelecida no caput deste artigo banheiros instalados em logradouros públicos, em estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais, em eventos, shows e seus congêneres, cujas licenças de realização sejam emitidas pela Prefeitura, e aqueles de repartições e unidades públicas dos Poderes municipais.

§ 2º Para efeito de aplicação desta Lei, fica definido como unidade de banheiro o cômodo, cabine ou assemelhado que contenha mais de um aparelho de uso sanitário humano, sejam privadas, mictórios ou ambos.

Art. 2º Não haverá outra modalidade de uso de banheiros públicos na Cidade para além daquelas correlatas aos dois sexos biológicos existentes e nem usos mistos de quaisquer espécies.

Art. 3º Excetuam-se do disposto no art. 1º e do critério de uso misto contido no art. 2º desta Lei as unidades de banheiro com apenas um aparelho de uso sanitário, sendo terminantemente proibido o uso simultâneo da unidade de banheiro por indivíduos de sexos biológicos diferentes.

Art. 4º As sanções aplicáveis nos casos de descumprimento desta Lei são as que seguem, de forma cumulativa:

I – multa no valor de R\$ 2.000,00 (dois mil reais);

II – suspensão do alvará de licenciamento do estabelecimento ou de realização de show, evento ou congêneres.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Plenário Teotônio Vilela, 26 de outubro de 2021.

JUSTIFICATIVA

Com mais de 3 mil anos de história do pensamento bem documentados e pelo menos 200 anos de teorias e leis bem estabelecidas e consolidadas, a Ciência Biológica (a Biologia, como conhecemos no popular) é um dos muitos alicerces do processo civilizatório dos povos e de seu sucesso. Sem ela, muitas ausências intelectuais, do conhecimento do funcionamento básico das funções vitais dos seres vivos ao estudo e erradicação das doenças, não permitiriam a vida em sociedade como a conhecemos hoje; não haveria expectativa de vida prolongada e todas as coisas que dela derivam (progresso continuado em pesquisas, estabilidade de produção e consumo etc.); grandes aglomerações de seres humanos continuariam sendo propaladoras de grandes epidemias destruidoras (como eram a Roma da época da República e do Império e a Europa do século XIV da Peste Negra); entre muitos outros percalços francamente deletérios. Homens como Aristóteles, Abu Hanifa Dinawari, Antonie Philips van Leeuwenhoek (que contribuiu sobejamente para o desenvolvimento e aprimoramento do microscópio), Charles Darwin, Gregor Mendel, entre muitos outros, ajudaram o homem e sua biologia particular a se adaptarem ainda mais às demandas de um ambiente inóspito como pode ser, muitas vezes, o da Terra, e, em certa medida, até mesmo sobrepujá-las, tornando o progresso humano um fato inexorável, vantajosamente estabelecido. A Terra da Humanidade moderna, em suma, seria uma improbabilidade sem, entre outras Ciências, a Biologia.

Não obstante a existência e o saber que o desenvolvimento da Biologia trouxeram aos homens, hoje, em pleno século XXI, numa época distante da treva que pairava sobre o conhecimento e a razão humanas a até algumas centenas de anos atrás (e o tema aqui tratado jamais foi sequer cogitado pelos homens absurdamente brilhantes mencionados no parágrafo anterior e nem por seus pares, de todas as épocas, pois não passaria de mera piada de mau gosto para qualquer um deles), há quem diga que, ao contrário do que bem estabelece esta Ciência (tão torturada e escarnecida hoje em dia, principalmente por ideólogos de terceira categoria como Simone de Beauvoir e, mais recentemente, Judith Butler – ambas verdadeiras analfabetas funcionais e profundas ignorantes sobre os fundamentos básicos das ciências e duas das principais incitadoras do problema tratado por este projeto), há mais categorias sexuais humanas para além daquelas que de fato existem (os óbvios e únicos masculino e feminino – uma obviedade que, curiosamente, hoje precisa ser enunciada, como na tirada sagaz do grande ensaísta e escritor britânico

G. K. Chesterton, que predizia a chegada de um tempo no qual seria preciso batalhar arduamente para provar que a grama é... verde), a chamada “fluidez de gênero”, um termo absurdo, que pretende substituir o fato bem estabelecido pela benfeitoria e recorrentemente citada Biologia que é o sexo humano – fluidez essa que, num paroxismo escabroso de seus ideólogos, chega a ter centenas de “modalidades”, como homens que fazem sexo com árvores ou com sabe-se lá o quê, por exemplo. Essa mesma “fluidez de gênero” (um derivado da chamada “ideologia de gênero”), uma construção pseudo-intelectual patética desmistificada por cientistas sérios e integrantes de associações igualmente sérias, como o American College of Pediatricians, que realizou profundos estudos sobre o tema e teve coragem de se contrapor a toda uma gritaria sistemática canalha (<https://especiais.gazetadopovo.com.br/ideologia-de-genero/>), deseja ardentemente alterar o senso comum (os fundamentos mais básicos da realidade lógica dos homens, baseados nas leis naturais e universais que regem a todos, independentemente de leis escritas) para fazer crer, basicamente e entre muitas outras variantes, que um homem, nascido biologicamente homem, pode ser mulher e vice-versa, tudo sob a suposição estapafúrdia (e sociológica, diga-se, pois baseia-se não na verificação científica, mas nos achismos de obras duvidosas, para se dizer o mínimo, como “O segundo sexo”, da já citada Beauvoir, no qual esta diz que ninguém nasce homem ou mulher, mas que se assume esse papel socialmente) de que homens e mulheres são estruturalmente construídos pelo meio social para, absurdo, desempenharem um ou outro papel (tudo isso a despeito de fatos bem estabelecidos como são as ações da testosterona no corpo do homem e outras muitas diferenças cientificamente comprovadas entre homens e mulheres – um bom exemplo disto é a recente pesquisa israelense que identificou mais de 6500 diferenças genéticas Projeto de entre os dois sexos: <https://www.israel21c.org/researchers-identify-6500-genes-expresseddifferently-in-men-and-women>). Este é um pseudo-intelectualismo panfletário que corrói os fundamentos de séculos de pensamento científico e que quer se assumir, ironia, justamente científico, numa paródia macabra e desvirtuante que lembra a ação de um mitológico doppelgänger. Nas palavras do célebre Carl Sagan, cosmólogo e grande divulgador e popularizador das ciências, “Se a estrutura estabelecida da Ciência está plausivelmente errada (por ser arbitrária, irrelevante, impatriótica, ímpia ou por servir sobretudo aos interesses dos poderosos), então podemos nos poupar o trabalho de compreender o que tantas pessoas consideram um corpo de conhecimento complexo, difícil, altamente matemático e contrário à intuição. Então todos os cientistas teriam o castigo merecido. A inveja da Ciência poderia ser superada. Aqueles que têm percorrido outros caminhos em busca do conhecimento, aqueles que secretamente têm acolhido convicções que a Ciência desprezou, poderiam ter, então, seu lugar ao sol”. (“O mundo assombrado pelos demônios”, pg. 284). Esta é a tônica de escritos como os de Beauvoir e de tantos outros, que relegam a Ciência ao obscurantismo e elevam seus achismos à categoria de conhecimento cartesiano (Beauvoir afirma, por exemplo, em seu “O segundo sexo”, que “É muito difícil dar uma descrição geralmente válida da noção de fêmea; defini-la como condutora de óvulos e o macho como condutor de espermatozoides é muito insuficiente, porquanto a relação do organismo com as gônadas é extremamente variável”, pg. 37, Volume I). O mundo verdadeiramente assombrado pelos demônios.

O palco de fundo de toda essa insanidade não é outro senão o da guerra ideológica empreendida pelos setores de esquerda brasileiros e mundiais na consecução do

empreendimento ideológico de Antonio Gramsci (ideólogo marxista do começo do século XX que propôs substituir a revolução do proletariado por meios mais inconspícuos) de alteração da cultura, de perversão do senso comum para a conquista do poder político. Ao alterar o senso comum, ao fazer com que todos pensem da mesma maneira e à maneira dos partidos políticos de esquerda (que, entre outras coisas, empreendem também guerras do tipo “todos contra todos” e incitam divisões no seio das sociedades baseadas em absurdas alegações de, por exemplo, racismo estrutural e até genético – um subproduto enfadonho e asqueroso da chamada Teoria Crítica criada pelo think tank esquerdista Escola de Frankfurt; levantam diversas alegações estapafúrdias de crimes ambientais que são um verdadeiro exercício de “econazismo”; entre muitas outras problematizações criadas por mentes esquerdistas sabujas para inchar o Estado e criar o caos necessário à escalada do poder por estes), os adeptos do gramscismo (o fenômeno que dá conta da tentativa de chegada ao poder por meio da alteração da cultura e nomeado após seu grande ideólogo, o já citado Gramsci) pretendem tornar o povo uma extensão do próprio Estado (este um veículo de alteração da cultura ele mesmo – grande exemplo disto é o financiamento de anos da Lei Rouanet que impulsionou artistas ideólogos do Partido dos Trabalhadores na sanha de arrebanhar massas de incautos), fazendo das duas coisas, Estado e povo, coisas indissociáveis, num estágio batizado de “Estado ampliado” (ao tornar as duas coisas indissociáveis, não haveria para os gramscistas sequer a necessidade de implementar violência para chegar ao poder, pois todos já estariam cooptados pela sanha esquerdista). Ao não diferenciar os sexos, ao abolir as diferenças claras, básicas e notórias entre homens e mulheres, haveria uma homogeneização completa da população, tornando a dissolução de suas individualidades e liberdades um processo muito mais fácil e sua dominação silenciosa uma realidade factual e inexorável (uma alternativa à dominação sanguinária dos ídolos históricos da esquerda, responsáveis por dezenas de milhões de mortes, os famigerados Mao Tsé-Tung, Josef Stalin, Pol Pot, Idi Amin, Robert Mugabe e outros, mas igualmente despótica, tirânica). Em paralelo, na esteira da produção intelectual medonha e nefasta da Escola de Frankfurt, contribuiu sobejamente para a ação deste setor do gramscismo, o das “identidades de gênero”, o pensamento seminal (sem quaisquer conotações positivas sobre esse pioneirismo) do insidioso Wilhelm Reich, nascido alemão e fugitivo do nazismo, radicado nos Estados Unidos, que pregou a “revolução sexual” como arma, como instrumento político bem ao estilo daquilo que o gramscismo precisava para abolir costumes e tradições que mantêm a sociedade íntegra (costumes que embarreiram a revolução socialista). No livro de Michael Walsh sobre o pensamento frankfurtiano (“Escola de Frankfurt – o palácio de prazer do demônio – a culto da teoria crítica e a subversão do Ocidente”, citando artigo do jornalista Christopher Turner (2011, *The Guardian*), vemos o quanto as predicções sexuais endiabradas de Reich pretendiam perverter a estabilidade ocidental com vistas à consecução da revolução silenciosa dos marxistas/gramscistas: “Após o pacto de Hitler com Stalin e os processos de Moscou, a teoria da repressão sexual de Reich parecia oferecer à esquerda em desencanto uma explicação convincente tanto para o grande número de pessoas que se havia submetido ao fascismo quanto para o fracasso do comunismo como alternativa viável a ele. Reich, capturando o clima desse momento conturbado, apresentou a ex-stalinistas e antigos adeptos de Trotsky culpados um programa alternativo de liberdade sexual para combater aquelas ameaças totalitárias. (...) Ao criar uma moralidade derivada do prazer, Reich permitiu que os radicais do pós-guerra percebessem sua promiscuidade como ativismo político e justificassem sua retirada da

política tradicional. Reich fez com que se sentissem parte da elite sexual, superior ao consenso corporativo cinzento e ‘congelado’”. (pg. 170) Essa instrumentalização do sexo como arma política está no cerne do uso das tais “identidades de gênero” como veículo de vitimização individual para realizar a tão sonhada subida esquerdista aos degraus do poder – e da conquista real do poder em si por meio do uso de setores da sociedade influenciados por ideólogos gramscistas nesse sentido, o da vitimização para a captação de votos daqueles que se consideram ressentidos, sem lugar ao sol no seio social – pura balela para arregimentar simpatizantes e votantes. O sexo, nesse caso, substituiu, mutatis mutandis, os rifles e as pistolas no empreendimento de tomada do poder.

No caso concreto tratado por este projeto, um subproduto canhestro e escandaloso dessa falácia chamada “ideologia de gênero” é o uso de banheiros públicos por indivíduos de sexo diverso daquele para o qual o banheiro é destinado, algo que cria situações absurdas e indizíveis como a presença de homens em banheiros femininos e a exposição das partes íntimas destes a crianças, adolescentes e mulheres usuários destes mesmos banheiros; não somente nisto, neste fenômeno, acontece o impensável, que é a exposição pública de partes íntimas de adultos de sexo oposto ao de crianças, adolescentes e mulheres frequentadores de banheiros públicos, mas a questão suscita também coisas ainda mais graves, como o cometimento de estupros em banheiros sob alegações de respeito às convicções loucas de “gênero fluido”. Dos Estados Unidos, onde o problema se torna cada dia mais agudo, vem um exemplo muito claro de como essa perversão cultural pode criar situações verdadeiramente graves, o estupro de uma adolescente por um garoto de 14 anos na cidade de Loudon, Virgínia, garoto este que alegava pertencer ao “gênero” oposto ao de seu sexo biológico; não bastasse o ocorrido, de forma a agravar ainda mais a situação, o pai da menina estuprada foi arrastado pela polícia local quando foi buscar explicações com o conselho educacional da cidade onde o fato ocorreu (<https://sensoincomum.org/2021/10/13/adolescente-e-estuprada-por-aluno-de-saia-em-banheiro-de-escola-nos-eua/>). Na mesma esteira, quaisquer contestações à ideologia nefasta que se pretende dominante, hegemônica, gera não somente críticas, mas cancelamentos e até agressões a quem se contrapõe (a chamada “tolerância repressiva” pregada por Herbert Marcuse, um dos ideólogos da Escola de Frankfurt, que demanda aos esquerdistas benevolência com a agenda política de esquerda e agressividade e violência com quem se contrapõe a esta), seja este inclusive das fileiras dos próprios ideólogos, como foi o caso da professora de Filosofia e feminista Kathleen Stock, da Universidade de Sussex, Inglaterra, que criticou recentemente o uso de banheiros e vestiários femininos por homens que se dizem mulheres e, também, a invasão de esportes femininos por homens (<https://revistaoeste.com/mundo/militantes-pedem-demissao-de-professora-esquerdista-que-criticou-uso-de-espacosfemininos-por-trans/>). É de se admirar não haver repercussão sobre a possibilidade de estupros em banheiros entre os setores da esquerda e dos veículos de comunicação simpatizantes destes simplesmente porque estes se dizem crentes na benevolência rousseauiana inata do homem, um hiperracionalismo canhestro fruto do Iluminismo e do ambiente intelectual do século XVIII, o mesmo hiperracionalismo que acha que psicopatas como Suzane von Richthofen, Champinha e outros equivalentes são anjos incompreendidos supostamente desviantes por uma também suposta exclusão causada pelo Capitalismo ou por uma etérea (e o bode expiatório de sempre dos comunistas) ética burguesa (que explicaria, de acordo com os esquerdistas, os desvios, as “pequenas transgressões” dos anjos violentos e

sanguinários apadrinhados pela esquerda). Citando James Burham, em seu “O suicídio do Ocidente – um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo”, “A visão tradicional da natureza humana foi atacada indiretamente por Bacon, Descartes e até pelos pensadores renascentistas anteriores. No século XVIII, Rousseau, Condorcet, Diderot e outros filósofos franceses do Iluminismo fizeram um ataque frontal. Eles rejeitaram abertamente o dogma do Pecado Original e a teoria filosófica correspondente. Em seu entusiasmo retórico, ensinaram que o homem é naturalmente bom, não ruim ou corrupto, e sustentaram que as potencialidades do homem são ilimitadas: que o homem, em outras palavras, é perfeito no sentido de ser capaz de alcançar a perfeição. (...) A distinção decisiva é provavelmente a seguinte: o progressismo moderno, ao contrário da doutrina tradicional, sustenta que não há nada intrínseco à natureza do homem que torne impossível à sociedade humana alcançar os objetivos de paz, liberdade, justiça e bem-estar que o esquerdismo assume ser desejável e define como ‘a sociedade justa’. O esquerdismo rejeita a visão essencialmente trágica do destino do homem encontrada em quase todo pensamento e literatura pré-renascentistas, cristãos e não-cristãos”. E arremata: “Ou seja: é característico dos progressistas, e talvez de todos os ideólogos, acreditar que existem soluções para os problemas sociais. A maioria dos progressistas e quase todos os seus antepassados intelectuais acreditam que existe uma solução geral para o problema social: que ‘a sociedade justa’ ou uma réplica razoável dela pode, de fato, ser realizada neste mundo”. (pg. 69 e75) Basicamente, o “céu terreno” dos esquerdistas está povoado por gente como von Richthofen, Champinha e tantos outros que jamais quiseram machucar ninguém, mas contribuir para a realização de uma sociedade mais justa e humana. Insanidade daquela mais pura, obviamente. Com base no bom senso, portanto, o projeto em tela pretende não somente restabelecer a razão e a sanidade, tão atacadas atualmente, mas também evitar que nossas mulheres e crianças passem por constrangimentos ou pelo risco de estupros nos banheiros do Rio de Janeiro. Vamos proibir que homens entrem em banheiros femininos nesta Cidade. Aqui, nesta Cidade, crianças, adolescentes e mulheres não serão alvos de experimentações esquerdistas com objetivos de poder e incentivos às egodistonias alheias. Esta Câmara de Vereadores precisa assumir seu papel na defesa dos cidadãos aviltados por esse acinte inaceitável, essa perversão que obriga meninas e mulheres a dividir banheiros com homens (algo impensável até pouco tempo atrás, não fosse os estupros à cultura e ao senso comum já perpetrados pela esquerda mundial; estupros à inteligência que contam com a propaganda sistemática e ininterrupta da mídia amiga esquerdista). A aprovação da matéria se faz urgente, porque o fenômeno (por falta de palavra melhor que defina algo de tal forma hediondo à sensatez de qualquer um que não transite pela perversidade ou pela alienação absoluta) é uma realidade e tende a ficar pior e influenciar fenômenos derivados que podem vir a se tornar pesadelos piores. Todo esse pandemônio que tentam impor às pessoas de bem se reveste de um verniz hipócrita que alega preocupação com o bem das pessoas, com uma suposta inclusão. Não há inclusões para fenômenos de egodistonia e sem dúvida não há urgência alguma em afrontar a dignidade das mulheres do Rio e do Brasil. Os clamantes da mistura dos sexos em banheiros e em outros ambientes privados, afirmam que há uma urgência na correção de supostas injustiças sociais, de homens que não são homens e mulheres que não são mulheres, como se uma falácia absurda desse calibre demandasse urgência – é como demandar urgência na busca pelo “pé-grande”; citando Edmund Burke, pai do movimento Conservador e grande escritor e orador do século XVIII, “É um erro popular geral supor que os queixosos mais contundentes do

público são os mais ansiosos pelo seu bem-estar.” Peço a meus Pares, por fim, que meditem sobre o assunto e reflitam sobre suas implicações, pois, se nada for feito, o que veremos daqui em diante é o caos social e a desagregação dos vínculos entre os cariocas e um ambiente de todos contra todos, o prato do dia do cardápio comunista.

Referências bibliográficas

BERNARDES, A. **10 x Freud**. Niterói: Lapso, 2005.

BAKER, Elsworth F. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BOADELLA, David. **Nos caminhos de Reich**. Trad.: Elisane Reis Barbosa Rebelo, Maria Sílvia Mourão Netto, Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1985.

BRANDÃO, J. de Souza. **Mitologia grega volume III**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COIMBRA, C. **Guardiões da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

DADOUN, R. **Cem flores para Wilhelm Reich**. São Paulo: Moraes, 1991.

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ENGELS, F. **A origem da família da propriedade privada e do Estado**. Trad.: Nélio Schineider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERRI, G; CIMINI, G. **Psicopatologia e Caráter**: a Psicanálise no corpo e o corpo na Psicanálise. São Paulo: Escuta, 2011.

FITZPATRICK, S. **A revolução russa**. Trad.: José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2017.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria** (1893 – 1895). Em coautoria com Josef Breuer. Trad.: Laura Barreto. 1 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

_____. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

_____. **Primeiras publicações psicanalíticas.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. III. 3 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Trad.: Galeno de Freitas. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOLDMAN, W. **1917: o ano que abalou o mundo.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos.** Trad.: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

MALINOWSKI, B. **A vida sexual dos selvagens.** Trad.: Carlos Sussekind. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

_____. **Sexo e repressão na sociedade selvagem.** Trad.: Francisco M. Guimaraes. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MATTHIESEN, S. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich:** Bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MATURANA, H. e VARELA, F. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELLO WAGNER, C. **Reich-Freud:** continuidade ou ruptura? São Paulo: Summus, 1996.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica:** sistemática, semiótica, semiologia, semântica. Trad.: Silvana Foá. São Paulo: Summus, 1996.

OLLENDORF REICH, I. **Wilhelm Reich:** una biografia personal. Trad.: Julio Crespo. 1 ed. Barcelona: Granica Editor, 1978.

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. In: Mourão, J. (Org.). **Clínica e Política 2: Subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas**. Rio de Janeiro: Abaquare: Grupo Tortura Nunca Mais, 2009, p. 103-119. (Projeto Clínico-Jurídico | Equipe Clínico-Grupal do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ)

PORGES, S. **Teoria Polivagal: fundamentos neurofisiológicos das emoções, apego, comunicação e autorregulação**. Rio de Janeiro: Senses Aprendizagem e Comunicação, 2012.

RAUTER, C. Introdução. In: **Clínica do esquecimento**. Niterói: Editora da UFF, 2012

REICH, W. A ideologia como força material. In: **Psicologia das massas e do fascismo**. Trad.: Maria da Graça M. Macedo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A revolução sexual: volume um de a peste emocional na humanidade**. Trad.: Ary Blaustein. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1988.

_____. **O assassinato de cristo: volume um de a peste emocional na humanidade**. Tradução Carlos Ralph Lemos Viana. 4. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Análise do Caráter**. Trad.: Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A função do orgasmo**. Trad.: Maria da Glória Novak. 19. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Early writings: volume one**. 1 ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1975.

_____. **Genitality in the theory and therapy of neurosis**. Early writings, volume two. 1 ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1980.

_____. **Escute, Zé-Ninguém!** Trad.: Waldéa Barcellos 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A irrupção da moral sexual repressiva.** Trad.: Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1932.

_____. **O éter, Deus e o Diabo.** Trad.: Ricardo Amaral do Rego. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo.** Trad.: André Telles. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SEEGER, A., DaMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: **Boletim do Museu Nacional**, n. 32, 1979. MIMEO.

SCHLEIP, R. **Fáscia no esporte e no movimento.** Trad.: Johannes Carl Freiberg Neto, Maria Claudia Palomo. 1 ed. Barueri: Manole, 2020.

STECCO, C. **Functional atlas of the human fascial system.** United Kingdom: Churchill Livingstone Elsevier, 2015.

TUIAVII; SCHEURMANN, E. **O papalagui.** São Paulo: Marco Zero, 1984.

LIMA, Lucielena Mendonça de; HUR, Domenico Uhng. Apropriação das ideias reichiana no meio acadêmico brasileiro. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal. Revista Online.** ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol. 21, 2020. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos>>.